

The poster features a large, close-up, and somewhat menacing face of a gorilla at the top, with its eyes glowing with a yellow and orange light. Below the face, the text "MICHAEL CRICHTON" is written in a white, serif font. The word "CONGO" is written in a large, bold, yellow font with a cracked, stone-like texture. At the bottom, a group of five people is seen from behind, walking through a dense, lush green jungle towards a large, ancient stone temple with several conical towers and a central face carved into the stone.

MICHAEL CRICHTON
CONGO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MICHAEL CRICHTON

CONGO

Tradução De Celso Nogueira

Quanto mais experiência e compreensão obtenho da natureza humana, mais convencido fico de que a maior parte de um homem é puramente animal.

Henry Morton Stanley, 1887

O grande (gorila) macho atraiu-me a atenção.

...Irradiava uma impressão de dignidade e força sob controle, de certeza absoluta da sua aparência impressionante. Senti um desejo de comunicar-me com ele....Nunca antes eu experimentara esse sentimento ao encontrar-me com um animal.

Enquanto nos observávamos através do vale, fiquei imaginando se ele reconhecia o parentesco que nos unia.

Índice

[Introdução](#)

[Prólogo](#)

[DIA 1 ERTS, Houston](#)

[DIA 2: SÃO FRANCISCO](#)

[DIA 3: TANGER](#)

[DIA 4: NAIROBI](#)

[DIA 5: MORUTI](#)

[DIA 6: LIKO](#)

[DIA 7: MUKENKO](#)

[DIA 8: KANYAMAGUFA](#)

[DIA 9: ZINJ](#)

[DIA 10: ZINJ](#)

[DIA 11: ZINJ](#)

[DIA 12: ZINJ](#)

[DIA 13: ZINJ](#)

[Epílogo](#)

Introdução

Somente o preconceito e uma distorção da projeção de *Mercator* nos impedem de reconhecer a imensidão do continente africano. Cobrindo mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, a África é quase tão grande quanto a América do Norte e a Europa juntas. É quase duas vezes maior do que a América do Sul. Assim como nos enganamos com as suas dimensões, também nos enganamos com a sua natureza essencial: o Continente Negro é constituído em sua maior parte por planícies quentes, desérticas e cobertas de relva.

Na verdade, a África é conhecida como Continente Negro por uma única razão: as vastas florestas equatoriais chuvosas de sua região central. Trata-se da bacia do Rio Congo, que abrange um décimo do continente, três milhões de quilômetros quadrados de floresta escura, silenciosa, úmida, uma única característica geográfica uniforme, por quase a metade do território continental dos Estados Unidos. Essa floresta primitiva resiste, inalterada e indiferente a qualquer desafio, há mais de 60 milhões de anos.

Mesmo hoje, apenas meio milhão de pessoas habitam a Bacia do Congo. Estão concentradas quase que totalmente em aldeias nas margens dos rios vagarosos e lamacentos que correm pela selva. A maior parte da floresta permanece inviolável e até hoje milhares de quilômetros quadrados continuam inexplorados. Isso acontece especialmente com a região nordeste da Bacia do Congo, onde a floresta tropical se encontra com os vulcões de Virunga, à beira do Vale da Grande Fenda. Carecendo de rotas comerciais definidas ou de características de interesse irresistível, Virunga nunca fora vista por olhos ocidentais até menos de cem anos atrás.

A corrida para efetuar "a mais importante descoberta da década de 1980" no Congo ocorreu durante seis semanas de 1979. Este livro relata os 13 dias da última expedição americana ao Congo,

em junho de 1879, apenas cem anos depois que Henry Morton Stanley explorou a região, em 1874-77. Uma comparação entre as duas expedições revela muito sobre a natureza mutável - e imutável - da exploração africana, durante um século de intervalo.

Stanley é geralmente lembrado como o jornalista que encontrou Livingstone, em 1871. Mas sua grande importância está no que realizou posteriormente. Moorehead classifica-o como "uma nova espécie de homem na África... um homem de negócios explorador.... Stanley não estava na África para reformar as pessoas nem para construir um império, não era compelido por qualquer interesse real em assuntos como antropologia, botânica ou geologia. Em termos bem simples, ele pretendia conquistar uma reputação".

Quando partiu novamente de Zanzibar, em 1874, Stanley estava generosamente financiado por jornais. E quando emergiu da selva, no Oceano Atlântico, 999 dias depois, tendo sofrido privações incríveis e a perda de mais de dois terços da expedição original, tanto ele como seus jornais tinham uma das grandes histórias do século: Stanley atravessara toda a extensão do Rio Congo.

Dois anos depois, no entanto, Stanley retornava à África em circunstâncias muito diferentes. Viajava sob um nome falso e fez várias excursões diversionárias, a fim de despistar os espiões. As poucas pessoas cientes de sua presença na África só podiam imaginar que ele tinha em mente "algum esquema comercial espetacular".

A verdade é que Stanley era financiado por Leopoldo II, da Bélgica, que tencionava adquirir pessoalmente uma grande parcela da África. "Não é uma questão de colônias belgas", escreveu Leopoldo para Stanley. "Trata-se de criar um novo Estado, tão grande quanto possível...O Rei, como uma pessoa particular, deseja ter propriedades na África. A Bélgica não quer uma colônia nem territórios. Assim, o Sr. Stanley deve comprar terras ou providenciar para que lhe sejam concedidas..."

Esse plano incrível foi executado. Em 1885, um americano comentou que Leopoldo "possui o Congo da mesma forma como Rockefeller possui a Standard Oil". A comparação era apropriada sob

muitos aspectos, pois a exploração africana passara a ser dominada pelos interesses econômicos.

E assim permaneceu até hoje. Stanley teria aprovado a expedição americana de 1979, que foi realizada em segredo, com ênfase na velocidade. Mas as diferenças o teriam deixado atônito. Quando Stanley passou perto de Virunga, em 1875, levava quase um ano para chegar lá; a expedição dos americanos alcançou o local em pouco mais de uma semana. Stanley, que viajou com um pequeno exército de 400 homens, teria ficado também espantado com uma expedição de apenas 12 pessoas... sendo que uma gorila estava incluída nesse total. Os territórios pelos quais os americanos se deslocaram, um século depois, eram Estados políticos autônomos; o Congo era agora o Zaire e o Rio Congo se tornara o Rio Zaire. Na verdade, em 1979, a palavra "Congo", tecnicamente, referia-se apenas à bacia do Rio Zaire, embora ainda se usasse Congo nos círculos geológicos, por uma questão de familiaridade e de conotações românticas.

Apesar dessas diferenças, as expedições alcançaram resultados extraordinariamente similares. Como Stanley, os americanos perderam dois terços da expedição original, emergindo da selva tão desesperados quanto os homens de Stanley, um século antes. E como Stanley, voltaram com histórias incríveis de canibais e pigmeus, civilizações em ruínas na selva e fabulosos tesouros perdidos.

Eu gostaria de agradecer a R.B. Travis, de *Earth Resources Technology Services* (Serviços de Tecnologia dos Recursos da Terra), de Houston, pela permissão para usar os eventos gravados em videotape; Dra. Karen Ross, também da ERTS, pelas informações adicionais sobre a expedição; Dr. Peter Elliot, do Departamento de Zoologia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e a equipe do Projeto Amy, inclusive a própria Amy; Dr. William Wens, da Mineração & Indústria Kasai, do Zaire; Dr. Smith Jefferson, do Departamento de Patologia Médica, de Nairobi, Quênia; e Capitão Charles Munro, de Tânger, Marrocos.

Devo também agradecer a Mark Warwick, de Nairobi, por seu interesse especial neste projeto; Alan Binks, de Nairobi, por se

oferecer gentilmente para levar-me à região de Virunga, no Zaire; Joyce Small, por providenciar-me transporte, geralmente a curto prazo para lugares obscuros do mundo e, finalmente, devo apresentar agradecimentos especiais à minha assistente, Judith Lovejoy, cujos esforços incansáveis, nos momentos mais difíceis, foram cruciais para a conclusão deste livro.

M.C.

Prólogo

O LUGAR DE OSSOS

O amanhecer chegou à floresta tropical do Congo.

O sol pálido acabou com o frio da madrugada e dissolveu a névoa úmida, revelando um mundo gigantesco e silencioso. Árvores enormes, com troncos de 15 metros de diâmetro, elevavam-se por 70 metros, espalhando-se lá no alto em copas densas, encobrendo o céu e perpetuamente gotejando para o solo. Cortinas de musgo cinzento, trepadeiras e cipós pendiam das árvores, no maior emaranhado, orquídeas parasitas aderiam aos troncos. No solo, imensas samambaias, brilhando de umidade, subiam mais altas que o peito de um homem, retendo o nevoeiro baixo. Aqui e ali, havia uma mancha de cor: o vermelho da flor de acantácea, um veneno fatal, o azul da dicentra, que se abria apenas no princípio da manhã. Mas a impressão básica era a de um mundo vasto, descomunal, todo cinza e verde, um lugar estranho, inóspito para o homem.

Jan Kruger largou o rifle e esticou os músculos rígidos. O amanhecer era bastante rápido no equador; não demorou muito para que estivesse bastante claro, embora a neblina persistisse. Ele correu os olhos pelo acampamento da expedição, que estava guardando: oito barracas de náilon de um laranja brilhante, a barraca azul do refeitório, a lona estendida sobre os equipamentos encaixotados, numa vã tentativa de mantê-los secos. Viu o outro guarda, Misulu, sentado numa pedra, Misulu acenou, sonolento. Ali perto estava o equipamento de transmissão: uma antena de disco prateada, a caixapreta do transmissor, os cabos correndo para a câmara de vídeo portátil, montada no tripé desmontável. Os americanos usavam aquele equipamento para transmitir diariamente relatórios para a sua sede, em Houston, através do satélite.

Kruger era o *bwana mukubwa*, contratado para levar a expedição pelo Congo. Já levava outras expedições antes, de companhias petrolíferas, levantamento cartográfico, mineração e pesquisas geológicas, como aquela. As empresas que enviavam equipes para o campo queriam alguém que conhecesse os costumes e dialetos locais, pelo menos para controlar os carregadores e cuidar dos detalhes. Kruger era bem qualificado para a função. Falava o *kiswahili* tão bem quanto o banto, conhecia um pouco o *bagindi* e já estivera no Congo muitas vezes, embora nunca tivesse ido a Virunga.

Kruger não podia imaginar por que geólogos americanos queriam ir à região de Virunga, no Zaire, na extremidade nordeste da floresta tropical do Congo. O Zaire era o país mais rico da África negra em minerais, o maior produtor mundial de cobalto e diamantes industriais, o sétimo maior produtor de cobre. Além disso, possuía grandes depósitos de ouro, estanho, zinco, tungstênio e urânio. Mas a maior parte dos minerais era encontrada em Shaba e Kasai, não em Virunga.

Kruger sabia que era melhor não perguntar por que os americanos desejavam ir a Virunga. De qualquer forma, não demorou a ter sua resposta. Assim que a expedição passou pelo Lago Kivu e entrou na floresta tropical, os geólogos começaram a vasculhar o rio e os leitos de riachos. O exame de depósitos aluviais significava que estavam à procura de ouro ou diamantes. No caso, eram diamantes.

Mas não simplesmente quaisquer diamantes. Os geólogos estavam atrás do que chamavam de diamantes Tipo *lib*. Cada nova amostra era imediatamente submetida a um teste elétrico. As conversas resultantes estavam além da compreensão de Kruger... intervalos dielétricos, cortinas de íons, resistividade. Mas ele calculou que o importante eram as propriedades elétricas dos diamantes. Certamente, as amostras eram inúteis como pedras preciosas, Kruger examinara várias e todas eram azuladas de impurezas.

Durante dez dias, a expedição estivera na pista de depósitos aluviais. Era o procedimento normal: quando se encontra ouro ou diamantes nos leitos de córregos, segue-se pela correnteza, na

direção da presumível fonte erodida dos minerais. A expedição deslocara-se para um terreno mais elevado, ao longo das encostas ocidentais da cadeia vulcânica de Virunga. Tudo corria rotineiramente até o momento em que, por volta de meio-dia, os carregadores recusaram-se categoricamente a seguir adiante.

Diziam que aquela parte de Virunga era chamada *kanyamagufa*, que significava "o lugar de ossos". Os carregadores insistiam que qualquer homem tolo o bastante para seguir adiante teria os ossos quebrados, particularmente o crânio. Tocavam a todo instante nos malares e repetiam que seus crânios seriam esmigalhados.

Os carregadores eram *arawanis* de língua banto, de Kisangani, a cidade grande mais próxima. Como a maioria dos nativos que habitavam cidades, tinham superstições de todos os tipos sobre a selva do Congo. Kruger chamou o chefe.

- Que tribos existem aqui? - perguntou ele, apontando para a selva adiante.

- Não há tribos.

- Não há nenhuma tribo? Nem mesmo *bambutí*?

Era uma referência ao grupo de pigmeus mais próximo. O chefe dos carregadores respondeu:

- Nenhum homem vem aqui. É *kanyamagufa*.

- Então, o que esmaga os crânios?

- *Dawa* - disse o chefe, sinistramente, usando a palavra banto para forças mágicas. - *Dawa* forte aqui. Homens ficam longe.

Kruger suspirou. Como muitos homens brancos, já não agüentava mais ouvir falar em *dawa*. *Dawa* estava em toda parte, em plantas e pedras, em tempestades, em inimigos de todos os tipos. A crença em *dawa* era prevalente por quase toda a África, sendo especialmente forte no Congo.

Kruger fora obrigado a desperdiçar o resto do dia em tediosas negociações. Ao final, dobrou os salários e prometeu armas de fogo quando voltassem a Kisangani. Foi a única maneira de fazer os homens concordarem em continuar. Kruger considerava o incidente como uma irritante manobra dos nativos. De um modo geral, sempre podia esperar que os carregadores invocassem alguma

superstição local para aumentar seus salários, depois que a expedição se embrenhava o bastante pela selva, a ponto de se tornar inteiramente dependente deles. Previra essa possibilidade no orçamento da expedição. Depois que as exigências dos homens foram atendidas, ele não pensou mais no assunto.

Mesmo quando alcançaram diversas áreas coalhadas de fragmentos de ossos, algo que os carregadores consideraram assustador, Kruger não ficou preocupado. Examinando os fragmentos, descobriu que os ossos não eram humanos, mas sim os ossos pequenos e delicados de macacos *colobus*, as lindas criaturas de pêlo preto e branco, que viviam nas árvores. Era verdade que havia muitos ossos e Kruger não tinha a menor idéia do motivo pelo qual estavam esmigalhados. Mas passara muito tempo na África e já vira muitas coisas inexplicáveis.

Também não estava impressionado com os imensos fragmentos de pedras, que pareciam indicar que existira outrora uma cidade naquela área. Kruger já deparara antes com várias ruínas inexploradas. Em Zimbabwe, na Colina Quebrada, em Maniliwi, havia remanescentes de cidades e templos que nenhum cientista do século XX jamais vira e estudara.

Ele acampou perto das ruínas na primeira noite.

Os carregadores estavam dominados pelo pânico, insistindo que as forças do mal haveriam de atacá-los durante a noite. O medo deles acabou contagiando os geólogos americanos; a fim de tranqüilizá-los, Kruger resolveu postar dois guardas para aquela noite, ele próprio e o carregador que merecia maior confiança, Misulu. Kruger achava que tudo aquilo era bobagem, mas parecia uma boa política tomar tais providências.

E, como ele já esperava, a noite transcorreu sem qualquer contratempo. Por volta de meia-noite, houve algum movimento no mato, alguns sons sibilantes, que Kruger presumiu serem emitidos por um leopardo. Os grandes felinos freqüentemente tinham problemas respiratórios, especialmente na selva. Afora isso, a noite foi tranqüila. Agora, estava amanhecendo; a noite chegara ao fim.

Um estalido baixo atraiu-lhe a atenção. Misulu ouviu também e olhou inquisitivamente para Kruger. Uma luz vermelha

piscava no equipamento de transmissão. Kruger levantou e atravessou o acampamento. Sabia como operar o transmissor. Os americanos haviam insistido para que aprendesse, como uma "medida de emergência". Agachou-se sobre o transmissor preto, com seu LED verde retangular.

Apertou botões e apareceu na tela TX HX indicando uma transmissão de Houston. Kruger transmitiu o código de resposta e a tela imprimiu CAMLOCK. Isso significava que Houston estava pedindo uma transmissão da câmara de vídeo. Kruger olhou para a câmara em seu tripé e constatou que a luz vermelha na caixa piscava. Apertou o botão de transmissão e a tela imprimiu SATLOCK, o que significava que estava sendo articulada a transmissão por satélite.

Haveria agora uma espera de seis minutos, o tempo necessário para completar a ligação.

Kruger pensou que era melhor acordar Driscoll, o chefe dos geólogos. Driscoll precisaria de alguns minutos antes que a transmissão começasse. Kruger achava engraçada a maneira como os americanos sempre faziam questão de vestir uma camisa limpa e pentear os cabelos, antes de se postarem diante da câmara. Exatamente como os repórteres de televisão.

Nas árvores, os macacos guinchavam e gritavam, sacudindo os galhos. Kruger olhou para cima, imaginando o que provocara o alarido dos bichos. Mas era normal os macacos *colobus* brigarem pela manhã.

Alguma coisa bateu de leve em seu peito. A princípio, pensou que fosse um inseto. Olhando para a camisa cáqui, no entanto, avistou uma pequena mancha vermelha. Um fragmento de uma fruta vermelha rolou pela camisa para o solo enlameado. Os malditos macacos estavam lhe jogando coisas. Abaixou-se para pegar o fragmento. E foi nesse instante que percebeu que não se tratava absolutamente de um pedaço de fruta. Era um olho humano, esmigalhado e escorregadio em seus dedos, de um branco avermelhado, com um fragmento de nervo ótico branco ainda preso por trás.

Ele virou-se rapidamente, empunhando a arma, olhou para o lugar em que Misulu estava sentado, na pedra. Misulu não estava mais ali.

Kruger atravessou rapidamente o acampamento. Lá em cima, os macacos ficaram subitamente silenciosos. Podia ouvir o barulho de suas botas na lama, enquanto passava pelas barracas com os homens adormecidos. E foi então que ouviu novamente o som sibilante. Era um som estranho, suave, irradiando-se turbilhonante pela névoa da manhã. Kruger perguntou-se se não se enganara, se não era realmente um leopardo.

E depois viu Misulu. Ele estava caído de costas, numa espécie de halo de sangue. O crânio fora esmigalhado pelos lados, os ossos faciais destruídos, o rosto estreitado e alongado, a boca aberta num bocejo repulsivo, o olho que restava arregalado e esbugalhado. O outro olho fora expelido com a força do impacto.

Kruger sentia o coração disparado, ao se inclinar para examinar o corpo. Não podia imaginar o que causara tamanha lesão. E tornou a ouvir o som sibilante e baixo, tendo certeza desta vez que não se tratava de um leopardo. Logo os macacos recomeçaram a gritar. Kruger levantou-se de um pulo e soltou um berro.

DIA 1 ERTS, Houston

A 15 mil quilômetros de distância, na sala principal de dados, refrigerada e sem janelas, da ERTS, Inc., Karen Ross estava sentada, com uma caneca de café, diante de um terminal de computador, revendo as últimas imagens transmitidas da África através do Landsat. Ross era a supervisora do Projeto Congo da ERTS. Enquanto manipulava as imagens de satélite, em cores artificiais contrastantes, azul, púrpura e verde, ela olhou para o relógio, impacientemente.

Estava esperando pela próxima transmissão de campo da África.

Eram agora 10:15 da noite, horário de Houston. Mas não havia qualquer indicação de tempo ou espaço na sala. Dia ou noite, a principal instalação de dados da ERTS permanecia a mesma. Sob os conjuntos de luzes fluorescentes especiais, equipes de programação trabalhavam nas longas fileiras de terminais de computadores, fornecendo *inputs* de tempo real para as equipes de campo, que a ERTS mantinha pelo mundo. A qualidade intemporal era necessária aos computadores, que exigiam uma temperatura constante de 16°C, linhas elétricas exclusivas e lâmpadas especiais, que não interferiam com os circuitos. Era um ambiente criado para as máquinas; as necessidades humanas eram secundárias.

Mas havia outro motivo para a disposição da instalação principal. A ERTS queria que os programadores em Houston se identificassem com as expedições de campo e, se possível, vivessem de acordo com seus horários. A recepção de jogos de beisebol e outros eventos locais era desestimulada. Não havia relógio que indicasse o horário de Houston, embora na parede do outro lado oito grandes relógios digitais registrassem a hora local para as diversas expedições de campo.

O relógio marcado EXPEDIÇÃO DO CONGO registrava 06:15 quando o alto-falante anunciou:

- Dra. Ross, dirija-se ao CCC.

Ela deixou o painel, depois de apertar a senha digital do código de controle. Todo terminal da ERTS possuía uma senha de controle, como uma combinação de cofre. Era parte de um sistema meticuloso para evitar que fontes externas se aproveitassem do enorme banco de dados. A ERTS lidava com informações e, como gostava de dizer R.B. Travis, seu presidente, a maneira mais fácil de obter informações era roubá-las.

Ela atravessou a sala em largas passadas. Karen Ross passava de 1,80m de altura, uma moça atraente, embora desgraciosa. Com apenas 24 anos de idade, era mais jovem do que a maioria dos programadores. Apesar de sua juventude, no entanto, possuía uma serenidade que a maioria das pessoas achava impressionante, até mesmo um pouco inquietante. Karen Ross era um autêntico prodígio matemático.

Aos dois anos de idade, quando acompanhava a mãe a um supermercado, determinou mentalmente se uma lata de 280 gramas a 19 *cents* saía mais barata que uma lata de 800 gramas a 79 *cents*.

Aos três anos, surpreendeu o pai ao comentar que o zero, ao contrário de outros algarismos, significava diferentes coisas, em diferentes posições. Aos oito anos, dominava álgebra e geometria, aos dez anos, aprendeu cálculo sozinho, aos 13 anos, ingressou no M.I.T. (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), realizando uma série de brilhantes descobertas em matemática abstrata, culminando com um tratado, "Predição Topológica em n-Espaço", que era útil para decisões de matrizes, análises críticas de rotas e mapeamento multidimensional. Acabara atraindo a atenção da ERTS, onde se tornara a mais jovem supervisora de campo da empresa.

Nem todos gostavam dela. Os anos de isolamento, de ser a pessoa mais jovem na sala, deixaram-na apartada, um tanto distante.

Um colega de trabalho descrevia-a como "lógica ao extremo".

Seu comportamento frio lhe valera o apelido de "Geleira Ross", de acordo com a formação antártica.

E sua juventude ainda representava um empecilho... ou pelo menos a idade fora a desculpa de Travis quando lhe recusara o comando da expedição ao Congo, muito embora ela tivesse levantado todos os dados básicos e por direito devesse ser a autoridade máxima no local.

- Lamento muito - dissera Travis - mas este contrato é grande demais e não posso deixá-la assumir o comando.

Ross pressionara, recordando-lhe o seu comando bem-sucedido das expedições a Pahang e Zâmbia, no ano anterior. Travis finalmente declarou:

- O local fica a 15 mil quilômetros de distância, Karen, num terreno quatro-positivo. Precisamos de algo mais que um acessório de painel por lá.

Ela ficara furiosa com a insinuação de que não passava disso, um acessório de painel, rápida com os botões, eficiente com os brinquedinhos de Travis. Queria provar a sua competência numa situação de campo quatro-positivo. E estava determinada a compelir Travis a deixá-la ir, na próxima oportunidade.

Ross apertou o botão do elevador do terceiro andar, marcado "Acesso Apenas a CX". Percebeu um olhar de inveja de um dos programadores, enquanto esperava a chegada do elevador. Na ERTS, o status não era avaliado pelo salário, título, dimensões de sala ou quaisquer outros dos índices habituais das grandes corporações. O status na ERTS era exclusivamente uma questão de acesso a informações... e Karen Ross era uma das oito pessoas na companhia que tinha acesso ao terceiro andar, a qualquer momento.

Ela entrou no elevador do terceiro andar, levantando o rosto para a lente por cima da porta. Na ERTS, os elevadores viajavam apenas um andar e estavam equipados com lentes de câmaras. Era a única maneira da ERTS fiscalizar os movimentos de seus funcionários, enquanto estavam no prédio. Ela disse "Karen Ross" para os monitores de voz e fez uma volta completa para a lente. Houve um bip eletrônico baixo e a porta se abriu no terceiro andar.

Ela saiu para uma pequena sala quadrada, com um monitor de vídeo no teto. Ficou de frente para a porta sem letreiro do Centro de Controle de Comunicações. Repetiu "Karen Ross" e inseriu o seu cartão de identificação eletrônico na fenda. Encostou os dedos na beirada metálica do cartão, a fim de que o computador pudesse registrar os potenciais galvânicos da pele. (Era um refinamento instituído três meses antes, depois que Travis soubera que experiências militares com cirurgia de cordas vocais haviam alterado características de voz o suficiente para afetar o reconhecimento eletrônico.)

Depois de uma pausa para o processamento a porta se abriu com um zumbido. Ela entrou.

Com suas luzes vermelhas noturnas, o Centro de Controle de Comunicações era como um útero suave e aconchegante, uma impressão acentuada pelas características apinhadas, quase claustrofóbicas com incontáveis equipamentos eletrônicos. Do chão ao teto, dezenas de monitores de vídeo e LEDs tremeluziam e brilhavam, enquanto os técnicos falavam em tons abafados ajustando controles, torcendo botões. O CCC era o centro nervoso eletrônico da ERTS. Todas as comunicações das expedições de campo, ao redor do mundo, eram concentradas ali. Tudo no CCC era gravado, não apenas os dados recebidos, mas também as respostas vocais. É assim que se conhece os termos exatos da conversa na noite de 13 de junho de 1979.

Um dos técnicos disse a Karen Ross:

- A ligação estará completa dentro de um minuto. Quer um café?

- Não.

- Gostaria de estar lá, não é mesmo?

- Eu tinha esse direito.

Ela ficou olhando para as telas de vídeo, contemplando a exibição estonteante de formas a girarem e se transformarem, enquanto os técnicos efetuavam a rotina de completar a ligação, uma transmissão via satélite em órbita, a 510 quilômetros de altitude.

- Aviso de ligação.

- Aviso de ligação. Contato.
- Contato.
- Sinal chegando.
- Sinal chegando. Estamos rodando.

Karen Ross não prestou a menor atenção aos termos familiares. Continuou observando, enquanto as telas exibiam campos cinzentos de estática.

- Nós abrimos ou foram eles? - perguntou ela.

- Nós abrimos - respondeu um técnico. - A agenda previa uma verificação ao amanhecer, horário local. Como eles não chamaram, iniciamos o contato.

- Gostaria de saber por que eles não iniciaram - comentou Ross. - Algum problema?

- Não creio. Transmitimos o código de abertura e eles captaram e fizeram o contato em 15 segundos, com todos os códigos apropriados. Pronto, vamos começar.

Às 6:22 da manhã, horário do Congo, a transmissão foi completada. Houve uma explosão final de estática cinzenta e depois as telas limpavam. Eles estavam contemplando um trecho de acampamento no Congo, aparentemente uma tomada de câmara de vídeo montada em tripé. Viram duas tendas, um fogo baixo, fumacento, os resquícios de um nevoeiro do amanhecer. Não havia qualquer sinal de atividade, não havia pessoas. Um dos técnicos soltou uma risada.

- Pegamos todo mundo ainda dormindo. Acho que eles estão mesmo precisando de você por lá.

Karen Ross era conhecida por sua insistência nas formalidades.

- Ligue o controle remoto - disse ela.

O técnico apertou um botão. A câmara da expedição, a 15 mil quilômetros de distância, ficou sob o controle dos técnicos em Houston.

- Dê uma panorâmica - acrescentou Ross.

No painel, o técnico girou um botão. Observaram a imagem deslocar-se para a esquerda, viram um pouco mais do acampamento. Estava tudo destruído, barracas derrubadas e

rasgadas, a lona que cobria os suprimentos arrancada, equipamentos espalhados pela lama. Uma barraca ardia intensamente, desprendendo nuvens de fumaça preta. Viram diversos cadáveres.

- Santo Deus! - exclamou um técnico.

- Vire para o outro lado - determinou Ross.

Nas telas, a câmara varreu o equipamento em sentido contrário. Olharam para a selva. Ainda não havia qualquer sinal de vida.

- Vire para baixo. Movimento inverso.

A câmara abaixou, mostrando o disco prateado da antena portátil e a caixa-preta do transmissor. Havia outro corpo ali perto, um dos geólogos, caído de costas.

- Mas aquele é Roger...

- Dê um zoom e pare - disse Ross.

Na gravação, a voz dela parece calma, quase indiferente. A câmara deu um zoom e enquadrou o rosto. O que viram era grotesco, a cabeça esmagada, o sangue escorrendo pelos olhos e nariz, a boca escancarada para o céu.

- Mas o que fez isso?

Nesse momento, uma sombra projetou-se sobre o rosto morto na tela. Karen Ross quase pulou para frente, manipulando o controle de zoom. A imagem se ampliou rapidamente. Podiam agora divisar os contornos da sombra. Era um homem. E estava se mexendo.

- Tem alguém lá! Ainda há alguém vivo!

- Está claudicando. Parece ferido.

Karen Ross examinou atentamente a sombra. Não lhe parecia um homem claudicante, alguma coisa estava errada, mas ela não conseguia determinar o que era exatamente...

- Ele vai passar pela frente da câmara. - Era muita sorte, pensou ela. - O que é essa estática de áudio?

Estavam ouvindo um som estranho, como um silvo ou um suspiro.

- Não é estática. É a própria transmissão.

- Resolvam o problema.

Os técnicos apertaram diversos botões, alterando as frequências de áudio. Mas o som persistiu, peculiar e indistinto. Em seguida, a sombra se mexeu e o homem avançou para a frente da câmara.

- Dioptria - disse Ross.

Mas já era tarde demais. O rosto já aparecera, muito perto da lente. Estava perto demais para focalizar sem dioptria. Viram apenas uma mancha escura, mais nada. Antes que pudessem ajustar a lente, já sumira.

- Um nativo?

- Aquela região do Congo é desabitada - disse Ross.

- Faça uma panorâmica completa com a câmara. Veja se pode focalizá-lo novamente.

A câmara continuou a girar. Ela podia imaginá-la montada em seu tripé, no meio da selva, o motor zumbindo. E foi então que, subitamente, a imagem se inclinou e depois caiu de lado.

- Ele derrubou a câmara.

- Mas que diabo!

A imagem se desmanchou em linhas instáveis de estática. Era muito difícil divisar alguma coisa.

- Limpe a imagem!

Eles tiveram um vislumbre final de um rosto grande e uma mão escura, no momento em que o disco prateado da antena era destruído. A imagem do Congo reduziu-se a um ponto luminoso e depois sumiu.

2 – Assinatura de interferência

No mês de junho de 1979, a ERTS tinha expedições estudando depósitos de urânio na Bolívia, depósitos de cobre no Paquistão, aproveitamento de campos agrícolas na Caxemira, progressão glacial na Islândia, recursos de madeira na Malásia e depósitos de diamantes no Congo. Não se tratava de uma atividade excepcional, pois a ERTS mantinha normalmente entre seis e oito expedições de campo, em todas as ocasiões.

Como as expedições freqüentemente se encontravam em regiões perigosas ou politicamente instáveis, eles estavam sempre atentos aos primeiros sinais de "assinaturas de interferência". (Na terminologia de transmissão por controle remoto, uma "assinatura" é o aparecimento atípico de um objeto ou característica geológica numa fotografia ou imagem de vídeo.) Quase todas as assinaturas de interferência eram políticas. Em 1977, a ERTS tirara uma equipe de Bornéu de avião, durante um levante comunista local. A mesma situação tornara a ocorrer na Nigéria, em 1978, durante um golpe militar. Ocasionalmente, as assinaturas eram geológicas. Havia tirado uma equipe da Guatemala em 1976, depois do terremoto que ali ocorrera.

Na opinião de R.B. Travis, arrancado da cama às últimas horas de 13 de junho de 1979, as imagens do Congo constituíam a pior "assinatura de interferência" na história da companhia. Mas a natureza da assinatura permanecia misteriosa. Tudo o que sabiam era que o acampamento fora destruído em apenas seis minutos, o intervalo entre o sinal de abertura de Houston e a recepção no Congo.

A rapidez era assustadora. A primeira instrução de Travis foi a de descobrir "que diabo aconteceu por lá".

Um homem corpulento, de 48 anos, Travis estava acostumado a crises. Por formação, era um engenheiro, com experiência em construção de satélites para a RCA e posteriormente para a Rockwell.

Na casa dos 30 anos, deslocara-se para a administração, tornando-se o que os engenheiros aeroespaciais chamavam de um "Dançarino de Chuva". Os fabricantes de satélites artificiais contratavam, com 18 a 24 meses de antecedência, um lançamento de foguete para colocar seus artefatos em órbita. E depois ficavam torcendo para que o satélite, com cerca de meio milhão de componentes, estivesse pronto no dia marcado. Se não estava, a única alternativa era rezar para que o mau tempo atrasasse o lançamento, dançar por chuva.

Travis conseguira preservar um senso de humor depois de uma década de problemas de alta tecnologia. Sua filosofia de

administração estava resumida num cartaz grande por trás de sua mesa, em que se lia "A.M.C.S.S.E." Representava "Alguma Maldita Coisa Sempre Sai Errada".

Mas Travis não estava achando nada engraçado na noite de 13 de junho. Toda a sua expedição estava perdida, a equipe inteira da ERTS fora morta... oito de seus homens e muitos carregadores locais que os acompanhavam. Oito homens! O pior desastre na história da ERTS, pior mesmo do que a Nigéria, em 78. Travis sentia-se fatigado, mentalmente esgotado, enquanto pensava em todos os telefonemas que teria de enfrentar. Não estava preocupado com as ligações que faria, mas sim com as que receberia. Fulano estaria de volta a tempo para a formatura da filha, uma partida de beisebol decisiva do filho na Liga Júnior? Esses telefonemas seriam encaminhados a Travis e ele teria de escutar a expectativa nas vozes, os tons esperançosos, suas próprias respostas cautelosas. Não tinha certeza, compreendia perfeitamente o problema, faria o melhor possível, claro, claro... A dissimulação iminente esgotava-o de antemão.

É que Travis não podia contar a ninguém o que acontecera, pelo menos por duas semanas, talvez um mês. E depois daria os telefonemas pessoalmente, visitaria as casas, compareceria aos serviços fúnebres, em que não haveria caixão, apenas um espaço vazio, assim como as inevitáveis perguntas da família e amigos, que não poderia responder, enquanto examinavam seu rosto, procurando pela menor contração muscular, alguma hesitação, qualquer sinal.

O que poderia dizer-lhes?

Era o seu único consolo: talvez pudesse dizer-lhes mais alguma coisa, dentro de poucas semanas. Uma coisa era certa: se tivesse de dar os terríveis telefonemas naquela noite, Travis não poderia dizer absolutamente nada às famílias, pois a ERTS não tinha a menor idéia do que saíra errado. Esse fato aumentava-lhe a sensação de exaustão. E havia detalhes a cuidar. Morris, o auditor de seguros, apareceu para perguntar:

- O que vamos fazer com os seguros?

A ERTS sempre fazia seguros de vida para os membros de uma expedição e também para os carregadores locais. Cada

carregador africano tinha um seguro de vida de 15 mil dólares, o que parecia insignificante, até que se levou em consideração que a renda média per capita africana era de 180 dólares anuais. Mas Travis sempre argumentara que os membros locais de uma expedição deviam partilhar os benefícios do risco, mesmo que isso representasse pagar às famílias, em seus termos, uma pequena fortuna. Mesmo que custasse uma pequena fortuna em prêmios à ERTS.

- Vamos esperar - disse Travis.
- Essas apólices estão nos custando por dia...
- Vamos esperar.
- Por quanto tempo?
- Trinta dias.
- Mais 30 dias?
- Isso mesmo.
- Mas sabemos que os segurados estão mortos!

Morris não podia admitir o desperdício de dinheiro. Sua mentalidade de atuário se rebelava.

- Tem razão - disse Travis. - Mas é melhor mandar algum dinheiro para as famílias dos carregadores a fim de mantê-las quietas.

- Oh, Deus! Em quanto está pensando?
- Quinhentos dólares para cada uma.
- E como vamos explicar?
- Honorários legais. Dê um jeito de encobrir com disposições legais locais.

- E o pessoal americano que perdemos?
- Eles estão resguardados pela apólice principal. Pare de se preocupar.

Roberts, o assessor de imprensa da ERTS, nascido na Inglaterra, apareceu na sala.

- Quer divulgar o desastre?
- Não - respondeu Travis. - Quero abafar.
- Por quanto tempo?
- Trinta dias.

- Não vai ser fácil. Posso lhe garantir que em 30 dias nossa própria gente estará deixando transpirar as notícias.

- Se isso acontecer, você terá de reprimir. Preciso de mais 30 dias para fechar o contrato.

- Já sabemos o que aconteceu por lá?

- Não. Mas vamos descobrir.

- Como?

- Pelas gravações.

- As gravações estão tremendamente confusas.

- Até agora.

Travis convocou as equipes de especialistas dos controles. Há muito que ele chegara à conclusão de que a ERTS podia acionar assessores políticos no mundo inteiro, mas tinha mais possibilidades de obter informações internamente.

- Tudo o que sabemos da expedição do Congo está registrado naquele videotape final - disse Travis. - Quero um salvamento de vídeo e áudio, a começar imediatamente. Essa fita é a única coisa com que podemos contar.

E as equipes de especialistas começaram a trabalhar.

3. Recuperação

A ERTS referia-se ao processo como "recuperação de dados" ou, às vezes, como "salvamento de dados". Os termos evocavam imagens de operações em mar profundo e eram estranhamente apropriados.

Recuperar ou salvar dados significava trazer à superfície um sentido coerente das profundezas do acúmulo maciço de informações eletrônicas. E, como nos salvamentos do mar, era um processo lento e delicado, em que um único passo em falso representava a perda irrecuperável dos próprios elementos que se tentava resguardar. A ERTS possuía equipes de salvamento extremamente eficientes na arte da recuperação de dados. Uma equipe começou imediatamente a trabalhar na recuperação de áudio, enquanto outra cuidava da recuperação de vídeo.

Mas Karen Ross já estava empenhada na recuperação visual.

Os métodos que ela utilizava eram altamente sofisticados e possíveis somente na ERTS.

A ERTS era uma companhia relativamente nova, formada em 1975, em consequência da expansão espetacular de informações sobre a Terra e seus recursos. A quantidade de material que a ERTS manipulava era espantosa. Somente as transmissões do Landsat equivaliam a mais de 500 mil fotos, com 16 novas imagens adquiridas a cada hora, 24 horas por dia. Com o acréscimo da fotografia convencional e aérea, fotografia infravermelha e cobertura de radar, as informações totais à disposição da ERTS ultrapassavam a dois milhões de imagens, com uma recepção permanente de 30 novas imagens por hora. Todas essas informações precisavam ser catalogadas, arquivadas e preparadas para uma consulta instantânea, a qualquer momento. A ERTS era como uma biblioteca que adquiria 700 livros novos por dia. Não era de admirar que os bibliotecários trabalhassem num ritmo febril, 24 horas por dia.

Os visitantes da ERTS pareciam jamais compreender que tal capacidade de manipulação de dados seria impossível dez anos antes, até mesmo para os computadores. Os visitantes também não compreendiam a natureza básica das informações da ERTS, presumindo que as imagens nas telas eram fotográficas, embora não o fossem.

A fotografia era um sistema químico do século XIX para registrar informações, usando sais de prata sensíveis à luz. A ERTS usava um sistema elétrico do século XX para registrar informações, análogo às fotografias químicas, mas essencialmente diferente. Ao invés de câmaras, a ERTS usava scanners multiespectrais, ao invés de filme, usava CCT - teipe de computador compatível. Na verdade, a ERTS não se incomodava com "fotografias" no sentido comum da tecnologia fotográfica antiquada. A ERTS comprava "levantamentos de dados", que eram convertidos em "exposições de dados", de acordo com as necessidades.

Como as imagens da ERTS eram simplesmente sinais elétricos, registrados em fitas magnéticas, era possível a

manipulação de uma grande variedade de imagens elétricas. A ERTS dispunha de 837 programas de computador para alterar imagens: realçando, eliminando elementos indesejáveis, destacando detalhes. Ross usou 14 programas na gravação do Congo, particularmente no trecho cheio de estática, em que a mão e o rosto apareciam pouco antes da antena ser destruída.

Inicialmente, ela realizou o que era chamado de "ciclo de lavagem", livrando-se da estática. Identificou as linhas de estática como ocorrendo em posições específicas e possuindo um valor de escala cinzenta específico. Determinou ao computador que cancelasse essas linhas.

A imagem resultante exibia espaços vazios dos quais fora removida a estática. Assim, ela tratou de "preencher os vazios", instruindo ao computador para acrescentar imagem de acordo com o que havia ao redor. Nessa operação, o computador efetuou uma previsão lógica do que estava faltando.

Ela dispunha agora de uma imagem livre de estática, mas que estava turva e indistinta, carecendo de definição. Assim, ela efetuou uma "projeção de preço alto", intensificando a imagem através da acentuação dos contrastes. Mas, por algum motivo, obteve também uma distorção, que teve de cancelar. Com isso, liberou os pontos soltos, anteriormente suprimidos. Teve de recorrer a três outros programas para processar a correção...

Os problemas técnicos absorveram-na por uma hora, até que, de repente, a imagem "estourou", limpa e nítida. Karen Ross prendeu a respiração. A tela exibia um rosto escuro e sorumbático, sobrancelhas espessas, olhos vigilantes, nariz achatado, lábios prognatos. Imobilizado na tela de vídeo, estava o rosto de um gorila.

Travis apareceu, sacudindo a cabeça.

- Já terminamos com a recuperação de áudio daquele ruído sibilante. O computador confirma que é respiração humana, tendo pelo menos quatro origens separadas. Mas é muito estranho. Segundo a análise, o som provém de aspiração e não de exalação, a maneira pela qual as pessoas geralmente emitem sons.

- O computador está errado - disse Karen Ross - Não é respiração humana.

Ela apontou para a tela, na qual estava o rosto do gorila. Travis não demonstrou qualquer surpresa, limitando-se a comentar:

- Artefato.

- Não é artefato.

- Você preencheu os espaços vazios e obteve um artefato. A turma do jogo esteve novamente mexendo com o software na hora do almoço.

A turma do jogo, os jovens programadores de software, costumava converter dados para jogar versões altamente sofisticadas de *flipper*. Os jogos passavam às vezes para outros programas. A própria Ross já se queixara desse hábito.

- Mas esta imagem é real - insistiu ela, apontando para a tela.

- Na semana passada, Harry preencheu os espaços nas Montanhas Karakorum e obteve em resposta um jogo de paisagem lunar. Devia-se pousar ao lado de um stand da MacDonal'd's, tudo muito engraçado. - Travis encaminhou-se para a porta, acrescentando: - É melhor você ir se encontrar com os outros na minha sala. Vamos fazer a programação para o retorno.

- Vou comandar a próxima expedição.

Travis sacudiu a cabeça.

- Não há a menor possibilidade.

- E o que me diz a respeito disso? - falou ela, apontando para a tela.

- Não aceito essa imagem. Gorilas não se comportam dessa maneira. Só pode ser um artefato. - Travis olhou para o relógio.

- Neste momento, a única questão é determinar com que rapidez podemos colocar uma nova expedição no Congo.

4. Expedição de Retorno

Travis nunca tivera qualquer dúvida sobre uma nova expedição. A partir do momento em que viu os videoteipes do Congo, a única dúvida era a melhor maneira de fazê-lo. Convocou todos os chefes de seções: Contabilidade, Diplomacia, Geologia, Logística, Legal.

Estavam todos bocejando e esfregando os olhos. Travis foi logo dizendo:

- Quero uma nova expedição no Congo em 96 horas.

Depois, ele recostou-se na cadeira e deixou que todos lhe dissessem por que isso era impossível. Havia inúmeras razões.

- Não podemos reunir as unidades de carga aérea para embarque em menos de 160 horas - alegou Cameron, o homem da logística.

- Podemos adiar a expedição do Himalaia e aproveitar suas unidades - respondeu Travis.

- Mas essa é uma expedição de montanha!

- Você pode adaptar as unidades em nove horas.

- Mas não podemos obter o equipamento necessário para o vôo - protestou Lewis, o encarregado do transporte.

- A Korean Airlines tem um jato de carga 747 disponível em SFX. Disseram-me que poderá estar aqui em nove horas.

- Eles estão com um avião imobilizado lá? - indagou Lewis, incrédulo.

- Creio que tiveram um cancelamento de última hora de outro cliente - explicou Travis.

Irwir, o contador, resmungou:

- E quanto isso vai custar?

Martin, o homem dos contatos diplomáticos, interveio:

- Não podemos obter a tempo os vistos da Embaixada do Zaire em Washington. E é bem possível que nem sejam concedidos. Os primeiros vistos do Congo foram concedidos graças aos nossos direitos de exploração mineral, obtidos junto ao governo do Zaire. Mas esses direitos não são exclusivos. Recebemos permissão para entrar, mas o mesmo aconteceu com os japoneses, alemães e holandeses, que formaram um consórcio de mineração. O esquema é na base de quem chegar primeiro fica com o contrato. Se o Zaire descobrir que nossa expedição está em dificuldades, simplesmente vai nos cancelar e deixar que o consórcio tente a sorte. Há 300 representantes comerciais japoneses em Kinshasa neste momento, gastando ienes como se fossem água.

- Creio que será isso mesmo o que acontecerá, se transpirar.

- Detalhes? Como pretende atravessar a fronteira?

- Precisaremos de um bom homem para isso. Talvez Munro.

- Munro? Não vai ser fácil. O governo do Zaire odeia Munro.

- Ele é experiente e hábil, conhece a região.

Martin, o perito diplomático, limpou a garganta e disse:

- Não tenho certeza se eu deveria estar participando desta discussão. Parece-me que está propondo entrar num estado soberano com uma expedição ilegal, comandada por um antigo mercenário do Congo...

- Absolutamente - interrompeu-o Travis. - Preciso enviar um grupo de apoio para ajudar meu pessoal que já está lá. Acontece a todo momento. Não tenho motivo para acreditar que alguém está em dificuldades. Trata-se apenas de um grupo de apoio rotineiro. Não tenho tempo de passar pelos canais oficiais. Posso não estar demonstrando muito tato e julgamento nas pessoas que contrato, mas não há nada mais sério.

Por volta das 11:45 da noite de 13 de junho, o esquema básico da nova expedição da ERTS já fora definido e confirmado pelo computador. Um 747 inteiramente carregado poderia decolar de Houston às oito horas da noite seguinte, 14 de junho; o avião poderia estar na África a 15 de junho, a fim de pegar Munro "ou alguém como ele"; a expedição poderia estar no local no Congo a 17 de junho.

Da sala principal de dados, Karen Ross podia olhar através das paredes de vidro para o gabinete de Travis e observar as discussões que lá ocorriam. Com sua maneira lógica, ela concluíra que Travis chegara a conclusões falsas, a partir de dados insuficientes.

Ross estava convencida de que não havia sentido em voltar ao Congo, a menos que soubessem o que tinham de enfrentar. Ela permaneceu em seu painel de controle, conferindo a imagem que recuperara.

Ross aceitava aquela imagem... mas como podia fazer Travis aceitá-la?

No mundo de processamento de dados da ERTS, altamente sofisticado, havia um perigo constante de que as informações extraídas começassem a "flutuar". Ou seja, que as imagens se desprendessem da realidade, como um navio que se solta de suas amarras.

Isso acontecia especialmente quando um dado básico era submetido a múltiplas manipulações.

Assim, a ERTS desenvolvera outros meios de conferir a validade das imagens que recebia do computador. Ross usou dois programas de confirmação contra a imagem do gorila. O primeiro era chamado de APNF, para *Animation Predict Next Frame* (Animação Prevista do Próximo Quadro).

Era possível tratar o videoteipe como se fosse um filme de cinema, uma sucessão de imagens estacionárias. Ela mostrou ao computador diversas imagens estacionárias em sucessão, depois pediu que fosse criado o PNF, que conferiu com o quadro seguinte real.

Efetou oito PNFs consecutivos e todos apresentaram o mesmo erro. Se havia um erro na manipulação dos dados, pelo menos era um erro sistemático.

Encorajada, ela efetuou em seguida uma verificação "triespacial". Presumia-se que a imagem do vídeo possuía determinadas características tridimensionais, baseadas nos padrões de contrastes.

Essencialmente, o computador determinava que a sombra de uma cordilheira ou um nariz significava que a cordilheira ou o nariz projetava-se acima da superfície ao redor. Imagens subseqüentes podiam ser conferidas contra essas suposições. À medida que o gorila se movimentava, o computador confirmou que a imagem era de fato tridimensional e coerente.

Isso comprovava que a imagem, acima e além de qualquer dúvida, era real.

Ela foi falar com Travis

- Vamos supor que eu aceite a imagem - disse Travis, franzindo o rosto. - Ainda não entendo por que deveria permitir que você assuma o comando da próxima expedição.

- O que a outra equipe descobriu?

- A outra equipe? - indagou Travis, com uma expressão de inocência.

- Entregou a fita a outra equipe de salvamento para confirmar minha recuperação.

Travis olhou para o relógio.

- Eles ainda não chegaram a qualquer conclusão. - Ele fez uma pausa, antes de acrescentar: - Todos sabemos como é rápida com a manipulação de dados.

Ross sorriu.

- É por isso que precisa de mim para comandar a nova expedição. Conheço os dados básicos porque os gerei. E se tenciona enviar outra expedição imediatamente, antes que esse problema do gorila esteja solucionado, a única esperança é de que o líder no local seja rápido o bastante na manipulação dos dados. Desta vez está precisando de um especialista de painel no campo. Ou a próxima expedição vai acabar como a anterior. Porque ainda não sabe o que aconteceu.

Travis sentou-se por trás de sua mesa e contemplou-a em silêncio por longo tempo. Ross encarou a hesitação dele como um sinal de que estava enfraquecendo.

- E eu quero sair - acrescentou Ross.

- Consultar um especialista externo?

- Isso mesmo. Alguém em nossa lista de doações.

- É arriscado. Não me agrada envolver gente de fora a esta altura dos acontecimentos. Sabe muito bem que o consórcio está em cima de nós, à espera da menor oportunidade. Se consultar alguém de fora, estará aumentando a possibilidade de transpirar alguma coisa.

- É muito importante.

Travis suspirou.

- Se você acha que é mesmo importante, então está certo. - Ele tornou a suspirar. - Só quero que isso não atrase a sua

expedição.

Karen Ross já estava pegando as suas coisas.

Sozinho, Travis franziu o rosto, analisando sua decisão. Mesmo que efetuassem às pressas a próxima expedição do Congo, entrando e saindo em menos de 15 dias, os custos fixos ainda assim ultrapassariam a 300 mil dólares. O Conselho de Administração certamente haveria de protestar, reclamando de sua decisão de enviar para o campo uma pessoa inexperiente, de 24 anos, ainda por cima uma mulher, com aquele tipo de responsabilidade. Especialmente num projeto tão importante quanto aquele, em que os riscos eram enormes, em que já estavam atrasados em todas as projeções de prazo, superando todas as previsões de custo. E Karen Ross era muito fria, provavelmente se mostraria uma líder de campo deficiente, alienando os outros na equipe.

Contudo, Travis tinha um pressentimento sobre a Geleira Ross. Sua filosofia de administração, refinada nos tempos da dança de chuva, era sempre entregar o projeto a quem mais tivesse a ganhar com o sucesso... ou perder com o fracasso. Ele virou-se para o painel de computador, instalado ao lado de sua mesa, dizendo:

- Travis.

A tela se iluminou e ele acrescentou:

- Ficha psicográfica.

A tela exibiu os pontos de chamada.

- Ross, Karen.

A tela respondeu PENSANDO POR UM MOMENTO. Era a resposta programada, indicando que a informação estava sendo processada. Travis esperou.

Não demorou muito para que o sumário psicográfico aparecesse na tela. Cada funcionário da ERTS era submetido a três dias de intensivos testes psicológicos, a fim de determinar não apenas as suas qualidades, mas também as deficiências em potencial. Travis achava que a avaliação de Ross serviria para tranquilizar o Conselho.

ALTAMENTE INTELIGENTE / LÓGICA / FLEXÍVEL /
ENGENHOSA / INTUITIVA / PROCESSOS DE PENSAMENTO
CONDIZENTES COM CONTEXTOS EM RÁPIDA TRANSFORMAÇÃO /

COMPULSÃO DE CONQUISTAR O SUCESSO EM OBJETIVOS DEFINIDOS / CAPAZ DE ESFORÇO MENTAL CONTINUADO /

Parecia a descrição perfeita de uma pessoa para assumir a liderança da próxima expedição ao Congo. Travis examinou a tela, procurando pelos aspectos negativos. Não eram tão tranqüilizadores.

JUVENTUDE-IMPLACÁVEL / RELACIONAMENTO HUMANO PRECÁRIO / AUTORITÁRIA / ARROGANTE INTELECTUALMENTE / INSENSÍVEL / COMPULSÃO DE ALCANÇAR O SUCESSO A QUALQUER CUSTO /

E havia também uma anotação de "mutação". O próprio conceito de mutação de personalidade fora desenvolvido através dos testes da ERTS. Indicava que uma característica predominante da personalidade podia ser subitamente invertida, sob condições de pressão: personalidades paternas podiam mudar de repente e se tornarem infantilmente petulantes, personalidades históricas podiam se tornar extremamente frias... ou personalidades lógicas podiam se tornar ilógicas.

MATRIZ DE MUTAÇÃO: OBJETIVIDADE DOMINANTE (POSSIVELMENTE INDESEJÁVEL) PODE SER PERDIDA A PARTIR DO MOMENTO OUE ALVO DESEJADO ESTIVER AO ALCANCE DA MÃO / DESEJO DE SUCESSO PODE PROVOCAR REAÇÕES PERIGOSAMENTE ILOGICAS / FIGURAS PATERNAS SERÃO ESPECIALMENTE DENEGRIDAS / PACIENTE DEVE SER CONTROLADA NO ESTÁGIO FINAL DO OBJETIVO - PROCEDIMENTOS DE ORIENTAÇÃO /

Travis ficou olhando para a tela, pensando que tal perspectiva era altamente improvável na iminente expedição ao Congo.

Karen Ross estava exultante com a sua nova autoridade. Pouco antes de meia-noite, estava com as listas de subsídios no terminal de seu gabinete. A ERTS contava com especialistas em animais em diversas áreas, aos quais concedia doações nominais, através de uma fundação não-lucrativa chamada Fundo de Recursos de Vida Selvagem da Terra. As listas de doações estavam dispostas taxonomicamente. Sob "Primatas", ela encontrou 14 nomes, inclusive vários em Bornéu, Malásia e África, assim como nos

Estados Unidos. Em território americano, havia apenas um pesquisador de gorila disponível, um primatologista chamado Dr. Peter Elliot, da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

A ficha na tela indicava que Elliot tinha 29 anos, era solteiro, professor associado do Departamento de Zoologia. O Principal Interesse de Pesquisa estava relacionado como "Comunicações com Primatas (Gorilas)". O financiamento era concedido a algo chamado de Projeto Amy. Karen Ross consultou o relógio. Era apenas meia-noite em Houston, 10 horas da noite na Califórnia. Ela discou o telefone da residência que aparecia na tela.

- Alô? - disse uma voz de homem, cautelosa.

- Dr. Peter Elliot?

- Isso mesmo... - A voz ainda estava hesitante, cautelosa.

- É uma repórter?

- Não. Sou a Dra. Karen Ross, de Houston. Estou associada ao Fundo de Recursos de Vida Selvagem da Terra, que financia sua pesquisa.

- Ah, sim... - A voz continuava cautelosa. - Tem certeza de que não é uma repórter? Devo lhe dizer que estou gravando este telefonema, como um documento legal em potencial.

Karen Ross hesitou. A última coisa de que precisava era de um acadêmico paranóico gravando coisas da ERTS. Ela não disse nada.

- Você é americana? - insistiu Elliot.

- Claro.

Karen Ross olhou para as telas de computador, que mostravam IDENTIFICAÇÃO DE VOZ CONFIRMADA: ELLIOT, PETER, 29 ANOS.

- Diga logo o que está querendo.

- Estamos prestes a enviar uma expedição para a região de Virunga, no Congo, e...

- É mesmo? E quando vão partir?

A voz parecia subitamente excitada, infantil.

- Vamos partir dentro de dois dias e...

Elliot interrompeu-a:

- Quero ir.

Ross estava tão surpresa que mal sabia o que dizer.

- Para ser franca, Dr. Elliot, não é para isso que estou telefonando...

- Eu estava planejando ir para lá de qualquer maneira. Com Amy.

- Quem é Amy?

- Amy é uma gorila.

DIA 2: SÃO FRANCISCO

1. Projeto Amy

É injusto sugerir, como alguns primatologistas posteriormente fizeram, que Peter Elliot tinha de "sair da cidade", em junho de 1979.

Seus motivos e o planejamento anterior à decisão de ir ao Congo estão devidamente registrados. O Professor Elliot e sua equipe haviam decidido a viagem africana pelo menos dois dias antes do telefonema de Karen Ross.

Mas também é verdade que Peter Elliot estava sob um ataque cerrado, de grupos externos, da imprensa, colegas acadêmicos e até mesmo de membros do seu próprio departamento, em Berkeley. Ao final, Elliot já era até acusado de ser um "criminoso nazista", empenhado na "tortura de animais estúpidos (sic)". Não é exagero dizer que Elliot descobrira-se, na primavera de 1979, lutando por sua vida profissional.

Contudo, sua pesquisa começara tranqüilamente, quase acidentalmente.

Peter Elliot era um estudante de pós-graduação de 23 anos, no Departamento de Antropologia, em Berkeley, quando lera a notícia de uma gorila de um ano, com disenteria amebiana, transportada de avião do jardim zoológico de Minneapolis para a Escola de Medicina Veterinária de São Francisco, para tratamento. Isso aconteceu em 1973, nos primeiros e excitantes dias da pesquisa de linguagem dos primatas.

A idéia de que os primatas podiam aprender uma linguagem era muito antiga. Em 1661, Samuel Pepys viu um chimpanzé em Londres e escreveu em seu diário que era "tão parecido com um homem, sob muitos aspectos, que creio que já compreende muita

coisa de inglês e estou convencido de que pode aprender a falar ou fazer sinais". Outro escritor do século XVII foi mais longe, dizendo que "macacos e babuínos... podem falar, mas não o fazem, com medo de serem empregados e postos a trabalhar".

Contudo, pelos 300 anos seguintes, as tentativas de ensinar macacos a falar foram notoriamente malogradas. Culminaram num esforço ambicioso de um casal da Flórida, Keith e Kathy Hayes, que por seis anos, na primeira parte da década de 1950, criaram uma chimpanzé chamada Vicki, como se fosse uma criança humana. Durante esse período, Vicki aprendeu quatro palavras, "mamãe", "papai", "copo" e "pé". Mas sua pronúncia não tinha a menor espontaneidade e o progresso era lento. Suas dificuldades pareciam confirmar a crescente convicção entre os cientistas de que o homem era o único animal capaz de linguagem. Foi típico o pronunciamento de George Gaylord Simpson: "A linguagem é a mais singular característica do homem. Todos os homens normais são dotados da linguagem: nenhum outro organismo vivo a possui."

Isso parecia tão evidente que, nos próximos 15 anos, ninguém se deu ao trabalho de tentar ensinar linguagem a um macaco. Em 1966, um casal de Reno, Nevada, Beatrice e Allen Gardner, analisou filmes de Vicki falando. Chegaram à conclusão de que Vicki não era tanto incapaz de linguagem, mas sim incapaz de falar. Notaram que os movimentos de seus lábios eram desajeitados, mas os gestos das mãos eram fluentes e expressivos. A conclusão óbvia era tentar ensinar a linguagem de sinais.

Em junho de 1966, os Gardners começaram a ensinar a Linguagem Americana de Sinais (Ameslan), a linguagem padronizada dos mudos, a uma filhote de chimpanzé chamada Washoe. Os progressos de Washoe foram rápidos; em 1971, ela já possuía um vocabulário de 160 sinais, que usava em conversa. Inventava também novas combinações de palavras para coisas que nunca vira antes, quando lhe mostraram uma melancia pela primeira vez, ela fez sinais de que era "fruta água".

O trabalho dos Gardners era extremamente controvertido.

Acontece que muitos cientistas haviam aderido integralmente à tese de que os macacos eram incapazes de

linguagem. Um pesquisador chegou a comentar:

- Pensem em todos os nomes eminentes ligados a tantos estudos, por tantas décadas e todos concordando que somente o homem é capaz de linguagem. Que confusão!

Os progressos de Washoe acarretaram diversas outras experiências no ensino de linguagem. Uma chimpanzé chamada Lucy aprendeu a se comunicar por intermédio de um computador; outra, Sarah, aprendeu a usar marcadores de plástico num quadro. Outros macacos também foram estudados. Um orangotango chamado Alfred iniciou a instrução em 1971, uma gorila de planície, chamada Koko, em 1972 e, em 1973, Peter Elliot começou a trabalhar com uma gorila de montanha, Amy.

Em sua primeira visita ao hospital para conhecer Amy, ele encontrou uma patética criatura, sob o efeito de sedativos, correias prendendo as pernas e braços frágeis. Afagou-lhe a cabeça e disse, gentilmente:

- Olá, Amy. Eu sou Peter.

Amy prontamente mordeu-lhe a mão, arrancando sangue.

A partir desse começo pouco auspicioso, emergiu um programa de pesquisa excepcionalmente bem-sucedido. Em 1973, a técnica básica de ensino, conhecida como moldagem, era bem compreendida. Mostrava-se um objeto ao animal e o pesquisador simultaneamente moldava-lhe a mão no sinal correto, até que a associação era definitivamente firmada. Testes subseqüentes confirmavam que o animal compreendia o significado do sinal.

Mas se a metodologia básica era aceita, a aplicação era altamente controvertida. Os pesquisadores divergiam quanto ao índice de aquisição de sinais ou vocabulário. (Entre os seres humanos, o vocabulário era considerado o melhor índice de avaliação de inteligência.) O índice de aquisição de sinais podia ser encarado como uma medida da perícia do cientista ou da inteligência do animal.

Àquela altura, era definitivamente reconhecido que diferentes macacos possuíam diferentes personalidades. Um pesquisador chegou a comentar:

- Os estudos de antropóides constituem provavelmente o único campo em que os rumores acadêmicos se concentram nos discípulos e não nos professores.

No mundo cada vez mais controvertido da pesquisa dos primatas, dizia-se que Lucy era uma bêbada, que Koko era uma pirralha de maus-bofes, Lana estava com a cabeça virada pela celebridade ("Ela só trabalha quando há um entrevistador presente"), Nim era estúpido demais.

À primeira vista, pode parecer estranho que Peter Elliot se tornasse o alvo de ataques, pois esse homem bonito e um tanto tímido, filho de um tintureiro do Condado de Marin, procurara evitar as controvérsias durante os seus anos de trabalho com Amy. As publicações de Elliot eram modestas e comedidas, seu progresso com Amy era bem documentado, ele não demonstrava o menor interesse por publicidade e não se incluía entre os pesquisadores que levavam seus animais a programas de televisão.

Mas o comportamento tímido de Elliot encobria não apenas uma inteligência ágil, mas também uma ambição inabalável. Se evitava controvérsias, era apenas porque não tinha tempo para isso.

Há anos que passava as noites e fins de semana trabalhando, exigindo o mesmo empenho de sua equipe e de Amy. Ele era muito eficiente na parte comercial da ciência, a de obtenção de subsídios e financiamentos. Em todas as conferências behavioristas animais, onde outros apareciam de jeans e camisas quadriculadas de lenhadores, Elliot apresentava-se de terno e colete. Tencionava tornar-se o mais eminente pesquisador de símios e queria que Amy também se tornasse a mais eminente representante da espécie.

O sucesso de Elliot em obter doações era tão grande que, em 1975, ele empregava quatro pessoas para trabalhar com Amy, em tempo integral. Em 1978, o Projeto Amy dispunha de um orçamento anual de 160 mil dólares e uma equipe de oito pessoas, inclusive um psicólogo infantil e um programador de computador. Um membro da direção do Instituto Bergen comentou posteriormente que o apelo de Elliot estava no fato de "ele ser um bom investimento":

- Por exemplo: o Projeto Amy obtinha 50 por cento mais de tempo de computador por nosso dinheiro, porque ele operava num terminal de tempo partilhado à noite e nos fins de semana, com o tempo mais barato. Ele sempre foi muito eficiente na redução de custos. E era dedicado também, é claro. Elliot obviamente não se importava com mais nada na vida além de seu trabalho com Amy. Para uma conversa, ele era extremamente tedioso. Mas, do nosso ponto de vista, era o melhor investimento que se podia imaginar. É muito difícil determinar quem é realmente brilhante. É mais fácil decidir quem tem uma compulsão, o que a longo prazo pode ser mais importante. Esperávamos grandes coisas de Elliot.

Os problemas de Peter Elliot começaram na manhã de 2 de fevereiro de 1979. Amy vivia numa casa móvel no campus de Berkeley.

Passava as noites ali, sozinha, e geralmente exibia um cumprimento efusivo no dia seguinte. Naquela manhã, no entanto, a equipe do Projeto Amy encontrou-a num mau humor anormal. Amy estava irritada, de olhos turvos, comportando-se como se tivesse sido enganada de alguma forma.

Elliot concluiu que alguma coisa a perturbara durante a noite. Quando interrogada, ela fez sinais indicando "caixa dormir", uma nova combinação de palavras que Elliot não compreendeu. O que nada tinha de excepcional. Amy estava sempre inventando novas combinações de palavras, muitas vezes difíceis de decifrar. Apenas uns poucos dias antes, ela surpreendera a todos ao falar em "leite crocodilo". Eles acabaram compreendendo que o leite de Amy azedara. Como ela não gostava de crocodilos (que vira apenas em livros de fotografias), decidira que leite azedo era "leite crocodilo".

Agora, Amy estava falando em "caixa dormir". A princípio, pensavam que ela estivesse se referindo à sua cama, no formato de ninho. Mas ela estava usando "caixa" em seu sentido habitual, uma referência ao receptor de televisão.

Tudo em seu trailer, inclusive a televisão, era controlado por computador, 24 horas por dia. Fizeram um levantamento para determinar se a televisão fora ligada durante a noite, perturbando o sono de Amy. Como ela gostava de assistir televisão, podia-se

conceber que dera um jeito de ligá-la sozinha. Mas logo ficou evidente que estava se referindo a alguma outra coisa.

Finalmente concluíram que, por "caixa dormir", Amy estava indicando "imagens dormir". Quando interrogada a respeito dessas imagens durante o sono, Amy respondeu com sinais que eram "imagens más" e "imagens velhas", que "fazem Amy chorar".

Amy estava sonhando.

O fato de Amy ser o primeiro primata a revelar que sonhava causou a maior emoção na equipe de Elliot. Mas o excitamento foi de curta duração. Embora Amy continuasse a sonhar, nas noites subseqüentes, recusou-se a discutir seus sonhos. Parecia até culpar os pesquisadores por aquela nova e desconcertante intromissão em sua vida mental. Pior do que isso, seu comportamento desperto deteriorou-se alarmantemente.

O índice de aquisição de vocabulário caiu de 2,7 palavras por semana para 0,8, o índice de formação espontânea de palavras baixou de 1,9 para 0,3. O período de atenção controlada foi reduzido à metade. As variações de ânimo aumentaram. O comportamento irregular e sem motivação tornou-se rotina, acessos de raiva ocorriam diariamente. Amy tinha 1,40m de altura e pesava 60 quilos. Era um animal extremamente forte. A equipe começou a ter dúvidas sobre a possibilidade de controlá-la.

A recusa de Amy em falar sobre os sonhos deixava-os frustrados. Experimentaram diversos métodos de investigação. Mostraram-lhe ilustrações de livros e revistas. Passaram a acionar os monitores de vídeo instalados no teto durante as 24 horas do dia, para o caso de Amy fazer sinais significativos enquanto estivesse sozinha (como as crianças pequenas, Amy muitas vezes "falava consigo mesma").

Chegaram mesmo a realizar diversos testes neurológicos, inclusive um EEG.

Finalmente, chegaram à pintura com os dedos.

O sucesso foi imediato. Amy era entusiasta da pintura com os dedos. Depois que misturaram pimenta-malagueta nas tintas, ela parou de lambe os dedos. Amy desenhava imagens rapidamente,

repetidamente, parecendo se tornar um pouco mais relaxada, mais como era antigamente.

David Bergman, o psicólogo infantil, observou:

- O que Amy realmente desenha é um conjunto de imagens aparentemente relacionadas: meias-luas invertidas ou semicírculos, que estão sempre ligados a uma área de riscos verdes verticais. Amy diz que os riscos verdes representam "floresta" e chama os semicírculos de "casas más" ou "casas velhas". Além disso, ela freqüentemente desenha círculos pretos, a que chama de buracos".

Bergman advertiu contra a conclusão óbvia de que ela estava desenhando construções antigas na selva.

- Observando-a fazer os desenhos, um depois do outro, incontáveis vezes, fiquei convencido da natureza obsessiva e particular das imagens. Amy está perturbada por essas imagens e tenta livrar-se delas, banindo-as para o papel.

A natureza das imagens permaneceu misteriosa para a equipe do Projeto Amy. Ao final de abril de 1979, eles haviam concluído que os sonhos de Amy podiam ser explicados de quatro maneiras.

Em ordem de importância, eram as seguintes:

1. Os sonhos são uma tentativa de racionalizar eventos em sua vida cotidiana. Essa era a explicação normal de sonhos (humanos), mas a equipe duvidava que se aplicasse ao caso de Amy.

2. Os sonhos são uma manifestação adolescente transitória. Aos sete anos de idade, Amy era uma gorila adolescente. Há quase um ano que vinha apresentando muitas características adolescentes típicas, inclusive acessos de raiva e depressão, preocupação com sua aparência, um novo interesse pelo sexo oposto.

3. Os sonhos são um fenômeno específico da espécie. Era possível que todos os gorilas tivessem sonhos perturbadores e que as tensões resultantes, na vida selvagem, fossem de alguma forma absorvidas pelo comportamento coletivo. Embora os gorilas em estado selvagem fossem estudados há 20 anos, não havia a menor indicação a respeito.

4. Os sonhos constituem os primeiros sinais de demência incipiente. Era a possibilidade mais temida. Para treinar um

antropóide eficazmente, era preciso começar quando o animal ainda era bebê.

À medida que os anos passavam, os pesquisadores esperavam para verificar se o animal crescia para se tornar inteligente ou estúpido, recalcitrante ou dócil, saudável ou doentio. A saúde dos antropóides era uma preocupação constante. Muitos programas se frustravam, depois de anos de esforços e investimentos, quando os animais morriam de doenças físicas ou mentais. Timothy, um chimpanzé de Atlanta, tornou-se psicótico em 1976, cometendo suicídio pela coprofagia, morrendo sufocado com as próprias fezes. Maurice, um orangotango de Chicago, tornou-se intensamente neurótico, desenvolvendo fobias que acarretaram a suspensão do trabalho, em 1977.

Para melhor ou pior, a própria inteligência que tornava os macacos dignos de estudos também os fazia tão instáveis quanto seres humanos.

Mas a equipe do Projeto Amy foi incapaz de fazer progressos adicionais. Em maio de 1979, eles tomaram uma decisão da maior importância: resolveram publicar os desenhos de Amy, submetendo suas imagens ao *Journal of Behavioral Sciences*.

2. Abertura

"Comportamento de Sonho de uma Gorila de Montanha" nunca chegou a ser publicado. O estudo foi rotineiramente encaminhado a três cientistas do conselho editorial para crítica. Ainda não se sabe como, uma das cópias chegou às mãos da Agência de Preservação dos Primatas, uma organização de Nova York formada em 1975 para impedir "a exploração injustificada e ilegítima de primatas inteligentes em pesquisas de laboratório desnecessárias".

A 3 de junho, a APP começou a fazer manifestações diante do Departamento de Zoologia, em Berkeley, exigindo a "libertação" de Amy. A maioria dos manifestantes era de mulheres e havia diversas crianças pequenas. Cenas de um garoto de oito anos empunhando um cartaz com a fotografia de Amy e gritando

"Libertem Amy! Libertem Amy!" apareceram no noticiário de TV local.

Num erro tático, a equipe do Projeto Amy decidiu ignorar os protestos, a não ser por uma breve entrevista coletiva, em que se declarou que a APP estava "desinformada". Um comunicado foi distribuído em papel timbrado do Escritório de Informação de Berkeley.

A 5 de junho, a APP divulgou comentários de outros primatologistas do país sobre o trabalho do Professor Elliot. (Muitos negaram posteriormente os comentários ou alegaram que foram citados erroneamente.) O Dr. Wayne Turman, da Universidade de Oklahoma, em Norman, foi citado como tendo declarado que o trabalho de Elliot era "irreal e antiético". A Dra. Felicity Hammond, do Centro de Pesquisa de Primatas de Yerkes, em Atlanta, declarou que "nem Elliot nem sua pesquisa são de primeira categoria". O Dr. Richard Aronson, da Universidade de Chicago, classificou a pesquisa como sendo de "natureza evidentemente fascista".

Nenhum desses cientistas lera o estudo de Elliot antes de comentar seu trabalho. Mas os danos alcançaram proporções incalculáveis, especialmente os comentários de Aronson. A 8 de junho, o relato seguinte da perseguição a Elliot está baseado em "Violação da Liberdade Acadêmica por Insinuações e Boatos da Imprensa: A Experiência do Dr. Peter Elliot", de J. A. Peebles, publicado no Journal of Academic Law and Psychiatry 52, nº 12 (1979): 19-38.

Eleanor Vries, a porta-voz da APP, referiu-se à "pesquisa criminosa do Dr. Elliot e sua equipe nazista". Ela afirmou que a pesquisa de Elliot provocava pesadelos em Amy, que estaria sendo submetida a torturas, drogas e tratamento com choques elétricos.

Tardiamente, a 10 de junho, a equipe do Projeto Amy preparou um minucioso comunicado à imprensa, explicando sua posição em detalhes e referindo-se ao estudo inédito. Mas o Escritório de Informação da Universidade estava agora "ocupado demais" para divulgar o comunicado.

A 11 de junho, os professores de Berkeley decidiram se reunir para analisar "questões de comportamento ético" na

Universidade. Eleanor Vries anunciou que a APP contratara Melvin Belli, o famoso advogado de São Francisco, "para libertar Amy de seu jugo". O escritório de Belli não quis fazer comentários. Nesse mesmo dia, a equipe do Projeto Amy teve uma súbita e inesperada abertura no mistério dos sonhos de Amy.

Apesar de toda publicidade e tumulto, o grupo continuara a trabalhar diariamente com Amy. Sua angústia permanente, assim como seus acessos de fúria, constituíam um lembrete constante de que não haviam resolvido o problema inicial. Mas persistiram na busca de pistas, embora a abertura, quando finalmente aconteceu, parecesse quase accidental.

Sarah Johnson, assistente de pesquisa, estava fazendo um levantamento de pontos arqueológicos pré-históricos no Congo, na possibilidade improvável de que Amy pudesse ter vivido num local assim ("construções antigas na selva") em sua infância, antes de ser levada para o jardim zoológico de Minneapolis. Johnson descobriu rapidamente os fatos pertinentes sobre o Congo: a região não fora explorada por observadores ocidentais até cem anos antes, nos tempos recentes, tribos hostis e guerra civil tornaram arriscada a investigação científica e, finalmente, o clima úmido da selva não era propício à preservação de artefatos.

Isso significava que se conhecia muito pouco a respeito da pré-história congoleza. Johnson concluiu sua pesquisa em poucas horas. Mas estava relutante em voltar tão depressa de sua missão. Assim, resolveu continuar, procurando outros livros na biblioteca de antropologia: etnografias, histórias, relatos antigos. Os primeiros visitantes do interior do Congo haviam sido mercadores de escravos árabes e negociantes portugueses, havendo diversos relatos escritos de suas viagens. Como Johnson não conhecia árabe nem português, limitou-se a contemplar as ilustrações.

E, de repente, deparou com uma ilustração que, em suas palavras, "fez um calafrio subir-me pela espinha".

Era uma gravura portuguesa, datada originalmente de 1642 e republicada num volume em 1842. A ilustração estava amarelada, mas podia-se ver claramente uma cidade em ruínas na selva, invadida por trepadeiras e gigantescas samambaias. As portas e

janelas eram construídas em arcadas semicirculares, exatamente como nos desenhos de Amy.

- Era o tipo de oportunidade que só ocorre a um pesquisador uma vez na vida... se ele tem sorte - comentou Elliot mais tarde. - É claro que nada sabíamos a respeito da gravura. A legenda estava escrita a mão e incluía uma palavra que parecia "Zinj". Estava datada de 1642. Contratamos imediatamente tradutores versados em árabe arcaico e português do século XVII. Mas não era essa a questão. O importante era que tínhamos uma oportunidade de confirmar uma grande questão teórica. Os desenhos de Amy pareciam um caso evidente de memória genética específica.

A memória genética foi inicialmente proposta por Marais, em 1911, passando a ser vigorosamente debatida desde então. Nos termos mais simples, a teoria propunha que o mecanismo da herança genética, que governava a transmissão de todas as características físicas, não se limitava exclusivamente a estas. Tornava-se evidente que o comportamento era geneticamente determinado nos animais inferiores, que nasciam com um comportamento complexo, sem necessidade de aprendê-lo. Mas os animais superiores tinham um comportamento mais flexível, dependentes do aprendizado e da memória.

A questão era saber se os animais superiores, particularmente os macacos e os homens, tinham algum componente de seu complexo psíquico fixado desde o nascimento pelos genes.

Elliot ficou convencido de que, em Amy, tinha a confirmação de tal memória. Amy fora trazida da África quando tinha apenas sete meses de idade. A menos que tivesse visto aquela cidade em ruínas na infância, os sonhos representavam uma memória genética específica, o que poderia ser confirmado numa viagem à África. Na noite de 11 de junho, a equipe do Projeto Amy chegara a uma conclusão. Se pudessem providenciar tudo - e levantar os recursos necessários - levariam Amy de volta à África.

A 12 de junho, a equipe esperava que os tradutores concluíssem o seu trabalho. Traduções confirmadas deveriam estar

prontas dentro de dois dias. Mas uma viagem à África para Amy e dois membros da equipe custaria pelo menos 30 mil dólares, uma parcela substancial do orçamento anual total do projeto. E transportar uma gorila pela metade do mundo envolvia um emaranhado espantoso de regulamentos alfandegários e meandros burocráticos.

Era evidente que precisavam da ajuda de especialistas, mas não sabiam a quem recorrer. E foi então que, a 13 de junho, a Dra. Karen Ross, de uma das instituições que financiavam o Projeto Amy, o Fundo de Recursos de Vida Selvagem da Terra, telefonou de Houston, informando que estaria comandando uma expedição ao Congo dentro de dois dias. Embora não demonstrasse qualquer interesse em levar Peter Elliot ou Amy, ela transmitiu, pelo menos ao telefone, uma familiaridade confiante da maneira como eram organizadas e dirigidas expedições para cantos remotos do mundo.

Quando ela indagou se poderia ir a São Francisco para uma conversa, o Dr. Elliot respondeu que teria o maior prazer em recebê-la, a qualquer momento.

3. Questões Legais

Peter Elliot haveria de lembrar-se de 14 de junho de 1979 como um dia de súbitos reveses. Começou às oito horas da manhã, em *Sutherland, Morton & O'Connell*, um escritório de advocacia de São Francisco, por causa da ameaçada ação de custódia da APP... uma ação que se tornava ainda mais importante agora que ele planejava levar Amy para fora do país.

Ele reuniu-se com John Morton na biblioteca revestida de madeira do escritório, dando para a Grant Street. Morton tomou diversas anotações num bloco de folhas amarela, enquanto Elliot falava. E, depois, disse:

- Acho que você tem toda razão. Mas deixe-me esclarecer alguns fatos. Amy é uma gorila?

- Isso mesmo. Uma gorila de montanha.

- Idade?

- Ela está agora com sete anos.

- Então ainda é uma criança?

Elliot explicou que os gorilas amadureciam em seis a oito anos. Assim, Amy estava no estágio final da adolescência, o equivalente a uma fêmea humana de 16 anos. Morton escreveu uma anotação.

- Podemos dizer que ela ainda é uma menor?

- E queremos dizer isso?

- Creio que sim.

- Então ela ainda é uma menor.

- De onde ela veio originalmente?

- Uma turista chamada Swenson encontrou-a na África, numa aldeia chamada Bagimindi. A mãe de Amy fora morta pelos nativos, como alimento. A Sra. Swenson comprou-a ainda bebê.

- Então ela não foi gerada em cativeiro - comentou Morton, escrevendo no bloco.

- Não. A Sra. Swenson trouxe-a para os Estados Unidos e a doou ao jardim zoológico de Minneapolis.

- Ela perdeu inteiramente o interesse por Amy?

- Presumo que sim - respondeu Elliot. - Estamos tentando entrar em contato com a Sra. Swenson para descobrir alguma coisa sobre a vida inicial de Amy, mas ela está fora do país. Ao que parece, é uma pessoa que viaja constantemente. Encontra-se neste momento em Bornéu. Mas voltemos à nossa história. Quando Amy foi enviada para São Francisco, telefonei para o jardim zoológico de Minneapolis e perguntei se podia mantê-la para estudos. Eles concordaram, por um prazo de três anos.

- Pagou algum dinheiro por isso?

- Não.

- Houve um contrato escrito?

- Não. Apenas telefonei para a direção do jardim zoológico. Morton acenou com a cabeça.

- Acordo oral... - disse ele, escrevendo. - E o que aconteceu quando o prazo de três anos se esgotou?

- Foi na primavera de 1976. Pedi ao jardim zoológico um prolongamento de seis anos e eles me concederam.

- Também oralmente?

- Exatamente. Resolvi tudo pelo telefone.
- Não houve troca de correspondência?
- Não. Eles não pareciam muito interessados, quando telefonei. Para ser franco, creio que haviam esquecido Amy. Afinal, eles dispõem de mais quatro gorilas.

Morton franziu o, rosto.

- Um gorila não é um animal bastante caro? Não seria um investimento elevado para quem quisesse comprar algum para bicho de estimação ou para um circo?

- Os gorilas estão na lista de espécies em perigo. Assim, não se pode comprá-los como animais de estimação. Seja como for, o valor de um gorila é bastante alto.

- Até que ponto?

- Não existe um valor de mercado definido, mas o preço deve andar pela casa dos 20 ou 30 mil dólares.

- E durante todos esses anos esteve lhe ensinando linguagem?

- Exatamente. Linguagem Americana de Sinais. Ela possui agora um vocabulário de 620 palavras.

- E isso é muito?

- Mais do que qualquer outro primata conhecido.

Morton tornou a assentir, escrevendo no bloco.

- Trabalha com ela na pesquisa todos os dias?

- Trabalho.

- Ótimo - comentou Morton. - Isso tem sido muito importante nos casos de custódia de animais até agora.

Há mais de cem anos que havia movimentos organizados nos países ocidentais pela suspensão de experiências com os animais.

Eram liderados pelos contrários à vivisseccão e associações protetoras de animais. Originalmente, tais organizações eram uma espécie de refúgio de lunáticos amantes dos animais, determinados a acabarem com todas as pesquisas nesse campo.

Ao longo dos anos, os cientistas haviam desenvolvido uma defesa comum, aceita pelos tribunais. Os pesquisadores argumentavam que suas experiências tinham o objetivo de melhorar

a saúde e bem-estar da humanidade, uma prioridade superior ao bem-estar animal. Ressaltavam que ninguém protestava contra a utilização de animais como bestas de carga ou no trabalho agrícola, uma vida de servidão a que os animais vinham sendo submetidos há milhares de anos. O uso de animais em experiências científicas simplesmente representava uma projeção da idéia de que os animais eram os servidores dos empreendimentos humanos.

Além do mais, os animais eram literalmente bestas. Não tinham percepção de si mesmos, não tinham qualquer consciência de sua existência na natureza. Isso significava, nas palavras do filósofo George H. Mead, que "os animais não têm direitos. Temos o direito de reduzir suas vidas. Nenhum erro é cometido quando se tira a vida de um animal. Ele não perde coisa alguma..."

Muitas pessoas ficaram contrafeitas com tais opiniões. Mas as tentativas de definir regulamentos esbarraram prontamente em problemas lógicos. O mais óbvio estava relacionado com as percepções de animais no fundo da escala filogenética. Poucos pesquisadores operavam cachorros, gatos e outros mamíferos sem anestesia. Mas que dizer de anelídeos, sanguessugas, lagostas ou lulas? Ignorar essas criaturas era uma forma de "discriminação taxonômica". Mas se esses animais mereciam consideração, não deveria também ser ilegal jogar uma lagosta viva num caldeirão de água fervendo?

A questão do que constituía crueldade com os animais era con.:sa até mesmo para as próprias sociedades protetoras. Em alguns

balsas, elas lutavam pelo extermínio de ratos. Em 1968, ocorrera o bizarro caso farmacêutico australiano.

Uma nova fábrica de produtos farmacêuticos foi construída na parte ocidental da Austrália. Nesta fábrica, todas as pílulas saíam numa correia transportadora. Uma pessoa devia ficar observando a correia, apertando botões para separar as pílulas em recipientes diferentes, de acordo com o tamanho e cor. Um behaviorista animal comentou que seria muito simples ensinar a pombos o trabalho de observar as pílulas e bicar teclas coloridas, efetuando o serviço de separação. A incrédula direção da fábrica concordou com a

realização de um teste. Os pombos demonstraram que podiam executar o serviço satisfatoriamente e foram colocados na linha de montagem. A Sociedade Protetora dos Animais interveio para acabar com o processo, alegando que representava uma crueldade para com os animais. O trabalho voltou a ser realizado por um ser humano, para o qual, aparentemente, não representava uma crueldade.

Diante de tais ironias, os tribunais hesitavam em interferir nas experiências com animais em termos práticos, os pesquisadores estavam em liberdade de fazer o que bem desejassem. O volume de pesquisa animal era extraordinário: durante a década de 1970, 64 milhões de animais foram mortos anualmente em experiências nos Estados Unidos.

Mas as atitudes haviam mudado lentamente. Estudos de linguagem com golfinhos e macacos deixaram evidente que esses animais não apenas eram inteligentes, mas também dotados de auto-proteção, sendo capazes de se reconhecerem em espelhos e fotografias.

- Amy chora quando a deixo - informou Elliot.
- Quando realiza experiências, obtém a permissão dela?
- Sempre.

Elliot sorriu. Era evidente que Morton não tinha a menor idéia da convivência cotidiana com Amy. Era essencial obter a permissão dela para qualquer coisa, até mesmo um passeio de carro. Amy era muito forte e podia ser voluntariosa e obstinada.

- Mantém um registro da aquiescência dela?
- Videoteipes.
- Ela compreende as experiências que você propõe?

Elliot deu de ombros.

- Ela diz que compreende.
- Adota um sistema de recompensas e punições?
- É o que fazem todos os behavioristas animais.

Morton franziu o rosto.

- Quais são as formas de punição?
- Quando ela se comporta mal, eu a obrigo a ficar de pé no canto, olhando para a parede. Ou a mando mais cedo para a cama,

sem fazer a sua última refeição de manteiga de amendoim e geléia.

- Não há tortura e tratamentos de choque?

- Isso é absurdo.

- Nunca a castiga fisicamente?

- Ela é bem grande. Geralmente me preocupo com a possibilidade de Amy ficar zangada e resolver me castigar.

Morton sorriu e se levantou.

- Tenho certeza de que não haverá maiores problemas. Qualquer tribunal vai decidir que Amy é sua pupila e que é o único que deve decidir qualquer coisa no caso dela. - Ele hesitou por um instante. - Sei que parece estranho, mas poderia pôr Amy no banco de testemunhas?

- Creio que sim. Mas acha que chegará a esse ponto?

- Não neste caso - respondeu Morton. - Mais cedo ou mais tarde, porém, isso acontecerá. Pode estar certo: dentro de dez anos haverá um caso de custódia envolvendo um primata que é capaz de linguagem e prestará depoimento no tribunal.

Elliot apertou-lhe a mão e indagou, antes de se retirar:

- Por falar nisso, haveria algum problema se eu a levasse para fora do país?

- Se houver uma ação de custódia, você pode ter dificuldade em levá-la para outro Estado. Está planejando levá-la para fora do país?

- Estou, sim.

- Então, meu conselho é para fazê-lo bem depressa e não contar a ninguém.

Elliot entrou em seu gabinete, no terceiro andar do prédio do Departamento de Zoologia, pouco antes das nove horas. Sua secretária, Carolyn, disse:

- Uma tal de Dra. Ross, do Fundo de Vida Selvagem, telefonou de Houston. Ela está a caminho de São Francisco. Um certo Sr. Hakamichi telefonou três vezes. Diz que é importante. A reunião da equipe do Projeto Amy está marcada para 10 horas. E "Ventania" está em sua sala.

- É mesmo?

James Weldon era um professor sênior do Departamento, um homem fraco e insinuante. Weldon "Ventania" era geralmente representado nos *cartoons* do Departamento com um dedo úmido suspenso no ar; era um mestre na arte de saber para que lado o vento soprava. Há vários dias que ele vinha evitando Peter Elliot e sua equipe.

Elliot entrou em sua sala.

- Ora, ora, Peter, meu rapaz! - disse Weldon, estendendo-se para oferecer a sua versão de um aperto de mão caloroso. - Está chegando cedo.

Elliot ficou imediatamente cauteloso.

- Achei melhor chegar antes da multidão.

Os manifestantes não apareciam antes das 10 horas, às vezes até mais tarde, dependendo do que acertavam com os departamentos de jornalismo das emissoras de televisão. Era assim que as coisas funcionavam atualmente: protesto com hora marcada.

- Eles não vão mais aparecer - informou Weldon, sorrindo.

Ele entregou a Elliot a última edição local do *Chronicle*, com uma notícia na primeira página marcada por uma caneta de tinta preta. Eleanor Vries renunciara a seu cargo como diretora regional da APP, alegando excesso de trabalho e problemas pessoais; um comunicado da APP em Nova York admitia que haviam interpretado erroneamente a natureza e objetivos da pesquisa de Elliot.

- O que significa isso? - indagou Elliot.

- O gabinete de Belli analisou seu estudo e as declarações públicas de Vries sobre tortura. Chegaram à conclusão de que a APP estava exposta a um grande processo por calúnia. O escritório de Nova York está apavorado. Eles vão tentar um contato com você ainda hoje. Pessoalmente, espero que se mostre compreensivo.

Elliot arriou em sua cadeira.

- O que me diz da reunião do corpo docente na próxima semana?

- Ora, isso é essencial - respondeu Weldon. - Não resta a menor dúvida de que o corpo docente vai querer discutir o comportamento pouco ético... por parte dos meios de comunicação.

Deverá ser aprovada uma declaração firme, apoiando-o integralmente. Estou preparando uma declaração agora.

A ironia da situação não escapou a Elliot.

- Tem certeza de que quer correr esse risco?

- Espero que saiba que estou com você, mil por cento.

Weldon estava irrequieto. Começou a andar de um lado para outro da sala, olhando para as paredes, cobertas pelos desenhos que Amy fizera com os dedos. Era evidente que ele estava pensando em alguma coisa. Finalmente, perguntou:

- Ela continua a fazer esses mesmos desenhos?

- Continua.

- E ainda não tem a menor idéia do que significam?

Elliot pensou por um instante. Na melhor das hipóteses, era prematuro contar a Weldon o que eles pensavam respeito do significado dos desenhos.

- Não, não tenho.

- Tem certeza? - insistiu Weldon, franzindo o rosto. - Acho que alguém sabe o que significam.

- Por que diz isso?

- Uma coisa muito estranha aconteceu. Alguém propôs comprar Amy.

- Comprar? Como assim

- Um advogado de Los Angeles telefonou para o meu gabinete ontem e ofereceu 150 mil dólares por Amy.

- Deve ser algum filantropo rico tentando salvar Amy da tortura - comentou Elliot.

- Não creio. Por um lado, a oferta veio do Japão. Alguém chamado Hakamichi... que tem alguma coisa a ver com a indústria eletrônica, em Tóquio. Descobri isso quando o advogado tornou a telefonar, esta manhã, aumentando a oferta para 250 mil dólares.

- Duzentos e cinqüenta mil dólares? - repetiu Elliot. - Por Amy?

Claro que isso era inadmissível. Ele nunca a venderia. Mas por que alguém haveria de oferecer tanto dinheiro? Weldon tinha uma resposta.

- Esse tipo de dinheiro, um quarto de milhão de dólares, só pode vir da iniciativa particular. Evidentemente, Hakamichi leu a respeito do seu trabalho e encontrou um uso para primatas falantes num contexto industrial.

Weldon olhou para o teto, um indício certo de que estava prestes a mostrar-se eloqüente.

- Creio que um novo campo pode estar se abrindo neste caso, o treinamento de primatas para aplicações industriais no mundo real.

Peter Elliot soltou uma imprecação. Não estava ensinando linguagem a Amy a fim de meter-lhe um capacete na cabeça urna marmitta na mão. E foi o que disse.

- Não está pensando em todos os aspectos do problema - acrescentou Weldon. - E se estivermos à beira de um novo campo de comportamento aplicado para os grandes macacos? Pense no que isso significa. Não apenas recursos abundantes para o Departamento, mas também uma oportunidade para pesquisa aplicada. E mais importante do que isso: haveria urna razão para manter esses animais vivos. Sabe muito bem que os grandes macacos estão próximos da extinção. O número de chimpanzés na África está consideravelmente reduzido. Os orangotangos de Bornéu estão perdendo o seu *habitat* natural para os lenhadores e estarão extintos dentro de dez anos. O gorila está reduzido a três mil nas florestas centrais africanas. Esses animais vão desaparecer ainda em nossas vidas... a menos que haja um motivo para mantê-los vivos, como espécie. Você pode proporcionar esse motivo, Peter. Pense nisso.

Elliot pensou e debateu o assunto na reunião da equipe do Projeto Amy, às dez horas. Analisaram as possíveis aplicações industriais para os macacos e as possíveis vantagens para os patrões, como a ausência de sindicatos e benefícios secundários. Ao final do século XX, esses problemas eram da maior importância. (Em 1978, para cada automóvel que saía das linhas de montagem de Detroit, o custo dos benefícios de saúde do operário superavam o custo de todo o aço usado na fabricação do carro.)

Mas acabaram chegando à conclusão de que uma visão de "macacos industrializados" era extremamente exagerada, fantasiosa. Uma gorila como Amy não era uma versão barata e estúpida de um operário humano. Muito ao contrário: Amy era uma criatura altamente inteligente e complexa, fora do seu elemento no mundo industrial moderno. Ela exigia muita supervisão, era caprichosa e instável, sua saúde estava sempre em perigo, não fazia o menor sentido usá-la na indústria. Se Hakamichi tinha visões de macacos manejando soldas, numa linha de montagem microeletrônica, construindo aparelhos de televisão e estereofônicos, estava profundamente desinformado.

O único comentário de advertência partiu de Bergman, o psicólogo infantil:

- Um quarto de milhão de dólares é muito dinheiro e Hakamichi provavelmente não é nenhum tolo. Deve ter tomado conhecimento de Amy através dos desenhos, que indicam que ela é neurótica e difícil. Se ele está interessado nela, aposto que é por causa dos desenhos. Só não consigo imaginar por que esses desenhos valem um quarto de milhão de dólares.

Ninguém mais era capaz de imaginar e a conversa desviou-se para os próprios desenhos e os textos recentemente traduzidos. Sarah Johnson, encarregada dessa parte da pesquisa, começou com uma declaração categórica:

- Tenho más notícias a respeito do Congo^{1}.

Pela maior parte da história registrada, explicou ela, nada se conhecia a respeito do Congo. Os antigos egípcios, no Alto Nilo, sabiam apenas que seu rio se originava muito ao sul, numa região a que chamavam de Terra de Árvores. Um lugar misterioso, com florestas tão densas que eram escuras como a noite, em pleno dia. Criaturas estranhas habitavam essa escuridão eterna, inclusive homenzinhos com rabos e animais meio pretos, meio brancos.

Por quase quatro mil anos depois, nada mais substancial descobriu-se a respeito do interior da África. Os árabes chegaram à África Oriental no século VII de nossa era, em busca de ouro, marfim, especiarias e escravos. Mas os árabes eram marujos mercadores e não se aventuravam pelo interior. Chamavam o interior

de Zinj, a Terra dos Pretos, uma região de fábula e fantasia. Havia histórias de vastas florestas e homenzinhos com caudas; histórias de montanhas que cuspiam fogo e deixavam o céu preto, histórias de aldeias de nativos invadidas por macacos, que mantinham relações com as mulheres, histórias de gigantes com corpos peludos e narizes achatados, histórias de criaturas que eram metade humanas, metade leopardo, histórias de mercados nativos em que as carcaças engordadas de homens eram retalhadas e vendidas como iguarias saborosas.

Tais histórias eram suficientemente aterradoras para manter os árabes na costa, apesar de outras histórias sedutoras: montanhas de ouro, leitos de rios refulgindo como diamantes, animais que falavam a linguagem de homens, grandes civilizações na selva, de incomparável esplendor. Uma história em particular era repetida constantemente nos relatos mais antigos: a história da Cidade Perdida de Zinj.

Segundo a lenda, uma cidade conhecida pelos hebreus dos tempos salomônicos fora uma fonte de incalculável riqueza em diamantes. A rota de caravana para a cidade fora zelosamente guardada, passando de pai para filho, como uma herança sagrada, geração após geração. Mas as minas de diamantes haviam se esgotado e a própria cidade estava agora em ruínas, no coração negro da África. As rotas de caravana há muito que haviam sido tragadas pela selva e o último mercador que se lembrava do caminho levava o segredo para o túmulo, há muitas centenas de anos.

Os árabes chamavam esse lugar misterioso e sedutor de Cidade Perdida de Zinj ^{2}. Contudo, apesar da fama antiga, Johnson encontrara poucas descrições detalhadas da cidade. Em 1187, Ibn Baratu, um árabe de Mombasa, registrou que "os nativos da região falam... de uma cidade perdida no interior chamada Zinj. Os habitantes, que são pretos, viviam outrora no luxo e riqueza, até mesmo os escravos se enfeitavam com jóias, especialmente diamantes azuis, que existem por lá em grande quantidade".

Em 1292, um persa chamado Mohammed Zaid informou que "um diamante grande, do tamanho de um punho cerrado de um

homem... foi exibido nas ruas de Zanzibar e todos diziam que vinha do interior, onde podem ser encontradas as ruínas de uma cidade chamada Zinj, em que tais diamantes existem em profusão, espalhados pelo chão e também nos rios..."

Em 1334, outro árabe, Ibn Mohammed, declarou que "nosso grupo fez preparativos para procurar a cidade de Zinj, mas a busca foi posta de lado, ao sabermos que a cidade estava há muito abandonada e em ruínas. Dizem que a aparência da cidade é estranha e maravilhosa, pois portas e janelas estão construídas no formato de uma meia-lua. Dizem também que a cidade está agora dominada por uma raça violenta de homens peludos, que falam em sussurros, numa língua que ninguém conhece..."

E depois chegaram os portugueses, os exploradores incansáveis. Em 1544, eles se aventuraram pelo interior, partindo da costa ocidental e subindo pelo impetuoso Rio Congo. Mas logo depararam com todos os obstáculos que impediram a exploração da região central da África por centenas de anos. O Congo não é navegável além das primeiras corredeiras encontradas, 300 quilômetros para o interior (o ponto em que se situa a antiga *Leopoldville*, atual *Kinshasa*). Os nativos eram hostis e canibais. E a selva quente e sufocante era uma fonte de doenças - malária, doença do sono, esquistossomose, tifo - que dizimavam os intrusos estrangeiros.

Os portugueses jamais conseguiram penetrar na região central do Congo. Os ingleses também não conseguiram. A expedição comandada pelo Capitão Brenner, em 1644, perdeu-se totalmente. O Congo permaneceria por mais 200 anos como uma mancha vazia nos mapas civilizados do mundo.

Mas os primeiros exploradores brancos repetiram as lendas sobre o interior, inclusive a história de Zinj. Um pintor português, Juan Diego de Valdez, fez um quadro bastante aclamado da Cidade Perdida de Zinj, em 1642.

- Mas ele também desenhava homens com caudas e macacos mantendo relações carnais com mulheres nativas - acrescentou Sarah Johnson.

Alguém soltou um resmungo e ela continuou:

- Aparentemente, Valdez era aleijado. Passou toda a sua vida na cidade de Setúbal, bebendo com marujos e fazendo desenhos baseados em suas conversas.

A África não fora meticulosamente explorada até meados do século XIX, por Burton e Speke, Baker e Livingstone, e especialmente Stanley. Nenhum deles encontrou quaisquer vestígios da Cidade Perdida de Zinj. Nenhum indício da cidade fora descoberto nos cem anos que haviam transcorrido desde então.

Uma depressão profunda se abateu sobre os membros do Projeto Amy. Sarah Johnson comentou:

- Eu disse que eram más notícias.

- Pelo que entendi - disse Peter Elliot - o desenho está baseado numa descrição e não sabemos se a cidade realmente existe.

- Infelizmente, é isso mesmo - confirmou Sarah Johnson.

- Não há qualquer prova de que a cidade representada no desenho existe. É apenas uma história.

4. Resolução

A confiança incontestável de Peter Elliot nas informações concretas do século XX deixava-o despreparado para a possibilidade da ilustração de 1642, com todos os seus detalhes, ser apenas a especulação fantasiosa de um artista desinibido. A notícia foi um tremendo choque.

Os planos de levar Amy para o Congo pareceram de repente infantilmente ingênuos. A semelhança dos desenhos esquemáticos de Amy com a gravura de 1642 de Valdez tratava-se, obviamente, de uma coincidência. Como eles puderam imaginar que uma Cidade Perdida de Zinj pudesse ser qualquer outra coisa além de mera fábula antiga? No mundo do século XVII, de horizontes se alargando e novas maravilhas surgindo, a idéia de uma cidade assim pareceria perfeitamente razoável, até mesmo irresistível. Mas, no século XX dos computadores, a Cidade Perdida de Zinj era tão improvável quanto Camelot ou Xanadu. Haviam sido tolos ao levarem tal possibilidade a sério. E Elliot murmurou:

- A cidade perdida não existe.

- Mas claro que existe - disse ela. - Quanto a isso, não resta a menor dúvida.

Elliot levantou os olhos bruscamente e descobriu que não fora Sarah Johnson quem lhe respondera. Uma mulher alta e esguia, de vinte e poucos anos, estava de pé nos fundos da sala. Poderia ser considerada bonita, se não fosse por sua atitude fria e objetiva. Vestia um costume austero e carregava uma pasta de executivo, que pôs agora em cima da mesa e abriu.

- Sou a Dra. Ross, do Fundo de Vida Selvagem - anunciou ela. - Gostaria de saber a opinião de vocês a respeito destas fotografias.

Ela foi passando as fotografias, contempladas pela equipe com um sortimento de assovios e suspiros. A cabeceira da mesa, Elliot esperou impacientemente que as fotografias chegassem às suas mãos.

Eram imagens granuladas, em preto-e-branco, com listras horizontais, fotografadas de uma tela de vídeo. Mas as imagens eram inconfundíveis: uma cidade em ruínas na selva, com portas e janelas estranhas, no formato de crescentes invertidos.

5. Amy

- Por satélites? - repetiu Elliot, percebendo a tensão na própria voz.

- Isso mesmo. As imagens foram transmitidas da África via satélite há dois dias.

- Conhece então a localização destas ruínas?

- Claro.

- E sua expedição parte dentro de algumas horas?

- Seis horas e 23 minutos, para ser mais exata - disse Karen Ross, olhando para o relógio digital.

Elliot suspendeu a reunião e conversou particularmente com Karen Ross por mais de uma hora. Mais tarde, ele alegou que Ross o "enganara" quanto ao objetivo da expedição e os riscos que teriam de enfrentar. Mas Elliot estava ansioso em partir e, provavelmente,

não seria muito exigente com os motivos por trás da expedição iminente de Ross ou os perigos envolvidos. Como um eficiente articulador de doações e financiamentos, há muito que se acostumara com situações em que o dinheiro das outras pessoas e suas próprias motivações não coincidem exatamente. Era esse o lado cínico da vida acadêmica: quanta pesquisa pura fora financiada porque podia curar o câncer? Um pesquisador prometia qualquer coisa para conseguir dinheiro.

Aparentemente, nunca ocorreu a Elliot que Ross podia estar usando-o tão friamente quanto ele a usava. Desde o início, Ross não foi inteiramente sincera. Fora instruída por Travis para explicar a missão da ERTS no Congo com "um mínimo de informações". Isso era quase uma segunda natureza em Karen Ross. Todos na ERTS aprendiam a não dizer nada mais além do estritamente necessário.

Elliot tratou-a como se ela fosse apenas a representante de uma agência de financiamento comum, o que era um grave equívoco.

Em última análise, Ross e Elliot enganaram-se nos julgamentos mútuos, pois cada um apresentava uma imagem falsa e da mesma forma. Elliot parecia tímido e retraído, a tal ponto que um dos professores de Berkeley comentara:

- Não é de admirar que ele tenha devotado sua vida aos macacos. Afinal, não tem coragem de falar com as pessoas.

Mas Elliot fora um obstinado jogador de futebol americano nos tempos de estudante e seu comportamento acadêmico retraído encobria uma ambição implacável.

Karen Ross, apesar de sua beleza juvenil, suave e sedutor sotaque do Texas, possuía grande inteligência e uma profunda dureza interior. (Ela amadurecera cedo e uma professora da escola secundária certa ocasião a avaliara como "a própria flor da feminilidade viril do Texas".) Ross sentia-se responsável pela expedição anterior da ERTS e estava determinada a retificar os erros passados. Era pelo menos possível que Elliot e Amy pudessem ajudá-la quando chegasse ao local. Isso já era motivo suficiente para levá-los. Além do mais, Ross estava preocupada com o consórcio, que obviamente andava à procura de Elliot, já que Hakamichi não

parava de telefonar. Se levasse Elliot e Amy, ela removia uma possível vantagem para o consórcio... o que também era, por si só, motivo suficiente para levá-los. Finalmente, ela precisava de uma cobertura, no caso da expedição ser detida em alguma fronteira... e um primatologista e uma gorila proporcionavam uma cobertura perfeita.

Mas, em última análise, Karen Ross queria apenas os diamantes do Congo... e, para obtê-los, estava disposta a dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa, sacrificar qualquer coisa.

Nas fotografias tiradas no aeroporto de São Francisco, Elliot e Ross parecem dois jovens acadêmicos sorridentes, embarcando para uma alegre expedição à África. Mas, na verdade, suas motivações eram diferentes e deliberadamente ocultas. Elliot relutava em revelar como os seus objetivos eram teóricos e acadêmicos... e Ross relutava em confessar como os seus eram pragmáticos.

Seja como for, por volta de meio-dia de 14 de junho, Karen Ross descobriu-se viajando no avariado sedan Fiat de Peter Elliot, avançando pela *Hallowell Road*, passando pelo campo de esportes da universidade. Karen tinha algumas apreensões, pois estavam indo se encontrar com Amy.

Elliot destrancou a porta, em que estava pendurado um cartaz vermelho, dizendo: NÃO PERTURBE. EXPERIÊNCIA ANIMAL EM ANDAMENTO. Por trás da porta, Amy grunhia impacientemente. Elliot disse a Ross, antes de abrir a porta:

- Ao conhecê-la, lembre-se de que ela é uma gorila e não um ser humano. Os gorilas possuem a sua própria etiqueta. Não fale alto nem faça movimentos bruscos até que ela se acostume com você. Se sorrir, não mostre os dentes, porque dentes á mostra representam uma ameaça. E mantenha os olhos abaixados, porque olhares diretos de estranhos são hostis. Não fique parada muito perto de mim nem me toque, porque Amy é muito ciumenta. Se falar com ela, não minta. Embora use a linguagem de sinais, Amy compreende a maior parte da fala humana e geralmente nos limitamos a falar com ela. Ela pode perceber quando você está mentindo e não gosta.

- Não gosta?
- Ela passaria a ignorá-la, recusando-se a falar com você, mostrando-se irritada.
- Mais alguma coisa?
- Não. Acho que tudo vai correr bem. - Elliot sorriu, tranqüilizadamente. - Não se assuste. Temos um cumprimento tradicional, muito embora ela esteja ficando um pouco grande para isso.

Ele abriu a porta e preparou-se, dizendo:

- Bom-dia, Amy.

Um imenso vulto preto pulou através da porta para os braços de Elliot. Ele cambaleou sob o impacto. Karen Ross ficou atônita pelo tamanho do animal. Estava imaginando alguma coisa menor, mais mimosa. Amy era tão grande quanto urra fêmea humana adulta.

Amy beijou Elliot no rosto com os lábios grandes, a cabeça preta parecendo enorme ao lado da cabeça dele. A respiração dela deixou os óculos de Elliot embaçados. Karen Ross sentiu um cheiro adocicado e ficou observando enquanto Elliot gentilmente tirava os braços de Amy dos seus ombros.

- Amy feliz esta manhã? - perguntou ele.

Os dedos de Amy moveram-se rapidamente, perto do rosto, como se estivessem afugentando moscas.

- Tem razão, cheguei tarde hoje - disse Elliot.

Ela tornou a mexer os dedos. Ross compreendeu que Amy estava falando com sinais. A rapidez era surpreendente, pois esperava algo mais lento e mais deliberado. Ela notou que os olhos de Amy jamais se desviavam do rosto de Elliot. Estava extraordinariamente atenta, focalizando-o com alerta animal total. Parecia absorver tudo, a postura de Elliot, a expressão, o tom de voz, além das palavras.

- Tive de trabalhar - disse Elliot. Amy suspirou de novo, rapidamente, como gestos humanos de contrariedade. - Isso mesmo, pessoas trabalhar.

Elliot levou Amy para o interior do trailer e fez sinal para que Karen Ross o seguisse. Dentro do trailer, ele disse:

- Amy, esta é a Dra. Ross. Diga alô para a Dra. Ross.

Amy olhou para Karen Ross, desconfiada.

- Olá, Amy - disse Karen Ross, sorrindo para o chão.

Ela sentia-se um pouco tola, por se comportar daquela maneira. Mas Amy era grande o bastante para assustá-la.

Amy ficou olhando para Karen Ross por um momento, depois afastou-se para o outro lado do trailer, até seu cavalete de pintura. Estava pintando com os dedos e agora retomou a atividade, ignorando-os.

- O que significa isso? - indagou Ross, sentindo nitidamente que estava sendo esnobada.

- Veremos - respondeu Elliot.

Depois de um momento, Amy tornou a aproximar-se deles. Foi diretamente para Karen Ross, farejou-lhe a virilha, examinou-a meticulosamente. Parecia particularmente interessada na bolsa de couro de Ross, que tinha um fecho brilhante de latão. Ross comentou, mais tarde:

- Foi quase como um coquetel em Houston. Era como se eu estivesse sendo examinada por outra mulher. Tinha a impressão de que a qualquer momento ela perguntaria onde eu comprara as minhas roupas.

Mas não foi isso o que aconteceu. Amy estendeu a mão e, deliberadamente, derramou gotas de tinta verde do seu dedo na saia de Ross.

- Não creio que as coisas estejam correndo muito bem - murmurou Karen Ross.

Elliot observava o progresso daquele primeiro encontro com mais apreensão do que estava disposto a admitir. Apresentar novos humanos a Amy era muitas vezes difícil, especialmente quando se tratava de mulheres.

Ao longo dos anos, Elliot aprendera a reconhecer muitas características nitidamente "femininas" em Amy. Ela podia se mostrar recatada, reagir a lisonjas, preocupava-se com sua aparência, adorava maquiagem, era exigente com a cor das suéteres que usava no inverno. Preferia homens a mulheres e se mostrava francamente ciumenta das amigas de Elliot. Ele raramente as levava

para conhecer Amy. Mas algumas vezes, pela manhã, Amy o farejava em busca de perfume e sempre comentava, se ele não trocara de roupa.

A situação poderia ser divertida, se não fosse pelos ataques ocasionais inesperados de Amy a mulheres estranhas. E um ataque de Amy nada tinha de engraçado.

Amy voltou ao cavalete e fez sinais:

Não gosta mulher não gosta Amy vão gosta vai embora embora.

- Ora, Amy, seja uma boa gorila - disse Peter.

- O que ela disse? - indagou Ross, encaminhando-se para a pia, a fim de limpar a tinta do vestido.

Peter notou que ela não gritou nem ficou nervosa, como acontecia com muitos visitantes, ao receberem um tratamento inamistoso de Amy.

- Ela disse que gosta do seu vestido - comentou ele.

Amy lançou-lhe um olhar rápido, como sempre fazia quando Elliot a traduzia erradamente.

Amy não mente, Peter não mente.

- Seja boazinha, Amy - disse ele. - Karen é uma boa pessoa humana.

Amy grunhiu e voltou ao seu trabalho, pintando rapidamente.

- O que acontece agora? - perguntou Karen Ross.

- Dê-lhe tempo. - Elliot sorriu, tranquilizador. - Ela precisa de tempo para ajustar-se.

Elliot não se deu ao trabalho de explicar que era pior com os chimpanzés. Eles jogavam fezes nos estranhos, até mesmo nas pessoas que conheciam bem. Os chimpanzés sentiam uma forte necessidade de determinar quem estava no comando e atacavam para estabelecer o seu domínio. Felizmente, os gorilas eram muito menos formais em suas hierarquias de predominância e menos violentos.

Naquele momento, Amy arrancou o papel do cavalete e rasgou-o ruidosamente, espalhando os pedaços ao redor.

- Isso é parte do ajustamento? - perguntou Karen Ross, parecendo mais divertida do que assustada.

- Amy, pare com isso - disse Peter, permitindo que seu tom transmitisse irritação. - Amy...

Amy sentou no meio do chão, cercada pelo papel. Continuou a rasgá-lo, furiosamente, fazendo sinais:

Essa mulher. Essa mulher.

Era um comportamento clássico de deslocamento. Sempre que os gorilas não se sentiam à vontade para uma agressão direta, faziam algo simbólico. Em termos simbólicos, ela estava agora rasgando Karen Ross.

E estava se tornando cada vez mais furiosa, começando o que a equipe do Projeto Amy chamava de "seqüência". Assim como os seres humanos ficavam primeiro com o rosto vermelho, depois retesavam o corpo, em seguida gritavam e arremessavam coisas, antes de finalmente recorrerem à agressão física direta, os gorilas passavam por uma seqüência de comportamento estereotipado, a caminho da agressão física. Rasgar papel seria seguido por movimentos laterais, como os caranguejos, e grunhidos. Depois, ela bateria no chão, fazendo tanto barulho quanto possível.

E finalmente atacaria Karen Ross, se Elliot não interrompesse a seqüência.

- Amy - disse ele, firmemente. - Karen mulher botão.

Amy parou de rasgar o papel. Em seu mundo, "botão" era o termo aceito para uma pessoa de alta posição.

Amy era extremamente sensível a ânimos e comportamentos individuais, não tinha a menor dificuldade em observar a equipe e determinar quem era superior a quem. Entre estranhos, porém, por ser uma gorila, Amy era totalmente alheia às indicações formais de *status* humano. Os principais índices de avaliação, roupas, atitudes e fala, não tinham o menor sentido para ela.

Quando jovem, Amy tinha o hábito inexplicável de atacar guardas. Depois de vários episódios com mordidas e ameaças de ações judiciais, eles finalmente descobriram que Amy achava os uniformes de polícia, com seus botões brilhantes, absolutamente

ridículos. Presumia que qualquer homem vestido tão tolamente devia ser de *status* inferior, podendo ser atacado sem qualquer problema. Depois que lhe ensinaram o conceito de "botão", ela passou a tratar com deferência qualquer pessoa de uniforme.

Amy olhou agora para "botão" Ross com novo respeito. Cercada pelo papel rasgado, parecia subitamente embaraçada, como se tivesse cometido um erro social. Sem que lhe fosse dito qualquer coisa, foi postar-se no canto, virada para a parede.

- O que está acontecendo agora? - perguntou Ross.

- Ela sabe que se comportou de maneira errada.

- E você a obriga a ficar de pé no canto, como uma criança?

Ela não fez por mal.

Antes que Elliot pudesse adverti-la, Karen Ross aproximou-se de Amy, que continuou a olhar fixamente para a parede.

Ross tirou a bolsa do ombro e colocou-a no chão, ao alcance de Amy. Nada aconteceu por um momento. Depois, Amy pegou a bolsa, olhou para Karen, olhou para Peter. E Peter disse:

- Ela vai estragar tudo o que está dentro.

- Não faz mal.

Amy abriu imediatamente o fecho de latão e despejou o conteúdo da bolsa no chão. Começou a procurar, dizendo em sinais:

Batom batom Amy gosta Amy quer batom quer.

- Ela quer o batom.

Karen Ross abaixou-se e encontrou o batom para Amy. Amy tirou a tampa, fez um círculo vermelho no rosto de Karen. Depois sorriu, grunhiu de felicidade, foi até seu espelho, que estava montado no chão. Aplicou batom em si mesma.

- Acho que estamos nos saindo melhor - comentou Karen Ross.

No outro lado da sala, Amy estava agachada diante do espelho, na maior felicidade, lambuzando a cara. Ela sorriu para sua imagem, depois passou batom nos dentes. Parecia uma boa ocasião para fazer-lhe a pergunta.

- Amy quer fazer viagem? - indagou Peter.

Amy adorava viagens e encarava-as como um prêmio especial.

Depois de um dia especialmente proveitoso, Elliot muitas vezes levava-a para um passeio de carro até uma lanchonete *drive-in* próxima, onde ela tomava um suco de laranja, através de um canudo de palha, saboreando a comoção que provocava entre as pessoas presentes. Batom e a oferta de uma viagem constituíam um prazer quase excessivo para a mesma manhã. Ela fez sinal:

Viagem carro?

- Não, não no carro. Viagem comprida. Muitos dias.

Deixar casa?

- Isso mesmo, deixar casa. Muitos dias.

Amy ficou desconfiada. As únicas ocasiões em que deixara a casa por muitos dias haviam sido para hospitalizações, por pneumonia e infecção das vias urinárias. Não haviam sido viagens agradáveis. Ela fez sinais:

Onde ir viagem?

- A selva, Amy.

Houve uma pausa prolongada. A princípio, Elliot pensou que ela não compreendera. Mas Amy conhecia a palavra para selva e seria capaz de reunir tudo. Amy fez sinais para si mesma, pensativa, como sempre acontecia quando estava remoendo as coisas:

Selva viagem, viagem selva ir, viagem selva ir.

Ela largou o batom. Olhou para os pedaços de papel no chão, depois começou a recolhê-los e levar para a cesta.

- O que isso significa? - perguntou Karen Ross.

- Significa que Amy quer fazer uma viagem - respondeu Peter Elliot.

6. Partida

O nariz do jato de carga Boeing 747 estava aberto como uma gigantesca mandíbula, deixando à mostra a caverna interior, intensamente iluminada. O avião viera de Houston para São Francisco naquela tarde. Eram agora nove horas da noite e operários aturdidos embarcavam uma imensa jaula de alumínio, caixas de pílulas de vitaminas, um vaso sanitário portátil, caixas de

brinquedos. Um carregador pegou um copo de Mickey Mouse e contemplou-o, sacudindo a cabeça.

Além da pista de concreto, Elliot esperava com Amy, que cobria os ouvidos contra o zumbido dos motores a jato. Ela fez sinal para Peter:

Pássaro barulhento.

- Vamos voar pássaro, Amy.

Amy nunca voara antes, nunca vira um avião de perto.

Vamos carro, - decidiu ela, olhando para o avião.

- Não podemos ir de carro. Vamos voar.

Voar onde voar? - sinalizou Amy.

- Voar selva.

Isso pareceu deixá-la desconcertada, mas Elliot não queria dar maiores explicações. Como todos os gorilas, Amy tinha aversão à água, recusava-se a atravessar até mesmo pequenos córregos. Ele sabia que Amy ficaria angustiada se soubesse que voariam sobre grandes massas de água. Mudando de assunto, Elliot sugeriu que embarcassem no avião e dessem uma olhada lá por dentro. Ao subirem pela rampa inclinada no nariz do aparelho, Amy sinalizou:

Onde mulher botão?

Elliot não via Ross há cinco horas e ficou surpreso ao descobrir que ela já estava a bordo, falando por um telefone instalado numa parede, uma das mãos cobrindo o ouvido livre, a fim de bloquear o barulho. Elliot ouviu-a dizer:

- Ora, Irving parece achar que é suficiente... Isso mesmo, temos quatro unidades 907 e estamos preparados para igualar e absorver. Dois micro HUDs, isso é tudo... E por que não?

Ela desligou e virou-se para Elliot e Amy.

- Tudo bem? - perguntou ele.

- Tudo ótimo. Vou mostrar as coisas.

Ela foi se embrenhando pelo porão de carga. Elliot seguiu-a, com Amy ao seu lado. Ele olhou para trás e avistou um trator subindo pela rampa com diversas caixas de metal numeradas, com a indicação de INTEC, INC.

- Este é o porão de carga principal - explicou Karen Ross.

Estava repleto de caminhões com tração nas quatro rodas, Land Cruisers, veículos anfíbios, botes infláveis, prateleiras com roupas, equipamentos, alimentos, tudo classificado com códigos de computador, tudo arrumado em módulos. Ross explicou que a ERTS podia equipar uma expedição para qualquer situação geográfica e climática em questão de horas. Não parava de ressaltar a velocidade possível graças à intervenção do computador.

- Por que a pressa? - indagou Elliot.

- Trata-se de uma questão de negócios - respondeu Karen Ross. - Há quatro anos, não havia nenhuma companhia como a ERTS. Agora, existem nove espalhadas pelo mundo e o que todas vendem é vantagem competitiva, significando rapidez. Nos anos 60, uma companhia... uma companhia petrolífera, por exemplo, podia passar meses ou anos investigando um campo provável. Mas isso não é mais competitivo. As grandes decisões financeiras são tomadas em semanas ou dias. O ritmo de tudo se acelerou. Já estamos nos preparando para a década de 1980, quando proporcionaremos as respostas numa questão de horas. Atualmente, o contrato médio da ERTS é de pouco menos de três semanas ou 500 horas. Por volta de 1990, estaremos com um desempenho muito melhor. Um executivo poderá nos telefonar pela manhã, solicitando informações sobre qualquer lugar do mundo, obtendo um relatório completo, transmitido por computador para sua mesa, ao final da mesma tarde, antes de encerrar suas atividades do dia. Ou seja, num prazo de 10 a 12 horas.

Enquanto continuavam, Elliot notou que os caminhões e outros veículos podiam chamar a atenção inicialmente, mas a maior parte do espaço de carga estava ocupada por módulos de alumínio, marcados "C31". Fez o comentário e Karen Ross disse:

- Tem toda razão. Controle de Comunicações e Informação. São componentes micrônicos, o item de maior custo em nossa carga. Quando começamos a equipar expedições, 12 por cento do custo eram para os equipamentos eletrônicos. Agora, o custo está em 31 por cento e aumentando a cada ano que passa. É a parte de comunicações de campo, sensores remotos, defesa e assim por diante.

Ela conduziu-os à parte posterior do avião, onde havia uma área modular de passageiros, bem mobiliada, com um grande painel de computador e beliches para se dormir.

Amy sinalizou: *Boa casa.*

- Também acho.

Foram apresentados a Jensen, um jovem geólogo barbudo, e a Irving Levine, que anunciou ser o "triplo-E". Os dois homens estavam efetuando algum estudo de probabilidade no computador, mas fizeram uma pausa para apertar a mão de Amy, que encarou-os solenemente e depois concentrou sua atenção na tela. Amy ficou encantada com as imagens coloridas na tela e tentou apertar os botões. Ela sinalizou:

Amy brincar caixa.

- Não agora, Amy - disse Elliot, dando uma palmada nas mãos dela.

Jensen perguntou:

- Ela é sempre assim?

- Infelizmente - respondeu Elliot. - Ela gosta de computadores. Vive entre computadores desde que era muito pequena e encara-os como sua propriedade particular. - Ele fez uma pausa, antes de acrescentar: - O que é um triplo-E?

- *Expert* eletrônico da expedição - respondeu Irving, jovialmente. Era um homem baixo com um sorriso brejeiro. - Faço o melhor que posso. Pegamos alguns equipamentos da INTEC e isso é tudo. Só Deus sabe o que os japoneses e alemães vão jogar em cima de nós.

- Lá vai ela! - exclamou Jensen, rindo, enquanto Amy começava a apertar botões.

- Amy, não!

- É apenas um jogo, provavelmente não muito interessante para macacos - comentou Jensen. - Ela não pode fazer mal algum.

Amy sinalizou: *Amy boa gorila.* E recomeçou a apertar botões no computador. Parecia relaxada e Elliot sentiu-se grato pela distração que o computador proporcionava. Ele sempre achava graça da visão do corpo escuro de Amy diante de um painel de

computador. Ela tocava no lábio inferior, pensativa, antes de apertar os botões, no que parecia uma paródia do comportamento humano.

Prática como sempre, Karen Ross trouxe-os de volta a questões objetivas:

- Amy vai dormir num dos beliches?

Elliot sacudiu a cabeça.

- Não. Gorilas esperam fazer uma cama nova todas as semanas. Dê-lhe alguns cobertores e ela vai ajeitá-los para fazer uma cama no chão, dormindo ali.

Ross assentiu.

- E o que me diz de pílulas e medicamentos? Ela vai engolir tudo?

- Normalmente é preciso engambelá-la. Talvez esconder as pílulas num pedaço de banana. Ela tende a engolir a banana sem mastigar.

- Sem mastigar - repetiu Ross, acenando com a cabeça como se isso fosse de extrema importância. - Temos um tratamento padronizado. Providenciarei tudo para ela.

- Amy toma as mesmas vitaminas que as pessoas. A única diferença é que ela precisa de muito ácido ascórbico.

- Nossa previsão é de três mil unidades por dia. Isso é suficiente? Ótimo. E ela vai tolerar a medicação contra a malária? Devemos começar imediatamente.

- De um modo geral - explicou Elliot - ela tem as mesmas reações que as pessoas aos medicamentos.

Ross tornou a assentir.

- A pressurização da cabine vai incomodá-la? Está fixada para uma altitude de 1.500 metros.

Elliot sacudiu a cabeça.

- Amy é uma gorila de montanha, o tipo que costuma viver em altitudes que variam de 1.500 a 3.000 metros. Portanto, ela está adaptada à altitude. Mas é de um clima úmido e desidrata rapidamente. Teremos de forçá-la a tomar líquidos.

- Ela pode usar o banheiro?

- O assento é provavelmente muito alto para ela. Mas eu trouxe o seu vaso portátil.

- Ela o usará?
- Claro.
- Tenho uma coleira nova. Ela a usará?
- Se lhe der como um presente.

Enquanto acertavam outros detalhes das necessidades de Amy, Elliot compreendeu que alguma coisa acontecera durante as últimas horas, quase sem que ele percebesse. O comportamento neurótico de Amy, imprevisível e motivado pelos sonhos, desvanecera-se de repente. Era como se o comportamento anterior fosse irrelevante.

Agora que estava partindo numa viagem, Amy não estava mais soturna e introspectiva. Seus interesses voltavam a ser amplos, ela era outra vez uma jovem gorila. Ele descobriu-se a pensar se os sonhos de Amy, a depressão, os desenhos, tudo enfim, não seriam uma decorrência de seu ambiente confinado de laboratório, por tantos anos.

A princípio, o laboratório fora agradável, como um berço para crianças pequenas. Mas talvez se tornasse um motivo de irritação, em anos posteriores. Talvez Amy estivesse simplesmente precisando de um pouco de excitação.

O excitação pairava no ar. Enquanto conversava com Ross, Elliot sentiu que uma coisa extraordinária estava prestes a acontecer. Aquela expedição com Amy era o primeiro exemplo de um evento que os pesquisadores de primatas previam há anos: a tese Pearl.

Frederick Pearl era um behaviorista animal teórico. Numa reunião da Sociedade Etnológica Americana, em Nova York, em 1972, ele dissera:

- Agora que os primatas aprenderam a linguagem dos sinais, é apenas uma questão de tempo antes que alguém leve um animal para o campo, a fim de prestar assistência no estudo de animais selvagens da mesma espécie. Podemos imaginar primatas dotados de linguagem atuando como intérpretes ou talvez mesmo como embaixadores para a humanidade, em contato com criaturas selvagens.

A tese de Pearl atraía considerável atenção e recursos da Força Aérea dos Estados Unidos, que desde os anos 60 financiava pesquisas lingüísticas. Segundo uma versão, a Força Aérea mantinha um projeto secreto chamado CONTOUR, envolvendo possíveis contatos com formas de vida diferentes. A posição militar oficial era a de que os OVNIS tinham origem natural... mas os militares estavam cobrindo todas as possibilidades. Caso ocorresse um contato extraterreno, era evidente que os elementos lingüísticos possuíam uma importância fundamental. E levar primatas para o campo era considerado um exemplo de contato com "inteligência alienígena", o que explica o financiamento da Força Aérea.

Pearl previra que o trabalho de campo seria encetado antes de 1976, mas tal não acontecera. O motivo era o fato de que, numa análise mais meticulosa, não se podia determinar as vantagens. Afinal, a maioria dos primatas que usavam linguagem ficava tão desconcertada com os primatas selvagens quanto os seres humanos.

Alguns, como o chimpanzé Arthur, referiam-se às criaturas selvagens como "coisas pretas". (Amy, que fora levada ao jardim zoológico para ver outros gorilas, não tivera dificuldade em reconhecê-los. Mas mostrara-se altiva, chamando-os de "gorilas estúpidos" ao descobrir que não respondiam a seus sinais.)

Tais observações levaram outro pesquisador, John Bates, a dizer, em 1977, que "estamos produzindo uma elite animal educada, que demonstra o mesmo esnobismo de um catedrático em relação a um motorista de caminhão.... É altamente improvável que a geração de primatas dotados de linguagem se transformem em embaixadores eficientes no campo. São desdenhosos demais para que isso seja possível".

Mas a verdade era que ninguém realmente sabia o que aconteceria quando um primata fosse levado para o campo. Porque ninguém jamais o fizera antes, Amy seria a primeira.

Às 11 horas, o avião de carga da ERTS taxiou pela pista do Aeroporto internacional de São Francisco, alçando vôo e seguindo para leste, a caminho da África, através da escuridão.

DIA 3: TANGER

1. Verdade do Terreno

Peter Elliot conhecera Amy desde a infância. Orgulhava-se de sua capacidade de prever-lhe as reações, embora só a tivesse conhecido em condições de laboratório. Agora, quando Amy enfrentava novas situações, o comportamento da gorila surpreendeu-o.

Elliot previra que Amy ficaria apavorada com a decolagem e preparara uma seringa com o tranqüilizante Thoralen. Mas o sedativo foi desnecessário. Amy observou Jensen e Levine afivelarem os cintos dos assentos e imediatamente os imitou. Parecia encarar o procedimento como uma brincadeira divertida, embora simplória. Seus olhos se arregalaram quando ouviu o rugido pleno dos motores, mas como os seres humanos ao seu redor não pareciam perturbados, Amy imitou-lhes a indiferença entediada, alteando as sobrancelhas e suspirando, com tédio de tudo aquilo.

Depois que levantaram vôo, no entanto, Amy olhou pela janela e imediatamente entrou em pânico. Desafivelou o cinto de segurança e correu de um lado para outro do compartimento de passageiros, olhando em cada janela, empurrando as pessoas e se lamuriando de terror, enquanto sinalizava:

Onde chão chão onde chão? Lá fora, o chão estava escuro e indistinto. Onde chão?

Elliot aplicou-lhe o Thoralen e depois tratou de arrumá-la, sentando-a e puxando seus cabelos.

Em estado selvagem, os primatas devotavam várias horas do dia se arrumando mutuamente, tirando carrapatos e piolhos. Tal comportamento era importante na ordenação do predomínio social do grupo. Havia um padrão pelo qual os animais se arrumavam

mutuamente e com que freqüência. E como as massagens nas costas para as pessoas, tal comportamento parecia ter um efeito tranqüilizante. Em poucos minutos, Amy relaxou o bastante para perceber que os outros estavam bebendo. Pediu prontamente um "drinque gota verde", a maneira como designava um martini com uma azeitona e um cigarro. Amy tinha permissão para isso em ocasiões especiais, como as festas do departamento. Elliot deu-lhe agora o martini e um cigarro.

Mas o excitamento provou ser demais para ela. Uma hora depois, Amy estava calmamente olhando pela janela e sinalizando. *Imagem bonita* para si mesma quando vomitou. Pediu desculpas, acabrunhada: *Amy desculpa Amy sujeira Amy desculpa*.

- Está tudo bem, Amy - tranqüilizou-a Elliot, afagando-lhe a cabeça.

Pouco depois, sinalizando *Amy dormir agora*, ela retorceu os cobertores num ninho, no chão, pegando no sono imediatamente, roncando pelas narinas dilatadas. Deitado ao lado dela, Elliot pensou: como os outros gorilas conseguem dormir com esse barulho?

Elliot tinha a sua própria reação à viagem. Quando conhecera Karen Ross, presumira que ela fosse uma acadêmica, como ele. Mas aquele avião enorme, repleto de equipamento computadorizado, assim como a complexidade de toda a operação, sugeriam que a ERTS dispunha de imensos recursos por trás, talvez mesmo uma associação militar. Karen Ross rira, quando ele fizera o comentário.

- Somos organizados demais para sermos militares.

Ela falou a seguir sobre o interesse da ERTS em Virunga. Como a equipe do Projeto Amy, Karen Ross também esbarrara com a lenda da Cidade Perdida de Zinj. Mas tirara conclusões completamente diferentes da história.

Durante os últimos 300 anos, houvera diversas tentativas de alcançar a cidade perdida. Em 1692, John Marley, um aventureiro inglês, comandou uma expedição de 200 homens pelo Congo, nunca mais se teve notícias dele ou da expedição. Em 1744, uma expedição holandesa embrenhou-se pelo Congo. Em 1804 outra

expedição britânica, liderada por um aristocrata escocês, Sir James Tagget, aproximou-se de Virunga pelo norte, chegando até a curva Rawana do Rio Ubangi. Ele enviou um grupo com um explorador para o sul, mas os homens nunca voltaram.

Em 1872, Stanley passou perto da região de Virunga, mas não chegou a penetrá-la. Em 1899, uma expedição alemã penetrou na região, perdendo mais da metade de seus homens. Uma expedição italiana, financiada particularmente, desapareceu inteiramente em 1911. Não houvera buscas mais recentes pela Cidade Perdida de Zinj.

- Então, ninguém jamais a encontrou - comentou Elliot. Ross sacudiu a cabeça.

- Acho que diversas expedições encontraram a cidade, mas ninguém jamais voltou de lá.

Tal resultado não era necessariamente misterioso. Os primeiros dias da exploração africana eram excepcionalmente perigosos. Mesmo as expedições cuidadosamente administradas perdiam a metade ou mais de seus efetivos. Os que não sucumbiam à malária, doença do sono ou outras moléstias, enfrentavam rios fervilhando de crocodilos e hipopótamos, selvas com leopardos, nativos desconfiados e canibais. E, apesar de toda a sua vegetação luxuriante, a floresta tropical oferecia poucos alimentos comestíveis, levando diversas expedições a morrerem de fome.

- Comecei com a noção de que a cidade realmente existia - disse Karen Ross a Elliot. - Presumindo que existia, onde poderia encontrá-la?

A Cidade Perdida de Zinj estava associada com minas de diamantes e diamantes eram encontrados junto com vulcões. Isso levou Ross a procurar pelo Vale da Grande Fenda, uma imensa fenda geológica, com 50 quilômetros de largura, que se estendia verticalmente pelo terço oriental do continente, por uma distância de dois mil e 400 quilômetros. O Vale da Grande Fenda era tão vasto que sua existência não fora reconhecida até a década de 1890, quando um geólogo chamado Gregory notou que as paredes de penhascos, separados por uma distância de 50 quilômetros, eram compostas pelas mesmas rochas. Nos tempos modernos, a Grande

Fenda era encarada como uma tentativa malograda de formar um oceano, pois o terço oriental do continente começara a separar-se do resto da massa de terra africana 200 milhões de anos antes. Por qualquer motivo, o movimento cessara antes que o rompimento se consumasse.

Num mapa, a depressão da Grande Fenda era marcada por duas características: uma série de lagos estreitos, verticais, Malawi, Tanganica, Kivu, Mobutu, e uma série de vulcões, incluindo os únicos vulcões ativos da África, em Virunga. Três vulcões na cadeia de Virunga eram ativos: Mukenko, Mubuti e Kanagarawi. Elevavam-se por quatro e cinco mil metros acima do Vale da Grande Fenda, a leste, e da Bacia do Congo, a oeste. Assim, Virunga parecia um bom lugar para se procurar diamantes. A próxima etapa era investigar a verdade do terreno.

- O que é verdade do terreno? - indagou Peter.

- Na ERTS, lidamos principalmente com informações remotas - explicou Karen. - Fotografias de satélites e aéreas, projeções de radar. Dispomos de milhares de imagens remotas, mas não há substituto para a verdade do terreno, a experiência de uma equipe no local, descobrindo o que existe por lá. Comecei com a expedição preliminar que enviamos em busca de ouro. Eles encontraram diamantes também.

Ela apertou botões no painel e as imagens na tela mudaram, luzindo com dezenas de pontos faiscantes.

- Isso mostra os depósitos aluviais nos leitos de córregos perto de Virunga. Pode perceber que os depósitos formam semicírculos concêntricos, levando de volta aos vulcões. A conclusão óbvia é de que os diamantes foram erodidos das encostas dos vulcões de Virunga, sendo levados pelas correntezas para suas localidades atuais.

- Então, despachou um grupo para procurar pela fonte?

- Exatamente. - Karen Ross apontou para a tela. - Mas não se deixe enganar pelo que está vendo aqui. Essa imagem de satélite cobre 130 mil quilômetros quadrados de selva. A maior parte nunca foi vista por homens brancos. É um terreno difícil, com a visibilidade limitada a poucos metros, em qualquer direção. Uma expedição

pode vasculhar a área durante anos, passando a 200 metros da cidade e deixando de percebê-la. Decidi verificar se podia encontrar a cidade.

- Encontrar a cidade por imagens de satélite?
- Isso mesmo. E acabei encontrando.

As florestas tropicais do mundo haviam tradicionalmente frustrado a tecnologia de sensores remotos. As grandes árvores da selva constituíam um dossel impenetrável de vegetação, ocultando tudo o que havia por baixo. Nas imagens aéreas ou de satélites, a floresta tropical do Congo parecia com um tapete vasto e ondulante de um verde informe e monótono. Mesmo as grandes características, os rios de 20 ou 30 metros de largura eram ocultos pelas copas das árvores, tornando-se invisíveis do alto.

Assim, parecia improvável que ela pudesse encontrar algum indício de uma cidade perdida em fotografias aéreas. Mas Ross tinha uma idéia diferente: utilizaria a própria vegetação que lhe obscurecia a visão do solo.

O estudo da vegetação era disseminado nas regiões temperadas, onde a folhagem passava por mudanças sazonais. Mas a floresta tropical equatorial era imutável: inverno ou verão, a vegetação permanecia a mesma. Ross concentrou sua atenção em outro aspecto, as diferenças no albedo da vegetação.

Albedo era tecnicamente definido como a proporção de energia eletromagnética refletida por uma superfície e a quantidade de energia incidente. Em termos de espectro visível, era uma medida de como a superfície era "brilhante". Um rio possuía um albedo elevado, já que a água refletia a maior parte da luz do sol incidente.

A vegetação absorvia a luz e assim tinha um albedo baixo. Começando em 1977, a ERTS desenvolveu programas de computador que mediam o albedo precisamente, efetuando distinções nítidas.

Ross fez-se uma pergunta: se houver uma cidade perdida, que assinatura pode aparecer na vegetação? Havia uma resposta óbvia: selva secundária.

A floresta tropical incólume ou virgem era chamada de selva primária. A selva primária era o que a maioria das pessoas pensava,

ao se falar em floresta tropical: árvores gigantescas, mognos, tecas, ébanos, por baixo uma camada de samambaias e palmeiras, aderindo ao solo. A selva primária era escura e assustadora, mas fácil de se atravessar. Contudo, se a selva primária era limpada pelo homem e depois abandonada, surgia uma vegetação secundária inteiramente diferente. As plantas dominantes eram árvores de rápido crescimento, bambus e espinheiros, que formavam uma barreira densa e impenetrável.

Mas Ross não estava preocupada com qualquer aspecto da selva além do seu albedo. Porque as plantas secundárias eram diferentes, a selva secundária possuía um albedo diferente da selva primária. E se podia classificar pela idade: ao contrário das árvores de madeira dura da selva primária, que viviam centenas de anos, as árvores de madeira mole da selva secundária viviam apenas 20 anos ou pouco mais. Assim, à medida que o tempo passava, a selva secundária era substituída por outra forma de selva secundária, posteriormente por mais outra.

Verificando regiões onde geralmente se encontrava a selva secundária posterior, tais como as margens de grandes rios, onde inúmeros povoados humanos haviam se instalado e depois abandonado o local, Ross confirmou que os computadores da ERTS podiam realmente medir as pequenas diferenças necessárias nos reflexos.

Ela instruíra então aos sensores da ERTS que procurassem diferenças de albedo de 0,3 ou menos, com uma unidade de assinatura de cem metros ou menos, através dos 130 mil quilômetros quadrados da floresta tropical nas encostas ocidentais dos vulcões de Virunga. Esse trabalho poderia ocupar uma equipe de 50 analistas de fotografias aéreas por 31 anos. O computador esquadrinhou 129 mil fotografias de satélites e aéreas em menos de nove horas.

E encontrou a cidade.

Em maio de 1979, Ross tinha uma imagem de computador mostrando um padrão muito antigo de selva secundária, num formato quadriculado geométrico. O padrão estava localizado a 2° norte do equador, longitude de 30°, nas encostas ocidentais do

vulcão ativo de Mukenko. O computador calculava a idade da selva secundária em 500 a 800 anos.

- Então, enviou uma expedição? - indagou Elliot.

Ross assentiu.

- Há três semanas, liderada por um sul-africano chamado Kruger. E a expedição confirmou os depósitos aluviais de diamantes, foi procurar a origem e encontrou as ruínas da cidade.

- E o que aconteceu então?

Elliot passou o videoteipe pela segunda vez.

Na tela, podia ver imagens em preto-e-branco do acampamento, destruído, fumegante. Eram visíveis vários cadáveres com os crânios esmigalhados. Enquanto eles observavam, uma sombra projetou-se sobre os cadáveres. A câmara fez um zoom, para mostrar os contornos da sombra. Elliot concordou que parecia a sombra de um gorila, mas insistiu:

- Gorilas não podem fazer isso. Gorilas são animais pacíficos, vegetarianos.

Ficaram observando a gravação até o final. E depois viram a imagem final reconstituída por Karen, através do computador, mostrando claramente a cabeça de um gorila macho.

- Essa é a verdade do terreno - disse Karen Ross.

Elliot não estava tão certo assim. Ele tornou a passar uma última vez os três segundos finais do videoteipe, olhando atentamente para a cabeça de gorila. A imagem era fugaz, deixando uma trilha fantasmagórica. Mas havia alguma coisa errada. Ele não podia identificar exatamente o que era. Certamente aquele era um comportamento atípico de gorila, mas havia algo mais... Ele apertou o botão de interromper a projeção e ficou olhando fixamente para a imagem paralisada. O rosto e pêlo eram cinzentos, inegavelmente cinzentos.

- Podemos aumentar o contraste? - perguntou ele a Ross.

- A imagem está esmaecida.

- Não sei se é possível - disse Ross, manuseando os controles. - Acho que a imagem está muito boa.

Ela não conseguiu escurecê-la.

- Está muito cinzenta - comentou Elliot. - Os gorilas são muito mais escuros.

- Pois este contraste está correto para o vídeo.

Elliot tinha certeza de que aquela criatura era clara demais para ser um gorila de montanha. Ou estavam vendo uma nova raça de animal ou uma nova espécie. Uma nova espécie de grande macaco, de cor cinzenta, comportamento agressivo, descoberta no leste do Congo... Ele viera naquela expedição para confirmar os sonhos de Amy, uma fascinante percepção psicológica. Mas agora as perspectivas tornavam-se de repente muito mais espetaculares.

- Não acha que seja um gorila? - indagou Ross.

- Há meios de se verificar - murmurou Elliot.

Ele olhava fixamente para a tela, de rosto franzido, enquanto o avião voava pela noite.

2. Problemas B-8

- Está querendo que eu faça o quê? - disse Tom Seamans, ajeitando o fone no ombro e rolando para dar uma olhada no relógio da mesinha-de-cabeceira, que marcava três horas da madrugada.

- Vá ao jardim zoológico - repetiu Elliot.

A voz dele parecia deturpada, como se partisse de debaixo d'água.

- De onde você está telefonando, Peter?

- De algum lugar sobre o Oceano Atlântico. A caminho da África.

- Está tudo bem?

- Está tudo ótimo. Mas quero que você vá ao jardim zoológico assim que amanhecer.

- Para fazer o quê?

- Teipes dos gorilas. Tente mantê-los em movimento. Isso é muito importante para a função discriminante.

- É melhor eu anotar.

Seamans cuidava da programação de computador para a equipe do Projeto Amy e estava acostumado a pedidos estranhos, embora não àquela hora da madrugada.

- Que função discriminante?

- Aproveite também para projetar quaisquer filmes que tenhamos na biblioteca sobre gorilas. Quanto mais espécimes, melhor, contanto que estejam em movimento. E, como base, é melhor você usar chimpanzés. Tudo o que tivermos sobre chimpanzés. Transfira para o teipe e submeta à função.

- Que função? - insistiu Seamans, com um bocejo.

- A função que você vai anotar. Quero uma função discriminante de variáveis múltiplas, baseada nas imagens totais...

- Está se referindo a uma função de reconhecimento-padrão?

Seamans projetara as funções de reconhecimento-padrão para o uso da linguagem por Amy, permitindo-lhes controlar os sinais dela 24 horas por dia. Seamans sentia orgulho desse programa, que era altamente inventivo, à sua maneira.

- Como quiser estruturá-lo - respondeu Elliot. - Quero apenas uma função que discrimine os gorilas de outros primatas, como os chimpanzés. Uma função de diferenciação de espécie.

- Está brincando? - disse Seamans. - Este é um problema B-8!

No campo do desenvolvimento dos programas de computador de reconhecimento-padrão, os chamados problemas B-8 eram os mais difíceis. Equipes inteiras de pesquisadores haviam devotado anos tentando ensinar aos computadores a diferença entre "B" e "8"... precisamente porque a diferença era tão óbvia. Mas o que era óbvio para o olho humano não o era para o sensor do computador. O sensor tinha de ser informado e as instruções específicas haviam sido mais difíceis do que qualquer um previra, especialmente para os tipos manuscritos.

Agora, Elliot queria um programa que distinguísse entre imagens visuais similares de gorilas e chimpanzés. Seamans não pôde deixar de perguntar:

- Por quê? É mais do que óbvio. Um gorila é um gorila, um chimpanzé é um chimpanzé.

- Faça apenas o que estou pedindo.

- Posso usar o tamanho?

Na base do tamanho somente, os gorilas e chimpanzés podiam ser acuradamente distinguidos. Mas as funções visuais não podiam determinar o tamanho, a não ser que a distância para o instrumento de gravação fosse conhecida, assim como a extensão focal da lente de gravação.

- Não, não pode usar o tamanho -- respondeu Elliot. - Apenas o elemento morfológico.

Seamans suspirou.

- Muito obrigado. Que resolução?

- Preciso de limites de confiança de 99 por cento sobre definição de espécie, com base em menos de três segundos de imagem de sensor em preto-e-branco.

Seamans franziu o rosto. Obviamente, Elliot possuía três segundos de imagem de videoteipe de algum animal e não tinha certeza se se tratava ou não de um gorila. Elliot já vira gorilas em quantidade suficiente, ao longo dos anos, para conhecer a diferença: gorilas e chimpanzés eram animais extremamente diferentes em tamanho, aparência, movimentos e comportamento. Eram tão diferentes quanto mamíferos oceânicos diferentes... como toninhas e baleias, por exemplo. Ao efetuar tais discriminações, o olho humano era muito superior a qualquer programa de computador que pudesse ser idealizado. Contudo, aparentemente, Elliot não confiava em seu próprio olho. Em que ele estava pensando?

- Tentarei - disse Seamans. - Mas vai demorar algum tempo. Não se escreve esse tipo de programa da noite para o dia.

- Mas preciso da noite para o dia, Tom. Voltarei a telefonar-lhe dentro de 24 horas.

3. Dentro do Caixão

Num canto do módulo de passageiros do 747 havia uma pequena cabine de fibra de vidro, à prova de som, com um capô móvel e uma tela de computador. Era chamada de "o caixão", por causa da sensação de claustrofobia ao se trabalhar lá dentro. Enquanto o avião sobrevoava o Atlântico, Ross entrou no caixão. Lançou um último olhar para Elliot e Amy, ambos adormecidos,

ambos roncando alto, e para Jensen e Levine, brincando de "caça submarina" no painel de computador.

Ross estava cansada, mas não esperava dormir muito durante as duas próximas semanas, que era o prazo que calculava para a duração da expedição. Dentro de 14 dias, 336 horas, a equipe de Ross teria vencido o consórcio euro-japonês ou então ela teria fracassado e os direitos de exploração mineral em Virunga, no Zaire, estariam perdidos para sempre.

A corrida já começara e Karen Ross não tencionava perdê-la em hipótese nenhuma.

Ela apertou as coordenadas de Houston, inclusive a sua própria designação transmissora. Ficou esperando, enquanto o *scrambler* entrava em ação. A partir daquele momento, haveria um atraso de sinal de cinco segundos nos dois lados, porque tanto ela como Houston estariam enviando transmissões em código, a fim de evitar ouvintes passivos.

A tela brilhou: TRAVIS.

Ela transmitiu em resposta: ROSS. Depois, pegou o telefone.

- A coisa está preta - disse Travis, embora não fosse a voz de Travis, mas sim um sinal de áudio gerado por computador, sem qualquer inflexão.

- Fale-me - disse Ross.

- Os enviados estão em ação.

Ela conhecia o jargão. Travis chamava todos os concorrentes de "enviados". Na maioria dos casos, durante os últimos quatro anos, a concorrência fora dos japoneses. (Travis gostava de dizer: "Nos anos 80, são os japoneses. Nos anos 90, serão os chineses. De qualquer forma, todos têm os olhos enviados, todos trabalham aos domingos e que se dane a partida de futebol. Temos de acompanhar o ritmo.)

- Detalhes - disse Ross.

Ela ficou esperando pela demora de cinco segundos. Podia imaginar Travis no CCC em Houston, ouvindo a voz dela, gerada por computador. A voz sem inflexões exigia uma mudança nos padrões

de fala; o que era normalmente transmitido por ênfase no discurso, tinha de se tornar explícito.

- Eles sabem que você está a caminho. Estão acelerando a sua própria programação. Os alemães estão logo atrás... seu amigo Richter. Estou providenciando uma alimentação dentro de poucos minutos. Essas são as boas notícias.

- E as más notícias?

- O Congo pegou fogo nas últimas dez horas - respondeu Travis. - A situação está incontrolável.

- Imprima.

Na tela, Ross viu impressas as palavras SITUAÇÃO GEOPOLITICA, seguidas por um parágrafo longo. Dizia o seguinte:

EMBAIXADA DO ZAIRE WASHINGTON COMUNICA
FRONTEIRAS LESTE VIA RUANDA FECHADAS / SEM EXPLICAÇÕES /
SUPOSIÇÃO TROPAS IDI AMIN FUGINDO INVASÃO TANZANIANA
UGANDA PARA ZAIRE ORIENTAL / CONSEQÜENTE CONFUSÃO / MAS
FATOS DIVERGEM / TRIBOS LOCAIS (KIGANI) EM REBELIÃO /
INFORMACOES ATROCIDADES E CANIBALISMO ETC /PIGMEUS
HABITANTES FLORESTAS HOSTIS / MATANDO TODOS VISITANTES
FLORESTA TROPICAL CONGO / GOVERNO ZAIRE ENVIOU GENERAL
MUGURU (CONHECIDO COMO CARNICEIRO STANLEYVILLE) /
REPRIMIR REBELIÃO KIGANI "A QUALQUER CUSTO" / SITUAÇÃO
ALTAMENTE INSTÁVEL / ENTRADA LEGAL ZAIRE AGORA APENAS
OESTE ATRAVÉS KINSHASA / ESTA POR CONTA PRÓPRIA /
CAÇADOR BRANCO MUNRO AGORA EXTREMA IMPORTÂNCIA
QUALQUER CUSTO / FIQUE COM ELE POIS CONSORCIO PAGARA
QUALQUER PREÇO / SUA SITUAÇÃO EXTREMO PERIGO / DEVE TER
MUNRO PARA SOBREVIVER /

Karen Ross olhava fixamente para a tela. Era a pior notícia possível. Ela disse:

- Tem uma previsão de tempo?

CONSORCIO EURO-JAPONÊS AGORA COMPREENDE
HAKAMICHI (JAPÃO) GERLICH (ALEMANHA) / VOORSTER
(AMSTERDAM) / INFELIZMENTE RESOLVERAM DIVERGÊNCIAS
AGORA COMPLETO ACORDO / ESTÃO NOS VIGIANDO NÃO POSSO
PREVER TRANSMISSÕES SEGURAS A QUALQUER MOMENTO DAQUI

POR DIANTE / ESPERAR CONTRAMEDIDAS ELETRONICAS E TÁTICAS GUERRILHA EM BUSCA OBJETIVO DOIS-B / VÃO ENTRAR CONGO (FONTE CONFIANÇA) DENTRO 48 HORAS AGORA PROCURAR MUNRO /

- Quando eles chegarão a Tanger? - perguntou Ross.

- Dentro de seis horas. E você?

- Sete horas. E Munro?

- Não sabemos de Munro - disse Travis. - Pode armar uma armadilha?

- Claro. Providenciarei tudo agora. Se Munro não pensar como nós, prometo que se passarão 72 horas antes que ele consiga deixar o país.

- O que você tem?

- Metralhadoras tchecas. Encontradas no local, com as impressões digitais dele, cuidadosamente aplicadas. Deve ser o suficiente.

- Deve ser - concordou Travis. - O que me diz dos seus passageiros?

Ele estava se referindo a Elliot e Amy. Ross respondeu:

- Estão muito bem. Não sabem de nada.

- Pois mantenha-os assim - disse Travis, desligando em seguida.

4. Tempo de Alimentação

- Está na hora da alimentação - anunciou Travis, jovialmente.

- Quem está no cocho?

- Temos cinco grampos na linha Beta - respondeu Rogers, que era o perito em vigilância eletrônica, o homem encarregado de controlar as interceptações das transmissões.

- Alguém que conhecemos?

- Conhecemos todos - disse Rogers, ligeiramente contrariado. - A linha Beta é nosso tronco principal interno. Assim, quem deseja entrar na escuta do nosso sistema vai naturalmente grampeá-la. Recebe mais fragmentos assim. Mas é claro que não

estamos usando mais a Beta, a não ser para o lixo de rotina, decodificado... impostos e folha de pagamento, coisas desse gênero.

- Temos de providenciar uma alimentação - disse Travis.

Uma alimentação significava transmitir dados falsos por uma linha grampeada para que fossem recolhidos. Era uma operação bastante delicada.

- Os enviados estão na linha?

- Claro. Com que está querendo alimentá-los?

- Coordenadas para a cidade perdida.

Rogers assentiu, enxugando a testa. Era um homem corpulento, que suava profusamente.

- Até que ponto vai querer?

- A transmissão deve ser bastante boa. Não vamos enganar os enviados com estática.

- Não quer fornecer as coordenadas genuínas, não é mesmo?

- Claro que não. Mas quero que sejam relativamente próximas. A uma distância de 200 quilômetros, por exemplo.

- É possível.

- Tudo codificado?

- Claro.

- Tem um código que eles possam decifrar num prazo de 12 a 15 horas?

Rogers tornou a assentir.

- Temos um ótimo. Parece infernal, mas estoura quando se começa a trabalhá-lo. Tem uma fraqueza interna na frequência de letras escondidas. Por outro lado, parece que cometemos um erro. Mas é essencialmente decifrável.

- Não pode parecer fácil demais.

- E não vai parecer. Eles farão jus a seus *ienes*. Jamais desconfiarão que se trata de uma alimentação. Testamos com o exército e eles nos procuraram com sorrisos, ensinando-nos uma lição. Jamais desconfiaram que era uma encenação.

- Está certo - disse Travis. - Vamos alimentá-los. Quero algo que lhes proporcione um senso de confiança pelas próximas 48 horas ou mais... até que descubram que os enganamos.

- Será um prazer.

Rogers encaminhou-se para o terminal Beta. Travis suspirou.

A alimentação começaria em breve e ele esperava assim proteger sua equipe no campo... pelo tempo suficiente para que pudessem alcançar primeiro os diamantes.

5. Assinaturas Perigosas

O murmúrio de vozes despertou-o.

- Até que ponto esta assinatura é inequívoca?

- Bastante inequívoca. Aqui está, há nove dias. E nem mesmo foi determinado o epicentro.

- Isso é capa de nuvens?

- Não, não é capa de nuvens. É preto demais. É ejecto da assinatura.

- Oh, diabo!

Elliot abriu os olhos para ver a manhã rompendo, como uma fina linha vermelha contra o preto-azul, através das janelas do compartimento de passageiros. Seu relógio assinalava 5:11... cinco horas da manhã, horário de São Francisco. Dormira apenas duas horas depois que telefonara para Seamans. Ele bocejou e olhou para Amy, enroscada sobre os cobertores, no chão. Amy roncava ruidosamente. Os outros beliches estavam desocupados.

Elliot ouviu novamente vozes baixas e olhou para o painel de computador. Jensen e Levine observavam uma tela e conversavam.

- Assinatura perigosa. Temos uma projeção de computador sobre isso?

- Chegando. Vai demorar um pouco. Pedi um levantamento de cinco anos, além das outras posas.

Elliot saiu de seu beliche e olhou para a tela, indagando:

- O que são posas?

- Passagens Orbitais Significativas Anteriores pelo Satélite - explicou Jensen. - Também chamamos de mijadas, pois geralmente

as pedimos quando já estamos mijando contra o vento. Estamos procurando por esta assinatura vulcânica.

Jensen apontou para a tela, acrescentando:

- Não é muito promissora.

- Que assinatura vulcânica? - indagou Elliot.

Eles mostraram as nuvens turbilhonantes de fumaça, de um verde-escuro, nas cores artificiais geradas por computador, expelidas da cratera do Mukenko, um dos vulcões ativos da cordilheira de Virunga.

- O Mukenko tem uma erupção a cada três anos, em média - disse Levine. - A última erupção foi em março de 1977. Mas parece que o Mukenko está se preparando para outra erupção das grandes, na próxima semana ou por aí. Estamos esperando agora pela avaliação de probabilidade.

- Ross já sabe disso?

Eles deram de ombros.

- Ela sabe, mas não parece preocupada. Recebeu um levantamento geopolítico urgente de Houston há cerca de duas horas e foi para o compartimento de carga. Não a vimos mais, desde então.

Elliot também foi para o mal-iluminado compartimento de carga do jato. O compartimento de carga não tinha aquecimento e estava bastante frio. Os veículos tinham uma fina camada de geada sobre metal e vidro, a respiração sibilava ao sair de sua boca. Ele encontrou Karen Ross trabalhando a uma mesa, sob uma luz baixa. Ela estava de costas, mas interrompeu o que estava fazendo quando Elliot aproximou-se e virou-se para fitá-lo, comentando:

- Pensei que ainda estivesse dormindo.

- Não consegui mais dormir. O que está acontecendo?

- Estou apenas verificando os suprimentos. Esta é a nossa unidade de tecnologia avançada. - Karen Ross levantou uma pequena mochila. - Desenvolvemos um conjunto miniaturizado para expedições de campo. Dez quilos de equipamento contêm tudo o que um homem precisa por duas semanas: comida, água, roupas, tudo mesmo.

- Água também?

Água era pesada. Representava 70 por cento do peso humano, a maior parte do peso da comida era água. Era por isso que alimentos desidratados eram tão leves. Mas a água era mais essencial à vida humana do que a comida. Os homens podiam sobreviver por semanas sem comida, mas morreriam numa questão de horas sem água. E a água era pesada. Ross sorriu.

- O homem médio consome de quatro a seis litros por dia, o que representa de quatro a oito quilos. Numa expedição de duas semanas para uma região desértica, temos de providenciar 90 quilos de água para cada homem. Mas temos uma unidade de reciclagem de água da NASA que purifica todas as secreções, inclusive a urina. Pesa apenas um quilo e meio. É assim que resolvemos o problema.

Vendo a expressão dele, Ross acrescentou:

- Não é tão ruim assim. Nossa água purificada é mais limpa do que a água que sai da torneira.

- Vou aceitar a sua palavra.

Elliot pegou uns estranhos óculos escuros. As lentes eram muito escuras e grossas, havia uma lente peculiar montada no centro.

- Óculos noturnos holográficos - disse Ross. - Usando filme de difração ótica.

Ela apontou depois para uma câmara a salvo de vibrações, com sistemas óticos que compensavam qualquer movimento, luzes estroboscópicas infravermelhas e lasers em miniatura que não eram maiores do que um lápis. Havia também diversos pequenos tripés com motores. Ross não explicou esses artefatos, limitando-se a comentar que eram "unidades defensivas".

Elliot encaminhou-se para uma mesa distante, onde encontrou seis metralhadoras, sob as luzes fortes. Pegou uma. Era pesada, rebrilhava de graxa. Pentes de munição estavam empilhados ao lado.

Elliot não percebeu os letreiros nas coronhas. As metralhadoras eram AK-47, russas, fabricadas sob licença na Tchecoslováquia.

Ele olhou para Ross, que lhe disse:

- Uma simples precaução. Sempre levamos armas assim em cada expedição. Não significa nada.

Elliot sacudiu a cabeça.

- Fale-me da mensagem que recebeu de Houston.

- Não estou preocupada com o problema.

- Mas eu estou.

Conforme Karen Ross explicou, tratava-se simplesmente de um relatório técnico. O governo do Zaire fechara as fronteiras do leste durante as 24 horas anteriores; nenhum tráfego comercial ou turístico podia entrar no país procedente de Ruanda ou Uganda. Todos tinham agora de entrar no país por oeste, através de Kinshasa.

Não fora apresentada qualquer razão oficial para o fechamento das fronteiras de leste, embora fontes de Washington especulassem que tropas de Idi Amin, fugindo através da fronteira do Zaire, devido à invasão de Uganda pelo exército tanzaniano, podiam estar causando "dificuldades locais". Na África Central, dificuldades locais geralmente significavam canibalismo e outras atrocidades.

- Acredita nisso? - perguntou Elliot. - Acredita em canibalismo e atrocidades?

- Não. É tudo mentira. São os holandeses, alemães e japoneses... provavelmente seu amigo Hakamichi. O consórcio eletrônico euro-japonês sabe que a ERTS está prestes a descobrir importantes reservas de diamantes em Virunga. Querem reduzir o nosso progresso ao máximo que puderem. Tomaram providências em algum lugar, provavelmente em Kinshasa, fechando as fronteiras de leste. Não é mais importante do que isso.

- Se não há perigo, por que as metralhadoras?

- Apenas uma precaução. Pode estar certo de que jamais precisaremos usar metralhadoras nesta viagem. E agora, por que não dorme um pouco? Estaremos pousando em Tanger em breve.

- Tanger?

- E onde está o Capitão Munro.

6. Munro

O nome do "Capitão" Charles Munro nunca era encontrado nas relações de chefes de expedições geralmente contratados. Havia diversos motivos para isso, sendo que o mais importante era a sua reputação extremamente desfavorável.

Munro fora criado na turbulenta Fronteira Setentrional da Província do Quênia, filho ilegítimo de um fazendeiro escocês e sua linda empregada indiana. O pai de Munro tivera o azar de ser morto pelos guerrilheiros Mau Mau em 1956 ^{3}. Pouco depois, a mãe morreu de tuberculose. Munro foi para Nairobi, onde ao final da década de 1950 trabalhou como caçador branco, levando turistas para caçadas. Foi nessa ocasião que Munro assumiu o título de "Capitão", embora nunca tivesse sido militar.

Aparentemente, o Capitão Munro chegou à conclusão de que o trabalho de guia de turistas não era dos mais agradáveis. Por volta de 1960, havia informações de que ele estava contrabandeando armas de Uganda para o Congo, recentemente independente.

Depois que Moise Tshombe foi para o exílio, em 1963, as atividades de Munro tornaram-se politicamente embaraçosas. Ele acabou sendo obrigado a desaparecer da África Oriental, ao final de 1963.

Reapareceu em 1964, como um dos mercenários brancos do General Mobutu, no Congo, sob o comando do Coronel "Mad Mike" Hoare. Hoare avaliava Munro como "um homem duro e letal, que conhecia a selva e era altamente eficiente, quando podíamos afastá-lo das mulheres". Depois da captura de Stanleyville, na Operação Dragão Vermelho, o nome de Munro foi associado com atrocidades cometidas pelos mercenários numa aldeia chamada Avakabi.

Munro tornou a desaparecer, por vários anos.

Ele ressurgiu em Tanager em 1968, vivendo em grande estilo, uma personalidade local. A fonte do rendimento obviamente substancial de Munro era indefinida, mas dizia-se que ele fornecera armas leves da Alemanha Oriental aos rebeldes comunistas sudaneses em 1971, ajudara os etíopes monarquistas em sua

rebelião de 1974-75 e auxiliara os pára-quedistas franceses que foram lançados na província de Shaba, no Zaire, em 1978.

As atividades diversificadas transformavam Munro num caso especial na África, na década de 1970. Embora fosse *persona non grata* em meia dúzia de estados africanos, ele viajava livremente por todo o continente usando vários passaportes. Era um estratagema evidente. Cada autoridade de fronteira reconhecia-o prontamente, mas todos tinham tanto medo de permitir-lhe a entrada no país quanto de recusar.

Companhias estrangeiras de mineração e exploração, sensíveis às reações locais, relutavam em contratar Munro como um chefe de expedição. Era também verdade que Munro era, de longe, o mais caro dos guias. Não obstante, ele tinha uma reputação de conseguir realizar trabalhos difíceis, nas circunstâncias mais adversas. Sob um nome falso, ele levava duas expedições alemãs de mineração de estanho para a República dos Camarões, em 1974.

Comandara também uma expedição anterior da ERTS a Angola, no auge do conflito armado, em 1977. Recusou guiar outra expedição da ERTS para Zâmbia, no ano seguinte, depois que Houston não quis aceitar seu preço. Houston acabou cancelando a expedição.

Em suma, Munro era reconhecido como o melhor homem para viagens perigosas. Foi por isso que o jato da ERTS parou em Tanger.

No aeroporto de Tanger, o jato de carga da ERTS e seu conteúdo ficaram retidos sem qualquer verificação. Mas todas as pessoas a bordo, com exceção de Amy, tiveram de passar pela alfândega, com seus pertences pessoais. Jensen e Levine foram separados para buscas meticulosas. Descobriram vestígio de heroína em suas bagagens.

Esse evento bizarro ocorreu através de uma sucessão de coincidências extraordinárias. Em 1977, os agentes alfandegários dos Estados Unidos começaram a utilizar sensores de nêutrons, além de detectores de vapores químicos. Ambos eram equipamentos manuais eletrônicos fabricados sob contrato pela Hakamichi Eletrônica, de Tóquio. Em 1978, surgiram dúvidas sobre a eficácia desses

equipamentos. Hakamichi sugeriu que fossem testados em outros locais do mundo, inclusive Cingapura, Bangkok, Delhi, Munique e Tânger.

Assim, a Hakamichi Eletrônica conhecia perfeitamente a capacidade dos detectores no aeroporto de Tangerang. Sabia também que uma variedade de substâncias, inclusive sementes de papoula e fragmentos de nabo, produziam um registro falso-positivo nos sensores do aeroporto. E a "rede falsa-positiva" exigia 48 horas para se desemaranhar. (Constatou-se posteriormente que os dois homens tinham apenas vestígios de nabo em suas malas.)

Tanto Irving como Jensen negaram veementemente qualquer conhecimento de material ilícito e apelaram para o gabinete consular americano local. Mas o caso não poderia ser resolvido por vários dias. Ross telefonou para Travis, em Houston. Ele concluiu que era uma manobra dos japoneses e holandeses. Não havia nada que se pudesse fazer, a não ser continuar a expedição, da melhor forma possível.

- Eles pensam que podem nos deter - disse Travis. - Mas isso não vai acontecer.

- Quem vai cuidar da geologia? - perguntou Ross.

- Você.

- E da eletrônica?

- Você é gênio, pode resolver todos os problemas. Trate apenas de garantir Munro. Ele é a chave para tudo.

A canção do *muezim* flutuava pela confusão de casas na Casbá de Tangerang, ao crepúsculo, convocando os fiéis para a prece vespertina. Antigamente, o próprio *muezim* aparecia nos minaretes da mesquita. Agora, no entanto, uma gravação saía pelos alto-falantes, um chamado mecanizado para o ritual muçulmano de obediência.

Karen Ross estava sentada no terraço da casa do Capitão Munro, dando para a Casbá. Ela esperava por uma audiência com Munro. Ao seu lado, Peter Elliot roncava ruidosamente na cadeira, exausto do longo vôo.

Estavam esperando há quase três horas e Karen Ross não podia deixar de sentir-se preocupada. A casa de Munro era de estilo

mourisco, toda aberta. Ela podia ouvir vozes no interior, trazidas debilmente pela brisa, falando alguma língua oriental.

Uma das graciosas criadas marroquinas, que Munro parecia ter em suprimento infinito, apareceu no terraço, trazendo um telefone.

Ela fez uma mesura formal. Ross percebeu que a garota tinha olhos violeta. Era de uma beleza refinada e não devia ter mais que 16 anos.

Num inglês cuidadoso, a garota disse:

- Este é o seu telefone para Houston. O leilão vai começar agora.

Karen cutucou Peter, que despertou, completamente estonteado. E ela repetiu:

- O leilão vai começar agora.

Peter Elliot ficara surpreso a partir do momento em que entrara na casa de Munro. Imaginara um ambiente militar austero e ficou espantado ao deparar com as arcadas marroquinas delicadamente esculpidas, as fontes sussurrantes, os raios de sol faiscando na água.

Depois, ele viu os japoneses e alemães na sala ao lado, fitando-o e a Karen Ross. Os olhares eram obviamente hostis, mas Ross se levantou e disse:

- Com licença por um momento.

Ela entrou na outra sala e abraçou calorosamente um jovem louro alemão. Beijaram-se e ficaram conversando jovialmente, dando a impressão geral de serem amigos íntimos.

Elliot não gostou da cena, mas sentiu-se tranqüilizado ao verificar que os japoneses, identicamente vestidos de ternos pretos, estavam igualmente insatisfeitos. Percebendo isso, Elliot sorriu afavelmente, procurando transmitir um senso de aprovação à reunião.

Mas ele perguntou, assim que Ross voltou:

- Com quem estava falando?

- Aquele é Richter. O mais brilhante topólogo da Europa Ocidental. Seu campo é a extrapolação n -espaço. E o seu trabalho é extremamente bom. - Ela sorriu. - Quase tanto quanto o meu.

- Mas ele trabalha para o consórcio?
- Claro que trabalha. É alemão.
- E você estava conversando com ele?
- Fiquei deliciada pela oportunidade. Karl tem uma limitação fatal. Só é capaz de lidar com dados preexistentes. Aceita o que lhe é dado e projeta no n-espaço. Tive um professor no M.I.T que também era assim. Preso aos fatos, um refém da realidade.

Ela sacudiu a cabeça.

- Ele fez perguntas sobre Amy?
- Claro.
- E o que você lhe disse?
- Disse que ela estava doente, provavelmente morrendo.
- E ele acreditou?
- Veremos. Lá está Munro.

O Capitão Munro apareceu na sala adjacente, de traje cáqui, fumando um charuto. Era um homem alto, de aparência rude, bigode, olhos escuros suaves e vigilantes, não perdendo coisa alguma. Falou com os japoneses e alemães, que evidentemente ficaram infelizes com as suas palavras. Momentos depois, Munro passou para a outra sala, sorrindo.

- Então está a caminho do Congo, Dra. Ross.
- Estamos, Capitão Munro.

Munro sorriu.

- Parece-me que todos estão indo para lá.

Seguiu-se um rápido diálogo, que Elliot achou incompreensível. Karen Ross disse:

- Cinqüenta mil dólares americanos em francos suíços contra vírgula zero dois de retornos ajustados de extração no primeiro ano.

Munro sacudiu a cabeça.

- Cem em francos suíços e vírgula zero seis de retorno no primeiro ano sobre depósitos primários, contabilidade pelo bruto, sem descontos.

- Cem em dólares americanos contra vírgula zero um do retorno do primeiro ano sobre todos os depósitos, com desconto integral do ponto de origem.

- Ponto de origem? No meio do maldito Congo? Eu pediria três anos de ponto de origem. E se forem fechados?

- Quer um pedaço, tem de jogar. Mobutu é esperto.

- Mobutu mal está no comando e eu ainda estou vivo porque não sou um jogador - respondeu Munro. - Cem contra vírgula zero quatro do primeiro ano em primário, com desconto apenas nominal. Ou aceitarei o vírgula zero dois.

- Se não é jogador, eu lhe darei 200 diretos, para fechar o negócio.

Munro tornou a sacudir a cabeça.

- Pagaram mais do que isso pelos direitos em Kinshasa.

- Os preços estão inflacionados em Kinshasa, inclusive os direitos de exploração mineral. E o limite de exploração corrente, segundo o computador, está bem abaixo de mil.

- Se você assim diz.

Ele sorriu e retornou à outra sala, onde os japoneses e alemães aguardavam-no. Ross apressou-se em dizer.

- Isso não é para eles saberem.

- Mas tenho certeza de que já sabem - disse Munro, entrando na outra sala.

- Filho da mãe... - sussurrou ela. Depois, em voz baixa, Karen Ross disse rapidamente ao telefone: - Ele nunca vai aceitar isso... Não, não, ele não vai concordar... eles o querem de qualquer maneira...

Elliot comentou:

- Está oferecendo muito pelos serviços dele.

- Ele é o melhor - disse Ross, continuando a sussurrar ao telefone.

Na sala adjacente, Munro estava sacudindo a cabeça, com uma expressão triste, rejeitando uma oferta. Elliot notou que Richter estava com a cara muito vermelha. Munro voltou para Karen Ross.

- Qual é o seu limite projetado?

- Menos de mil.

- É o que diz. Mas sabe que existe uma interceptação de minério.

- Não sei disso.

- Nesse caso, é tolice gastar todo esse dinheiro com o Congo disse Munro. - Não é?

Karen Ross não respondeu. Ficou olhando para o teto ornado da sala.

- Virunga não é exatamente um jardim neste momento - continuou Munro. - Os kiganis estão à solta e são canibais. Os pigmeus não são mais amistosos. Provavelmente vai ser recompensada com uma flecha nas costas por seus esforços. Os vulcões já estão ameaçando explodir. Moscas tsé-tsé. Água contaminada. Autoridades corruptas. Não é um lugar para se ir sem um bom motivo, hem? Talvez devesse adiar sua viagem até que a situação melhore.

Era exatamente o que Peter Elliot pensava e foi o que disse. Munro comentou, com um sorriso jovial que irritou Karen Ross:

- Isso é que é homem sensato.

- Evidentemente, nunca chegaremos a um acordo - declarou Karen Ross.

- É o que parece.

Elliot compreendeu que as negociações estavam suspensas. Ele levantou-se para apertar a mão de Munro e partir... mas antes que pudesse fazer isso, Munro foi para a outra sala e conferenciou com japoneses e alemães.

- As coisas estão melhorando - comentou Ross.

- Por quê? - indagou Elliot. - Porque ele pensa que a derrotou?

- Não. Porque ele pensa que sabemos mais do que eles a respeito do local e temos mais probabilidades de encontrar um depósito de minério que compense.

Na sala ao lado, os japoneses e alemães se levantaram abruptamente e encaminharam-se para a porta da frente. Na porta, Munro apertou as mãos dos alemães e fez uma mesura requintada para os japoneses.

- Acho que você tem razão - disse Elliot a Ross. - Ele os está despachando.

Mas Ross estava de rosto franzido, uma expressão sombria.

- Eles não podem fazer isso - disse ela. - Não podem largar desse jeito.

Elliot ficou novamente confuso.

- Pensei que queria que eles fossem embora.

- Oh, diabo! Estamos estrepados!

Ela sussurrou pelo telefone, falando com Houston. Elliot não estava entendendo mais nada. E sua confusão não ficou esclarecida quando Munro trancou a porta, depois que o último visitante saiu, voltando para junto dele e de Ross, para anunciar que o jantar estava servido.

Comeram ao estilo marroquino, sentados no chão, usando os dedos. O primeiro prato foi pastelão de pombo, seguido por alguma espécie de guisado.

- Então, dispensou os japoneses? - indagou Ross. - Disse-lhes que não?

- Oh, não! Seria uma indelicadeza. Disse-lhes que iria pensar a respeito. E é o que vou fazer.

- Então, por que eles se retiraram?

Munro deu de ombros.

- Posso assegurar que não tive nada a ver com isso. Creio que eles ouviram alguma coisa pelo telefone que levou-os a mudarem inteiramente os planos.

Karen Ross olhou para o relógio, anotando mentalmente a hora.

- Um guisado muito saboroso - comentou ela, fazendo o melhor possível para se mostrar simpática.

- Fico contente que tenha gostado. É *tajin*. Carne de camelo.

Karen Ross tossiu. Peter Elliot constatou que seu próprio apetite diminuía. Munro virou-se para ele.

- Quer dizer que tem uma gorila, Professor Elliot?

- Como soube?

- Os japoneses me contaram. Os japoneses estão fascinados por sua gorila. Não conseguem imaginar o motivo e isso deixa-os furiosos. Um rapaz com uma gorila e uma moça que está pesquisando por...

- Diamantes industriais - disse Karen Ross.

- Ahn, diamantes industriais... - Munro tornou a virar-se para Elliot. - Gosto de uma conversa franca. Diamantes... fascinante...

A atitude dele sugeria que não lhe fora dito nada importante.

Ross disse:

- Tem de nos levar até lá, Munro.

- O mundo está cheio de diamantes industriais - comentou Munro. - Pode-se encontrá-los na África, Índia, Brasil, Canadá, até mesmo na América... Arkansas, Nova York, Kentucky. Enfim, existem por toda parte. Mas você está indo para o Congo.

- Estamos procurando por diamantes azuis com boro do tipo IIb - disse Karen Ross. - Possuem propriedades semicondutoras importantes para aplicações microeletrônicas.

Munro afagou o bigode.

- Diamantes azuis - disse ele, acenando com a cabeça. - Faz sentido.

Ross disse que era claro que fazia sentido.

- Não podem fabricá-los? - indagou Munro.

- Não. Já foi tentado. Havia um processo comercial de fabricação de boro, mas não era infalível. Os americanos tinham um e os japoneses outro. Mas todos acabaram desistindo.

- Então, descobriu uma fonte natural.

- Isso mesmo. Quero chegar lá o mais depressa possível.

Enquanto falava, a voz impassível, Ross fitava Munro fixamente. Munro disse:

- Quanto a isso, não tenho a menor dúvida. Apenas negócios para a Dra. Ross, hem?

Ele atravessou a sala. Encostando-se numa arcada, contemplou a noite escura de Tânger.

- Não estou absolutamente surpreso. Para dizer a verdade...

À primeira rajada de metralhadora, Munro mergulhou para se proteger, a louça sobre a mesa se espatifando no chão, uma das garotas gritando. Elliot e Ross também se jogaram no chão de mármore, enquanto as balas zuniam ao redor, lascando o reboco no

teto, derrubando-o sobre eles. A rajada durou cerca de 30 segundos e foi seguida pelo silêncio total.

Quando acabou, eles se levantaram, hesitantes, olhando uns para os outros.

- O consórcio não brinca em serviço. - Munro sorriu. - Gente como eu gosto.

Ross limpou o reboco das roupas, virando-se para Munro.

- Cinco vírgula dois contra os primeiros 200, sem deduções, em francos suíços, reajustáveis.

- Cinco vírgula sete e você me tem.

- Cinco vírgula sete. Fechado.

Munro apertou as mãos dos dois, depois, anunciou que precisaria de alguns minutos para arrumar suas coisas, antes de partirem para Nairobi.

- Apenas assim? - indagou Ross.

Ela parecia subitamente preocupada, olhando novamente para o seu relógio.

- Qual é o seu problema? - perguntou Munro.

- AK-47s tchecos. Em seu armazém.

Munro não demonstrou qualquer surpresa.

- É melhor tirá-los de lá. O consórcio, indubitavelmente, tem algo similar nas instalações e temos muito o que fazer nas próximas horas. - Enquanto Munro falava, eles ouviram as sirenes da polícia, a distância. - Sairemos pela escada dos fundos.

Uma hora depois, eles estavam no ar, seguindo para Nairobi.

DIA 4: NAIROBI

1. Linha de Tempo

A distância através da África entre Tânger e Nairobi era maior do que através do Oceano Atlântico entre Nova York e Londres: cinco mil e 800 quilômetros, um voo de oito horas. Karen Ross passou o tempo no painel do computador, trabalhando no que chamava de "linhas de probabilidade de hiperespaço".

A tela exibia um mapa da África, riscado por linhas multicoloridas. Ross explicou:

- Estas são as linhas de tempo. Podemos avaliá-las pela duração e fatores de atraso.

Por baixo da tela havia um relógio de tempo total transcorrido, cujos números mudavam continuamente.

- O que isso significa? - indagou Elliot.

- O computador está determinando a rota mais rápida. Acaba de definir uma linha de tempo que nos levará ao local em seis dias, 18 horas e 51 minutos. Agora, está tentando superar esse prazo.

Elliot não pôde deixar de sorrir. A idéia de que o computador podia prever o minuto exato em que alcançariam o local no Congo parecia-lhe absurda. Mas Ross estava encarando com a maior seriedade.

Enquanto eles observavam o relógio do computador mudou para cinco dias, 22 horas e 24 minutos.

- Está melhor - comentou Ross acenando com a cabeça - Mas ainda não é o suficiente.

Ela apertou outro botão e as linhas mudaram esticando-se como elástico sobre o continente africano. E explicou:

- Esta é a rota do consórcio baseada em nossas suposições a respeito da expedição. Eles estão indo em grande escala, com trinta ou mais pessoas. E não conhecem a localização exata da cidade. Ou pelo menos julgamos que não sabem. Mas contam com uma dianteira considerável de pelo menos 12 horas já que o avião deles está se preparando para decolar de Nairobi.

O relógio registrava o tempo total transcorrido: cinco dias, nove horas e 19 minutos. Depois Ross apertou um botão marcado DATA e um novo registro apareceu: 21 06 79 0814.

- Segundo os cálculos, o consórcio alcançará o local no Congo pouco depois das oito horas da manhã de 21 de junho.

O computador continuou a funcionar. As linhas se esticavam e contraíam, mudavam de posição. O relógio indicou uma nova data: 21 06 79 1224.

- Esta é a nossa situação - disse Karen Ross. - Com o máximo de movimentos favoráveis para nós e para eles o consórcio chegará ao local cerca de quatro horas antes daqui a cinco dias.

Munro passou por eles comendo um sanduíche. E comentou:

- E melhor arrumar outra rota. Ou se tornar radical.

- Hesito em me tornar radical com a macaca.

Munro deu de ombros.

- E preciso fazer alguma coisa com uma linha de tempo assim.

Elliot escutou-os com uma vaga sensação de irrealidade. Estavam discutindo uma diferença de horas a cinco dias no futuro. E ele não pôde deixar de dizer:

- Mas certamente dentro de alguns dias com todas as providências em Nairobi e depois a entrada pela selva... não se pode dar muito crédito a esses cálculos.

- Não estamos mais nos velhos tempos da exploração africana quando as expedições desapareciam pela selva por meses a fio - comentou Karen Ross. - No máximo o computador está errado em minutos... digamos meia hora no máximo na projeção total de cinco dias. - Ela sacudiu a cabeça e acrescentou: - Temos realmente

um problema grave e precisamos tomar uma providência. O que está em jogo é alto demais.

- Ou seja, os diamantes.

Ross assentiu e apontou para o fundo da tela onde apareciam as palavras CONTRATO AZUL. Fie perguntou o que significava Contrato Azul.

- Um bocado de dinheiro. - Ross fez uma pausa antes de acrescentar: - É o que penso.

Pois na verdade ela realmente não sabia. Cada novo contrato que chegava à ERTS recebia um nome de código. Somente Travis e o computador conheciam o nome da companhia que comprava o contrato. Todas as demais pessoas na ERTS de programadores de computador à turma de campo conheciam os projetos apenas pelas cores de código: Contrato Vermelho, Contrato Amarelo, Contrato Branco. Era uma proteção comercial para as firmas envolvidas.

Mas os matemáticos da ERTS não podiam resistir a um animado jogo de adivinhação sobre as fontes dos contratos que era o tema da conversa diária na cantina.

O Contrato Azul chegara à ERTS em dezembro de 1978. Pedia que a ERTS localizasse uma fonte natural de diamantes industriais num país amigo ou neutro. Os diamantes deviam ser do Tipo IIb, cristais "pobres em nitrogênio". As dimensões não eram especificadas e assim o tamanho do cristal não importava. As quantidades recuperáveis também não eram especificadas. O contratante aceitaria o que pudesse conseguir. E o que era mais estranho não havia CLEU (Custo Limite de Extração de Unidade).

Quase todos os contratos impunham um CLEU unidade. Não era suficiente encontrar uma fonte mineral; os minerais tinham de ser extraídos a um custo de unidade especificado. Esse custo de unidade refletia a riqueza do depósito mineral, a distância, disponibilidade de mão-de-obra local, condições políticas, possível necessidade de construir campos de aviação, estradas, hospitais, escolas, minas ou refinarias.

Um contrato sem CLEU só podia significar uma coisa: alguém queria diamantes azuis tão desesperadamente que não se

importava com o custo.

Em menos de 48 horas a cantina da ERTS já explicara o Contrato Azul. Acontecia que os diamantes Tipo IIb eram azuis de vestígios do elemento boro, que os tornava sem valor como pedras preciosas, mas alterava suas propriedades eletrônicas, tornando-os semicondutores com uma resistividade da ordem de 100 ohms por centímetro. E também possuíam propriedades transmissoras de luz.

Alguém logo encontrou um artigo em *Electronic News*, de 17 de novembro de 1978: "Abandonada Técnica McPhee." Explicava que a firma *Silec Inc.*, de Waltham Massachusetts abandonara a técnica experimental McPhee de fabricar diamantes artificialmente com uma camada de boro. O processo fora posto de lado por ser excessivamente dispendioso e não absolutamente infalível para produzir propriedades semicondutoras desejáveis. O artigo acrescentava que outras firmas subestimaram os problemas na fabricação da camada de boro; a Hakamichi (Tóquio) abandonou o processo Nagaura em setembro deste ano. Investigando, a cantina da ERTS descobriu as peças adicionais do quebra-cabeça.

Em 1971, a Intec, a firma de microeletrônica de Santa Clara, previra que os diamantes semicondutores seriam importantes para uma geração futura de computadores supercondutores na década de 1980.

A primeira geração de computadores eletrônicos ENIAC e UNIVAC, construídos durante a guerra, no início dos anos 40, no maior sigilo usavam tubos de vácuo. Os tubos de vácuo possuíam uma vida média de 20 horas. Mas com milhares de tubos quentes numa única máquina alguns computadores sofriam paralisações a cada sete a 12 minutos. A tecnologia de tubos de vácuo impunha um limite sobre o tamanho e a capacidade dos computadores planejados da segunda geração.

Mas acontece que a segunda geração nunca chegou a usar tubos de vácuo. Em 1947 a invenção do transistor, um sanduíche de material sólido que desempenhava todas as funções de um tubo de vácuo, inaugurou uma era de artefatos eletrônicos de estado sólido que usavam pouca energia, geravam pouco calor, eram menores e mais eficazes do que os tubos que substituíam. A tecnologia de

silicone proporcionou a base para três gerações de computadores cada vez mais compactos, eficientes e baratos, ao longo dos 20 anos seguintes.

Mas, na década de 1970, os projetistas de computadores começaram a se confrontar com as limitações inerentes da tecnologia de silicone. Embora os circuitos fossem reduzidos a dimensões microscópicas, a velocidade da computação ainda dependia do comprimento do circuito. Miniaturizar os circuitos ainda mais, quando as distâncias já eram calculadas em termos de milionésimos de centímetros, acarretava um antigo problema: calor. Circuitos menores iriam literalmente se derreter com o calor produzido. O que se precisava era de algum método para eliminar o calor e reduzir a resistência ao mesmo tempo.

Já se sabia, desde os anos 50, que muitos metais, quando esfriados a temperaturas extremamente baixas, tornavam-se "supercondutores", permitindo o fluxo livre de elétrons. Em 1977, a IBM anunciou que estava projetando um computador de ultra-velocidade, pouco maior que uma laranja, esfriado com nitrogênio líquido. O computador supercondutor exigia uma tecnologia radicalmente nova e uma gama de materiais de construção de baixa temperatura.

Os diamantes artificiais seriam usados amplamente.

Vários dias depois, a cantina da ERTS apresentou uma explicação alternativa. Segundo a nova teoria, a década de 1970 fora sem precedentes no desenvolvimento dos computadores. Embora os primeiros fabricantes, nos anos 40, previssem que quatro computadores efetuariam todo o trabalho de computação do mundo, em futuro previsível, os especialistas calculavam que em 1990 haveria na verdade um bilhão de computadores, muitos ligados pelas redes de comunicações a outros computadores. Tais redes não existiam e podiam até ser teoricamente impossíveis. (Um estudo de 1975, do Instituto Hanôver, concluía que o metal na crosta da terra era insuficiente para construir as linhas de transmissão de computador necessárias.)

Segundo Harvey Rumbaugh, a década de 1980 seria caracterizada por uma deficiência crítica de sistemas de transmissão

de dados de computador: "Assim como a escassez de combustível fóssil pegou o mundo de surpresa na década de 1970, assim também a escassez de transmissão de dados pegará o mundo de surpresa nos próximos dez anos. Nos anos 70, as pessoas tiveram negado o movimento; mas lhes será negada informação nos anos 80. Resta ver qual escassez provocará maior frustração. A luz laser representava a única esperança de manipular essas necessidades maciças de dados, já que os canais de laser carregavam 20 mil vezes mais informações que um cabo coaxial comum de metal. A transmissão de laser exigia tecnologias inteiramente novas, inclusive em termos de ótica e de diamantes semicondutores, os quais seriam, na previsão de Rumbaugh, "mais valiosos do que petróleo", nos anos vindouros.

Mais do que isso, Rumbaugh previu que dentro de dez anos a própria eletricidade se tornaria obsoleta. Os futuros computadores utilizariam apenas circuitos de luz, integrados com sistemas de transmissão de dados a luz. O motivo para tudo era a velocidade. "A luz se desloca na velocidade da luz", disse Rumbaugh. "O que já não acontece com a eletricidade. Estamos vivendo nos anos derradeiros da tecnologia de microeletrônica."

Mas, certamente a microeletrônica não parecia uma tecnologia moribunda. Em 1979, a microeletrônica era uma grande indústria em todo o mundo industrializado, responsável por 80 bilhões de dólares anualmente só nos Estados Unidos. Seis das 20 maiores corporações das "500 de *Fortune*" estavam profundamente envolvidas com microeletrônicas. Essas companhias tinham uma história de extraordinária competição e progresso, ao longo de um período de menos de 30 anos.

Em 1958, um fabricante podia instalar dez componentes eletrônicos num único pedaço de silício. Em 1970, era possível instalar cem componentes num pedaço do mesmo tamanho, um aumento de dez vezes em pouco mais de uma década.

Mas, por volta de 1972, era possível instalar mil unidades, a quantidade elevando-se para dez mil em 1974. Esperava-se que, por volta de 1980, haveria um milhão de unidades numa única peça do tamanho de uma unha. Mas, através da fotoprojeção eletrônica,

esse objetivo foi alcançado em 1978. Na primavera de 1979, o novo objetivo era dez milhões de unidades... ou, melhor ainda, um bilhão de unidades... num único pedaço de silício, até 1980. Mas ninguém esperava que esse desenvolvimento passasse de junho ou julho de 1979.

Tais avanços, dentro de uma indústria, não têm precedentes.

A comparação com as tecnologias de produção mais antigas torna isso perfeitamente evidente. Detroit contentava-se em efetuar mudanças de modelo do produto, a intervalos de três anos. Mas a indústria eletrônica, rotineiramente, esperava avanços no mesmo período com uma ordem de magnitude. (Para acompanhar o ritmo, Detroit teria de aumentar a quilometragem por gasolina de três e meio quilômetros por um litro em 1970 para 35 milhões de quilômetros em 1979. Mas Detroit passou de três e meio para sete quilômetros durante esse período, prova mais do que óbvia do fim da indústria automobilística como o centro da economia americana.)

Num mercado tão competitivo, todos se preocupavam com as potências estrangeiras, especialmente o Japão, que desde 1973 mantinha um Centro de Intercâmbio Cultural Japonês em Santa Clara na verdade uma organização de fachada para espionagem industrial clamorosa e bem financiada.

O Contrato Azul só podia ser compreendido à luz de uma indústria fazendo grandes avanços a cada poucos meses. Travis dissera que o Contrato Azul era "a maior coisa que veremos nos próximos dez anos. Quem quer que encontre aqueles diamantes, dará um salto na tecnologia de pelo menos cinco anos. Cinco anos! Podem imaginar o que isso significa?"

Karen Ross sabia o que significava. Numa indústria em que as vantagens competitivas eram calculadas em simples meses, muitas companhias haviam conquistado fabulosas fortunas ao vencerem os concorrentes por uma questão de semanas em novas técnicas ou mecanismos. A Syntel, da Califórnia, fora a primeira a fabricar memórias de 256K, quando todos ainda estavam produzindo de 16K e sonhando com 64K. A Syntel mantivera a vantagem por

apenas 16 semanas, mas fora o tempo suficiente para obter um lucro de mais de 130 milhões de dólares.

- E estamos falando em cinco anos - dissera Travis. - É uma vantagem que pode ser calculada em bilhões de dólares, talvez dezenas de bilhões. Se pudermos obter aqueles diamantes.

Eram esses os motivos para a pressão extraordinária que Karen Ross

experimentava, enquanto continuava a trabalhar com o computador. Aos 24 anos, ela era líder de uma equipe numa corrida de alta tecnologia, envolvendo meia dúzia de nações de todas as partes do globo, secretamente lançando seus recursos financeiros e industriais umas contra as outras.

O que estava em jogo fazia com que qualquer disputa convencional parecesse ridícula. Travis lhe dissera, antes da partida:

- Não tenha medo quando a pressão levá-la à loucura. Está levando bilhões de dólares em seus ombros. Trate apenas de fazer o melhor que puder.

E, fazendo o melhor que podia, Ross conseguiu reduzir a linha de tempo da expedição em mais três horas e 37 minutos... mas ainda estavam ligeiramente atrás da projeção do consórcio. Não era muita coisa, especialmente com os atalhos implacáveis de Munro.

Mas, mesmo assim, estavam atrasados... o que podia significar o desastre total, numa corrida em que o vencedor levava tudo.

E foi então que ela recebeu a notícia terrível.

A tela exibiu

GRAMPO VAZANDO / TODAS APOSTAS CANCELADAS.

- Oh, diabo! - exclamou Ross.

Ela sentia-se subitamente cansada. Se houvera realmente um vazamento, as possibilidades de vencerem a disputa estavam se desvanecendo... antes que sequer pusessem os pés nas florestas tropicais da África Central.

2. Vazamento

Travis sentia-se como um idiota.

Olhava aturdido para a mensagem do Centro de Vôo Espacial de Goddard, em Greenbelt, Maryland:

ERTS POR OUE ESTA NOS MANDANDO TODOS ESSES DADOS MUKENKO QUE NÃO NOS INTERESSAM OBRIGADO DE QUAL.OUER MANEIRA MAS NÃO HÁ NECESSIDADE.

Aquela mensagem chegara uma hora antes do CVEG/Maryland, mas àquela altura já havia um atraso de cinco horas.

- Mas que diabo! - disse Travis, olhando para o telex.

A primeira indicação para Travis de que havia alguma coisa errada ocorrera quando os japoneses e alemães haviam rompido as negociações com Munro, em Tânger. Num momento eles estavam dispostos a pagar qualquer coisa, no instante seguinte mal podiam esperar para se retirarem. O rompimento das negociações fora abrupto, inesperado. Significava que houvera uma súbita introdução de novos dados nos computadores do consórcio.

Mas novos dados de onde?

Só podia haver uma explicação... e agora estava sendo confirmada pelo telex despachado pelo CVEG de Greenbelt.

ERTS POR OUE ESTA NOS MANDANDO TODOS ESSES DADOS MUKENKO

Havia uma resposta simples a essa indagação: a ERTS não estava enviando quaisquer informações. Ou pelo menos não voluntariamente. A ERTS e o CVEG tinham um acordo de intercâmbio de dados atualizados. Travis fizera o acordo em 1978, a fim de obter imagens de satélite mais baratas dos Landsats em órbita. A imagem de satélites era a maior despesa específica da ERTS. Em troca de uma consulta aos dados derivados pela ERTS, o CVEG concordara em fornecer imagens de satélites com uma redução de 30 por cento no custo bruto.

Parecia um bom acordo na ocasião e os códigos apropriados foram especificados.

Mas agora os inconvenientes potenciais assomavam monstruosos diante de Travis; seus piores receios estavam confirmados. A partir do momento em que se estende uma linha de mais de três mil quilômetros, de Houston a Greenbelt, está se

pedindo por um grampo. Em algum lugar, entre o Texas e Maryland, alguém inserira uma ligação terminal, provavelmente nas linhas telefônicas, começando a recolher dados clandestinamente. Era a forma de espionagem industrial que eles mais temiam.

Um terminal de grampo clandestino interceptava as comunicações entre dois terminais legítimos, começando a controlar as transmissões de um lado para outro. Depois de algum tempo, o operador clandestino sabia o bastante para iniciar as suas próprias transmissões, extraíndo dados dos dois terminais legítimos, fingindo ser o CVEG para Houston e vice-versa. O terminal clandestino podia continuar a funcionar até que um ou os dois terminais legítimos percebessem que estava ocorrendo um vazamento.

A questão agora era somente uma: quantas informações haviam vazado nas últimas 72 horas?

Travis pedira verificações completas, com resultados desanimadores. Parecia que o computador da ERTS não apenas cedera elementos de dados básicos originais, mas também as histórias de transformação dos dados, a seqüência de operações efetuadas sobre os dados pela ERTS, ao longo das últimas quatro semanas.

Se isso era verdade, significava que o terminal clandestino do consórcio euro-japonês sabia que transformações a ERTS efetuara nos dados de Mukenko... e dessa forma sabia onde estava localizada a cidade perdida, com toda precisão. Os adversários conheciam agora a localização da cidade tão bem quanto Karen Ross.

As coordenadas de tempo haviam sido reajustadas, desfavoravelmente, para a expedição da ERTS. E as projeções atualizadas do computador eram inequívocas: com ou sem Ross, a probabilidade da expedição da ERTS chegar ao local antes dos japoneses e alemães era agora quase inexistente.

Do ponto de vista de Travis, toda a expedição da ERTS não passava agora de um esforço inútil, pura perda de tempo. Não havia qualquer esperança de sucesso. O único elemento imprevisível era a gorila Amy e os instintos diziam a Travis que uma gorila chamada

Amy não podia ser um fator decisivo na descoberta de depósitos minerais na região nordeste do Congo.

Era um caso perdido.

Deveria chamar de volta a expedição da ERTS? Travis olhou para o painel ao lado de sua mesa e disse:

- Verifique custo-tempo.

A tela do computador exibiu: CUSTO-TEMPO DISPONÍVEL.

- Expedição de Campo do Congo - acrescentou Travis.

A tela mostrou as cifras para a Expedição de Campo do Congo: despesas por hora, custos acumulados, custos futuros empenhados, pontos de corte, supressões futuras... O projeto estava agora próximo de Nairobi e o custo acumulado era um pouco superior a 189 mil dólares.

O cancelamento custaria 227 mil e 455 dólares.

- Fator BF - disse Travis.

A tela mudou. BF. Ele viu agora uma série de probabilidades.

"Fator BF" era *bonna fortuna*, boa sorte... o imponderável em todas as expedições, especialmente remotas e perigosas..

PENSANDO POR UM MOMENTO, transmitiu o computador.

Travis ficou esperando. Sabia que o computador precisaria de vários segundos para efetuar as computações, avaliando fatores fortuitos que podiam influenciar a expedição, ainda a cinco ou mais dias do objetivo.

A campainha do interfone soou e Rogers disse:

- Já localizamos o grampo. Está localizado em Norman, OK124 Iahoma, nominalmente na *North Central Insurance Corporation*.

Cinqüenta e um por cento da NCIC pertencem a uma empresa *holding* havaiana, a *Halekuli Inc.*, que por sua vez pertence a grupos japoneses. O que vai querer?

- Quero um incêndio para valer - respondeu Travis.

- Está certo.

Rogers desligou, enquanto a tela exibia AVALIADO FATOR BF, indicando uma probabilidade: .449. Travis ficou surpreso. A informação significava que a ERTS possuía uma chance quase igual

de alcançar o local antes do consórcio. Travis não questionava a matemática; .449 era mais do que suficiente.

A expedição da ERTS seguiria para o Congo, pelo menos por enquanto. Enquanto isso, ele faria tudo o que fosse possível para retardar a operação do consórcio. Travis já tinha até algumas idéias para conseguir isso.

3. Dados Adicionais

O jato seguia para o sul, sobrevoando o Lago Rudolf, no norte do Quênia, quando Tom Seamans chamou Elliot.

Seamans concluíra sua análise de computador para discriminar gorilas de outros grandes macacos, principalmente chimpanzés. Obtivera em seguida de Houston um videotape de três segundos de uma transmissão truncada, que parecia mostrar um gorila destruindo uma antena de prato e olhando para uma câmara.

- E então? - indagou Elliot, olhando para a tela de computador, que imediatamente mostrou:

FUNÇÃO DISCRIMINANTE GORILA / CHIMPANZE

GRUPOS FUNCIONAIS DISTRIBUIDOS COMO:

GORILA: .9934

CHIMPANZÉ:.1132

VIDEOTEIPE DE TESTE (HOUSTON): .3349

- Oh, diabo! - exclamou Elliot.

Com aqueles resultados, o estudo era equívoco, inútil.

- Lamento muito - disse Seamans ao telefone. - Mas parte do problema provém do próprio material de teste. Tivemos de incluir no computador a derivação da imagem. A imagem foi enxugada, significando que foi regularizada. O material crítico se perdeu. Eu gostaria de trabalhar com a matriz original. Pode me arrumar?

Karen Ross estava acenando com a cabeça, afirmativamente.

- Claro - respondeu Elliot.

- Farei outra análise com essa matriz - disse Seamans. - Mas se quer saber minha opinião, não haverá resultados definidos. O fato é que os gorilas apresentam uma variação individual considerável na

estrutura facial, da mesma forma como as pessoas. Se aumentarmos nossa base de amostragem, teremos mais variações. Acho que estamos num impasse. Não se pode provar que não é um gorila... mas sou capaz de apostar qualquer dinheiro como não é.

- Como assim? - indagou Elliot.

- É algo novo - respondeu Seamans. - Se fosse mesmo um gorila, teria apresentado .89 ou .94, algo por aí, nesta função. Mas a imagem ficou reduzida a .39. Não é suficiente. Estou convencido de que não se trata de um gorila, Peter.

- O que é então?

- É uma forma de transição. Procurei determinar onde estava a variação. Sabe qual foi o principal fator diferencial? A cor da pele. Mesmo em preto-e-branco, o pêlo não é escuro o bastante para ser um gorila, Peter. Posso lhe garantir que se trata de um animal inteiramente novo.

Elliot olhou para Ross.

- O que isso representa para a sua coordenada de tempo?

- No momento, nada - respondeu ela. - Outros elementos são mais críticos e esse é imponderável.

Nesse momento, o piloto avisou pelo alto-falante:

- Estamos iniciando a descida para Nairobi.

4. Nairobi

Oito quilômetros além de Nairobi, pode-se encontrar a vida selvagem das savanas do leste africano. E muitos residentes de Nairobi ainda se lembram de um tempo em que os animais podiam ser encontrados ainda mais perto, gazelas, búfalos e girafas aparecendo nos quintais dos fundos, um ou outro leopardo se esgueirando em algum quarto. Naqueles dias, a cidade ainda conservava as características de um posto colonial de vida intensa. Em seus tempos áureos, Nairobi era um lugar de vida desenfreada. Havia uma indagação típica: "Você é casado ou vive no Quênia?" Os homens eram rudes e gostavam de beber, as mulheres eram lindas e livres, a vida não era mais previsível do que as caçadas de raposas que se realizavam pelos campos irregulares todos os fins de semana.

Mas a moderna Nairobi é quase irreconhecível dos tempos coloniais desenfreados. Os poucos prédios vitorianos remanescentes estão espalhados por uma cidade moderna, de meio milhão de habitantes, com engarrafamentos de tráfego, sinais de trânsito, edifícios altos, supermercados, restaurantes franceses, poluição do ar.

O avião de carga da ERTS pousou no Aeroporto Internacional de Nairobi ao amanhecer do dia 16 de junho. Munro não demorou a entrar em contato com carregadores e assistentes para a expedição. Tencionavam partir de Nairobi dentro de duas horas... até que Travis telefonou de Houston para informar que Peterson, um dos geólogos da primeira expedição ao Congo, conseguira de alguma forma retornar a Nairobi. Ross ficou excitada com a notícia e perguntou:

- Onde ele está agora?
- No necrotério - respondeu Travis.

Elliot estremeceu ao chegar perto. O corpo na mesa de aço inoxidável era de um homem louro, da sua idade. Os braços do homem haviam sido esmigalhados; a pele estava estufada, com uma horrível cor arroxeadada. Ele olhou para Ross. Ela parecia perfeitamente controlada, sem piscar nem desviar os olhos. O patologista pisou num pedal, ativando um microfone por cima da mesa.

- Quer declarar seu nome, por favor?
- Karen Ellen Ross.
- Nacionalidade e número do passaporte?
- Americana, F 1413649.
- Pode identificar o homem à sua frente, Srta. Ross?
- Posso, sim. Ele é James Robert Peterson.
- Qual é a sua relação com o falecido James Robert Peterson?
- Trabalhei com ele.

Ela parecia estar examinando um espécime geológico. Seu rosto não exibia a menor reação. O patologista virou-se para o microfone.

- Identidade confirmada como James Robert Peterson, caucasiano do sexo masculino, 29 anos, nacionalidade americana. - Ele tornou a virar-se para Ross. - Quando foi a última vez que viu o Sr. Peterson?

- Em maio deste ano. Ele estava partindo para o Congo.

- Não o viu mais, desde o mês passado?

- Não. O que aconteceu?

O patologista tocou nos ferimentos roxos intumescidos dos braços do cadáver. As pontas dos dedos afundaram, deixando reentrâncias como se dentes se cravassem na carne. E murmurou:

- Uma história terrivelmente estranha...

No dia anterior, 15 de junho, Peterson chegara ao aeroporto de Nairobi, a bordo de um pequeno avião de carga *charter*, no último estágio do estado de choque. Morreu várias horas depois, sem recuperar a consciência.

- É extraordinário que ele tenha conseguido tanto. Ao que parece, o avião fez uma escala imprevista, por causa de um problema mecânico no campo de Garona, uma pista de terra no Zaire. Foi quando esse homem surgiu cambaleando da selva e caiu aos pés dos tripulantes do avião.

O patologista apontou os ossos esmagados nos braços. Explicou que os ferimentos não eram novos; haviam ocorrido pelo menos quatro dias antes, talvez mais.

- Ele devia estar sofrendo uma dor imensa.

- O que poderia causar ferimentos assim? - indagou Elliot.

O patologista nunca vira nada parecido.

- Superficialmente, parece trauma mecânico, lesões causadas por um automóvel ou caminhão. Vemos muitas coisas assim por aqui. Só que as lesões mecânicas nunca são bilaterais, como neste caso.

- Então, não são lesões mecânicas? - indagou Karen Ross.

- Não sei o que são. Não há precedentes em minha experiência. Também encontramos vestígios de sangue debaixo das unhas e uns poucos fios de pêlos cinzentos. Estamos submetendo-os a testes agora.

No outro lado da sala, um segundo patologista levantou os olhos do microscópio.

- Os pêlos não são humanos. O corte transversal não combina. São pêlos de alguma espécie animal, próxima do ser humano.

- Corte transversal? - repetiu Ross.

- É a melhor indicação da origem dos cabelos - explicou o patologista. - O cabelo púbico humano, por exemplo, é mais elíptico no corte transversal do que os outros cabelos do corpo ou os cabelos faciais. É um detalhe bastante característico, aceito como prova pelos tribunais. Mas neste laboratório, especialmente, também deparamos com muitos pêlos animais e assim também somos especialistas neles.

Um grande aparelho eletrônico começou a sibilar. O patologista informou:

- A análise do sangue está pronta.

Numa tela de vídeo, eles viram padrões de listras de cores suaves.

- É o padrão de eletroforese - explicou o patologista. - Para verificar as proteínas no sangue. À esquerda, temos sangue humano comum. À direita, temos uma amostra do sangue que encontramos sob as unhas. Como podem constatar, não resta a menor dúvida de que não se trata de sangue humano.

- Não é sangue humano? - indagou Ross, olhando para Elliot.

- É parecido com o sangue humano - respondeu o patologista, olhando para os padrões. - Mas não é humano. Podia ser um animal doméstico ou de criação... talvez um porco. Ou então um primata. Em termos sorológicos, micos e macacos são bem próximos de seres humanos. Teremos uma análise de computador dentro de um minuto.

Na tela, o computador imprimiu: GLOBULINAS ALFA E BETA COMBINAM: SANGUE DE GORILA.

O patologista comentou:

- Aí está a resposta ao que ele tinha debaixo das unhas. Sangue de gorila.

5. Exame

- Ela não vai machucá-lo - disse Elliot ao assustado enfermeiro, no compartimento de passageiros do jato de carga 747.
- Está até lhe sorrindo.

Amy estava realmente oferecendo o seu sorriso mais cativante, tomando cuidado em não expor os dentes. Mas o enfermeiro da clínica particular de Nairobi não estava familiarizado com a etiqueta dos gorilas. Suas mãos tremiam, segurando a seringa.

Nairobi era a última oportunidade para Amy receber um *checkup* meticuloso. Mas o corpo grande e poderoso estava em desacordo com a fragilidade constitucional, assim como o rosto carrancudo e aparentemente irado não combinava com a natureza mansa, um tanto terna. Em São Francisco, a equipe do Projeto Amy submetia-a a um regime médico cuidadoso, com exames de urina a cada dois dias, amostras de fezes verificadas todas as semanas à procura de indícios de sangue, exames de sangue completos todos os meses, uma visita ao dentista a cada três meses, para remoção do tártaro preto que se acumulava da dieta vegetariana.

Amy aceitava tudo com a maior tranquilidade, mas o apavorado enfermeiro não sabia disso. Aproximou-se de Amy empunhando a seringa à sua frente, como se fosse uma arma.

- Tem certeza de que ele não vai morder?

Procurando ser prestativa, Amy sinalizou: *Amy promete não morder*. Estava sinalizando devagar, firmemente, como sempre fazia quando se confrontava com alguém que não conhecia sua linguagem.

- Ela promete não mordê-lo - disse Elliot.

- É o que você diz - murmurou o enfermeiro.

Elliot não se deu ao trabalho de explicar que fora Amy quem fizera a promessa e não ele. Depois que as amostras de sangue foram tiradas, o enfermeiro relaxou um pouco. Arrumando suas coisas, ele comentou:

- Certamente, é um monstro horrendo.

- Magoou os sentimentos dela - disse Elliot.

Amy estava de fato sinalizando vigorosamente. *Quem horrendo?*

- Não é nada, Amy - acrescentou Elliot. - Ele simplesmente nunca viu uma gorila antes.

O enfermeiro interveio:

- O que disse?

- Magoou os sentimentos dela. É melhor pedir desculpas.

O enfermeiro fechou a sua valise médica. Olhou para Elliot e depois para Amy.

- Pedir desculpas a isso?

- A ela - disse Elliot. - Exatamente. Gostaria que alguém lhe dissesse que é horrendo?

Era uma posição contra a qual Elliot ressentia-se intensamente. Ao longo dos anos, aprendera a ficar revoltado com os preconceitos que os seres humanos demonstravam em relação aos grandes macacos, considerando os chimpanzés como crianças simpáticas, os orangotangos como velhos sábios e os gorilas como bestas enormes e perigosas. Estavam enganados, em todos os casos.

Cada um desses animais possuía características singulares, não se enquadrando absolutamente nos estereótipos humanos. Os chimpanzés, por exemplo, eram muito mais insensíveis do que os gorilas. Como os chimpanzés eram extrovertidos, um chimpanzé furioso era muito mais perigoso do que um gorila furioso. No jardim zoológico, Elliot costumava observar, espantado, como as mães humanas empurravam os filhos para verem os chimpanzés mais de perto, enquanto as puxavam protetoramente diante dos gorilas. Obviamente, tais mães não sabiam que os chimpanzés pegavam e devoravam bebês humanos, algo que os gorilas nunca faziam.

Elliot testemunhara repetidamente o preconceito humano contra os gorilas e aprendera a reconhecer seu efeito em Amy. Amy não podia evitar o fato de ser imensa e preta, de rosto achatado e assustador. Por trás do rosto que as pessoas consideravam tão repulsivo, no entanto, havia uma consciência inteligente e sensível, simpática às pessoas que a cercavam. Ficava aflita quando as

peças fugiam dela ou gritavam de medo, faziam comentários cruéis. O enfermeiro franziu o rosto e disse:

- Está querendo dizer que ele entende inglês?
- Isso mesmo, ela entende.

A mudança de gênero era outra coisa que não agradava a Elliot. As pessoas que tinham medo de Amy sempre presumiam que ela era macho. O enfermeiro sacudiu a cabeça.

- Não acredito.
- Amy, acompanhe o homem à porta.

Amy foi até a porta e abriu-a para o enfermeiro, que saiu com os olhos arregalados. Amy fechou a porta.

Humano tolo, - sinalizou ela.

- Não importa - disse Elliot. - Venha, Peter faz cócegas Amy.

E pelos 15 minutos seguintes, ele fez cócegas em Amy, que rolava pelo chão e grunhia de profunda satisfação. Elliot nunca notou a porta abrir-se por trás dele, não percebeu a sombra projetando-se pelo chão, até que já era tarde demais. Virou a cabeça para olhar e deparou com o cilindro escuro descendo. No instante seguinte, sua cabeça explodiu com uma dor branca ofuscante. E tudo se apagou.

6. Seqüestrada

Ele despertou com um guincho eletrônico estridente.

- Não se mexa, senhor - disse uma voz.

Elliot abriu os olhos e deparou com uma luz intensa apontada em sua direção. Ainda estava caído de costas no avião, com alguém debruçado sobre ele.

- Olhe para a direita... agora para a esquerda... Pode flexionar os dedos?

Elliot acatou as instruções. A luz foi afastada e ele viu um preto de jaleco branco, agachado ao seu lado. O homem tocou na cabeça de Elliot e os dedos saíram vermelhos de sangue.

- Não precisa ficar alarmado - disse o homem. - O ferimento é superficial. - Ele desviou os olhos, indagando: - Pode calcular por quanto tempo ele ficou inconsciente?

- Por cerca de dois minutos, não mais do que isso - respondeu Munro.

O guincho estridente tornou a soar. Elliot viu Ross movimentando-se pelo compartimento de passageiros, com uma espécie de mochila pendurada no ombro e manejando uma vareta à sua frente. Houve outro guincho.

- Mas que diabo! - exclamou ela, arrancando alguma coisa do lado da janela. - Com este, o total é de cinco. Eles fizeram realmente um bom trabalho.

Munro baixou os olhos para Elliot e perguntou:

- Como se sente?

- Ele deveria ficar sob observação por 24 horas - disse o preto. - Apenas como precaução.

- Essa não! - disse Ross, sem parar de se movimentar pelo compartimento.

- Onde ela está? - perguntou Elliot.

- Eles a levaram - disse Munro. - Abriram a porta dos fundos, ativaram a rampa pneumática e partiram, antes que qualquer de nós percebesse o que estava acontecendo. Encontramos isto ao seu lado.

Munro estendeu um pequeno frasco de vidro, com inscrições em japonês. Os lados do frasco estavam arranhados. Num dos lados, havia um êmbolo de borracha, no outro uma agulha quebrada.

Elliot sentou-se.

- Calma, calma - disse o médico.

- Estou me sentindo muito bem - respondeu Elliot, embora sentisse a cabeça latejar terrivelmente. Ele revirou o frasco na mão.

- Estava embaçado quando o encontrou?

Munro assentiu.

- Muito frio.

- CO2 - Era um dardo de uma pistola de gás. Ele sacudiu a cabeça - Quebraram a agulha nela.

Ele podia imaginar os gritos de ultraje de Amy. Ela estava desacostumada a qualquer coisa que não fosse o tratamento mais terno. Talvez fosse essa uma das falhas de seu trabalho com Amy.

Não a preparara para o mundo real. Ele cheirou o frasco, sentindo um odor penetrante.

- Lobaxina. É um soporífico de ação rápida, fazendo efeito em 15 segundos. É o que usaram.

Elliot estava furioso. Quase não se usava lobaxina em animais, por causa das lesões que causava ao fígado. E ainda haviam quebrado a agulha.

Ele levantou e apoiou-se em Munro, que passou o braço por sua cintura. O médico protestou.

- Estou bem - disse Elliot.

Houve mais um guincho no outro lado do compartimento, este bem alto e prolongado. Ross estava passando o bastão sobre o armário de remédios, além dos vidros de pílulas e outros medicamentos. O barulho pareceu embaraçá-la. Ela afastou-se rapidamente, fechando o armário.

Ela atravessou o compartimento de passageiros e houve um novo guincho. Ross retirou um pequeno artefato preto debaixo de um dos assentos.

- Olhem só para isso! Eles devem ter trazido um homem extra só para instalar os microfones. Vamos levar horas para limpar o avião. Não podemos esperar.

Ross foi imediatamente para o painel de computador e começou a transmitir. Elliot indagou:

- Onde o pessoal do consórcio está agora?

- O grupo principal deixou o aeroporto de Kubala, nos arredores de Nairobi, há seis horas - respondeu Munro.

- Então, não levaram Amy.

- Claro que não - disse Ross, parecendo contrariada. - Eles não têm qualquer uso para Amy.

- Eles a mataram?

- É possível - respondeu Munro.

- Oh, Deus...

- Mas eu duvido - acrescentou Munro. - Não querem publicidade e Amy é famosa... tão famosa em alguns círculos quanto um embaixador ou um chefe de Estado. Trata-se de uma gorila falante e não há muitas assim. Já apareceu nos noticiários de

televisão, houve muitas fotografias suas nos jornais... Eles teriam preferido matá-lo, ao invés de Amy.

- Espero mesmo que não a matem - murmurou Elliot.

- Não vão matá-la - declarou Ross, incisivamente. - O consórcio não está interessado em Amy. Nem mesmo sabem por que a trouxemos. Estão apenas tentando destruir as nossas coordenadas de tempo... mas não vão conseguir.

Alguna coisa no tom dela indicava que pretendia deixar Amy para trás. A perspectiva apavorou Elliot.

- Temos de encontrá-la - disse ele. - Amy é minha responsabilidade. Não posso abandoná-la aqui...

- Temos 72 minutos - disse Ross, apontando para a tela - Exatamente uma hora e 12 minutos, antes de estourarmos a nossa linha de tempo. - Ela virou-se para Munro e acrescentou: - E temos de passar para a segunda contingência.

- Está certo - disse Munro. - Colocarei os homens para trabalharem nisso.

- Num novo avião - disse Ross. - Não podemos levar este, pois está inteiramente contaminado.

Ela estava batendo as letras de chamada no painel de computador, os dedos voando sobre o teclado.

- Vamos levá-lo diretamente para o ponto M. Certo?

- Claro.

Elliot interveio:

- Não vou embora sem Amy. Se pretendem partir e deixá-la para trás, terão de me deixar também.

Elliot parou de falar abruptamente. Na tela, aparecia a mensagem:

ESQUEÇAM GORILA SIGAM URGENTE PARA PROXIMA ETAPA MACACA NAO IMPORTANTE RESULTADO LINHA DE TEMPO CONFIRMA COMPUTADOR REPITO SIGAM EM FRENTE SEM AMY.

- Não podem deixá-la aqui - insistiu Elliot. Eu também ficarei.

- Pois deixe-me dizer-lhe uma coisa - reagiu Ross. - Nunca achei que Amy fosse importante para esta expedição ou que você também o fosse. Desde o início, ela não passou de uma diversão. Fui

seguida quando cheguei a São Francisco. Você e Amy proporcionaram uma diversão. Deixaram o consórcio completamente confuso. Valeu a pena. Agora, não vale mais. Deixaremos os dois aqui, se for necessário. Pode estar certo de que não me importo absolutamente com isso.

7. Microfones

- Está querendo me dizer...

Elliot não pôde continuar, pois Ross interrompeu-o, friamente:

- Isso mesmo. Você é dispensável.

Mas mesmo enquanto falava, ela segurava firmemente o braço de Elliot e levava-o para fora do avião, um dedo da outra mão subindo aos lábios.

Elliot compreendeu que ela tencionava apaziguá-lo em particular, mas estava determinado a não alterar sua posição. Amy era sua responsabilidade, que se danassem os diamantes e a intriga internacional. Lá fora, na pista de concreto, ele repetiu, obstinado:

- Não vou partir sem Amy.

- Nem eu.

Ross encaminhou-se rapidamente através da pista, na direção de um helicóptero da polícia. Elliot apressou-se para alcançá-la.

- Como?

- Será que não pode compreender coisa alguma? - disse Ross. - Aquele avião não está limpo. Está repleto de microfones e o consórcio escuta tudo o que falamos. Fiz aquele pequeno discurso em benefício deles.

- Mas quem a estava seguindo em São Francisco?

- Ninguém. Eles vão passar horas tentando imaginar quem podia ser.

- Amy e eu não éramos apenas uma diversão?

- Claro que não. Preste atenção. Não sabemos exatamente o que aconteceu com a última expedição da ERTS ao Congo. Mas não importa o que você, Travis ou qualquer outra pessoa possa

dizer, continuo convencida de que houve gorilas envolvidos no caso. E acho que Amy nos ajudará muito, quando chegarmos lá.

- Como uma embaixadora?

- Precisamos de informações. E ela sabe mais a respeito de gorilas do que nós.

- Mas pode encontrá-la em uma hora e dez minutos?

- Claro que não. - Ross olhou para o relógio. - Não vai demorar mais que 20 minutos.

- Mais baixo! Mais baixo!

Ross estava gritando pelo seu equipamento de rádio, sentada ao lado do piloto do helicóptero da polícia. O helicóptero contornava a torre do Palácio do Governo, virando-se em seguida e deslocando-se para o norte, na direção do Hilton.

- Isso não é aceitável, madame - disse o piloto, polidamente. - Estamos voando abaixo das limitações do espaço aéreo.

- Pois está muito alto!

Ross olhava para uma caixa em seus joelhos, com registros digitais nos quatro pontos cardeais. Ela manipulava os controles rapidamente, enquanto o rádio explodia com os protestos furiosos da torre de controle de vôo de Nairobi.

- Para leste agora - determinou ela.

O helicóptero se inclinou e seguiu para leste, na direção dos subúrbios pobres da cidade.

No banco traseiro, Elliot sentia o estômago contrair-se e revirar-se a cada movimento brusco do helicóptero. A cabeça latejava intensamente e sentia-se muito mal, mas insistira em ir. Era a única pessoa com conhecimentos suficientes para cuidar de Amy, se ela estivesse com algum problema médico.

Agora, sentada ao lado do piloto, Ross disse, apontando para nordeste:

- Tenho um registro.

O helicóptero sobrevoou choças miseráveis, depósitos de ferro-velho cheios de carros abandonados, ruas de terra.

- Mais devagar agora, mais devagar...

Os registros brilhavam, os números se alterando rapidamente.

Elliot viu quando todos se fixaram em zero, simultaneamente.

- Aqui! - gritou Ross.

O helicóptero desceu para o centro de um vasto depósito de lixo. O piloto permaneceu no helicóptero, fazendo um último e inquietante comentário:

- Onde há lixo, há ratos.

- Ratos não me incomodam - disse Ross, desembarcando com a caixa na mão.

- Onde há ratos, há cobras - acrescentou o piloto.

- Oh... - fez Ross.

Ela atravessou o vazadouro com Elliot. Uma brisa soprava, agitando detritos e papéis aos pés deles. A cabeça de Elliot doía, os odores do vazadouro deixavam-no nauseado.

- Não falta muito - disse Ross.

Ela estava observando a caixa. De repente, muito excitada, olhou para o relógio.

- Aqui!

Ross inclinou-se e começou a remover o lixo, a mão deslocando-se em círculos, escavando cada vez mais fundo, em frustração, afundando até os cotovelos.

Finalmente, ela se empertigou com um colar... um colar que dera a Amy ao embarcarem no avião, em São Francisco. Virou-o, examinando a etiqueta de plástico com o nome, que a Elliot parecia extremamente grossa. Havia arranhões recentes atrás.

- Oh, diabo, 16 minutos perdidos! - exclamou Ross, voltando apressadamente para o helicóptero à espera.

Elliot foi atrás dela.

- Como poderá encontrá-la, se eles se livraram do colar com o microfone?

- Ninguém planta apenas um microfone - respondeu Ross. - Este era apenas um chamariz, instalado para que eles o encontrassem.

Ela apontou para os arranhões atrás da etiqueta de plástico, explicando:

- Mas eles são espertos e alteraram as frequências.
- Talvez tenham se livrado também do segundo microfone.
- Isso não aconteceu.

O helicóptero alçou vôo, ruidosamente, o lixo do vazadouro turbilhonando em círculos por baixo. Ross comprimiu o bocal contra os lábios e disse ao piloto:

- Leve-me ao maior depósito de ferro-velho de Nairobi.

Nove minutos depois, eles captaram outro sinal, muito fraco, localizado no interior de um ferro-velho, cheio de carros enferrujados.

O helicóptero pousou na rua lá fora, atraindo dezenas de crianças a gritarem. Ross entrou com Elliot no ferro-velho, passando pelas carcaças de automóveis e caminhões.

- Tem certeza de que ela está aqui? - perguntou Elliot.
- Não pode haver a menor dúvida. Eles tinham de cercá-la de metal. Era a única coisa que podiam fazer.
- Por quê?
- Como proteção.

Ross foi avançando entre os veículos enferrujados, parando freqüentemente para conferir a caixa eletrônica.

E, de repente, Elliot ouviu um grunhido.

Partiu do interior de um velho ônibus Mercedes, completamente enferrujado. Elliot passou rapidamente pela porta arrebentada, as juntas de borracha do interior desfazendo-se em suas mãos. Encontrou Amy nos fundos, amarrada com fita adesiva. Ela estava tonta, mas queixou-se ruidosamente quando Elliot arrancou a fita de seus pêlos.

Ele localizou a agulha quebrada no lado direito do peito de Amy e arrancou-a com uma pinça. Amy soltou um grito estridente e depois abraçou-o. Elliot ouviu o gemido distante de uma sirene da polícia.

- Está tudo bem, Amy, está tudo bem...

Elliot largou-a e examinou-a mais cuidadosamente. Ela parecia estar bem.

- Onde está o segundo microfone?

Ross sorriu.

- Ela engoliu-o.

Agora que Amy estava salva, Elliot sentiu-se invadido por uma onda de raiva.

- Obrigou-a a engolir? Um microfone eletrônico? Será que não compreende que ela é muito delicada e sua saúde é extremamente precária...

- Não precisa ficar tão irritado - interrompeu-o Ross. - Lembra-se daquelas vitaminas que lhe dei? Você também engoliu. - Ela olhou para o relógio e acrescentou: - Foram 32 minutos. Não está nada mau. Ainda dispomos de 40 minutos antes de partirmos de Nairobi.

8. Ponto Presente

Munro estava sentado no 747, apertando botões no painel de computador. Ficou observando as linhas se cruzarem sobre os mapas.

definindo linhas de tempo, coordenadas de informações.

O computador repassava rapidamente as possíveis rotas de expedição, testando uma nova, a cada dez segundos. Depois que todos os dados eram verificados, os resultados apareciam na tela: custo, dificuldades de logística, problemas de suprimento, tempos totais transcorridos desde Houston e do Ponto Presente (Nairobi), onde se encontravam naquele momento.

Procurando por uma solução.

Não era mais como antigamente, pensou Munro. Mesmo cinco anos antes, as expedições ainda eram orientadas na base do palpite e da sorte. Agora, no entanto, cada expedição utilizava planejamento de computador de tempo real. Há muito que Munro fora obrigado a aprender BASIC e TW/GESHUND, além de outras grandes linguagens interativas. Ninguém mais fazia a coisa pela sensibilidade.

O negócio realmente mudara muito.

Munro decidira juntar-se à expedição da ERTS precisamente por causa dessas mudanças. Certamente não tomara a decisão por causa de Karen Ross, que era teimosa e inexperiente. Mas a ERTS possuía os dados básicos funcionais mais elaborados e os programas de planejamento mais sofisticados. A longo prazo, ele esperava que esses programas constituíssem a diferença crucial. E ele gostava de um grupo menor; a partir do momento em que o consórcio estivesse em campo, o grupo de 30 pessoas seria inconveniente e prejudicial.

Mas ele precisava encontrar uma linha de tempo mais rápida para levá-los ao local. Munro continuou a apertar os botões, observando os dados aparecerem na tela. Fixou trajetórias, cruzamentos, junções. Depois, com uma percepção nascida da longa experiência, começou a eliminar alternativas. Fechou trilhas, acabou com pistas de aterrissagem, eliminou caminhos de caminhões, evitou as travessias de rios.

O computador continuou a oferecer tempos reduzidos, mas do Ponto Presente (Nairobi) os tempos totais transcorridos eram sempre compridos demais. A melhor projeção superava o consórcio por 37 minutos, o que não representava uma vantagem com que se pudesse contar. Ele franziu o rosto, fumou um charuto. Talvez, se atravessassem o Rio Liko, em Mugana...

Ele apertou os botões.

Não adiantou nada. A travessia do Liko era mais lenta. Ele tentou a passagem pelo Vale de Goroba, muito embora fosse perigosa demais para se correr o risco.

ROTA PROPOSTA EXCESSIVAMENTE PERIGOSA.

- Grandes mentes pensam da mesma forma - murmurou fumando o charuto.

Mas ele começou a se perguntar: haveria outros caminhos heterodoxos que teriam ignorado? E foi então que teve uma idéia.

Os outros não gostariam, mas podia dar certo...

Munro pediu a lista de equipamentos de logística. Isso mesmo, estavam devidamente equipados. Ele apertou os botões, estabelecendo a rota. Sorria, enquanto via a linha se estender reta através da África, até poucos quilômetros de seu destino. Pediu que o computador fornecesse os resultados.

ROTA PROPOSTA INACEITÁVEL.

Ele apertou o botão de rejeição e obteve as informações assim mesmo. Era exatamente como imaginara: podiam superar o consórcio em 40 horas. Quase dois dias inteiros!

O computador voltou à declaração anterior:

ROTA PROPOSTA INACEITAVEL / FATORES DE ALTITUDE / RISCOS PARA PESSOAL EXCESSIVOS / PROBABILIDADE SUCESSO ABAIXO LIMITES /

Munro não achava que isso era verdade. Estava convencido de que poderiam conseguir, especialmente se o tempo estivesse bom.

A altitude não constituiria problema e o terreno, embora irregular, seria relativamente propício.

E quanto mais pensava a respeito, mais Munro se convencia de que daria certo.

9. Partida

O pequeno avião *Fokker S-144* estava parado ao lado do gigantesco jato de carga 747, como um bebê mamando no seio da mãe. Havia um movimento constante nas duas rampas de carga, enquanto homens transferiam equipamentos do avião maior para o menor. Voltando ao aeroporto, Ross explicou a Elliot que partiriam no avião menor, já que o 747 tinha de ser vasculhado e era "grande demais" para suas atuais necessidades.

- Mas o jato deve ser mais rápido - comentou Elliot.

- Não necessariamente.

Ross não explicou mais nada. De qualquer forma, as coisas estavam agora acontecendo muito depressa e Elliot tinha outras preocupações. Ele ajudou Amy a embarcar no *Fokker* e examinou-a meticulosamente. Ela parecia ter escoriações no corpo inteiro... ou pelo menos se queixava de que tudo doía, quando ele a tocava. Mas Amy não tinha ossos quebrados e estava bastante animada.

Diversos pretos estavam carregando equipamentos para o avião, rindo e dando tapinhas nas costas uns dos outros, divertindo-se imensamente. Amy estava intrigada com os homens, querendo

saber qual era a piada. Mas eles ignoraram-na, concentrando-se no trabalho. E ela ainda estava tonta do soporífero. Não demorou a dormir.

Ross supervisionava o carregamento. Elliot foi para a parte posterior do avião, onde ela estava conversando com um preto jovial, a quem apresentou como Kahega.

- Ah, Dr. Elliot! - disse Kahega, apertando a mão de Elliot. - Dra. Ross e Dr. Elliot, dois doutores! Isso é ótimo!

Elliot não entendia por que era tão ótimo assim. Kahega deu uma risada contagiante.

- Um disfarce muito bom - anunciou ele. - Não como nos velhos tempos com o Capitão Munro. Agora dois doutores... uma missão médica, hem? Muito bom. Onde estão os "suprimentos médicos"?

Ele alteou uma sobrancelha.

- Não temos suprimentos médicos - respondeu Ross, suspirando.

- Isso é ótimo, doutora. Gosto do seu jeito. É americana, não é mesmo? Estamos levando o quê? M-16. Rifle muito bom. É o que prefiro, pessoalmente.

- Kahega acha que estamos contrabandeando armas - disse Ross. - Não pode acreditar que isso não é verdade.

Kahega estava rindo.

- Estão com o Capitão Munro!

Ele falou como se isso explicasse tudo e depois afastou-se, para acompanhar o trabalho dos homens.

- Tem certeza de que não estamos contrabandeando armas? - indagou Elliot, quando ficaram a sós.

- Estamos atrás de algo mais valioso do que armas.

Ross estava arrumando os equipamentos, trabalhando rapidamente. Elliot perguntou se podia ajudar, mas ela sacudiu a cabeça.

- Tenho de cuidar disso pessoalmente. Temos de reduzir a 20 quilos por pessoa.

- Vinte quilos? Incluindo tudo?

- É o que permite a projeção do computador. Munro contratou Kahega e sete outros assistentes kikuyus. Com nós três, dá um total de 11 pessoas e mais Amy... que também vai levar seus 20 quilos. Isso dá um total de 240 quilos.

Ross continuou a pesar equipamentos e pacotes de alimentos.

A informação deixou Elliot com sérias apreensões. A expedição estava enveredando por um novo curso, enfrentando um perigo ainda maior. Seu desejo imediato de desistir de tudo era contido pela recordação da tela de vídeo e da criatura cinzenta, semelhante a um gorila, que ele desconfiava ser um animal desconhecido. Era uma descoberta que valia qualquer risco. Ele olhou através da janela para os carregadores.

- Eles são kikuyus?

- Isso mesmo. São bons carregadores, embora não saibam ficar de boca fechada. Os kikuyus adoram falar. Por falar nisso, são todos irmãos. Portanto, tome cuidado com o que falar. Só espero que Munro não lhes tenha contado demais.

- Aos kikuyus?

- Não. À ANNC.

- ANNC?

- Os chineses. Eles estão muito interessados em computadores e tecnologia eletrônica. Munro deve estar lhes contando alguma coisa, em troca dos conselhos que estão dando.

Ross gesticulou pela janela e Elliot olhou. Lá estava Munro, à sombra da asa do 747, conversando com quatro chineses.

- Guarde estas coisas naquele canto - pediu Ross a Elliot.

Ela apontou para três caixas grandes, marcadas: **MERGULHADORES AMERICANOS, LAGO ELSINORE, CALIFÓRNIA.**

- Vamos fazer explorações submarinas? - indagou Elliot, perplexo.

Mas Ross não estava prestando atenção.

- Eu gostaria muito de saber o que ele está lhes dizendo - murmurou ela.

Mas Ross não precisava se preocupar, pois Munro pagou aos chineses em algo que eles consideravam mais valioso do que

informações eletrônicas.

O *Fokker* decolou de Nairobi às 14:24, três minutos antes do prazo previsto.

Durante as 16 horas subsequentes à recuperação de Amy, a expedição da ERTS viajou por 900 quilômetros, através das fronteiras de quatro países, Quênia, Tanzânia, Ruanda e Zaire, no percurso de Nairobi à Floresta Barawanda, na beira da selva tropical do Congo. A logística desse movimento complexo seria impossível sem a ajuda de um aliado externo. Munro disse que "tinha amigos em lugares escusos". No caso, ele recorrera ao Serviço Secreto Chinês, na Tanzânia.

Os chineses haviam sido ativos na África desde o início da década de 1960, quando suas redes de espionagem tentaram influenciar o curso da guerra civil congoleza. Porque a China queria ter acesso aos ricos depósitos de urânio do Congo. Os agentes de campo tinham cobertura do Banco da China ou, mais comumente, da Agência de Notícias Nova China. Munro lidara com diversos "correspondentes de guerra" da ANNC, quando contrabandeava armas, de 1963 a 1968. Nunca perdera os seus contatos.

O envolvimento financeiro chinês na África era considerável.

Ao final dos anos 60, mais da metade dos dois bilhões de dólares em ajuda externa da China era concedida a nações africanas. Uma sorna equivalente foi gasta secretamente; em 1973, Mao Tsé-Tung queixou-se publicamente do dinheiro que desperdiçara ao tentar derrubar o governo do Zaire do Presidente Mobutu.

A missão chinesa na África tinha por objetivo neutralizar a influência russa. Mas desde a Segunda Guerra Mundial que os chineses não sentiam o menor amor pelos japoneses. Assim, o desejo de Munro de vencer o consórcio euro-japonês caiu em ouvidos simpáticos. Para comemorar a aliança, Munro trouxera de Hong Kong três caixas de papelão sujas de graxa.

Os dois principais agentes chineses na África, Li Tao e Liu Shuwen, eram da província de Hu-nan. Achavam tedioso seu trabalho na África, por causa da suave comida africana. Assim, aceitaram agradecidos o presente de Munro, uma caixa de fungos de árvore, uma caixa de molho de soja e uma caixa de molho de

pimenta com alho. O fato de que tais produtos vinham da neutra Hong Kong, não sendo os condimentos inferiores produzidos em Formosa, constituía um ponto sutil. Seja como for, o presente proporcionou o clima apropriado para uma conversa informal.

Agentes da ANNC ajudaram Munro com os aspectos burocráticos, alguns equipamentos difíceis de obter e informações. Os chineses possuíam mapas excelentes, informações admiravelmente detalhadas sobre as condições na fronteira nordeste do Zaire... já que prestavam assistência às tropas tanzanianas que invadiam Uganda. Os chineses informaram-no que os rios da selva estavam transbordando e aconselharam-no a providenciar barcos infláveis para as travessias. Mas Munro não se deu ao trabalho de seguir o conselho deles. Ele parecia ter algum plano de alcançar o objetivo sem atravessar quaisquer rios. Só que os chineses não podiam imaginar como.

Às 10 horas da noite de 16 de junho, o *Fokker* fez escala para reabastecimento no aeroporto de Rawamagena, nos arredores de Kigali, em Ruanda. A autoridade de controle de tráfego local entrou no avião com uma prancheta e diversos formulários, indagando qual o destino seguinte. Munro disse que era o aeroporto de Rawamagena, significando que o avião faria uma volta e retornaria. Elliot franziu o rosto.

- Mas vamos pousar em algum lugar no...

- Psiu! - advertiu-o Ross, sacudindo a cabeça. - Deixe como está.

O agente de controle de tráfego pareceu contentar-se com esse plano de vôo, partindo assim que o piloto assinou um formulário na prancheta. Ross explicou que os controladores de vôo de Ruanda estavam acostumados a aviões que não registravam integralmente seus planos de vôo.

- Ele só quer saber quando o avião estará de volta a este campo. O resto não é da sua conta.

O aeroporto de Rawamagena estava mergulhado na indolência. Tiveram de esperar duas horas pelo combustível. Embora normalmente impaciente, Karen Ross esperou em silêncio. E Munro cochilou, igualmente indiferente à demora.

- E a linha do tempo? - indagou Elliot.
- Não há problema - respondeu Ross. - Não poderemos mesmo partir por três horas. Precisamos de luz em Mukenko.

- É lá que fica o aeroporto?

- Se é que se pode chamar de aeroporto - disse Munro, puxando o chapéu de safári sobre os olhos e voltando a cochilar.

Isso deixou Elliot preocupado até que Ross explicou que a maioria das pistas de aviação no interior da África não passavam de faixas de terra abertas no mato. Os pilotos não podiam pousar à noite ou nas manhãs de nevoeiro, porque freqüentemente havia animais na pista ou nômades acampados, assim como algum outro avião, que pousara e não conseguira decolar novamente.

- Precisamos de luz. É por isso que estamos esperando. Não se preocupe. Está tudo calculado.

Elliot aceitou a explicação e voltou a examinar Amy. Ross suspirou, indagando:

- Não acha que seria melhor lhe contarmos?

- Por quê? - disse Munro, sem levantar o chapéu.

- Talvez haja algum problema com Amy.

- Cuidarei de Amy.

- Elliot vai ficar transtornado, quando descobrir.

- Claro que vai - disse Munro. - Mas não há sentido em deixá-lo perturbado até chegar o momento necessário. Afinal, o que esse pulo vai representar para nós?

- Quarenta horas, no mínimo. É perigoso, mas nos proporcionará urna nova linha de tempo. Ainda poderemos superá-los.

- Pois aí está a sua resposta. Fique de boca fechada e trate de descansar um pouco.

DIA 5: MORUTI

1. Zaire

A cinco horas de Rawamagena, a paisagem mudava. Depois de se passar por Goma, perto da fronteira do Zaire, começaram a sobrevoar as projeções de leste da floresta tropical do Congo. Elliot ficou olhando pela janela, fascinado.

Aqui e ali, à luz pálida da manhã, uns poucos vestígios de nevoeiro aderiam como algodão ao dossel das árvores. Ocasionalmente, passavam pela curva escura e sinuosa de um rio lamacento ou pelo talho reto, profundo e vermelho de uma estrada. De um modo geral, porém, contemplavam uma extensão ininterrupta de floresta densa, estendendo-se pela distância, até onde a vista podia alcançar.

A paisagem era tediosa e ao mesmo tempo assustadora. Afinal, era de fato assustador ser confrontado pelo que Stanley chamara de "imensidão indiferente do mundo natural". Sentado no conforto de ar condicionado de uma cabine de avião, era impossível deixar de reconhecer que aquela floresta vasta e monótona era uma criação gigantesca da natureza, ofuscando inteiramente, na escala, as maiores cidades ou outras criações da humanidade. Cada massa verde individual tinha um tronco com 15 metros de diâmetro, elevando-se pelo ar por 70 metros; um espaço das dimensões de uma catedral gótica estava oculto sob a folhagem exuberante. E Elliot sabia que a floresta estendia-se para oeste por mais de três mil quilômetros, até ser finalmente contida pelo Oceano Atlântico, na costa oeste do Zaire.

Elliot estava na maior expectativa da reação de Amy àquela primeira visão da selva, o ambiente natural dela. Amy olhava pela janela fixamente. Sinalizou: *Aqui selva* – com a mesma neutralidade

emocional com que nomeava cartões de cores ou objetos espalhados pelo chão de seu trailer, em São Francisco. Ela estava identificando a selva, dando um nome ao que via. Mas Elliot não sentiu qualquer reconhecimento mais profundo. Ele perguntou-lhe:

- Amy gosta selva?

Selva aqui, - sinalizou ela. - *Selva é.*

Elliot insistiu, sondando o contexto emocional, que tinha certeza devia existir.

- Amy gosta selva?

Selva aqui. Selva é. Selva lugar aqui Amy ver selva aqui.

Ele tentou outro curso.

- Amy vive selva aqui?

Não. - Sem qualquer ênfase.

- Onde Amy vive?

Amy vive casa Amy. - Referindo-se ao seu trailer em São Francisco. Elliot observou-a afrouxar o cinto de segurança, apoiar o queixo na mão, enquanto olhava distraidamente pela janela. Ela sinalizou: *Amy quer cigarro.*

Ela notara Munro fumando.

- Mais tarde, Amy - disse Elliot.

Às sete horas da manhã, eles sobrevoaram os telhados de metal faiscantes do complexo de mineração de estanho e tântalo, em Masisi.

Munro, Kahega e os outros carregadores foram para a parte posterior do avião, pondo-se a trabalhar nos equipamentos e falando em *swahili*, muito excitados.

Observando-os, Amy sinalizou: *Eles preocupados.*

- Preocupados com o que, Amy?

Eles preocupados homens preocupam eles preocupados problemas.

Depois de algum tempo, Elliot foi para a traseira do avião, onde encontrou os homens de Munro meio enterrados sob imensas ilhas de palha, ajeitando equipamentos em compridos retângulos de musselina, com o formato de torpedos. Depois, punham palha em

torno dos equipamentos. Elliot apontou para os torpedos de musselina.

- O que é isso?

- São chamados de *containers* Crosslin - respondeu Munro.

- Bastante seguros.

- Nunca vi equipamentos acondicionados desse jeito - comentou Elliot, observando os homens trabalharem. - Eles parecem estar protegendo nossos suprimentos com extremo cuidado.

- É justamente a idéia.

Munro afastou-se, indo para a cabine de comando do avião, a fim de conversar com o piloto.

Homem narizcabelo mente Peter, sinalizou Amy. "Homem narizcabelo" era o termo que ela usava para designar Munro. Mas Elliot ignorou-a. Virou-se para Kahega e perguntou:

- O aeroporto fica muito longe?

Kahega fitou-o.

- Aeroporto?

- Em. Mukenko.

Kahega fez uma pausa, pensando por um momento.

- Duas horas - disse ele, finalmente.

Depois, ele riu. Disse alguma coisa em *swahili* e todos os seus irmãos também riram.

- O que há de tão engraçado? - indagou Elliot.

- Oh, doutor - disse Kahega, dando-lhe um tapinha nas costas. - É muito engraçado por sua natureza.

O avião inclinou-se, descrevendo um círculo largo pelo ar. Kahega e seus irmãos espiaram pelas janelas. Elliot acompanhou-os.

Viu apenas a selva ininterrupta... e depois uma coluna de jipes verdes, avançando por uma trilha lamacenta lá embaixo. Parecia uma formação militar. Ele ouviu a palavra "*Muguru*" repetida várias vezes.

- Qual é o problema? - indagou Elliot. - Isto é *Muguru*?

Kahega sacudiu a cabeça vigorosamente.

- Não. Este maldito piloto, eu avisar Capitão Munro, maldito piloto está perdido.

- Perdido? - repetiu Elliot, o próprio som da palavra deixando-o apavorado.

Kahega soltou uma risada.

- Capitão Munro pôs piloto no curso certo, endireitou tudo.

O avião voava agora para leste, afastando-se da selva, na direção de uma área de terras altas cobertas de árvores, colinas ondulantes.

Os irmãos de Kahega conversavam animadamente, riam e trocavam tapinhas nas costas. Pareciam estar se divertindo imensamente.

Ross voltou nesse momento, avançando rapidamente pelo compartimento, o rosto tenso. Abriu caixas de papelão, retirando diversas esferas do tamanho de bolas de basquete, envoltas por papel laminado. Elliot lembrou-se de enfeite de árvore de Natal e indagou:

- O que é isso?

E foi então que ele ouviu a primeira explosão e o *Fokker* estremeceu no ar.

Correndo para a janela, ele avistou uma esteira fina de vapor branco, terminando numa nuvem de vapor preto, à direita. O *Fokker* estava se inclinando, virando na direção da selva. Enquanto Elliot observava, uma segunda trilha branca elevou-se da floresta verde lá embaixo.

Ele compreendeu que era um míssil. Um míssil teleguiado.

- Ross! - gritou Munro.

- Estou pronta! - gritou ela, em resposta.

Houve uma tremenda explosão vermelha e a vista pelas janelas foi obscurecida pela densa fumaça. O avião tremeu todo com o impacto, mas continuou a descrever a curva. Elliot não podia acreditar: alguém estava disparando mísseis contra eles!

- Radar! - gritou Munro. - Não é ótico! Radar!

Ross pegou as esferas prateadas nos braços e afastou-se pelo corredor, Kahega estava abrindo a porta traseira, o vento entrando pelo compartimento.

- Que diabo está acontecendo? - gritou Elliot.

- Não se preocupe - disse Ross - Vamos compensar o tempo perdido.

Houve um zunido intenso, seguido por uma terceira explosão. Com o avião ainda bastante inclinado, Ross tirou os envoltórios das esferas e lançou-as para fora.

Os motores rugindo, o *Fokker* desviou-se 12 quilômetros para o sul e subiu para quatro mil metros de altitude, circulando a floresta num padrão constante. A cada volta, Elliot podia ver as tiras de papel laminado pairando no ar, como uma faiscante nuvem metálica.

Mais dois foguetes explodiram, dentro da nuvem. Mesmo a distância, o barulho e as ondas de choque perturbaram Amy; ela estava balançando para a frente e para trás em seu assento, grunhindo baixinho.

- Conseguimos confundir os sistemas de radar das armas - explicou Ross, sentada diante do painel de computador portátil, acionando botões. - Os SAMs guiados pelo radar situam a nossa posição em algum lugar da nuvem.

Elliot ouviu as palavras lentamente, como se fosse num sonho. Não faziam o menor sentido para ele.

- Mas quem está atirando contra nós?

- Provavelmente a FAZ - respondeu Munro. - Forças Armadas Zaienses... o exército do Zaire.

- O exército do Zaire? Mas por quê?

- É um engano - respondeu Ross, ainda apertando botões, sem levantar os olhos.

- Um engano? Eles estão disparando mísseis contra nós e é um engano? Não acha que é melhor entrar em contato com eles e avisar que se trata de um engano?

- Não é possível.

- Por que não?

- Porque não quisemos apresentar um plano de vôo em Rawamagena - explicou Munro. - Isso significa que estamos tecnicamente violando o espaço aéreo do Zaire.

- Oh, Deus!

Ross não disse nada. Continuou a trabalhar no painel de computador, tentando reduzir a estática na tela, apertando um botão depois de outro.

- Quando concordei em participar desta expedição - disse Elliot, começando a gritar - não esperava entrar numa guerra.

- Nem eu - disse Ross. - Parece que ambos estamos recebendo mais do que desejávamos.

Antes que Elliot pudesse responder, Munro passou o braço pelos ombros dele e levou-o para o lado, dizendo:

- Vai dar tudo certo. Os SAMs estão superados, desde os anos 60. A maioria explode porque o combustível sólido está se decompondo. Não estamos em perigo. Trate de cuidar de Amy, que precisa de sua ajuda agora. Deixe-me trabalhar com Ross.

Ross estava sob intensa pressão. Com o avião circulando a 12 quilômetros da nuvem de papel laminado, ela precisava tomar uma decisão rapidamente. Mas acabara de sofrer um revés terrível, totalmente inesperado.

O consórcio euro-japonês estava na frente deles desde o início, com uma vantagem aproximada de 18 horas e 20 minutos. Em terra, em Nairobi, Munro elaborara um plano, juntamente com Ross, que eliminaria essa diferença e poria a expedição da ERTS no local 40 horas antes da equipe do consórcio. Esse plano, que ela não revelara a Elliot por motivos óbvios, previa o lançamento deles de pára-quedas nas áridas encostas meridionais do Monte Mukenko.

Munro calculava que, de Mukenko, levariam 36 horas para chegar à cidade perdida. Ross esperava efetuar o lançamento às duas horas daquela tarde. Dependendo da cobertura de nuvens em Mukenko e na área específica do salto, eles poderiam alcançar a cidade ainda antes do meio-dia de 19 de junho.

O plano era extremamente arriscado. Estariam saltando com pessoal sem treinamento numa área remota, a mais de três dias a pé da cidade grande mais próxima. Se alguém sofresse um ferimento sério, as chances de sobrevivência seriam mínimas. Havia também uma dúvida a respeito do equipamento: em altitudes de 2.500 a 3.000 metros, nas encostas vulcânicas, a resistência do ar

era reduzida e os *containers* Crosslin talvez não proporcionassem proteção suficiente.

Inicialmente, Ross rejeitara o plano de Munro como arriscado demais, mas ele a convencera de que era viável. Ele ressaltou que os pára-quedas estavam equipados com mecanismos automáticos para abri-los na altura certa, que a área vulcânica superior era tão fofa quanto uma praia arenosa, que os *containers* Crosslin podiam ser superestofados e que ele próprio podia descer com Amy.

Ross conferira as probabilidades de resultados com o computador de Houston e as conclusões foram inequívocas. A probabilidade de um salto bem-sucedido era de .7980, significando que havia uma chance em cinco de que alguém saísse bastante ferido. Contudo, havendo um salto bem-sucedido, a probabilidade de êxito da expedição era de .9943, fazendo com que se tornasse praticamente certo que chegariam ao local antes do consórcio.

Nenhum plano alternativo oferecia possibilidades tão altas. Ela examinara os dados e dissera:

- Acho que vamos saltar.
- Creio que devemos - comentara Munro.

O salto resolvia muitos problemas, pois a situação geopolítica era cada vez mais desfavorável. Os kiganis estavam agora em plena rebelião; os pigmeus eram instáveis; o exército do Zaire enviara unidades blindadas para a área da fronteira do leste, a fim de reprimir os kiganis... e os exércitos africanos eram notórios pela facilidade com que puxavam o gatilho. Saltando em Mukenko, eles esperavam contornar todos esses riscos.

Mas isso fora antes dos SAMs do exército do Zaire começarem a explodir em torno deles. Ainda estavam 130 quilômetros ao sul da área prevista do salto, circulando sobre território kigani, desperdiçando tempo e combustível. Parecia que o plano audacioso, tão cuidadosamente elaborado e confirmado pelo computador, era subitamente irrelevante.

E, para aumentar as dificuldades, Ross não conseguia entrar em contato com Houston; o computador recusava-se a estabelecer a ligação através do satélite. Ross passou 15 minutos trabalhando com

a unidade portátil, aumentando a energia e acionando os códigos de transmissão. Mas finalmente percebeu que a transmissão estava sofrendo interferência eletrônica.

Pela primeira vez em sua memória, Karen Ross sentiu vontade de chorar.

- Calma, calma - disse Munro, suavemente, afastando as mãos dela dos botões. - Uma coisa de cada vez e não adianta ficar transtornada.

Ross apertava os botões incessantemente, sem chegar a perceber o que fazia. Munro estava consciente de que a situação se deteriorava rapidamente, tanto com Elliot quanto com Ross. Já vira a mesma coisa acontecer em expedições anteriores, particularmente quando cientistas e técnicos estavam envolvidos. Os cientistas trabalhavam o dia inteiro em laboratórios, onde as condições podiam ser rigorosamente reguladas e controladas. Mais cedo ou mais tarde, os cientistas tendiam a acreditar que o mundo exterior podia ser controlado da mesma forma que seus laboratórios. Muito embora soubessem que não era bem assim, o choque da descoberta de que o mundo natural seguia as suas próprias regras e era-lhes indiferentes representava um tremendo golpe psíquico. Munro podia perceber os indícios.

- Mas este é obviamente um avião não-militar - exclamou Ross. - Como eles podem fazer uma coisa dessas?

Munro observava-a atentamente. Na guerra civil congoleza os aviões civis eram rotineiramente derrubados por todos os lados.

- Essas coisas acontecem - comentou ele.

- E a interferência eletrônica? Aqueles filhos da mãe não têm capacidade para isso. Está havendo uma interferência entre o nosso transmissor e o satélite. É necessário a utilização de outro satélite em algum lugar e...

Ross parou de falar de repente, franzindo o rosto.

- Não podia esperar que o consórcio ficasse de braços cruzados - comentou Munro. - A questão é apenas uma: pode dar um jeito? Tem recursos para se comunicar de outra forma?

- Claro que tenho. Posso fazer uma transmissão codificada de impacto, posso transmitir óticamente, posso estabelecer uma

ligação com um cabo de terra... Mas não há nada que eu possa fazer nos próximos minutos e precisamos de informações agora. Nosso avião está sendo alvejado.

- Uma coisa de cada vez - repetiu Munro calmamente.

Ele podia ver a tensão no rosto de Ross e sabia que ela não estava pensando claramente. Sabia também que não podia pensar por ela. Precisava acalmá-la.

Na avaliação de Munro, a expedição da ERTS já estava liquidada. Não havia a menor possibilidade de chegarem ao local no Congo antes do consórcio. Mas ele não tinha a menor intenção de largar, já comandara expedições por tempo suficiente para saber que qualquer coisa sempre pode acontecer. E foi por isso que ele disse:

- Ainda podemos compensar o tempo perdido.

- Como?

Munro disse a primeira coisa que lhe passou pela cabeça:

- Pegaremos o Ragora no norte. É um rio muito rápido, não haverá problemas.

- O Ragora é muito perigoso.

- É o que veremos.

Contudo, Munro sabia que ela estava certa. O Ragora era de fato perigoso demais, particularmente em junho. Mas ele manteve a voz calma, suave, tranquilizadora.

- Devo avisar aos outros? - disse ele, finalmente.

- Deve, sim - respondeu Ross, no momento em que ouviam outra explosão de foguete, a distância. - Vamos sair daqui.

Munro deslocou-se rapidamente para a traseira do avião e disse a Kahega:

- Prepare os homens.

- Está certo, chefe.

Uma garrafa de uísque passou de mão em mão, cada homem tomou um longo gole. Elliot perguntou:

- Que diabo isso significa?

Ross voltou naquele momento, com uma expressão sombria.

E informou:

- Daqui por diante, seguiremos a pé.

Elliot olhou pela janela.

- Onde está o aeroporto?

- Não há aeroporto.

- O que está querendo dizer com isso?

- Que não há aeroporto.

- O avião vai pousar nos campos?

- Não - disse Ross. - O avião não vai absolutamente aterrissar.

- Então, como vamos descer?

Mas mesmo enquanto formulava a pergunta, Elliot sentia um frio no estômago, porque sabia qual era a resposta.

- Amy estará bem - disse Munro, jovialmente, apertando as correias em torno do peito de Elliot. - Dei-lhe uma injeção do seu tranqüilizante Thoralen e ela estará bastante calma. Não haverá qualquer problema. Ficarei segurando-a firmemente.

- Vai segurá-la firmemente?

- Ela é pequena demais para se ajustar às correias - explicou Munro. - Terei de levá-la na descida.

Amy roncou alto e babou no ombro de Munro. Ele largou-a no chão. Ela ficou inerte, de costas, ainda roncando.

- E agora preste atenção - acrescentou Munro. - O pára-quedas abre automaticamente. Vai descobrir que tem cordas nas duas mãos. Puxe a da esquerda para seguir nessa direção, a direção para o outro lado...

- O que vai acontecer com ela? - indagou Elliot, apontando para Amy.

- Eu a levarei. E agora preste atenção ao que estou falando. Se alguma coisa sair errada, o pára-quedas de reserva está aqui, no seu peito. - Ele bateu no pára-quedas dobrado, com uma pequena caixa-preta digital, onde estava inscrito o número 4757. - Este é o altímetro. Abre automaticamente o pára-quedas de reserva, se chegar a 1.200 metros e ainda estiver caindo mais depressa do que 60 centímetros por segundo. Não precisa se preocupar com nada. Tudo é automático.

Elliot estava apavorado, encharcado de suor.

- E quando eu chegar ao solo?

- Também não precisa se preocupar com isso. - Munro sorriu. - Vai igualmente pousar automaticamente. Trate apenas de relaxar, absorva o choque nas pernas. É o equivalente a pular de três metros de altura. Já fez isso uma porção de vezes.

Por trás dele, Elliot podia ver a porta aberta, o sol brilhante iluminando o avião. O vento zunia furiosamente. Os homens de Kahega pularam em rápida sucessão, um depois do outro. Elliot olhou para Ross, que estava pálida, o lábio inferior tremendo, enquanto ela se segurava na beira da porta.

- Karen, você não vai permitir...

Ela saltou, desaparecendo ao clarão do sol. Munro disse:

- Você é o próximo.

- Nunca saltei de pára-quedas antes - balbuciou Elliot.

- Assim é melhor. Não ficará assustado.

- Mas acontece que estou apavorado.

- Posso dar um jeito nesse problema - disse Munro, empurrando Elliot pela porta.

Munro observou-o cair, o sorriso desaparecendo no mesmo instante. Adotara aquela atitude efusiva apenas em benefício de Elliot.

- Se um homem precisa fazer algo perigoso - comentou ele, mais tarde - ajuda muito se está furioso. É para a sua própria proteção. É melhor ele odiar alguém do que desmoronar. Eu queria que Elliot me odiasse enquanto caía.

Munro compreendia os riscos. No instante em que deixaram o avião, deixaram também a civilização e todas as pressuposições incontestáveis da civilização. Estavam saltando não apenas através do espaço, mas também através do tempo, retornando a um estilo de vida mais primitivo e perigoso... as eternas realidades do Congo, que já existiam por muitos séculos, antes deles.

- Esses eram os fatos da vida - disse Munro, depois. - Mas eu não via motivo para preocupar os outros antes de saltarem. Meu trabalho era levar aquelas pessoas para o Congo, não deixá-las apavoradas. Havia tempo bastante para isso.

Elliot caiu, totalmente apavorado.

Sentiu o estômago subir para a garganta, gosto de bÍlis aflorar à sua língua; o vento zunia em seus ouvidos, puxava-lhe os cabelos, o ar era frio, ele sentiu-se imediatamente enregelado e começou a tremer. Por baixo dele, a floresta Barawana estendia-se sobre as colinas ondulantes. Elliot não estava em condições de apreciar a beleza que se lhe oferecia. Até fechou os olhos, pois estava caindo na direção do solo a uma velocidade terrível. Mas, com os olhos fechados, ficou mais consciente do uivo do vento.

Tempo demais transcorrera. Evidentemente, o pára-quadras não se abria. Sua vida dependia agora do pára-quadras de reserva, preso em seu peito. Ele apertou o pequeno fardo, perto do estômago revirado. Afastou as mãos abruptamente. Não queria interferir com a abertura automática. Recordava-se vagamente de que pessoas haviam morrido assim, ao interferirem com a abertura do pára-quadras.

O vento uivante continuava, seu corpo caía assustadoramente.

Nada estava acontecendo! Ele sentia o vento furioso puxando-lhe os pés, açoitando a calça, fustigando a camisa contra os braços. Nada estava acontecendo! Pelo menos três minutos já haviam transcorrido desde que saltara do avião. Não se atrevia a abrir os olhos, por medo de ver as árvores chegando muito perto de seu corpo, nos derradeiros segundos antes do choque, nos últimos instantes de sua vida consciente...

Ele ia vomitar.

A bÍlis escorreu de sua boca. Mas como estava caindo de cabeça para baixo, o líquido desceu-lhe pelo queixo, depois pelo pescoço, entrou por dentro da camisa. O frio era terrível. A tremedeira tornava-se incontrolável.

O corpo virou de repente, com um brusco solavanco.

Por um instante, Elliot pensou que batera no chão. Logo compreendeu que continuava a descer pelo ar, só que mais lentamente.

Abriu os olhos e contemplou o céu azul-claro.

Olhou para baixo e ficou chocado ao descobrir que ainda estava a centenas de metros do solo. Obviamente, estava caindo há

apenas poucos segundos do avião lá em cima...

Levantando os olhos, Elliot não conseguiu divisar o avião. Diretamente acima dele, havia um imenso formato retangular, com listras brilhantes, vermelhas, brancas e azuis. Era o pára-quadras.

Achando mais fácil olhar para cima do que para baixo, ele examinou o pára-quadras atentamente. A extremidade anterior era curva e estofada, a posterior era fina, adejando à brisa. Parecia muito com uma asa de avião, com cordas descendo para o seu corpo.

Elliot respirou fundo e olhou para baixo. Ainda estava muito acima da paisagem. Havia algum conforto na lentidão com que estava descendo. Era algo realmente pacífico.

E foi então que percebeu que não estava descendo, mas sim deslocando-se para o lado. Podia ver os outros pára-quadras lá embaixo, de Kahega, seus homens e Ross. Tentou contá-los e julgou que eram seis, mas tinha dificuldade em se concentrar. Parecia estar se afastando deles, lateralmente.

Puxou as cordas da mão esquerda e sentiu o corpo virar-se, enquanto o pára-quadras se movia levando-o para a esquerda.

Nada mau, pensou ele.

Puxou os cordões da esquerda com mais força, ignorando o fato de que isso parecia fazê-lo deslocar-se mais depressa. Tentou manter-se perto dos retângulos descendo por baixo dele. Ouviu o vento uivando em seus ouvidos. Levantou os olhos, esperando divisar Munro. Mas tudo o que podia ver eram as listras de seu próprio pára-quadras.

Tornou a olhar para baixo e ficou atônito ao descobrir que o solo estava muito mais perto. Na verdade, parecia estar subindo em sua direção, a uma velocidade assustadora. Ficou imaginando como surgira a idéia de que estava caindo gentilmente. Não havia absolutamente nada de gentil em sua queda. Viu o primeiro pára-quadras se encolher suavemente, quando Kahega chegou ao solo, depois o segundo e o terceiro.

Não demoraria muito tempo para que também chegasse ao solo. Estava se aproximando do nível das árvores, mas seu movimento lateral era muito rápido. Compreendeu que a mão

esquerda estava puxando as cordas, totalmente rígida. Soltou-as e seu movimento lateral cessou. Deslizou para a frente.

Mais dois pára-quadras se encolheram com o impacto. Olhou para trás e avistou Kahega e seus homens, já no solo, recolhendo os pára-quadras. Eles estavam bem, o que era animador.

Ele estava deslizando para um conjunto denso de árvores. Puxou as cordas e virou para a direita, todo o seu corpo se inclinando.

Estava se deslocando muito depressa agora. As árvores não podiam ser evitadas. Ia se arrebentar nelas. Os galhos pareciam se estender como dedos, querendo agarrá-lo.

Ele fechou os olhos, sentindo os galhos roçarem em seu rosto e corpo enquanto caía, sabendo que a qualquer segundo ia bater, atingir o solo e rolar...

Isso nunca chegou a acontecer.

Tudo se tornou silencioso. Elliot sentiu que balançava para cima e para baixo. Abriu os olhos e descobriu que estava suspenso um metro e meio acima do solo, balançando. O pára-quadra ficara preso nas árvores.

Abriu as correias e caiu para o solo. Ao se levantar, Kahega e Ross aproximaram-se correndo, indagando se estava bem.

- Estou ótimo - respondeu Elliot.

E ele sentia-se mesmo extraordinariamente bem, mais vivo do que em qualquer outra ocasião anterior de que pudesse se recordar. No instante seguinte, ele caiu, com a sensação de que as pernas eram de borracha. E vomitou. Kahega soltou uma risada e disse:

- Bem-vindo ao Congo.

Elliot limpou o queixo e disse:

- Onde está Amy?

Munro chegou ao solo um momento depois, com uma orelha sangrando, onde Amy o mordera, dominada pelo terror. Mas Amy não sofreu muito com a experiência e prontamente correu para Elliot, certificando-se de que ele estava bem. E depois sinalizou: *Amy não gosta voar.*

- Cuidado!

O primeiro dos pacotes Crosslin em formato de torpedo caiu, explodindo como uma bomba ao bater no solo, espalhando equipamentos e palha em todas as direções.

- Lá vem o segundo!

Elliot mergulhou em busca de segurança. A segunda bomba caiu a poucos metros de distância; trazia os *containers* de papel laminado com os alimentos. Lá em cima, ele podia ouvir o zumbido do *Fokker* circulando. Levantou-se a tempo de ver os dois pacotes Crosslin restantes caírem, os homens de Kahega correndo para se abrigarem, enquanto Ross gritava:

- Cuidado! São os que trazem os lasers!

Era como estar no meio de uma *blitz*. Mas tudo acabou tão depressa quanto começara. O *Fokker* lá em cima afastou-se e o céu ficou silencioso. Os homens puseram-se a recolher os equipamentos e enterrar os pára-quedas, enquanto Munro gritava instruções em *swahili*.

Vinte minutos depois, eles estavam seguindo em fila indiana pela floresta, iniciando uma jornada de 300 quilômetros que os levaria para as regiões inexploradas do leste do Congo, ao encontro de uma recompensa fabulosa.

Se conseguissem chegar lá a tempo.

2. Kigani

Passado o choque inicial do salto, Elliot passou a apreciar a jornada pela Floresta Barawana. Micos guinchavam nas árvores, os pássaros gritavam no ar fresco. Os carregadores kikuyus estavam atrás deles, fumando e gracejando entre si, numa língua exótica. Elliot descobriu que todas as suas emoções eram agradáveis: a sensação de libertação de uma civilização absurda, a sensação de aventura, de eventos inesperados que poderiam ocorrer em qualquer momento futuro e, finalmente, a sensação de romance, de uma busca pelo passado pungente, enquanto o perigo onipresente mantinha os sentidos alertas e intensos. E era com esse ânimo aguçado que ele escutava os animais da floresta ao seu redor, contemplava o jogo de sombras e luz, sentia o solo elástico sob as

botas. Olhava a todo instante para Karen Ross, a quem julgava bonita e graciosa, de uma maneira totalmente inesperada.

Karen Ross não virava a cabeça para fitá-lo.

Enquanto andava, ela torcia botões numa de suas caixas-pretas eletrônicas, tentando estabelecer um contato. Uma segunda caixa eletrônica estava pendurada em seu ombro por uma correia. Como ela não se virava para fitá-lo, Elliot teve tempo de notar que já havia uma mancha escura de suor no ombro dela e outra descendo pelas costas da blusa. Os cabelos louros, de uma tonalidade escura, estavam úmidos, aderindo desgraciosamente à parte posterior da cabeça. E notou também que a calça de Ross estava amarrotada, com crostas de terra. E ela continuava a não olhar para trás.

- Desfrute a floresta - aconselhou-o Munro. - Esta é a última oportunidade de sentir-se refrescado e seco, por um longo tempo.

Elliot concordou que a floresta estava agradável.

- Tem razão, é mesmo muito agradável - assentiu Munro, com uma estranha expressão em seu rosto.

Barawana não era uma floresta virgem. Ocasionalmente, passavam por campos abertos pelo homem e outros sinais de habitação humana, embora não chegassem a ver lavradores. Quando Elliot mencionou o fato, Munro limitou-se a sacudir a cabeça. Enquanto se embrenhavam pela floresta, Munro foi ficando cada vez mais absorto, não querendo falar. Contudo, demonstrava grande interesse pela fauna, parando volta e meia para escutar atentamente os gritos dos pássaros, antes de fazer sinal para que a expedição continuasse.

Durante essas pausas, Elliot olhava para trás, contemplando a fila de carregadores, com os fardos equilibrados na cabeça, sentindo intensamente uma afinidade com Livingstone e Stanley, com todos os outros exploradores que haviam se embrenhado pela África um século antes. Nisso, as suas associações românticas eram acuradas. A vida na África Central pouco mudara desde que Stanley explorara o Congo, na década de 1870. A natureza básica das expedições para aquela região também não mudara. A exploração séria ainda era realizada a pé; carregadores ainda eram necessários, as despesas ainda eram assustadoras... assim como os perigos.

Por volta de meio-dia, as botas de Elliot começaram a machucar-lhe os pés. Ele descobriu que estava extremamente cansado. Aparentemente, os carregadores também estavam cansados, porque haviam caído no silêncio, não mais fumavam e não mais gritavam gracejos. A expedição continuou em silêncio, até que Elliot perguntou a Munro se iam parar para o almoço.

- Não - respondeu Munro.

- Ótimo - disse Karen Ross, olhando para o relógio.

Pouco depois de uma hora da tarde, ouviram subitamente o barulho de helicópteros. A reação de Munro e dos carregadores foi imediata: mergulharam para o abrigo de um amontoado de árvores imensas e esperaram, olhando para cima. Momentos depois, dois grandes helicópteros verdes passaram lá por cima. Elliot pôde ver nitidamente as letras brancas nas fuselagens: "FAZ."

Munro observou atentamente os aparelhos que se afastavam.

Eram Hueys, de fabricação americana. Ele não conseguira ver os armamentos.

- É o exército - comentou ele. - Estão procurando pelos kiganis.

Uma hora depois, chegaram a uma clareira, onde se plantava mandioca. Uma tosca casa de madeira estava no centro, fumaça clara saindo de uma chaminé, roupa pendurada numa corda, balançando à brisa suave. Mas não viram habitantes.

A expedição contornara clareiras cultiváveis anteriormente, mas desta vez Munro levantou a mão, determinando que todos parassem. Os carregadores largaram seus fardos e se sentaram na relva, sem falar.

O clima era tenso, embora Elliot não pudesse compreender o motivo. Munro agachou-se ao lado de Kahega, à beira da clareira, observando a casa e os campos ao redor. Depois de 20 minutos, como ainda não houvesse qualquer sinal de movimento, Ross, que estava agachada perto de Munro, ficou impaciente.

- Não sei por que estamos...

Munro pôs a mão sobre a boca de Ross. Ele apontou para a clareira e formulou silenciosamente uma palavra: kiganis.

Os olhos de Ross se arregalaram. Munro retirou a mão.

Todos continuaram observando a casa. Ainda não havia qualquer sinal de vida. Ross fez um movimento circular com o braço, sugerindo que contornassem a clareira e seguissem adiante. Munro sacudiu a cabeça e apontou para o chão, indicando que ela deveria ficar sentada. Munro olhou inquisitivamente para Elliot e apontou para Amy, que se alimentava na relva alta, a um lado. Parecia preocupado com a possibilidade de Amy fazer barulho. Elliot fez sinal para que Amy ficasse quieta, mas não era necessário. Amy podia sentir a tensão geral e, de vez em quando, olhava cautelosamente para a casa.

Nada aconteceu por vários minutos, eles escutaram o zumbido das cigarras ao sol quente de meio-dia e continuaram esperando. Observavam as roupas adejarem ao vento.

Então, o filete de fumaça azul da chaminé cessou de repente.

Munro e Kahega trocaram um olhar. Kahega voltou para o lugar em que os carregadores estavam sentados, abriu um fardo e tirou uma metralhadora. Cobriu a trava de segurança com a mão, abafando o estalido quando a puxou. O silêncio na clareira era quase inacreditável. Kahega voltou a postar-se ao lado de Munro e entregou-lhe a metralhadora. Esperaram mais alguns minutos. Elliot olhou para Ross, mas ela não estava olhando em sua direção.

Houve um suave rangido quando a porta da casa se abriu. Munro aprontou a metralhadora. Ninguém saiu. Todos ficaram olhando, esperando. E, finalmente, os kiganis saíram.

Elliot contou 12 homens altos e musculosos, com arcos e flechas, empunhando gangas compridas. As pernas e peitos estavam cobertos de listras brancas. Os rostos eram inteiramente brancos, o que lhes dava à cabeça uma aparência ameaçadora, como se fossem crânios. Enquanto os kiganis se deslocavam pela plantação de mandioca, somente suas cabeças brancas eram visíveis, virando-se ao redor, tensamente.

Mesmo depois que se afastaram, Munro continuou observando a clareira silenciosa por mais dez minutos. Finalmente,

se levantou e suspirou. Quando falou, a voz parecia incrivelmente alta.

- Aqueles eram kiganis.

- O que estavam fazendo? - indagou Ross.

- Comendo - respondeu Munro. - Mataram a família naquela casa e depois comeram. A maioria dos lavradores foi embora, porque os kiganis estão em ação.

Ele fez sinal para que Kahega pusesse os homens novamente em movimento. Partiram, contornando a clareira. Elliot continuou olhando para a casa, imaginando o que poderia encontrar, se lá entrasse. A declaração de Munro fora inteiramente casual: Mataram a família... e depois comeram.

- Acho que devemos nos considerar afortunados - murmurou Ross, olhando para trás. - Somos provavelmente as últimas pessoas no mundo a testemunhar essas coisas.

Munro sacudiu a cabeça.

- Duvido muito. Os velhos hábitos sempre resistem.

Durante a guerra civil congolês, na década de 1960, notícias sobre canibalismo disseminado e outras atrocidades chocaram o mundo ocidental. Mas, na verdade, o canibalismo sempre fora praticado abertamente na África Central.

Em 1897, Sidney Hinde escreveu que "quase todas as tribos da Bacia do Congo são ou já foram canibais, entre algumas, a prática está aumentando". Hinde ficou impressionado pela natureza franca do canibalismo congolês: "Os capitães de vapores me garantiram muitas vezes que, sempre que querem comprar cabras dos nativos, escravos são exigidos em troca, os nativos freqüentemente sobem a bordo com presas de marfim, com a intenção de comprar um escravo, queixando-se de que a carne anda agora escassa na região."

No Congo, o canibalismo não estava associado com ritual, religião ou guerra, era simplesmente uma preferência de dieta. O Reverendo Holman Bentley, que passou 20 anos na região, citou um nativo que teria dito: "Vocês, homens brancos, consideram o porco como a mais saborosa das carnes, mas a carne de porco não pode ser comparada com a carne humana." Bentley estava convencido de

que os nativos "não podiam compreender as objeções levantadas a tal prática. `Vocês comem aves e cabras, nós comemos homens. Por que não? Qual é a diferença? Essa atitude franca espantava os observadores e levava a costumes bizarros. Em 1910, Herbert Ward escreveu sobre mercados em que os escravos eram vendidos "aos pedaços, enquanto ainda vivos. Por mais incrível que possa parecer, os nativos são levados de um lugar para outro, a fim de que os indivíduos possam ter a oportunidade de indicar, através de marcas externas no corpo, as porções que desejam adquirir. As marcas distintivas são geralmente feitas por argilas coloridas ou hastes de relva, presas de uma maneira peculiar. O estoicismo espantoso das vítimas, que assim testemunham a negociação de porções do seu corpo, é somente igualado pela insensibilidade com que eles avançam ao encontro de seu destino.

Tais informações não podem ser descartadas como histeria do final da era vitoriana, pois todos os observadores acharam os canibais amáveis e simpáticos. Ward escreveu que "os canibais não são traiçoeiros nem mesquinhos. Numa contradição direta a todas as conjeturas naturais, eles estão entre os melhores tipos de homens".

Bentley descreveu-os como "homens alegres e viris, amistosos na conversa e bastante ostensivos em sua afeição".

Sob a administração colonial belga, o canibalismo tornou-se muito mais raro. Na década de 1950, foram até criados uns poucos cemitérios. Mas ninguém pensava seriamente que o canibalismo estivesse erradicado. Em 1956, H. C. Engert escreveu: "O canibalismo está longe de ter desaparecido na África... Já vivi numa aldeia de canibais, por algum tempo, encontrando alguns ossos (humanos). Os nativos... eram bastante simpáticos. Era simplesmente um costume antigo. Que relutava em desaparecer."

Munro considerava o levante kigaru de 1979 como uma insurreição política. Os nativos estavam se rebelando contra as exigências do governo do Zaire de que os kigarus passassem da caça para a agricultura, como se isso fosse uma questão de extrema simplicidade.

Os kiganis constituíam um povo pobre e atrasado, o conhecimento de higiene era rudimentar; a dieta carecia de

proteínas e vitaminas, eram vítimas fáceis da malária ancilostomíase, esquistossomose e doença do sono africana. Uma criança em quatro morria ao nascer, poucos kiganis adultos viviam além dos 25 anos de idade. As dificuldades, de sua vida exigiam explicações, fornecidas por feiticeiros. Os kiganis acreditavam que a maioria das mortes era sobrenatural: ou a vítima estava sob o encantamento de um feiticeiro, violara algum tabu ou fora morta pelos espíritos vingativos dos mortos. Caçar era também uma atividade sobrenatural. A caça era fortemente influenciada pelo mundo dos espíritos. Na verdade, os kiganis achavam o mundo sobrenatural muito mais real do que o mundo do cotidiano, que consideravam um "sonho desperto".

Tentavam controlar o sobrenatural através de encantamentos e poções mágicas, fornecidos pelo *angawa*. Também efetuavam alterações rituais do corpo, como pintar o rosto e as mãos de branco, a fim de tornar um homem mais poderoso na batalha. Os kiganis acreditavam que a magia também residia nos corpos de seus adversários. Assim, para superar os encantamentos lançados por outro *angawa*, comiam os corpos dos inimigos. O poder mágico conferido ao inimigo passava assim a lhes pertencer, frustrando os feiticeiros adversários.

Essas crenças eram antigas e os kiganis há muito que haviam definido um padrão de reação às ameaças, que era o de comer outros seres humanos. Em 1890, eles partiram em pilhagem pelo norte, depois das primeiras visitas de estrangeiros trazendo armas de fogo, que assustavam a caça. Durante a guerra civil, em 1961, famintos, eles passaram a atacar e devorar outras tribos.

- E por que eles estão comendo pessoas agora? - perguntou Elliot a Munro.

- Querem manter os seus direitos de caçar - respondeu Munro. - Apesar dos burocratas de Kinshasa.

No início da tarde, a expedição subiu uma colina, da qual se podia descortinar os vales por trás deles, para o sul. Ao longe, avistaram grandes nuvens de fumaça turbilhonante e línguas de fogo. Ouviram as explosões abafadas de foguetes e observaram os helicópteros sobrevoando, como abutres mecânicos por cima de carniça.

- São aldeias kiganis que estão sendo atacadas - comentou Munro, olhando para trás e sacudindo a cabeça. - Eles não têm a menor chance, especialmente porque os homens nos helicópteros e as tropas de infantaria são da tribo *abawe*, a inimiga tradicional dos kiganis.

O mundo do século XX não podia admitir as crenças canibalistas. O governo de Kinshasa, a três mil quilômetros de distância, já decidira "eliminar o constrangimento" de canibais dentro de suas fronteiras. Em junho, o governo do Zaire despachou cinco mil soldados de infantaria, seis helicópteros americanos UH-2, equipados com foguetes, e dez transportes blindados, a fim de sufocar a rebelião kigani. O líder militar no comando das operações, General Ngo Muguru, não tinha ilusões sobre a sua diretiva. Muguru sabia que Kinshasa queria que ele eliminasse os kiganis como uma tribo. E era exatamente o que tencionava fazer.

Durante o resto do dia, eles ouviram explosões distantes de morteiros e foguetes. Era impossível não contrastar os equipamentos modernos com os arcos e flechas dos kiganis que eles haviam visto. Ross comentou que era lamentável, mas Munro respondeu que era inevitável.

- O propósito da vida é permanecer vivo - comentou Munro.
- Observem qualquer animal na natureza: tudo o que ele tenta é permanecer vivo. Não se importa absolutamente com crenças ou filosofias. Sempre que o comportamento de qualquer animal o deixa fora de contato com as realidades de sua existência, inevitavelmente acaba extinto. Os kiganis não perceberam que os tempos mudaram e que suas crenças não funcionam mais. E por isso serão extintos.

- Talvez haja uma verdade mais alta do que simplesmente permanecer vivo - comentou Ross.

- Não há - declarou Munro.

Eles avistaram diversos outros grupos de kiganis, geralmente a uma distância de muitos quilômetros. Ao final do dia, depois que atravessaram a precária ponte de madeira sobre o Desfiladeiro Moruti, Munro anunciou que estavam agora além do território kigani e seguros, pelo menos por enquanto.

3. Acampamento em Moruti

Numa clareira alta, por cima de Moruti, o "lugar de ventos suaves", Munro gritou instruções em *swahili*. Os carregadores de Kahega prontamente arriaram seus fardos, começando a retirar equipamentos. Karen Ross olhou para o relógio.

- Vamos parar?

- Vamos - respondeu Munro.

- Mas são apenas cinco horas. Ainda restam duas horas de claridade.

- Mas vamos parar aqui. - Moruti ficava a 500 metros de altitude, mais duas horas de caminhada e alcançariam a floresta tropical lá embaixo. - É muito mais fresco e mais agradável aqui.

Ross disse que não estava preocupada com o fato de um lugar ser mais agradável do que outro.

- Mas vai se preocupar - assegurou Munro.

Munro tencionava permanecer afastado da floresta tropical sempre que possível. O progresso na selva era lento e incômodo, teriam experiência mais do que suficiente com lama, sanguessugas e febres.

Kahega gritou-lhe em *swahili*. Munro virou-se para Ross e disse:

- Kahega quer saber como armar as barracas.

Kahega segurava uma bola prateada de pano amarrotado na mão estendida. Os outros carregadores estavam igualmente confusos, vasculhando suas cargas, procurando pelas estacas e paus de barracas familiares, sem encontrar nada parecido.

O acampamento da ERTS fora projetado sob contrato por uma equipe da NASA, em 1977, com base no reconhecimento de que os equipamentos de uma expedição por terras ermas permaneciam fundamentalmente inalterados desde o século XVIII. "Os equipamentos para a exploração moderna há muito que estão atrasados", diagnosticara a ERTS, pedindo melhorias no material em termos de peso, conforto e eficiência. A NASA reformulara tudo, das roupas e botas às barracas e utensílios para cozinhar, alimentos,

dietas, caixas de primeiros socorros e sistemas de comunicações, a fim de atender às necessidades das expedições da ERTS.

As novas barracas eram típicas do tratamento escolhido pela NASA. Chegara-se à conclusão de que o peso da barraca consistia principalmente em suportes da estrutura. Além disso, as barracas simples eram deficientemente isoladas. Se as barracas fossem devidamente isoladas, poder-se-ia reduzir o peso das roupas e de sacos de dormir, assim como as necessidades diárias de calorias dos membros da expedição. Como o ar era um excelente isolante, a solução óbvia era uma barraca pneumática, em suportes. Fora justamente o que a NASA projetara, uma barraca que pesava apenas dois quilos e meio.

Usando uma pequena bomba acionada com o pé, Ross encheu a primeira barraca. Era feita com uma camada dupla de Mylar prateada e parecia com uma reluzente cabana de metal. Os carregadores bateram palmas, deliciados. Munro sacudiu a cabeça, divertido.

Kahega pegou uma pequena unidade prateada, do tamanho de uma caixa de sapatos.

- E o que é isto, doutora?

- Não vamos precisar disso esta noite - respondeu Ross. - É um condicionador de ar.

- Nunca saia sem o seu ar-condicionado - comentou Munro, ainda divertido.

Ross lançou-lhe um olhar furioso.

- Os estudos demonstram que o maior fator específico a reduzir a eficiência no trabalho é a temperatura do ambiente, com a privação de sono como o segundo fator.

- Mas que coisa!

Munro achou graça, olhando para Elliot. Mas este estava absorvido na contemplação da floresta tropical, ao sol do fim de tarde. Amy aproximou-se e puxou-lhe a manga.

Mulher e homem narizcabelo brigam, - sinalizou ela.

Amy gostara de Munro desde o início e o sentimento era recíproco. Ao invés de afagar-lhe a cabeça e tratá-la como uma criança, como quase todas as pessoas faziam, Munro instintivamente

tratava-a como uma fêmea. Além disso, já convivera o bastante entre gorilas para conhecer alguma coisa do comportamento deles. Embora não conhecesse a linguagem dos sinais, compreendia perfeitamente, quando Amy levantava os braços, que ela queria que lhe fizesse cócegas. Munro atendia-a por alguns momentos, enquanto Amy rolava pelo chão, grunhindo de prazer.

Mas Amy sempre se afligia com os conflitos e estava agora de rosto franzido. Elliot assegurou-lhe:

- Eles estão apenas conversando.

Ela sinalizou: *Amy quer comer.*

- Dentro de um minuto.

Virando-se, Elliot avistou Ross montando o equipamento de transmissão. Aquilo seria um ritual diário durante o resto da expedição, algo que jamais deixava de fascinar Amy. No total, o equipamento para enviar uma transmissão a 15 mil quilômetros de distância, via satélite, pesava apenas três quilos. Os mecanismos de contramedidas eletrônicas pesavam mais um quilo e meio.

Primeiro, Ross abria a antena desmontável com o disco prateado, de um metro e meio de diâmetro. (Amy gostava particularmente disso; à medida que o dia avançava, ela começava a perguntar a Ross quando abriria a "flor metal".) Depois, Ross ligava a caixa do transmissor, acionando as células de combustível de criônio-cádmio. Em seguida, ligava os módulos anti-interferência e finalmente o terminal de computador miniaturizado, com seu pequeno teclado e a tela de dez centímetros.

Esse equipamento em miniatura era altamente sofisticado. O computador de Ross tinha uma memória de 189K e todos os circuitos eram redundantes, os compartimentos eram hermeticamente lacrados e à prova de choques, até mesmo o teclado era de operação de impedância. Assim, não havia partes móveis, que pudessem emperrar, deixar passar água ou poeira.

E era um equipamento incrivelmente resistente. Ross lembrava-se perfeitamente dos "testes de campo". No estacionamento da ERTS, os técnicos lançavam novos equipamentos contra a parede, chutavam-nos através do concreto, deixavam-nos dentro de baldes com água lamacenta durante a noite. Qualquer

coisa que estivesse funcionando no dia seguinte era considerada aprovada para as expedições de campo.

Agora, ao pôr-do-sol, em Moruti, ela apertou as coordenadas de código, a fim de iniciar a transmissão para Houston, conferiu a força do sinal e esperou pelos seis minutos até que a ligação fosse concluída. Mas a pequena tela continuou a exibir apenas estática cinzenta, com intermitentes pulsações de cores. Isso significava que alguém estava interferindo com uma "sinfonia".

No jargão da ERTS, o nível mais simples de interferência eletrônica era chamado de "tuba". Como uma criança na casa vizinha exercitando-se com sua tuba, essa interferência era simplesmente incômoda. Ocorria dentro de freqüências limitadas e era freqüentemente fortuita ou acidental, mas as transmissões conseguiam geralmente superá-la. No nível seguinte estava o "quarteto de cordas", com interferência em múltiplas freqüências, de uma maneira ordenada, havia depois a "grande banda", em que a música eletrônica cobria uma gama de freqüência mais ampla e, finalmente, havia a "sinfonia", onde virtualmente toda a gama de transmissão era bloqueada.

Ross estava sendo agora atingida por uma "sinfonia". Para rompê-la, exigia-se absoluta coordenação com Houston, algo impossível, nas circunstâncias. Mas a ERTS tinha diversas rotinas prefixadas. Ela foi experimentando uma depois da outra e finalmente rompeu o bloqueio com uma técnica conhecida como codificação de interstício. (A codificação de interstício aproveitava o fato de que até mesmo a música mais compacta tinha períodos de silêncio ou interstícios, durando microssegundos. Era possível verificar os sinais de bloqueio, identificar as regularidades nos interstícios e depois transmitir em jatos, durante os silêncios.)

Ross ficou satisfeita ao ver a pequena tela luzir numa imagem multicolorida... um mapa da posição deles no Congo. Ela apertou a trava de posição de campo e uma luz piscou na tela. Palavras apareceram em "linha curta", a linguagem compacta vara imagens em telas pequenas. CAMP TEMP-POSI CONFIR: CONFIR TEMP 18:04 H 17/6/79.

Ross confirmou que realmente passavam alguns minutos das 18 horas na locação. Imediatamente, linhas sobrepostas surgiram na tela, enquanto a Posição-Tempo de Campo era comparada com a simulação de computador projetada em Houston, antes da partida deles.

Ross estava preparada para más notícias. Pelos seus cálculos mentais, estavam setenta e tantas horas atrasados na coordenada de tempo projetada e cerca de vinte e tantas horas atrás do consórcio.

O plano original previa o salto nas encostas de Mukenko às duas horas da tarde de 17 de junho, com a chegada a Zinj aproximadamente 36 horas depois, por volta de meio-dia de 19 de junho. Isso os poria no local quase dois dias antes do consórcio.

Contudo, o ataque com os mísseis obrigara-os a saltarem quase 130 quilômetros ao sul da zona prevista de lançamento. O terreno da selva diante deles era irregular e podiam esperar compensar uma parte do tempo percorrendo os rios em balsas. Mesmo assim, ainda levariam um mínimo de três dias para percorrer os 130 quilômetros.

Isso significava que não podiam mais acalentar qualquer esperança de alcançar o local antes do consórcio. Em vez de chegarem 48 horas antes, teriam sorte se chegassem apenas 24 horas tarde demais.

Para surpresa de Ross, no entanto, a tela piscou: CAMP TEMPOSI CONF: -09:04H BOM TRAB. Estavam apenas nove horas atrasados em sua linha de tempo simulada.

- O que isso significa? - perguntou Munro, olhando para a tela.

Havia apenas uma única conclusão possível e foi o que Ross disse:

- Alguma coisa atrasou o consórcio.

Na tela, apareceram outras palavras: CONS EURO / .JAP PROBI LEG AEROPOR GOMA ZAIR AVIAO RADIATIVO AZAR DELS.

- Travis não ficou de braços cruzados em Houston - comentou Ross. Ela podia imaginar o quanto devia ter custado à ERTS ajeitar as coisas no aeroporto rural de Goma. - Mas isso

significa que ainda podemos conseguir, se dermos um jeito de compensar as nove horas de atraso.

- Podemos dar um jeito - asseverou Munro.

À luz do sol poente equatorial, o acampamento de Moruti reluzia como um conjunto de jóias ofuscantes... um disco de antena prateado, cinco barracas prateadas, tudo refletindo o sol intenso. Peter Elliot estava sentado no topo da colina com Amy, contemplando a floresta tropical se estendendo lá embaixo. À medida que a noite caía, as primeiras línguas de neblina surgiram; enquanto a escuridão se tornava densa e o vapor de água ia se condensando no ar que esfriava, a floresta foi ficando amortalhada por um nevoeiro denso.

DIA 6: LIKO

18 de junho de 1979

1. Floresta Tropical

Na manhã seguinte, eles entraram na floresta tropical do Congo, úmida e permanentemente escura.

Munro constatou o retorno de antigos sentimentos de opressão e claustrofobia, mesclados com uma prostração estranha e sufocante. Como um mercenário no Congo, na década de 1960, ele evitara a selva sempre que possível. A maior parte dos combates militares ocorrera em espaços abertos, nas cidades coloniais belgas, às margens dos rios, à beira das estradas de terra vermelha. Ninguém queria lutar na selva, os mercenários detestavam-na e os supersticiosos simbas temiam-na. Quando os mercenários avançavam, os rebeldes freqüentemente fugiam para a selva. Mas nunca iam muito longe e as tropas de Munro não os perseguiram. Simplesmente ficavam esperando que os rebeldes tornassem a sair.

Mesmo na década de 1960, a selva permaneceria terra incógnita, um território desconhecido com a capacidade de manter a tecnologia da guerra mecanizada além de sua periferia. E com bons motivos, pensava Munro. Os homens não pertenciam à selva. E ele não se sentia satisfeito por estar de volta.

Elliot, que nunca estivera numa floresta tropical, sentia-se fascinado. A selva era diferente da maneira como a imaginara. Estava totalmente despreparado para a escala... as árvores gigantescas, os troncos tão grandes quanto uma casa, as raízes grossas e sinuosas, cobertas de musgo. Movimentar-se no vasto espaço por baixo daquelas árvores era como estar numa catedral

muito escura. O sol estava completamente bloqueado e Elliot não conseguia obter foco suficiente em sua câmara.

Ele também imaginara que a selva era muito mais densa do que na realidade. A expedição avançava livremente. De forma surpreendente, a selva parecia estéril e silenciosa. Havia gritos ocasionais de pássaros e de micos. Afora isso, porém, um silêncio profundo os envolvia. Era também estranhamente monótona. Embora Elliot encontrasse todas as tonalidades de verde na folhagem e nas trepadeiras, havia poucas flores. Até mesmo as orquídeas ocasionais pareciam esmaecidas e abafadas.

Ele esperava deparar com material em decomposição a cada passo, mas isso também não era verdade, o solo era quase sempre firme e o ar tinha um cheiro neutro. Mas era incrivelmente quente e parecia que tudo estava úmido... as folhas, o solo, os troncos das árvores, o próprio ar opressivamente parado, encurralado sob as árvores copadas.

Elliot teria concordado com a descrição que Stanley fizera um século antes: "Lá no alto, os galhos imensos bloqueiam totalmente a luz do sol...Marchamos num tênue crepúsculo... O orvalho gotejava em nós incessantemente... Nossas roupas estavam encharcadas... A transpiração saía de cada poro, pois a atmosfera era sufocante... Que aspecto aterrador tinham as Trevas Desconhecidas que nos confrontavam!"

Como ficara na maior expectativa de sua primeira experiência na selva equatorial africana, Elliot surpreendeu-se ao descobrir como se sentia rapidamente oprimido... e como começou, num instante, a acalentar pensamentos de deixar aquele lugar. Contudo, as florestas tropicais haviam gerado a maior parte das novas formas de vida, inclusive o homem. A selva não era um único ambiente uniforme, mas muitos microambientes diferentes, dispostos verticalmente, como camadas de um bolo. Cada microambiente sustentava uma profusão espantosa de vida vegetal e animal. Mas, tipicamente, havia poucos representantes de cada espécie. A selva tropical sustentava quatro vezes mais espécies de vida animal do que uma floresta temperada equivalente. Avançando pela floresta, Elliot descobriu-se a pensar nela como um enorme

útero, quente e escuro, um lugar em que novas espécies eram alimentadas em condições inalteradas, até que estivessem prontas para emigrar, ao encontro de zonas temperadas mais inóspitas e variadas. Assim fora, por milhões de anos.

O comportamento de Amy mudou imediatamente, a partir do momento em que ela penetrou na vasta escuridão úmida que fora o seu habitat original. Em retrospecto, Elliot pensou que poderia ter previsto a reação dela, se tivesse analisado as coisas objetivamente.

Amy não se mantinha mais no grupo.

Insistia em avançar sozinha pela trilha, parando de vez em quando para sentar e mastigar relva e rebentos tenros. Não se podia demovê-la ou apressá-la e ela ignorava os pedidos de Elliot para que permanecesse junto ao grupo. Nos pontos em que raios de sol atravessavam as copas das árvores, Amy deitava de costas e arrotava, suspirava de contentamento.

- Mas que diabo está acontecendo? - indagou Ross, contrariada, porque não avançavam com a rapidez pretendida.

- Ela voltou a ser uma gorila - explicou Elliot. - Os gorilas são vegetarianos, passam quase o dia inteiro comendo. São animais grandes e precisam de muita comida.

Amy revertera imediatamente a essas características.

- Não pode obrigá-la a nos acompanhar?

- Estou tentando. Mas ela se recusa a me dar qualquer atenção.

E Elliot sabia o motivo. Amy estava finalmente de volta a um mundo em que Peter Elliot era irrelevante, onde ela própria podia encontrar segurança, comida e abrigo, tudo o mais que desejava.

- A escola acabou. - Foi Munro quem assim resumiu a situação. Mas ele tinha uma solução e disse, incisivamente, enquanto avançava na frente da expedição: - Vamos deixá-la. - Ele pegou Elliot pelo cotovelo, firmemente, acrescentando: - Não olhe para trás. Simplesmente continue a andar Ignore-a.

Eles seguiram em frente em silêncio, por vários minutos. Elliot disse, por fim:

- Ela pode não nos seguir.

- Essa não, professor! - exclamou Munro. - Pensei que conhecesse os gorilas.

- E conheço.

- Então, sabe que não existe nenhum nesta parte da floresta tropical.

Elliot assentiu; não vira ninhos nem rastros.

- Mas ela tem tudo o que precisa aqui.

- Nem tudo - garantiu Munro. - Não sem outros gorilas por perto.

Corno todos os primatas superiores, os gorilas eram animais gregários. Viviam em grupo e não se sentiam à vontade - nem seguros - no isolamento. Na verdade, a maioria dos primatologistas presumia que havia uma necessidade de contato social, tão intensamente percebido quanto a fome, sede ou fadiga.

- Somos o grupo dela - acrescentou Munro. - Ela não vai deixar que nos distancie.

Vários minutos depois, Amy aproximou-se ruidosamente pelas moitas, 50 metros à frente. Observou o grupo, lançou um olhar furioso para Peter.

- Venha aqui, Amy - disse Munro. - Vou fazer cócegas em você.

Amy aproximou-se e deitou de costas diante dele. Munro fez cócegas.

- Está vendo, professor? Não há motivo para se preocupar.

Amy nunca mais voltou a se desgarrar do grupo.

Elliot experimentava uma sensação desagradável na floresta tropical, como o domínio natural de seu próprio animal, Karen Ross considerou-a em termos de recursos da terra... algo em que era carente. Ela não se deixou enganar pela vegetação exuberante e de proporções descomunais, que sabia representar um sistema ecológico extraordinariamente eficiente, e construído em solo virtualmente vivo.

As nações em desenvolvimento do mundo não compreendiam esse fato: uma vez limpo, o solo da selva só produziu colheitas decepcionantes. Contudo, as florestas tropicais estavam

sendo desmatadas no índice inacreditável de 50 acres por minuto, dia e noite.

As florestas tropicais do mundo circulavam o equador, um cinturão verde, há pelo menos 60 milhões de anos... mas o homem acabaria com elas, continuando no mesmo ritmo, em mais 20 anos.

Essa destruição sistemática causara algum alarme, do qual Ross não partilhava. Ela duvidava que o clima do mundo mudaria ou que o oxigênio da atmosfera seria reduzido. Ross não era uma alarmista e não se deixava impressionar pelos cálculos dos que eram. Só se sentia inquieta pelo fato de a floresta ser tão pouco compreendida. O índice de desmatamento de 50 acres por minuto significava que espécies vegetais e animais estavam se tornando extintas ao ritmo absurdo de uma espécie por hora. Formas de vida que evoluíram por milhões de anos estavam sendo eliminadas a cada poucos minutos e ninguém podia prever as conseqüências desse estupendo ritmo de destruição. A extinção de espécies estava ocorrendo muito mais depressa do que qualquer um podia reconhecer.

As relações divulgadas de espécies "em perigo" revelavam apenas uma fração da história; o desastre estendia-se por toda a escala do reino animal, abrangendo os insetos, vermes e outras formas inferiores.

A verdade era que sistemas ecológicos inteiros estavam sendo destruídos pelo homem, sem o menor cuidado ou sequer um olhar para trás. E esses sistemas eram na maior parte misteriosos, pouco compreendidos. Karen Ross sentia-se mergulhada num mundo inteiramente diferente do mundo explorável de recursos minerais, ali estava um ambiente em que a vida vegetal reinava, suprema. Não era de admirar, pensou ela, que os egípcios chamassem aquela região de Terra das Árvores. A floresta tropical proporcionava um ambiente de estufa para a vida vegetal, um ambiente em que plantas gigantescas eram muito superiores - e muito mais favorecidas - aos mamíferos, inclusive os insignificantes mamíferos humanos, que agora avançavam por sua perpétua escuridão.

Os carregadores kikuyus tiveram uma reação imediata à floresta: começaram a rir e gracejar, fazendo tanto barulho quanto possível.

Ross comentou para Kahega:

- Eles são bastantes joviais.
- Oh, não! - disse Kahega. - Eles estão afastando.
- Afastando?

Kahega explicou que os homens faziam barulho para afastar os búfalos e leopardos. E o *tembo*, - acrescentou ele, apontando para a trilha.

- Esta é uma trilha de *tembo*? - indagou Ross.

Kahega assentiu.

- O *tembo* vive aqui perto?

Kahega soltou uma risada.

- Espero que não. *Tembo*. Elefante.
- Então, é uma trilha de caça. Veremos elefantes?
- Talvez sim, talvez não - disse Kahega. - Espero que não.

Elefantes são muito grandes.

Não havia como contestar a lógica dele. Ross disse, acenando com a cabeça para a fila de carregadores:

- Disseram-me que são seus irmãos.
- É verdade. São meus irmãos.
- Ah...
- Está querendo dizer que somos irmãos porque temos a mesma mãe?

- Isso mesmo.

- Não temos - disse Kahega.

Ross ficou confusa.

- Não são irmãos de verdade?
- Somos irmãos de verdade. Mas não temos a mesma mãe.
- Então, por que são irmãos?
- Porque vivemos na mesma aldeia.
- Com seus pais e mães?

Kahega parecia chocada e sacudiu a cabeça, taxativamente.

- Não da mesma aldeia.
- Quer dizer que são de aldeias diferentes?

- Isso mesmo. Mas somos kikuyus.

Ross ficou desconcertada. Kahega riu.

Kahega ofereceu-se para carregar o equipamento eletrônico que Ross levava pendurado no ombro, mas ela recusou. Ross devia tentar entrar em contato com Houston a intervalos, durante o dia. Ao meio-dia, ela encontrou uma transmissão livre, provavelmente porque o operador de bloqueio do consórcio fizera uma pausa para almoçar.

Ela conseguiu estabelecer o contato e registrou outro Tempo-Posição de Campo.

A tela indicou: TEMP-POSI CAMP - 10:03 H.

Haviam perdido quase uma hora desde a última verificação, na noite anterior. Ross disse a Munro:

- Precisamos avançar mais depressa.

- Talvez você prefira correr - respondeu Munro. - E um ótimo exercício. - E depois, porque chegou á conclusão de que estava sendo muito duro com ela, Munro acrescentou: - Muita coisa pode acontecer entre o ponto em que nos encontramos e Virunga.

Eles ouviram o troar distante de trovoadas e, minutos depois, estavam encharcados, numa chuva torrencial, as gotas tão grandes e pesadas que chegavam a doer. A chuva caiu incessantemente pela hora seguinte e depois cessou, tão abruptamente como começara. Estavam todos ensopados e angustiados. Quando Munro determinou que parassem para comer, Ross não protestou.

Amy prontamente embrenhou-se pela floresta, para procurar sua própria comida. Os carregadores cozinharam carne e molho de *curry* com arroz. Munro, Ross e Elliot arrancaram sanguessugas de suas pernas, com cigarros. As sanguessugas estavam estufadas de sangue.

- Eu não as tinha notado - comentou Ross.

- A chuva as torna piores - disse Munro.

Ele levantou os olhos bruscamente, observando a selva.

- Alguma coisa errada?

- Não, nada - respondeu Munro.

Ele lançou-se então a uma explicação do motivo pelo qual as sanguessugas tinham de ser arrancadas com o calor, se fossem extraídas a frio, uma parte da cabeça permanecia alojada na carne e provocava uma infecção.

Kahega trouxe-lhes comida e Munro disse, em voz baixa:

- Os homens estão bem?

- Estão, sim - respondeu Kahega. - Os homens estão bem.

- Não terão medo.

- Medo de quê? - indagou Elliot.

- Trate de comer - disse-lhe Munro. - Procure se mostrar o mais natural possível.

Elliot correu os olhos pela pequena clareira, nervosamente.

- Coma! - sussurrou Munro. - Não os insulte. Não deve saber que eles estão aqui.

O grupo comeu em silêncio por vários minutos. E, de repente, a moita próxima se entreabriu e um pigmeu adiantou-se.

2. Os Dançarinos de Deus

Era um homem de pele clara, com cerca de 1,40m de altura, peito estofado, usando apenas uma tanga, com um arco e flechas no ombro. Correu os olhos pela expedição, aparentemente tentando determinar quem era o líder.

Munro levantou-se e disse alguma coisa rapidamente, numa língua que não era *swahili*. O pigmeu respondeu. Munro deu-lhe um dos cigarros que estavam usando para tirar as sanguessugas. O pigmeu não o queria aceso. Largou-o numa pequena bolsa de couro que estava presa na aljava. Seguiu-se uma breve conversa. O pigmeu apontou para a selva diversas vezes.

- Ele diz que um homem branco está morto em sua aldeia - explicou Munro e pegou sua mochila, que continha o equipamento de primeiros socorros. - Terei de me apressar.

Ross interveio:

- Não podemos perder tempo. - Munro fitou-a, de rosto franzido. - De qualquer forma, o homem está morto.

- Não está completamente morto - disse Munro. - Não está morto-para-sempre.

O pigmeu acenou com a cabeça vigorosamente. Munro explicou que os pigmeus classificavam a doença em vários estágios. Primeiro, uma pessoa estava quente, depois ficava com febre, em seguida doente, depois morto, depois completamente morto... e finalmente morto-para-sempre.

Mais três pigmeus emergiram das moitas. Munro assentiu, comentando:

- Eu sabia que ele não estava sozinho. Os pigmeus nunca estão sozinhos. Detestam viajar sozinhos. Os outros estavam nos observando. Se fizéssemos um movimento em falso, receberíamos uma flecha como recompensa. Estão vendo as pontas marrons? É veneno.

Contudo, os pigmeus pareciam agora relaxados... pelo menos até que Amy aproximou-se ruidosamente pelas moitas. Houve gritos então, arcos rapidamente empunhados. Amy ficou apavorada e correu para Peter, pulando em cima dele, agarrando-se em seu peito... e deixando-o completamente enlameado.

Os pigmeus iniciaram uma animada discussão entre si, tentando definir o que significava a chegada de Amy. Várias perguntas foram feitas a Munro. Finalmente, Elliot pôs Amy no chão e perguntou a Munro:

- O que disse a eles?

- Queriam saber se a gorila era sua e eu disse que sim. Queriam saber se a gorila era fêmea e eu disse que sim. Queriam saber se você tinha relações com a gorila e eu disse que não. Disseram que isso era bom, que você não deve ficar muito afeiçoado à gorila, porque isso lhe causaria sofrimento.

- Por que sofrimento?

- Eles disseram que a gorila, ao crescer, vai fugir para a floresta e deixá-lo triste. Ou então vai matá-lo.

Ross ainda se opunha a um desvio para a aldeia dos pigmeus, que ficava a vários quilômetros de distância, na margem do Rio Liko.

- Estamos atrasados em nossas projeções - disse ela. - E o atraso aumenta a cada minuto que passa.

Pela primeira e última vez durante a expedição, Munro perdeu o controle.

- Escute, doutora, não estamos no centro de Houston, mas sim em pleno Congo, que não é um lugar dos melhores para alguém ficar ferido. Temos medicamentos. O homem pode estar precisando. Não podemos deixá-lo para trás. Simplesmente não podemos.

- Se formos à aldeia, perderemos o resto do dia - insistiu Ross. - E isso nos deixará nove ou dez horas ainda mais atrasados. Neste momento, ainda podemos compensar. Com outro atraso, não teremos a menor possibilidade de chegar a tempo.

Um dos pigmeus começou a falar rapidamente para Munro. Ele assentiu, olhando diversas vezes para Ross. Depois, virou-se para os outros.

- Ele diz que o homem branco doente tem alguma coisa escrita no bolso da camisa. Vai desenhar o que está escrito para nós.

Ross olhou para o relógio e suspirou.

O pigmeu pegou um graveto e desenhou letras grandes na terra lamacenta a seus pés. Desenhou com todo cuidado, o rosto franzido em concentração, enquanto reproduzia os símbolos estranhos:

E R T S.

- Santo Deus! - murmurou Ross.

Os pigmeus não andavam pela floresta: corriam, vigorosamente, esgueirando-se entre os galhos e cipós, desviando-se de poças deixadas pela chuva e de raízes enroscadas, com uma facilidade enganadora. Ocasionalmente, olhavam para trás e riam das dificuldades dos três brancos que os seguiam.

Para Elliot, era um ritmo difícil... uma sucessão de raízes nas quais tropeçar, galhos de árvores para lhe bater na cabeça, cipós espinhentos para lhe cortar a carne. Ele estava ofegante tentando acompanhar os homenzinhos, que avançavam sem esforços à sua frente. Ross não estava se saindo melhor do que ele e até mesmo

Munro, embora surpreendentemente ágil, apresentava sinais de fadiga.

Chegaram finalmente a um pequeno córrego e uma clareira iluminada pelo sol. Os pigmeus pararam nas pedras, agacharam-se e viraram os rostos para o sol. Os brancos arriaram no chão, extenuados, ofegantes. Os pigmeus pareciam achar a cena extremamente divertida e riram jovialmente.

Os pigmeus eram os mais antigos habitantes da floresta tropical do Congo. O tamanho pequeno, o comportamento característico e a extrema agilidade haviam-nos tornado famosos séculos antes.

Mais de quatro mil anos antes, um comandante egípcio chamado Herkouf penetrou na grande floresta a oeste das Montanhas da Lua.

Encontrou ali uma raça de homens pequenos, que cantavam e dançavam para seu deus. O relato espantoso de Herkouf tinha um tom de verdade. Heródoto e mais tarde Aristóteles insistiram que as histórias de homens pequenos eram verídicas e não fabulosas. Os Dançarinos de Deus adquiriram inevitavelmente enfeites místicos, à medida que os séculos foram passando.

Ao final do século XVII, os europeus ainda não sabiam com certeza se realmente existiam os homens pequenos que tinham caudas, o poder de voar através das árvores, de se fazerem invisíveis e matar elefantes. O fato de esqueletos de chimpanzés serem algumas vezes tomados por esqueletos de pigmeus aumentava ainda mais a confusão. Colin Turnbull observa que muitos elementos da fábula são no fundo verídicos: as tangas soltas parecem caudas; os pigmeus podem se fundir na floresta e se tornarem virtualmente invisíveis e eles sempre caçaram e mataram elefantes.

Os pigmeus estavam rindo agora, ao se levantarem e recomeçarem a avançar pela floresta. Suspirando, os brancos também se levantaram e foram atrás deles. Correram por mais meia hora, sem jamais pararem ou hesitarem. Elliot finalmente sentiu o cheiro de fumaça e chegaram a uma clareira, ao lado de um córrego, onde se localizava a aldeia.

Ele viu dez cabanas baixas e redondas, que não tinham mais que um metro e meio de altura, dispostas num semicírculo. Os habitantes estavam todos do lado de fora, à luz da tarde, as mulheres limpando cogumelos e frutos colhidos durante o dia, cozinhando papas e tartarugas, em crepitantes fogueiras. Crianças corriam de um lado para outro, incomodando os homens, sentados diante de suas casas, fumando tabaco, enquanto as mulheres trabalhavam.

A um sinal de Munro, eles ficaram esperando na beira da clareira, até serem notados. Só depois é que se adiantaram. A chegada deles provocou o maior interesse. As crianças riam e apontavam, os homens pediam tabaco a Munro e Elliot, as mulheres tocavam os cabelos louros de Ross e discutiam a propósito. Uma menina rastejou entre as pernas de Ross e olhou para cima. Munro explicou que as mulheres não tinham certeza se Ross pintava os cabelos e a menina resolvera dirimir a questão.

- Diga-lhes que a cor é natural - murmurou Ross, corando.

Munro falou rapidamente às mulheres e depois disse a Ross:

- Informei que era a cor dos cabelos de seu pai. Mas não sei se elas acreditam.

Ele entregou cigarros a Elliot para distribuir, um para cada homem; foram recebidos com sorrisos satisfeitos e estranhos risinhos de meninas.

Encerradas as preliminares, eles foram levados para uma casa recentemente construída, na extremidade da aldeia, onde estava o homem branco morto. Encontraram um homem barbado, imundo, de 30 anos, sentado com as pernas cruzadas na pequena porta. Depois de um momento, Elliot compreendeu que o homem era catatônico, não mexia um músculo sequer.

- Santo Deus! - exclamou Ross. - É Bob Driscoll!

- Conhece-o? - indagou Munro.

- Ele era geólogo na primeira expedição do Congo. - Ela inclinou-se para o homem, sacudiu a mão diante do rosto dele. - Bobby, sou eu, Karen. O que aconteceu com você, Bobby?

Driscoll não respondeu, nem mesmo piscou. Continuou a olhar para frente, fixamente. Um dos pigmeus ofereceu uma explicação a Munro, que informou aos outros:

- Ele chegou à aldeia há quatro dias. Estava descontrolado e tiveram de subjugar-lo. Pensaram que estava com malária e por isso construíram-lhe uma casa, deram-lhe alguns medicamentos. Agora, ele deixa que o alimentem, mas nunca fala. Pensam que talvez ele tenha sido capturado pelos homens do General Muguru e torturado. Ou então é *agudu*... um mudo.

Ross recuou, horrorizada.

- Creio que não podemos fazer nada por ele - comentou Munro. - Pelo menos não no estado em que se encontra. Ele está bem fisicamente, mas... - Munro sacudiu a cabeça, sem concluir a frase. - Transmitirei a locação a Houston e eles mandarão ajuda de Kinshasa - murmurou Ross.

Durante todo esse tempo, Driscoll não se mexeu. Elliot inclinou-se para a frente, a fim de fitá-lo nos olhos. No instante em que ele se aproximou, Driscoll torceu o nariz. O corpo ficou tenso. E ele desatou a gemer estridentemente, como um homem prestes a gritar.

Assustado, Elliot recuou bruscamente. Driscoll relaxou, tornando a ficar em silêncio.

- Que diabo aconteceu?

Um dos pigmeus sussurrou para Munro, que depois explicou.

- Ele diz que você cheira como um gorila.

3. Ragora

Duas horas depois, eles estavam reunidos a Kahega e os outros kikuyus, seguindo pela floresta tropical ao sul de Gabutu, tendo um pigmeu como guia. Estavam todos soturnos, calados... e sofrendo terrivelmente de disenteria.

Os pigmeus haviam insistido em que ficassem para um jantar mais cedo e Munro concluiu que não havia alternativa senão aceitar. A refeição foi frugal, consistindo em batata silvestre,

chamada *kitsombe*, que parecia aspargo encolhido, cebolas da floresta chamadas *otsa* e *modoke*, folhas de mandioca, juntamente com diversas espécies de cogumelos. Havia também pequenas quantidades de carne de tartaruga, dura e azeda, assim como uns poucos gafanhotos, lagartas, minhocas, rãs e lesmas.

Tal dieta continha, na verdade, duas vezes mais proteínas que um peso equivalente de carne de vaca, mas não assentava bem em estômagos desacostumados. E as notícias que ouviram, sentados em torno da fogueira, também não foram nada animadoras.

Segundo os pigmeus, os homens do General Muguru haviam fixado um acampamento de reabastecimento na escarpa de Makran, que era o local para o qual Munro estava se dirigindo. Parecia mais sensato evitar as tropas. Munro explicou que não existia palavra *swahili* para cavalheirismo e o mesmo acontecia com a sua variante congoleza, *lingala*.

- Nesta parte do mundo, é matar ou ser morto. É melhor nos mantermos a distância.

A única rota alternativa levava-os para oeste, na direção do Rio Ragora. Munro consultou o mapa, franzindo o rosto. Ross olhou para o painel do computador, também franzindo o rosto.

- O que há de errado com o Rio Ragora? - indagou Elliot.

- Talvez nada - respondeu Munro. - Depende da intensidade das últimas chuvas.

Ross olhou para o relógio.

- Estamos 12 horas atrasados. A única coisa que podemos fazer agora é seguir direto para o rio, através da noite.

- Eu faria isso de qualquer maneira - disse Munro.

Ross nunca ouvira falar de um guia levando uma expedição por território desconhecido durante a noite.

- E mesmo? Por quê?

- Porque os obstáculos na parte inferior do rio serão muito mais fáceis à noite.

- Que obstáculos?

- Falaremos a respeito quando depararmos com eles.

Um quilômetro e meio antes de alcançarem o Ragora, já podiam ouvir o rugido distante de águas impetuosas. Amy ficou

imediatamente nervosa, sinalizando Que água?, insistentemente. Elliot tentou tranquilizá-la, mas não estava propenso a exagerar. Amy teria de enfrentar o rio, apesar dos seus temores.

Mas quando chegaram ao Ragora, descobriram que o barulho vinha de cataratas em algum lugar rio acima: diretamente à frente deles, o rio tinha 15 metros de largura, era turvo, lamacento.

- Não parece tão terrível assim - comentou Elliot.

- Não, não parece - murmurou Munro.

Mas Munro conhecia o Congo. O quarto maior rio do mundo (depois do Nilo, Amazonas e Yang-Tse) era singular sob muitos aspectos. Contorcia-se como uma cobra gigantesca através da África, por duas vezes cruzando a linha do equador, a primeira seguindo para o norte, na direção de Kisangani, depois indo para o sul, em Mbandaka. O fato era tão extraordinário que mesmo há uma centena de anos os geógrafos não acreditavam que fosse verdade. Como o Congo fluía tanto ao norte como ao sul do equador, havia sempre uma estação chuvosa em algum lugar ao longo de seu caminho. Não estava sujeito a flutuações sazonais como outros rios, a exemplo do Nilo. O Congo despejava três e meio milhões de metros cúbicos de água no Oceano Atlântico, uma vazão maior do que qualquer outro rio, com exceção do Amazonas.

Mas esse curso tortuoso também transformava o Congo no menos navegável dos grandes rios. Os problemas mais graves começavam com as corredeiras de Stanley Pool, a 500 quilômetros do Atlântico. Três mil quilômetros para o interior em Kisangani, onde o rio ainda tinha um quilômetro e meio de largura, a Catarata de Wagenia bloqueava toda a navegação. E à medida que se subia pelo rio acima, ao longo do leque dos tributários, os problemas se tornavam ainda mais acentuados. É que, além de Kisangani, os afluentes desciam rapidamente para a selva baixa, vindos de suas origens, as savanas das terras altas ao sul e as Montanhas Ruwenzori, de cinco mil metros de altura, cobertas de neve, a leste.

Os tributários atravessavam diversos desfiladeiros, sendo que o mais impressionante era o Portes d'Enfer, os Portões do Inferno, em Kongolo. Ali, o plácido Rio Lualaba se afunilava por um

desfiladeiro de quase um quilômetro de profundidade e cem metros de largura.

O Ragora era um afluente menor do Lualaba, ao qual se juntava em Kisangani. As tribos ao longo do rio referiam-se a ele como baratawani, "a estrada que engana", pois o Ragora era notoriamente instável. Sua principal característica era o Desfiladeiro Ragora, uma garganta de calcário com 70 metros de profundidade e apenas três metros de largura em alguns pontos. Dependendo das chuvas recentes, o Desfiladeiro Ragora era um espetáculo cênico agradável ou um pesadelo de águas turbilhonando furiosamente.

Em Abutu, estavam ainda 25 quilômetros rio acima da garganta. As condições naquele trecho do rio nada revelavam sobre as condições que poderiam encontrar na garganta. Munro sabia de tudo isso, mas não julgou necessário explicar a Elliot, especialmente porque, no momento, Elliot estava totalmente absorvido com Amy.

Amy observava, com crescente inquietação, enquanto os homens de Kahega inflavam duas balsas Zodiac. Ela puxou a manga de Elliot e indagou *Que balões?*

- São barcos, Amy - respondeu ele, embora sentisse que ela já o percebera.

"Barco" era uma palavra que Amy aprendera com dificuldade; como detestava água, não tinha o menor interesse por qualquer coisa para viajar por cima.

Por que barco? - indagou Amy.

- Vamos andar de barco agora.

Os homens de Kahega já estavam empurrando os barcos para a beira da água, carregando os equipamentos, prendendo nos espeques nas amuradas.

Quem anda?, perguntou Amy.

- Todos andamos - respondeu Elliot.

Amy ficou observando por mais um momento. Infelizmente, todos estavam nervosos, Munro gritando ordens, os homens trabalhando apressadamente. Como já demonstrara muitas vezes, Amy era sensível aos ânimos dos que a cercavam. Elliot jamais esquecera como ela insistira por vários dias que havia alguma coisa errada com Sarah Johnson, antes que Sarah finalmente revelasse à

equipe do Projeto Amy que se separara do marido. Agora, Elliot tinha certeza de que Amy sentia a apreensão de todos.

Cruzar água no barco?- indagou ela.

- Não, Amy. Não cruzar. Viajar barco.

Não, - sinalizou Amy, empertigando-se, empinando os ombros.

- Não podemos deixar você aqui, Amy.

Amy tinha uma solução para isso.

Outras pessoas vão. Peter fica Amy.

- Sinto muito, Amy, mas tenho de ir. E você tem de ir também.

Não, - sinalizou ela. - *Amy não ir.*

- Vai, sim, Amy.

Elliot pegou sua mochila, tirou a seringa e um vidro de Thoralen.

Com o corpo retesado, furiosa, ela bateu na parte inferior do queixo com o punho cerrado.

- Não fale assim, Amy.

Ross aproximou-se, com coletes salva-vidas alaranjados para Elliot e Amy.

- Algum problema?

- Ela está praguejando - respondeu Elliot. - É melhor deixarmos a sós.

Ross olhou para o corpo rígido e tenso de Amy, depois afastou se apressadamente. Amy sinalizou o nome de Peter, depois tornou a bater no lado inferior do queixo. Aquele era o sinal polidamente traduzido nos compêndios como "obsceno", embora fosse freqüentemente usado pelos macacos quando queriam ir ao banheiro. Os estudiosos de primatas não tinham ilusões sobre o que os animais estavam realmente querendo dizer. Amy estava dizendo *Peter merda*.

Quase todos os primatas dotados de linguagem praguejavam, utilizando ampla variedade de palavras. Havia ocasiões em que os termos pejorativos pareciam ser escolhidos ao acaso, como "maluco", "passarinho" ou "lavagem". Mas pelo menos oito primatas, em diferentes laboratórios, haviam independentemente

adotado o sinal de punho cerrado para indicar extremo desprazer. O único motivo pelo qual essa coincidência extraordinária não ter sido registrada era o fato de que nenhum investigador estava disposto a tentar explicá-la. Parecia provar que os grandes macacos, como as pessoas, consideravam os excrementos como termos apropriados para exprimir desdém e raiva.

Peter merda, - sinalizou Amy outra vez.

- Amy...

Elliot dobrou a dose de Thoralen que estava pondo na seringa.

Peter merda barco merda pessoas merda.

- Pare com isso, Amy.

Elliot empertigou-se e inclinou-se para frente, imitando a postura furiosa de um gorila. Quase sempre, isso era suficiente para que Amy se intimidasse. Desta vez, porém, não teve efeito.

Peter não gosta Amy. - Ela estava agora furiosa. Virou-se e continuou a sinalizar, para ninguém.

- Não seja ridícula - disse Elliot, aproximando-se dela com a seringa em posição. - Peter gosta Amy.

Ela recuou, não o deixando chegar perto. Ao final, Elliot foi obrigado a carregar a arma de CO2 e disparar um dardo no peito de Amy. Só fizera isso três ou quatro vezes, em todos os anos que estavam juntos. Ela arrancou o dardo com uma cara triste, sinalizando *Peter não gosta Amy*.

- Desculpe - disse Peter Elliot, correndo para frente, a fim de ampará-la.

Os olhos de Amy se reviraram e ela arriou nos braços de Elliot.

Amy estava deitada de costas, no segundo barco, aos pés de Elliot, a respiração superficial. À frente, Elliot podia divisar Munro, de pé no primeiro barco, enquanto as Zodiacs deslizavam silenciosamente pelo rio abaixo.

Munro dividira a expedição entre as duas balsas. Ele seguia na primeira, com Elliot, Ross e Amy na segunda, sob o comando de

Kahega. Como o próprio Munro explicou, o segundo barco aprenderia "com nossos infortúnios".

Pelas duas horas iniciais no Ragora, no entanto, não houve qualquer problema. Foi uma experiência extraordinariamente pacífica ficar sentado na frente do barco, contemplando a selva nos dois lados do rio, passando num silêncio intemporal e hipnótico. Era idílico e muito quente. Ross começou a mergulhar a mão na água lamacenta, até que Kahega a deteve, explicando:

- Onde há água, há sempre *mamba*.

Kahega apontou para as margens lamacentas, onde crocodilos se aqueciam ao sol, indiferentes à aproximação deles. Ocasionalmente, um dos imensos répteis bocejava, levantando as mandíbulas para o ar. Na maior parte do tempo, no entanto, eles pareciam apáticos, mal notando a passagem dos barcos.

Elliot estava secretamente desapontado. Crescera assistindo aos filmes da selva, nos quais os crocodilos deslizavam ameaçadoramente pelas águas, à aproximação de embarcações.

- Eles não vão nos incomodar? - perguntou Elliot, finalmente.

- Quente demais - respondeu Kahega. - *Mamba* sonolento, exceto quando está mais fresco, come de manhã e de noite, não agora. Durante o dia, *kikuyu* diz que *mamba* entrou exército, um-dois-três-quatro.

E ele soltou uma risada. Foi preciso alguma explicação antes de ficar claro que os homens da tribo de Kahega haviam notado que os crocodilos durante o dia faziam flexões, periodicamente erguendo os corpos pesados do solo, sobre as pernas atarracadas, num movimento que lembrava a calistênica militar.

- Com o que Munro está tão preocupado? - indagou Elliot. - Os crocodilos?

- Não - respondeu Kahega.

- O Desfiladeiro Ragora?

- Não.

- Então o quê?

- Depois da garganta.

O Ragora começou agora a se contorcer. Viraram uma curva e ouviram o crescente rugido da água. Elliot sentiu que o barco ganhava velocidade, a água passando rapidamente pelas amuradas de borracha. Kahega gritou:

- Segurem-se, doutores!

E, no momento seguinte, eles estavam na garganta. Depois, Elliot tinha apenas impressões fragmentadas, caleidoscópicas: a água lamacenta turbilhonando, a espuma branca rebrilhando ao sol, os solavancos bruscos e violentos de seu próprio barco; a maneira como o barco de Munro lá na frente parecia girar e virar, mas sempre acabava se mantendo na posição correta, milagrosamente.

Estavam se deslocando tão depressa que era difícil focalizar o borrão indefinido dos paredões vermelhos escarpados da garganta, rochas totalmente nuas, com exceção de uns poucos arbustos verdes que se grudavam teimosamente; o ar quente e úmido, a água lamacenta terrivelmente fria, encharcando-os repetidamente; o turbilhão branco da água em torno das rochas pretas se projetando, como as cabeças calvas de homens afogados.

Tudo estava acontecendo depressa demais.

À frente, o barco de Munro perdia-se de vista freqüentemente, por vários minutos a fio, escondido por ondas gigantescas e ruidosas de água lamacenta. O rugido ressoava pelos paredões rochosos, tornando-se uma característica constante do mundo em que se encontravam. Nas profundezas da garganta, onde o sol da tarde não alcançava a faixa estreita de água escura, os barcos avançavam por um inferno turbilhonante, aproximando-se dos paredões rochosos, girando interminavelmente, enquanto os homens gritavam e praguejavam, desviando-se das ameaças com os remos.

Amy estava deitada de costas, presa ao lado do bote. Elliot sentia um pavor constante de que ela se afogasse com as ondas lamacentas que passavam por cima das amuradas. Ross não estava se saindo muito melhor: repetia interminavelmente "Oh, Deus! Oh, Deus! Oh, Deus!", em voz baixa e monótona, enquanto a água se arremessava sobre eles, em ondas sucessivas, encharcando-os até os ossos.

A fúria das águas não era o único sofrimento que lhes era infligido. Mesmo no coração da garganta turbilhonante, nuvens pretas de mosquitos pairavam no ar, picando-os insistentemente. Parecia impossível existir mosquitos no meio do caos ensurdecido do Desfiladeiro Ragora. Mas o fato é que existiam. Os barcos avançavam com uma fúria angustiada através das ondas. Na escuridão crescente, os passageiros tiravam a água dos barcos e batiam nos mosquitos com igual intensidade.

E depois, subitamente, o rio alargou-se, a água lamacenta diminuiu de velocidade, os paredões da garganta se afastaram. O rio voltou a ser pacífico. Elliot arriou no barco, exausto, sentindo o sol poente incidir em seu rosto, a água deslocar-se suavemente sob a borracha inflada do barco.

- Conseguimos - disse ele.

- Até agora - comentou Kahega. - Mas kikuyus dizem que ninguém escapa vivo da vida. Não dá para relaxar agora, doutores!

- Não sei por que - murmurou Ross, cansada - mas acredito nele.

Deslizaram gentilmente pelo rio abaixo por mais uma hora. Os paredões rochosos foram recuando cada vez mais, nos dois lados, até que finalmente estavam outra vez na floresta tropical africana plana. Era como se o Desfiladeiro Ragora nunca tivesse existido, o rio era largo e preguiçoso, dourado ao sol poente.

Elliot tirou a camisa encharcada e vestiu um pulôver, pois o ar do entardecer estava ficando frio. Amy roncava a seus pés, coberta por uma toalha, a fim de que não ficasse com muito frio. Ross verificou seu equipamento de transmissão, certificando-se de que estava em perfeitas condições. Quando ela terminou, o sol já desaparecera no horizonte e a escuridão se adensava rapidamente. Kahega pegou uma espingarda e carregou os grossos cartuchos amarelos.

- Para que isso? - perguntou Elliot.

- *Kiboko* - respondeu Kahega. - Não sei qual é a palavra em inglês. - Ele gritou para o outro barco: - *Mzee! Nini maana kiboko?*

Lá na frente, Munro olhou para trás e gritou em resposta:

- Hipopótamo.

- Hipo - disse Kahega.
- Eles são perigosos? - perguntou Elliot.
- À noite, esperamos que não. Mas eu acho que sim.

O século XX fora um período de intensos estudos da vida selvagem, que acabaram com muitos conceitos antigos a respeito de animais.

Era agora reconhecido que o veado gentil e de olhos mansos vivia na verdade numa sociedade implacável e terrível, enquanto o lobo supostamente mau era dedicado à família e à prole de uma maneira exemplar. E o leão africano, o orgulhoso rei dos animais, estava relegado à posição de necrófago sorrateiro, enquanto a detestada e desprezada hiena assumia uma nova dignidade. (Por muitas décadas, os observadores haviam chegado ao local de uma matança ao amanhecer, encontrando os leões a se alimentarem com a carcaça, enquanto as hienas necrófagas circulavam na periferia, aguardando sua oportunidade. Somente depois que os cientistas começaram a observar os animais à noite é que surgiu uma nova interpretação: as hienas é que efetuavam a matança, apenas para serem afastadas pelos oportunistas e indolentes leões, daí a tradicional cena do amanhecer. Isso coincidia com a descoberta de que os leões eram caprichosos e mesquinhos, enquanto as hienas, possuíam uma estrutura social extraordinariamente desenvolvida. Era outro exemplo dos antigos preconceitos humanos em relação ao mundo natural dos animais.)

Mas o hipopótamo continuava a ser um animal mal compreendido. O "cavalo do rio" de Heródoto era o maior mamífero africano, depois do elefante. Mas seu hábito de ficar dentro da água, apenas os olhos e as narinas para fora, tornavam-no difícil de ser estudado. Os hipos estavam organizados em torno de um macho.

Um macho amadurecido tinha um harém de várias fêmeas e sua prole, um grupo de oito a 14 animais, no total.

Apesar da aparência obesa, um tanto engraçada, os hipos eram capazes de extrema violência. O macho era uma criatura formidável, com cerca de quatro metros de comprimento e pesando quase cinco toneladas. Arremetendo, deslocava-se com extraordinária velocidade para um animal tão grande. As quatro

presas grossas e rombudas eram na verdade afiadas como navalhas nos lados. Um hipo atacava com cutiladas, deslocando a boca enorme de um lado para outro, ao invés de morder. Ao contrário do que acontecia com a maioria dos animais, uma luta entre machos resultava freqüentemente na morte de um animal, de ferimentos profundos. Não havia nada de simbólico numa luta de hipopótamos.

O animal era também perigoso para o homem. Nas áreas de rio em que se encontravam manadas, metade das mortes de nativos era atribuída a hipos, elefantes e felinos predadores responsabilizavam-se pelo restante. Os hipopótamos eram vegetarianos. À noite, os animais iam para terra, onde devoravam enormes quantidades de relva, a fim de nutrir os imensos corpos. Um hipo fora da água era especialmente perigoso, qualquer um que se descobrisse entre um hipo em terra e o rio para o qual voltava quase nunca sobrevivia à experiência.

Mas o hipo era essencial à ecologia fluvial da África. Sua matéria fecal, produzida em quantidades prodigiosas, fertilizava a vegetação do rio, que por sua vez propiciava a vida dos peixes e outras criaturas. Sem os hipopótamos, os rios africanos seriam estéreis e onde quer que eles fossem afastados, os rios morriam.

Tudo isso se sabia e mais uma coisa. Os hipopótamos eram veementemente ciosos de seus territórios. Sem exceção, o macho defendia seu rio contra qualquer intruso. E como já fora registrado em muitas ocasiões, os intrusos incluíam outros hipopótamos, crocodilos e barcos que passavam. Assim como as pessoas dentro dos barcos.

DIA 7: MUKENKO

1. Kiboko

A intenção de Munro de continuar pela noite tinha dois motivos.

Primeiro, ele esperava compensar um tempo precioso, pois todas as projeções de computador presumiam que eles parariam a cada noite. Mas não era preciso fazer qualquer esforço para viajar pelo rio ao luar; a maioria dos membros da expedição poderia dormir e eles teriam avançado outros 80 ou 100 quilômetros até o amanhecer.

O mais importante, no entanto, era que ele esperava evitar os hipopótamos de Ragora, que poderiam destruir facilmente suas frágeis embarcações de borracha. Durante o dia, os hipopótamos estavam sempre em remansos na beira do rio. Os machos certamente atacariam qualquer barco que passasse. À noite, quando os animais iam para terra se alimentarem, a expedição poderia passar pelo rio, evitando uma confrontação.

Era um plano hábil, mas esbarrou numa dificuldade inesperada: o progresso deles pelo Ragora foi rápido demais. Eram apenas nove horas da noite quando alcançaram a primeira das áreas de hipopótamos, cedo demais para os animais estarem comendo. Os hipos atacariam os barcos... e o que era pior, atacariam no escuro.

O rio era bastante sinuoso naquele trecho, com uma sucessão interminável de curvas. Havia um remanso em cada curva, que Kahega apontava como o tipo de água serena que os hipos gostavam de habitar. E ele apontava também para a relva nas margens, cortada rente, como se fosse ceifada.

- Não vai demorar - comentou Kahega.

Logo eles ouviram um grunhido baixo. Parecia um velho tentando limpar o catarro da garganta. Munro ficou tenso, no barco da frente. Passaram por outra curva, levados suavemente pela correnteza. Os dois barcos estavam agora separados por dez metros.

Munro mantinha a espingarda pronta para disparar. O barulho tornou a soar, desta vez como um coro de pigarros. Kahega enfiou o remo na água. Encostou no fundo imediatamente. Ele puxou o remo. Apenas um metro estava molhado.

- Não é fundo - murmurou ele, sacudindo a cabeça.

- A situação é tão ruim assim? - indagou Ross.

- Acho que é.

Contornaram a curva seguinte e Elliot avistou meia dúzia de rochas pretas, parcialmente submersas, perto da margem, rebrilhando ao luar. E, de repente, uma das "rochas" elevou-se inteiramente da água rasa, a tal ponto que se podia ver as quatro pernas atarracadas. O hipopótamo arremeteu contra o barco de Munro.

Munro disparou um foguete luminoso de magnésio, enquanto o animal atacava. À luz branca, Elliot contemplou uma boca gigantesca, com quatro imensos dentes rombudos brilhando, a cabeça levantada, enquanto o animal rugia. E, no momento seguinte, o hipo foi envolvido por uma nuvem de gás amarelado. O gás flutuou para trás, fazendo arder os olhos dos ocupantes do segundo barco.

- Ele está usando gás lacrimogêneo - comentou Ross.

O barco de Munro já seguira adiante. Com um rugido de dor, o hipopótamo mergulhara na água, desaparecendo. No segundo barco, os ocupantes piscavam repetidamente, para reprimir as lágrimas, procurando o hipo, enquanto se aproximavam do remanso. Lá em cima, o foguete de magnésio chiava e descia, iluminando a água, alongando as sombras.

- Talvez ele tenha desistido - murmurou Elliot.

Não podiam avistar o hipo em parte alguma. Continuaram a deslizar, em silêncio.

E, subitamente, a frente do barco se levantou. O hipo rugiu e Ross gritou. Kahega perdeu o equilíbrio e caiu para trás,

disparando a arma para o ar. O barco tornou a cair na água, ruidosamente, os respingos atingindo-os. Elliot se levantou, para verificar Amy, e descobriu-se a contemplar uma boca gigantesca e rosada, um bafo quente. A boca desceu cortando o lado do barco de borracha. O ar começou a escapar.

A boca tornou a se abrir e o hipo grunhiu. Mas Kahega já se levantara e disparou uma nuvem de gás. O hipo recuou bruscamente, o movimento na água balançando o barco e empurrando-o para a frente, rio abaixo. Todo o lado direito do barco encolhia rapidamente, enquanto o ar continuava a escapar pelas grandes aberturas na borracha. Elliot tentou tapá-las com as mãos, mas o silvo continuou. Iriam afundar dentro de um minuto.

Por trás deles, o hipo tornou a investir, correndo pela água rasa do rio como uma lancha, revolvendo a água e deixando uma esteira para trás, nos dois lados, urrando de raiva.

- Agüentem firme! - gritou Kahega, disparando outra vez.

O hipo desapareceu por trás de uma nuvem de gás e o barco virou outra curva. Quando o gás se dissipou, o animal havia desaparecido. O foguete de magnésio caiu na água e eles voltaram a mergulhar na escuridão. Elliot segurou Amy enquanto o barco afundava e descobriram-se mergulhados até os joelhos na água lamacenta.

Conseguiram encalhar a Zodiac na margem escura do rio. Na balsa da frente, Munro deu a ordem para voltarem. Examinou os estragos e anunciou que encheriam outro barco e continuariam. Determinou um descanso e todos ficaram deitados à beira do rio, ao luar, afugentando os mosquitos.

O devaneio foi interrompido pelo zumbido de foguetes terra-ar, seguindo-se explosões ensurdecedoras no céu, por cima deles. A cada explosão, a margem do rio adquiria um clarão avermelhado, projetando sombras compridas, para voltar a mergulhar na escuridão um instante depois.

- Os homens de Muguru estão disparando de terra - disse Murro, estendendo a mão para o binóculo.

- Em que eles estão atirando? - perguntou Elliot, olhando para o céu.

- Não tenho a menor idéia - respondeu Munro.

Amy tocou o braço de Munro e sinalizou: *Pássaro vem*. Mas eles não ouviram qualquer barulho de um avião, apenas a explosão dos foguetes no céu. Munro indagou:

- Acha que ela está ouvindo alguma coisa?

- A audição de Amy é muito aguçada.

A seguir, ouviram o zumbido de um avião que se aproximava vindo do sul. Quando o avião surgiu-lhes no campo de visão, viram-no voar em ziguezague, manobrando entre as explosões avermelhadas que explodiam ao luar e faiscavam na fuselagem de metal.

- Aqueles pobres coitados estão fazendo tudo para escapar - murmurou Munro, observando o avião pelo binóculo. - É um transporte C-130, com registros japoneses na cauda. Avião de suprimento para o acampamento-base do consórcio. Talvez não consiga passar.

O avião continuou a avançar, sempre em ziguezague, através das bolas de fogo dos mísseis que explodiam.

- Não é fácil - comentou Munro. - A tripulação deve estar apavorada. Não esperavam por isso.

Elliot experimentou uma súbita simpatia pelos tripulantes. Podia imaginá-los olhando pelas janelas, enquanto as bolas de fogo explodiam, com uma claridade intensa, iluminando o interior do avião. Estariam falando em japonês? Desejando nunca terem vindo até ali?

Um momento depois, o avião desapareceu de suas vistas, seguindo para o norte. Um último míssil foi disparado, mas o avião já estava longe demais. Elliot escutou a explosão distante do míssil.

- Eles conseguiram provavelmente escapar - disse Munro, levantando-se. - É melhor seguirmos em frente.

Ele gritou em *swahili* para que Kahega tornasse a pôr os homens no rio.

2. Mukenko

Elliot estremeceu, fechou a *parka* e ficou esperando que a tempestade de granizo cessasse. Estavam encolhidos por baixo de um conjunto de árvores de folhagem permanente, a mais de 2.500 metros de altitude, na encosta do Monte Mukenko. Eram 10 horas da manhã e a temperatura era de 4°C. Cinco horas antes, haviam deixado o rio para trás e iniciado a escalada, antes do amanhecer, deixando a selva e sua temperatura de 38°C.

Ao lado de Elliot, Amy observava as bolas brancas, do tamanho de uma bola de golfe, ricochetearem na relva, baterem nos galhos da árvore que os abrigava. Amy nunca vira granizo antes.

Que nome? - sinalizou ela.

- Granizo.

Peter faz parar.

- Eu gostaria de poder, Amy.

Ela observou o granizo por um momento e depois sinalizou.

Amy quer ir casa.

Ela começara a falar em voltar para casa na noite anterior. Embora o efeito do Thoralen já tivesse passado, Amy continuara deprimida e retraída. Elliot oferecera-lhe alguma comida, numa tentativa de animá-la. Ela sinalizou que queria leite. Quando Elliot lhe disse que não tinham leite (o que Amy sabia perfeitamente), ela sinalizou que queria uma banana. Kahega providenciou um pequeno cacho de bananas da selva, um tanto azedas. Amy comera-as sem qualquer objeção nos dias anteriores, mas agora jogou-as na água desdenhosamente, sinalizando que queria "bananas verdade".

Quando Elliot respondeu que não havia bananas de verdade, ela sinalizou: *Amy quer ir casa.*

- Não podemos ir para casa agora, Amy.

Amy boa gorila Peter leva Amy casa.

Ela só conhecera a Elliot como a pessoa no comando, o árbitro final de sua vida cotidiana no ambiente experimental do Projeto Amy. Ele não podia imaginar nenhum meio de deixar bem claro para Amy que não estava mais no comando e que não a estava punindo ao mantê-la ali.

Na verdade, estavam todos desanimados. Cada membro da expedição aguardara ansiosamente o momento de escapar do calor

sufocante da floresta tropical, mas o entusiasmo se desvanecera rapidamente, quando começaram a escalar o Mukenko.

- Oh, Deus! - exclamou Ross. - De hipopótamos a granizo! - Como se fosse uma deixa, a tempestade de granizo cessou.

Munro disse, prontamente:

- Muito bem, vamos seguir adiante.

O Mukenko nunca fora escalado até 1933. Em 1908, uma expedição alemã, sob o comando de Von Ranke, esbarrou em violentas tempestades e foi obrigada a voltar, antes de alcançar o topo.

Em 1913, uma expedição belga chegou a três mil metros de altura, mas não conseguiu encontrar um caminho para o cume. Outra expedição alemã foi obrigada a desistir, em 1919, quando dois de seus membros caíram e morreram, a quatro mil metros de altura. Não obstante, o Mukenko era classificado como uma escalada relativamente fácil pela maioria dos montanhistas, que geralmente devotavam um dia à subida. Depois de 1943, quando foi descoberta uma nova rota por sudeste, extremamente lenta, mas não perigosa, esse passou a ser o caminho preferido pela maioria dos montanhistas.

Acima de 2.500 metros, a floresta de pinheiros desapareceu e passaram a subir por campos de relva, envoltos por uma neblina fria. O ar estava rarefeito e freqüentemente precisavam parar para um descanso. Munro não tinha paciência com as queixas de seus comandados e se apressava em dizer:

- O que esperava? É uma montanha. As montanhas são altas.

Ele se mostrava especialmente impiedoso com Ross, que parecia ser quem se cansava com mais facilidade.

- O que me diz da sua coordenada de tempo? E olhe que nem mesmo chegamos à parte realmente difícil. Também não é interessante, até quatro mil metros de altura. Se parar agora, nunca conseguiremos chegar ao cume antes do cair da noite, o que significa que perderemos um dia inteiro.

- Não me importo - disse Ross finalmente, arriando no chão, ofegante.

- Não se podia esperar outra coisa de uma mulher - disse Munro, desdenhosamente.

E ele sorriu, quando Ross lançou-lhe um olhar furioso. Munro humilhava-os, censurava-os, encorajava-os... e de algum modo conseguia mantê-los em movimento.

Acima de três mil metros, a relva desapareceu e havia apenas musgo cobrindo o solo. Encontraram as estranhas e solitárias lobelias, com suas folhas grossas, emergindo subitamente da névoa cinzenta e fria. Não havia qualquer proteção real entre os três mil metros e o cume, sendo esse o motivo pelo qual Munro tanto os pressionava. Não queria que fossem surpreendidos por uma tempestade naquele trecho árido das encostas.

O sol apareceu aos 3.500 metros e eles pararam para postar o segundo dos lasers direcionais para o sistema de lasers fixos da ERTS.

Ross já fixara o primeiro laser vários quilômetros ao sul, naquela manhã, precisando de 30 minutos para isso.

O segundo laser era mais difícil, já que devia ser ajustado com o primeiro. Apesar do bloqueio eletrônico, o equipamento de transmissão tinha de fazer contato com Houston, a fim de que o pequeno laser, do tamanho de uma borracha, montado num pequeno tripé de aço, pudesse ser colocado acuradamente. Os dois lasers no vulcão estavam postados de tal forma que seus fochos se cruzavam a muitos quilômetros de distância, por cima da selva. E se os cálculos de Ross estivessem corretos, o ponto de cruzamento seria diretamente acima da cidade de Zinj.

Elliot pensava que poderiam inadvertidamente estar ajudando o consórcio, mas Ross disse que não, explicando:

- Somente seria possível à noite, quando eles não estão se movimentando. Durante o dia eles não podem detectar nossos faróis... e isso é o melhor do sistema.

Não demorou muito para que estivessem cheirando os vapores sulfurosos do vulcão, cujo cume se encontrava agora 500 metros acima deles. Lá em cima, não havia absolutamente qualquer vegetação, apenas rocha nua e pontos esparsos de neve, tingidas de amarelo do enxofre. O céu estava claro, de um azul escuro, tinham

uma vista espetacular do sul da cordilheira de Virunga, com o grande cone do Nyiragongo erguendo-se íngreme das profundezas verdes da floresta do Congo, com o Mukenko mais além, envolto pelo nevoeiro.

Os últimos 300 metros foram os mais difíceis, particularmente para Amy, que tinha de avançar com os pés descalços sobre as pontiagudas rochas vulcânicas. Cerca de quatro mil metros, o terreno era de seixos vulcânicos soltos. Alcançaram o cume às cinco horas da tarde e contemplaram o lago de lava com 13 quilômetros de largura, a cratera fumegante do vulcão. Elliot ficou desapontado com a paisagem de rocha preta e nuvens cinzentas de vapor.

- Espere só até o anoitecer - comentou Munro.

Naquela noite, a lava luzia numa rede de vermelho incandescente, através da crosta preta rompida; o vapor vermelho e sibilante perdia lentamente sua cor, à medida que se elevava pelo ar. Na beira da cratera, as pequenas barracas refletiam o clarão avermelhado da lava. A oeste, nuvens esparsas estavam prateadas, ao luar. Por baixo delas, a selva do Congo estendia-se por quilômetros e quilômetros. Podiam ver os fochos retos esverdeados do laser cruzando-se sobre a floresta escura. Com um pouco de sorte, alcançariam aquele ponto de cruzamento no dia seguinte.

Ross ligou o equipamento de transmissão para apresentar o seu relatório noturno a Houston. Depois do intervalo regular de seis minutos, o sinal ligou diretamente com Houston, sem codificação de interstício ou outras técnicas evasivas.

- Mas que diabo! - exclamou Munro.

- O que isso significa? - indagou Elliot.

- Significa que o consórcio parou de nos bloquear - respondeu Munro, sombriamente.

- E isso não é bom?

- Não - disse Ross - É péssimo. Eles já devem estar no local e encontraram os diamantes.

Ela sacudiu a cabeça e ajustou a tela do vídeo, onde apareceram as palavras:

HUSTN CONFIR CONSRCI NOLOCAL ZINJ PROBALIDADE

1.000.

NÃO MAIS RISCOS. SITACÃO IRREMEDIADA.

- Não posso acreditar - balbuciou Ross. - Está tudo acabado.

Elliot suspirou.

- Meus pés estão doendo.

- Estou cansado - disse Munro.

- Ao diabo com tudo! - exclamou Ross.

Completamente exaustos, todos foram dormir.

DIA 8: KANYAMAGUFA

20 de junho de 1979

1. Descida

Todos dormiram até tarde, na manhã de 20 de junho. Comeram calmamente, demorando-se a preparar uma refeição quente. Relaxaram ao sol e brincaram com Amy, que ficou deliciada com a atenção inesperada. Já passava de 10 horas da manhã quando começaram a descer do Mukenko para a selva.

Como as encostas ocidentais do Mukenko são íngremes e intransponíveis, desceram pelo interior da cratera vulcânica fumegante, a uma profundidade de 800 metros. Munro seguia na frente, levando na cabeça um fardo de carregador. Asari, o mais forte dos carregadores, tinha de levar Amy, porque as rochas eram quentes demais para os pés descalços da gorila.

Amy estava apavorada e considerava os humanos que desciam em fila indiana pelo íngreme interior do cone completamente doidos. Elliot não tinha certeza se ela estava enganada: o calor era intenso, ao se aproximarem do lago de lava, os vapores acres deixaram os olhos lacrimejando, as narinas ardendo, podiam ouvir a lava estalar por baixo da grossa crosta preta.

Alcançaram a formação chamada Naragama, o Olho do Diabo. Era uma arcada natural de 50 metros de altura, tão lisa que parecia polida por dentro. Através dessa arcada, soprava uma brisa fresca e eles puderam avistar a selva lá embaixo. Pararam para descansar na arcada e Ross examinou a lisa superfície interior. Era parte de um tubo de lava formado em alguma erupção anterior. A parte principal do tubo fora explodida, deixando apenas aquela arcada.

- Chamam de Olho do Diabo porque lá debaixo, durante uma erupção, brilha intensamente, como um olho vermelho - explicou Munro.

Do Olho do Diabo desceram rapidamente através de uma zona alpina, avançando em seguida pelo terreno irregular e fantasmagórico de um fluxo de lava recente. Encontraram ali crateras pretas, de terra calcinada, algumas com até dois metros de profundidade.

A primeira impressão de Munro foi a de que o exército do Zaire usara aquele campo para exercícios de morteiros. Num exame mais metuculoso, no entanto, perceberam um padrão calcinado gravado na rocha, estendendo-se como tentáculos para fora das crateras.

Munro nunca vira nada parecido. Imediatamente, Ross armou sua antena, ligou o computador e entrou em contato com Houston. Parecia muito excitada.

A expedição descansou, enquanto ela conferia as informações na pequena tela. Munro indagou:

- O que está perguntando?

- A data da última erupção do Mukenko e o tempo local. Foi em março... Conhece alguém chamado Seamans?

- Eu conheço - disse Elliot. - Tom Seamans é o programador de computador do Projeto Amy. Por quê?

- Há uma mensagem para você - respondeu Ross, apontando para a tela.

Elliot aproximou-se para olhar: SEMNS MESGEM ELYT
CAMB.

- Qual é a mensagem? - perguntou Elliot.

- Aperte o botão de transmitir.

Ele apertou o botão e a mensagem apareceu:

REVIS TEIPE ORGNAL HUSTN M.

- Não estou entendendo - disse Elliot.

Ross explicou que o "M" significava que havia mais mensagem e que ele tinha de apertar outra vez o botão de transmitir. Elliot apertou o botão por diversas vezes, antes de ter a mensagem completa, que dizia:

REVIS TEIPE ORGNAL HUSTN NOV DESCOBT RELA INFO
SINA

AUD ANLIS COMPL COMPUTR ACHO LINGEM.

Elliot descobriu que podia entender a mensagem compacta e leu-a em voz alta:

- Revisão teipe original de Houston, nova descoberta relativa a informações de sinais auditivos, análise completa de computador, acho que é linguagem. - Ele franziu o rosto. - Linguagem?

Ross disse:

- Não lhe pedi que fizesse uma revisão do material original do Congo que está em Houston?

- Pedi, sim. Mas foi para identificação visual do animal na tela. Nunca lhe pedi nada sobre informações auditivas. - Elliot sacudiu a cabeça. - Eu gostaria de poder falar com ele.

- E pode - disse Ross. - Se não se incomoda de acordá-lo.

Ela apertou o botão de contato e, 15 minutos depois, Elliot bateu no teclado. Alô Tom Como Vai Você? A tela imprimiu:

ALO TOM COM VAI.

- Geralmente não desperdiçamos tempo de satélite com esse tipo de coisa - interveio Ross.

A tela imprimiu DORMDO ONVOESTA.

Elliot bateu Virunga. VIRNGA.

- Travis vai ficar furioso quando deparar com essa transcrição - disse Ross. - Tem alguma idéia dos custos de transmissão?

Mas Ross não precisava se preocupar, pois a conversa logo tornou-se técnica:

RECB MSG INFO PORFAV EXPL.

DESCOB ACID ESPETAC FUNC DISCRIM ANLIS COMPTR
LIMTE CERTZ INFO AUDIT (SONS RESPI) INDCA FALA CARACT
ESPECIF CARACT.

ELEMNTS REPET - PADR ARBIT - RELACION ESTRUT
PROVAVLMNTE LINGEM. FALDA.

SAB TRADZIR?

NAO AG.

QUE MOT?

COMPUTR TEM INFO INSIG MESGEM AUDIT - PRECS MAIS DADO - INDA TRBLHND - TALVZ MAIS MANH.

ACHA LINGEM GORILA?

SE GORILA.

- Essa não! - exclamou Elliot.

Ele encerrou a transmissão de satélite, mas a mensagem final de Seamans permaneceu na tela, com um brilho esverdeado:

SE GORILA.

2. Os Homens Peludos

Duas horas depois de receber essa mensagem inesperada, a expedição teve o seu primeiro contato com gorilas. A esta altura, já estavam de volta à escuridão da floresta equatorial. Seguiram diretamente para o local, acompanhando os fochos de laser lá em cima. Não podiam ver os fochos diretamente, mas Ross levava um guia ótico, uma fotocélula de cádmio filtrada para registrar a emissão específica de laser. Periodicamente, durante o dia, ela enchia um pequeno balão com hélio, ligava ao guia por um fio e largava-o. O balão subia com o guia acima das árvores. Girava lá em cima, localizava um dos fochos de laser e transmitia as coordenadas para o computador. Seguiam o curso indicado pelo sinal de laser de intensidade se reduzindo, esperando pelo registro, o valor de dupla intensidade, assinalando o cruzamento dos dois fochos lá em cima.

Era um trabalho lento e a paciência de todos estava se esgotando quando, por volta de meio-dia, depararam com as fezes características de um gorila. Avistaram também diversos ninhos, feitos com folhas de eucaliptos, no chão e nas árvores.

Quinze minutos depois, o silêncio foi rompido por um rugido ensurdecedor.

- Gorila - anunciou Munro. - Foi um macho, dizendo a alguém para se afastar.

Amy sinalizou: *Gorila diz ir embora.*

- Temos de seguir em frente, Amy - disse Munro.

Gorila não quer humano ir.

- Humanos não vão fazer mal a gorilas - assegurou Elliot.

Mas Amy fitou-o, impassível, e sacudiu a cabeça, como se Elliot não tivesse entendido. Dias depois, ele compreendeu que realmente não percebera o significado do aviso. Amy não estava lhe dizendo que os gorilas tinham medo de que os humanos lhes fizessem qualquer mal. Ela estava dizendo que os gorilas receavam que as pessoas sofreriam algum mal. Infligido por gorilas.

Estavam no meio de uma pequena clareira na selva, quando o grande macho de dorso prateado emergiu da folhagem e soltou um urro. Elliot estava liderando o grupo, porque Munro voltara para ajudar um dos carregadores. Ele viu seis animais na beira da clareira, vultos pretos contra o verde, observando os intrusos humanos. Diversas fêmeas inclinavam a cabeça e comprimiam os lábios, numa espécie de desaprovação. O macho dominante tornou a rugir.

Era um macho imenso, com pêlos prateados nas costas. A cabeça imensa estava a mais de 1,80m do solo e o peito estofado indicava que devia pesar em torno de 200 quilos. Contemplando-o, Elliot compreendeu por que os primeiros exploradores do Congo pensaram que os gorilas fossem "homens peludos". Aquela criatura magnífica parecia um homem gigantesco, tanto no tamanho como no formato. Logo atrás de Elliot, Ross sussurrou:

- O que vamos fazer?

- Fique atrás de mim e não se mexa.

O macho de dorso prateado ficou de quatro por um instante, depois começou a emitir um som baixo, ô-ô-ô-ô-ô, que se tornou mais intenso quando ele ficou de pé outra vez, segurando punhados de relva. Jogou a relva para o ar e depois bateu no peito com as duas mãos abertas, produzindo um som cavo.

- Oh, não! - balbuciou Ross.

As batidas no peito duraram cinco segundos. Depois, o macho voltou a ficar de quatro. Correu de lado, pela relva, batendo na folhagem e fazendo tanto barulho quanto possível, a fim de afugentar os intrusos. Finalmente, recomeçou a emitir o som ô-ô-ô-ô-ô.

O macho olhou fixamente para Elliot, esperando que essa exibição o fizesse correr. Como isso não acontecesse, o macho levantou-se de um pulo, batendo no peito, rugindo com uma fúria ainda maior.

E depois investiu.

Guinchando furiosamente, o gorila avançou a uma velocidade assustadora, diretamente para cima de Elliot. Ele ouviu Ross ofegar em suas costas. Tinha vontade de se virar e correr, todos os seus instintos bradavam que deveria fugir. Mas Elliot forçou-se a permanecer absolutamente imóvel... e a olhar para o chão.

Fitando os pés, enquanto escutava o gorila aproximar-se ruidosamente através da relva, Elliot experimentou subitamente a sensação de que todo o seu conhecimento abstrato através dos livros estava errado, que tudo o que os cientistas do mundo inteiro pensavam a respeito dos gorilas estava errado. Teve uma imagem mental da cabeça imensa e do peito largo, os braços compridos balançando, enquanto o gorila corria para uma vitória fácil, um alvo estacionário, tolo o bastante para acreditar nas desinformações acadêmicas consagradas pela letra de imprensa...

E houve silêncio.

O gorila (que devia estar muito perto) soltou um grunhido. Elliot podia ver a sombra imensa a seus pés. Mas não levantou os olhos, até que a sombra se afastou.

Quando levantou a cabeça, Elliot viu o gorila recuando para a outra extremidade da clareira. Ali, o macho virou-se e coçou a cabeça, como se estivesse perplexo, como se não entendesse por que aquela exibição aterradora não conseguira afugentar os intrusos. Ele bateu no chão pela última vez e depois se afastou com o resto do grupo, desaparecendo na relva alta. Houve silêncio na clareira até que Ross arriou nos braços de Elliot.

Munro aproximou-se, comentando:

- Parece que, no final das contas, você conhece mesmo algumas coisas a respeito de gorilas. - Munro apertou o braço de Ross.

- Está tudo bem. Eles não fazem nada, a menos que a pessoa saia correndo. Neste caso, tratam de mordê-la no rabo.

Nesta região, isso representa a marca nativa de covardia... porque significa que a pessoa fugiu.

Ross estava chorando baixinho e Elliot descobriu que seus próprios joelhos estavam trêmulos. Teve de sentar-se. Tudo acontecera tão depressa que alguns momentos se passaram antes que percebesse que aqueles gorilas haviam se comportado exatamente como os compêndios descreviam, o que incluía não fazer qualquer verbalização que mesmo remotamente pudesse parecer com fala.

3. O Consórcio

Uma hora depois, eles encontraram os destroços do transporte C-130.

O maior avião do mundo parecia estar na escala correta, meio enterrado na selva, o gigantesco nariz esmagado contra árvores igualmente gigantes, a enorme cauda contorcida para o solo, as asas maciças entortadas, projetando sombras no chão da selva.

Através do pára-brisa espatifado da cabine de comando, eles viram o corpo do piloto, coberto por moscas pretas. As moscas zumbiam e batiam contra o vidro, enquanto eles espiavam. Deslocando-se para a traseira, eles tentaram espiar pelas janelas da fuselagem. Mas mesmo com o trem de pouso arrebatado, a fuselagem ainda estava muito acima do solo, para que pudessem ver alguma coisa.

Kahega conseguiu subir por uma árvore derrubada e de lá passou para uma asa, examinando o interior do avião.

- Não há gente - informou ele.
- E suprimentos?
- Tem muitos suprimentos. Caixas e mais caixas.

Munro afastou-se dos outros, passando por baixo da cauda destruída, para examinar o outro lado do avião. A asa de bombordo, oculta das vistas da expedição, estava enegrecida e espatifada, os motores haviam desaparecido. Isso explicava por que o avião caíra.

O último míssil da FAZ encontrara seu alvo, destruindo a maior parte da asa. Contudo, o destroço parecia estranhamente misterioso para Munro. Alguma coisa em sua aparência estava errada. Ele correu os olhos pela fuselagem, do nariz espatifado, passando pela fileira de janelas, a asa destruída, as portas traseiras...

- Essa não! - murmurou Munro.

Ele voltou apressadamente para junto dos outros, que estavam sentados num dos pneus, à sombra da asa de estibordo. O pneu era tão grande que Ross podia sentar nele e balançar os pés no ar, sem tocar no solo.

- E então, o que descobriu? - disse Ross, com uma satisfação que não podia disfarçar. - Eles não levaram os malditos suprimentos.

- Não, não levaram - confirmou Munro. - E vimos este avião na noite de anteontem, o que significa que foi derrubado há pelo menos 36 horas.

Munro parou, esperando que Ross fizesse os cálculos.

- Trinta e seis horas?

- Isso mesmo. Trinta e seis horas.

- E eles não vieram buscar seus suprimentos...

- Nem mesmo tentaram pegá-los - disse Munro. - Olhe para as portas de carga principais. Ninguém tentou sequer abri-las. Por que será que eles não voltaram?

Num trecho da selva densa, o solo sob os pés deles começou a estalar. Afastando os arbustos, eles viram um verdadeiro tapete de ossos brancos, esmagados.

- *Kanyamagufa* - disse Munro.

O lugar de ossos. Ele olhou rapidamente para os carregadores, a fim de verificar qual era a reação deles. Mas os homens demonstravam apenas espanto, sem medo. Eram *kikuyus* da África Oriental e não tinham as superstições das tribos que margeavam a floresta tropical.

Amy tirou os pés dos fragmentos esbranquiçados e sinalizou:

Chão dói.

Elliot sinalizou:

Que lugar é este?

Vimos lugar mau.

Que lugar mau?

Amy não tinha resposta para isso.

- São ossos! - exclamou Ross, olhando fixamente para o solo.

- Tem toda razão - disse Munro, prontamente. - Mas não são ossos humanos. Não é isso mesmo, Elliot?

Elliot também estava olhando para o chão. Via restos esbranquiçados de diversas espécies, embora não pudesse imediatamente identificar qualquer delas.

- E então, Elliot? Não são ossos humanos, não é mesmo?

- Não parecem humanos - concordou Elliot, olhando atentamente para o chão.

A primeira coisa que ele notou foi que a maioria dos ossos era de animais obviamente pequenos, pássaros, micos, pequenos roedores da floresta. Outros pedaços pequenos eram na verdade fragmentos de animais maiores, só que era difícil determinar de que tamanho. Talvez micos grandes... mas não havia micos grandes na floresta tropical.

Chimpanzés? Não havia chimpanzés naquela parte do Congo.

Talvez pudessem ser gorilas. Ele avistou um fragmento de um crânio, com sulcos supra-orbitais. Pegou-o e revirou-o entre as mãos.

Não restava a menor dúvida de que era um fragmento de crânio de gorila. Ele sentiu a espessura do osso sobre as cavidades frontais, viu o começo da projeção sagital característica.

- Elliot? - disse Munro, a voz tensa, insistente. - Não é humano?

- Não, não é humano.

Elliot continuou a olhar fixamente para o fragmento. O que poderia esmagalar um crânio de gorila daquele jeito? Ele acabou chegando à conclusão de que devia ter acontecido depois da morte.

Um gorila morrerá e depois de muitos anos o esqueleto esbranquiçado fora esmagado de alguma forma. Certamente não poderia ter acontecido durante a vida.

- Não é humano - disse Munro, olhando, para o chão. - Tem um bocado de ossos, mas nenhum é humano.

Passando por Elliot, ele lançou-lhe um olhar expressivo: Fique de boca fechada. E Munro acrescentou olhando firmemente para Elliot:

- Kahega e seus homens sabem que você é um conhecedor profundo dessas coisas.

O que Munro teria visto? Certamente ele já convivera o bastante com a morte para poder reconhecer um esqueleto humano. O olhar de Elliot incidiu sobre um osso curvo. Parecia um pouco com o osso do desejo do peru, só que era muito maior e mais largo, esbranquiçado pelo tempo. Ele pegou-o. Era o fragmento da arcada zigomática de um crânio humano. Um osso malar, abaixo do olho.

Ele revirou o fragmento nas mãos. Tornou a olhar para o chão da selva, as trepadeiras que se espalhavam como tentáculos sobre o tapete branco de ossos. Divisou muitos ossos frágeis, alguns tão finos que eram transparentes... ossos que ele presumira serem de pequenos animais.

Agora, não tinha mais certeza.

Lembrou-se de uma questão dos seus tempos de estudante.

Quais são os sete ossos que compõem a órbita do olho humano?

Elliot tentou recordar. Zigoma, nasal, orbital inferior, esfenóide... já tinha quatro... etmóideo, cinco... alguma coisa por baixo da boca... palatino, seis... só faltava mais um... não conseguia lembrar o último osso. Zigoma, nasal, orbital inferior, esfenóide, etmóideo, palatino... ossos delicados, ossos transparentes, ossos pequenos.

Ossos humanos.

- Pelo menos não são ossos humanos - murmurou Ross.

- Não, não são - concordou Elliot.

Ele olhou para Amy, que sinalizou: *Pessoas morrer aqui.*

- O que ela disse?

- Ela disse que o ar daqui não é bom para as pessoas.
- Pois então vamos embora - disse Munro.

Munro levou Elliot um pouco à frente do resto da expedição e disse-lhe:

- Agiu bem. É preciso tomar cuidado com os *kikuyus*. Não quero que entrem em pânico. O que disse sua macaca?

- Disse que as pessoas morriam ali.

- Isso é mais do que os outros sabem - disse Munro, acenando com a cabeça, uma expressão sombria no rosto. - Mas eles já desconfiam.

Por trás deles, a expedição caminhava em fila indiana, sem que ninguém falasse.

- Que diabo aconteceu lá atrás? - indagou Elliot.

- Há muitos ossos - disse Munro. - De leopardo, *colobus*, rato da floresta, humanos...

- E de gorila.

- Também vi. De gorila. - Munro sacudiu a cabeça. - O que pode matar um gorila, professor?

Elliot não tinha resposta.

O acampamento do consórcio estava em ruínas, as barracas esfarrapadas e destroçadas, os cadáveres cobertos por densas nuvens pretas de moscas. No ar úmido, o mau cheiro era terrível, o zumbido das moscas era um som monótono e furioso. Com exceção de Munro, todos pararam à beira do acampamento.

- Não há alternativa - disse ele. - Temos de saber o que aconteceu.

Ele entrou no acampamento propriamente dito, passando sobre a cerca achatada. No mesmo instante, as defesas do perímetro foram acionadas, emitindo um sinal agudo de alta frequência. Além da cerca, os outros taparam os ouvidos com as mãos, enquanto Amy grunhia em contrariedade.

Barulho mau.

Munro olhou para trás e disse:

- Não está me incomodando. É o que se consegue, por ficar de fora.

Ele aproximou-se de um cadáver, virando-o com o pé. Depois agachou-se, afugentando a nuvem de moscas e examinando cuidadosamente a cabeça.

Ross olhou para Elliot. Ele parecia em estado de choque, o cientista típico, imobilizado pelo desastre. Ao lado dele, Amy tapava os ouvidos e estremeceu. Mas Ross não estava imobilizada, respirou fundo e cruzou o perímetro.

- Preciso saber quais as defesas que eles instalaram.

- Está certo.

Elliot sentia-se desligado, meio tonto, como se estivesse prestes a desmaiar. A visão e o cheiro do acampamento provocavam-lhe uma vertigem incontrolável. Viu Ross atravessar o acampamento e pegar uma caixa-preta, com um estranho cone. Ela acompanhou um fio até o centro do acampamento. Pouco depois, o sinal de alta frequência cessou. Ela desligara a fonte.

Amy sinalizou: *Agora melhor.*

Com uma das mãos, Ross vasculhou os equipamentos eletrônicos no centro do acampamento, enquanto usava a outra para tapar o nariz, numa defesa contra o mau cheiro.

Kahega disse:

- Vou ver se eles tem armas, doutor.

Ele também entrou no perímetro do acampamento. Relutantemente, os outros carregadores seguiram-no.

Elliot ficou sozinho com Amy. Ela examinou friamente a destruição, embora se inclinasse e pegasse a mão de Elliot. Ele sinalizou: Amy o que acontece neste lugar?

Amy sinalizou:

Coisas acontecem.

Que coisas?

Coisas más.

Que coisas?

Coisas más acontecem coisas acontecem más.

Que coisas?

Coisas más.

Evidentemente, ele não chegaria a parte alguma com aquele interrogatório. Disse a Amy que permanecesse fora do

perímetro do acampamento e também entrou, avançando entre os cadáveres e as moscas que zumbiam. Ross indagou:

- Alguém encontrou o líder?

No outro lado do acampamento, Munro disse:

- Menard.

- De Kinshasa?

Munro acenou com a cabeça.

- Isso mesmo.

- Quem é Menard? - perguntou Elliot.

- Ele tinha uma boa reputação, conhecia o Congo. - Ross foi avançando entre os destroços do acampamento. - Mas não era bom o bastante.

Um momento depois, ela parou abruptamente. Elliot aproximou-se. Ross estava olhando para um cadáver, virado para baixo.

- Não o vire - disse ela. - É Richter.

Elliot não compreendia como ela podia ter certeza. O corpo estava coberto por moscas pretas. Ele inclinou-se.

- Não o toque!

- Está bem.

- Kahega! - gritou Munro, levantando um recipiente verde de plástico de 20 litros, evidentemente cheio com algum líquido. - Vamos acabar logo com isso!

Kahega e seus homens, movimentaram-se rapidamente, espalhando querosene sobre as barracas e cadáveres. Elliot podia sentir o cheiro forte. Ross, agachada sob uma barraca de suprimentos, com o náilon rasgado, gritou:

- Dê-me mais um minuto!

- Pode levar todo o tempo que quiser - disse Munro.

Ele virou-se para Elliot, que estava observando Amy, além do perímetro do acampamento.

Amy estava sinalizando para si mesma.

Pessoas más. Não acreditar pessoas más coisas acontecem.

- Ela parece muito calma diante desta destruição - comentou Munro.

- Mas não está - disse Elliot. - Creio que ela sabe o que aconteceu aqui.

- Neste caso, espero que ela nos conte. Porque todos os homens aqui morreram da mesma maneira. Os crânios foram esmagados.

As chamas do acampamento do consórcio elevaram-se pelo ar. A fumaça preta turbilhonava, enquanto a expedição seguia adiante, através da selva. Ross estava calada, absorta em seus pensamentos.

Elliot indagou:

- O que você descobriu?

- Nada bom. Eles possuíam um sistema periférico perfeitamente adequado, bastante parecido com o nosso PDA... perímetro de defesa animal. Aqueles cones que encontrei são unidades de sensores de áudio. Quando captam qualquer sinal, eles emitem um sinal de alta frequência, que é bastante doloroso para os sistemas auditivos. Não funciona para répteis, mas é bastante eficaz nos sistemas de mamíferos. Faz com que um lobo ou leopardo fuja em disparada.

- Mas não funcionou aqui - comentou Elliot.

- Não, não funcionou. E não incomodou muito a Amy.

- Qual é o efeito nos sistemas auditivos humanos?

- Você pôde sentir. É irritante, mas não vai além disso. - Ela olhou para Elliot. - Mas não há seres humanos nesta parte do Congo. Exceto nós.

Munro perguntou:

- Podemos ter um perímetro de defesa melhor?

- Claro que podemos. Eu lhe darei a próxima geração de defesa de perímetro. É capaz de deter qualquer coisa, menos elefantes e rinocerontes.

Mas ela não parecia estar convencida. Ao final da tarde, eles chegaram ao que restava do primeiro acampamento da ERTS no Congo. Quase que o perderam, pois, nos oito dias de intervalo, as trepadeiras e toda a vegetação da selva já haviam começado a invadi-lo, apagando os vestígios. Não restava muita coisa... alguns

farrapos de náilon laranja, uma panela de alumínio amassada, o tripé quebrado, a câmara de vídeo despedaçada, os circuitos verdes espalhados pelo chão. Não encontraram corpos. E como a claridade já estava se desvanecendo, eles seguiram em frente.

Amy estava visivelmente agitada. Sinalizou: *Não ir.*

Peter Elliot não prestou atenção.

Lugar ruim lugar velho não ir.

- Nós vamos, Amy.

Quinze minutos depois, eles chegaram a uma abertura entre as copas das árvores. Olhando para cima, divisaram o cone escuro do Mukenko elevando-se acima da floresta, os fachos verdes cruzados dos lasers brilhando no ar úmido. E diretamente por baixo dos fachos estavam os blocos de pedra cobertos de musgo, parcialmente ocultos na folhagem da selva, da Cidade Perdida de Zinj.

Elliot virou-se, a fim de olhar para Amy.

Amy desaparecera.

4. Mistério

Elliot não podia acreditar.

A princípio, pensou que Amy estava castigando-o, afastando-se para fazê-lo arrepender-se por ter-lhe disparado um dardo no rio.

Ele explicou a Munro e Ross que Amy era capaz dessas coisas. Passaram a meia hora seguinte vagueando pela selva, gritando o nome dela. Mas não houve resposta, apenas o silêncio eterno da floresta tropical. A meia hora transformou-se em uma hora e depois em quase duas horas.

Elliot foi dominado pelo pânico.

Como ela continuasse a não emergir da folhagem, outra possibilidade tinha de ser considerada, Munro disse:

- Talvez ela tenha fugido com o último bando de gorilas

- Impossível - disse Elliot.

- Ela está com sete anos, próxima da maturidade. - Munro deu de ombros. - E é uma gorila.

- Impossível - insistiu Elliot.

Mas ele entendia o que Munro estava dizendo. Inevitavelmente, as pessoas que criavam grandes macacos acabavam descobrindo, em determinado momento, que não mais podiam mantê-los.

Com a maturidade, os animais tornavam-se grandes demais, poderosos demais, muito integrados em sua espécie para poderem ser controlados. Não era mais possível meter-lhes fraldas e fingir que eram criaturas humanóides atraentes. Os genes ditavam diferenças inevitáveis, que ao final não podiam mais ser ignoradas.

- Os bandos de gorilas não são exclusivistas - lembrou Munro. - Aceitam estranhos, especialmente fêmeas.

- Ela não faria isso - insistiu Elliot. - Não pode fazer.

Amy fora criada desde a infância entre seres humanos. Estava muito mais familiarizada com o mundo ocidentalizado de estradas e *drive-ins* do que com a selva. Se Elliot passava no carro além do *drive-in* predileto dela, Amy prontamente batia em seu ombro e apontava o erro. O que ela conhecia da selva? Tudo ali era estranho para ela, assim como era também para o próprio Elliot. E não apenas isso...

- É melhor fixarmos o acampamento - disse Ross, olhando para o relógio. - Ela voltará... se quiser. Afinal, não a deixamos. Ela é que nos deixou.

Haviam trazido uma garrafa de champanha *Dom Pérignon*, mas ninguém estava com disposição para comemorar. Elliot remoia-se de remorsos pela perda de Amy, os outros estavam horrorizados pelo que tinham visto no acampamento anterior, com a noite caindo rapidamente, havia muito o que fazer para montar o sistema da ERTS, conhecido como REDEI (reação de defesa contra intrusos).

A tecnologia exótica reconhecia o fato de que as defesas de perímetro eram tradicionais ao longo da história da exploração do Congo. Mais de um século antes, Stanley observara que "nenhum acampamento deve ser considerado pronto enquanto não estiver cercado por árvores ou arbustos". Nos anos que transcorreram desde então, não houvera muito motivo para alterar a natureza

essencial dessa instrução. Mas a tecnologia defensiva mudara e o sistema REDEI incorporava as mais recentes inovações.

Kahega e seus homens encheram as barracas Mylar prateadas, armando-as bem juntas. Ross orientou a colocação das luzes noturnas infravermelhas nos tripés, que foram posicionados em torno do acampamento, as luzes acesas.

Foi instalada em seguida a cerca do perímetro. Era constituída por uma rede metálica bastante leve, mais parecida com pano do que com arame. Presa em estacas, cercava completamente o acampamento, quando ligada ao transformador, tinha uma corrente elétrica de 10 mil volts. Para reduzir o consumo das células de combustível, a corrente era alternada, com quatro ciclos por segundo, criando um zumbido intermitente.

O jantar na noite de 21 de junho foi arroz, com molho de camarão reidratado. Os camarões não reidrataram muito bem, parecendo pequenos pedaços de papelão na mistura. Mas ninguém queixou-se desse fracasso da tecnologia do século XX, enquanto olhavam ao redor, para a escuridão cada vez mais profunda da selva.

Munro postou as sentinelas. Fariam turnos de vigia de quatro horas. Munro anunciou que ele, Kahega e Elliot se encarregariam do primeiro turno.

Com os óculos noturnos imensos, as sentinelas pareciam misteriosos gafanhotos, esquadrihando a selva. Os óculos noturnos intensificavam a claridade do ambiente, sobrepondo-a à imagem existente, matizando-a com uma luz esverdeada fantasmagórica. Elliot achou os óculos noturnos pesados e o visor eletrônico difícil de ajustar.

Tirou-os depois de alguns minutos e ficou espantado ao descobrir que a selva estava totalmente negra ao seu redor. Tornou a pôr os óculos, apressadamente.

A noite passou tranqüilamente, sem qualquer incidente.

DIA 9: ZINJ

21 de junho de 1979

1. Rabo do Tigre

A entrada deles na Cidade Perdida de Zinj, na manhã de 21 de junho, foi realizada sem o mistério e romance de relatos do século XIX sobre jornadas similares. Aqueles exploradores do século XX suavam e grunhiam sob uma carga incômoda de equipamentos técnicos, com sensores óticos, transmissores de microondas, microfones direcionais, tudo enfim que era julgado necessário para a moderna avaliação em alta velocidade de um local arqueológico em ruínas.

Estavam interessados apenas em diamantes. Schliemann estava interessado apenas em ouro quando escavara Tróia, devotando três anos ao trabalho. Ross esperava encontrar os diamantes em três dias.

Segundo a simulação do computador da ERTS, a melhor maneira de conseguir isso era elaborar uma planta da cidade. Com uma planta nas mãos, seria relativamente fácil deduzir as locações das minas, pela disposição das estruturas urbanas.

Eles esperavam ter uma planta aproveitável da cidade em seis horas. Usando transmissores automáticos RF, precisavam simplesmente ficar parados nos quatro cantos de uma construção, apertando o botão de transmissão. No acampamento, dois receptores bastante espaçados registravam os sinais, a fim de que o computador pudesse determiná-los em duas dimensões. Mas as ruínas eram amplas, cobrindo mais de três quilômetros quadrados. Um levantamento meticuloso iria separá-los consideravelmente na

folhagem densa, o que parecia insensato, levando-se em consideração o que acontecera à expedição anterior.

A alternativa era o que a ERTS chamava de levantamento não sistemático ou "tratamento do rabo do tigre". (Era uma piada na ERTS que uma maneira de encontrar um tigre era ficar andando até pisar em seu rabo.) Eles foram avançando pelos prédios em ruínas, evitando as cobras insidiosas e as gigantescas aranhas, que corriam para recessos escuros. As aranhas eram do tamanho da mão de um homem e, para espanto de Ross, emitiam um estalido alto.

Eles notaram que o trabalho de cantaria era de excelente qualidade, embora em muitos lugares o calcário estivesse quebrado e se esfarelando. Por toda parte, viram as portas e janelas em meia-lua, o que parecia ser uma característica cultural.

Mas além do formato curvo de portas e janelas, quase nada encontraram de peculiar nos cômodos por que passaram. De um modo geral, os cômodos eram retangulares e praticamente do mesmo tamanho, as paredes nuas, carecendo de ornatos. Depois de tantos séculos transcorridos, não encontraram quaisquer artefatos. Só Elliot é que finalmente encontrou um par de pás de pedra, em formato de disco, presumivelmente usados para moer especiarias ou cereais.

A ausência de características peculiares da cidade foi se tornando cada vez mais perturbadora, à medida que prosseguiram no levantamento. Era também inconveniente, já que não proporcionava meios de relacionar um lugar com outro. Começaram a atribuir nomes arbitrários a diferentes construções. Quando Karen Ross encontrou uma série de cubículos esculpidos numa parede, anunciou que devia ter sido uma agência postal. A partir desse momento, o prédio passou a ser conhecido como "agência postal".

Encontraram uma sucessão de pequenos cômodos, com buracos para barras de madeira. Munro achou que eram celas de uma cadeia, só que eram muito pequenos. Ross comentou que talvez os habitantes fossem pequenos. Ou então as celas eram deliberadamente pequenas, para punição. Elliot achou que talvez fossem jaulas de um jardim zoológico. Mas, nesse caso, por que todas as jaulas eram do mesmo tamanho? E Munro ressaltou que

não havia meios para se contemplar os animais, insistindo em sua convicção de que se tratava de uma cadeia. Assim, os cômodos passaram a ser conhecidos como "a cadeia".

Perto da cadeia, descobriram um pátio aberto, a que chamaram de "o ginásio". Aparentemente era um campo de atletismo ou de treinamento. Havia quatro altas colunas de pedra, com uma argola de pedra se esfarelado no alto. Evidentemente, fora um local usado para alguma espécie de jogo. Num canto, havia uma barra horizontal a apenas um metro e meio do chão. A barra tão baixa levou Elliot a concluir que era um *playground* para crianças. Ross insistiu em sua convicção de que os habitantes eram pequenos. Munro levantou a possibilidade de o ginásio ser uma área de treinamento para soldados.

Enquanto prosseguiram no levantamento, estavam todos perfeitamente conscientes de que suas reações simplesmente espelhavam as preocupações que os dominavam. A cidade era tão neutra e não informativa, que se tornava uma espécie de Rorschach para eles. O que precisavam era de informações objetivas sobre as pessoas que haviam construído a cidade e suas vidas.

Estava lá o tempo todo, embora eles demorassem a perceber. Em muitos cômodos, uma parede ou outra estava dominada por um mofo verde-preto. Munro notou que esse mofo não crescia em relação com a luz que entrava por uma janela, correntes de ar ou qualquer outro fator que pudessem identificar. Em alguns cômodos, o mofo crescia denso pela metade de uma parede, parando abruptamente, numa linha horizontal reta, como se fosse cortado por uma faca.

- Muito estranho - murmurou Munro, observando o mofo e esfregando um dedo.

O dedo saiu com vestígios de tinta azul. Foi assim que descobriram os refinados baixos-relevos, outrora pintados, que apareciam por toda a cidade. Contudo, o crescimento do mofo na superfície esculpida irregular e os buracos no calcário tornavam impossível qualquer interpretação das imagens.

No almoço, Munro comentou que era uma pena que não tivessem trazido historiadores de arte para recuperar as imagens de

baixo relevo.

- Com todas as suas luzes e máquinas especiais, eles poderiam definir tudo rapidamente - disse ele.

Ross teve uma idéia.

As técnicas mais modernas de exame de obras de arte, conforme idealizadas por Degusto e outros, empregavam luz infravermelha e intensificação de imagem. A expedição do Congo dispunha do equipamento.

Falta um trecho...

- O mundo natural é indiferente ao homem - comentou ele.

- Quanto a isso, não resta a menor dúvida - disse Munro.

- Só que não resta muita coisa do mundo natural.

Elliot estava relutante em concordar com Munro, mas a verdade era que uma tese acadêmica bastante conhecida alegava justamente isso. Em 1955, o antropólogo francês Maurice Cavalle publicou uma tese controversa, intitulada "A Morte da Natureza". Nela, dizia o seguinte:

Há um milhão de anos, a terra era caracterizada por um estado selvagem total, a que podemos chamar de natureza. No meio dessa natureza selvagem, havia pequenos enclaves de habitação humana. Quer fossem cavernas com fogo artificial para manter os homens aquecidos, quer as cidades posteriores com habitações e campos de cultivo artificiais, esses enclaves eram nitidamente antinaturais. No milênio subsequente, a área de natureza intacta, cercada os enclaves humanos artificiais, progressivamente declinou, embora por séculos a tendência permanecesse imperceptível.

Mesmo há 300 anos, na França ou Inglaterra, as grandes cidades do homem estavam isoladas por hectares de região selvagem, por onde vagueavam animais não-domesticados, como haviam feito por milhares de anos antes. E, no entanto, a expansão do homem continuou, inexoravelmente.

Há uma centena de anos, nos últimos dias dos grandes exploradores europeus, a natureza se reduzira tão radicalmente que

constituía uma novidade. Foi por esse motivo que as explorações africanas seduziram a imaginação do homem do século XIX. Entrar num mundo realmente natural era exótico, além da experiência da maior parte da humanidade, que vivia do nascimento à morte em circunstâncias inteiramente fabricadas pelo homem.

No século XX, o equilíbrio deslocou-se de tal forma que, para todos os efeitos práticos, pode-se dizer que a natureza desapareceu. Plantas selvagens são conservadas em estufas, animais selvagens em jardins zoológicos e reservas de caça, ambientes artificiais criados pelo homem como uma recordação do mundo natural outrora predominante. Mas um animal num jardim zoológico ou numa reserva de caça não leva a sua vida natural, tanto quanto um homem numa cidade leva uma vida natural.

Hoje, estamos cercados pelo homem e suas criações. O homem é inevitável, por toda parte do globo, a natureza é uma fantasia, um sonho do passado, há muito perdido.

Ross tirou Elliot do jantar.

- É para você - disse ela, apontando para o computador, ao lado da antena. - Aquele seu amigo novamente.

Munro sorriu.

- Mesmo na selva, o telefone nunca pára de tocar.

Elliot aproximou-se para olhar a tela.

ANALIS LINGEM COMPUTR EXIG MAIS INFO POD
PROVIDE?

QUE INFO? - transmitiu Elliot em resposta.

MAIS INFO AUDIT - TRANSMIT GRAYS.

Elliot respondeu: Sim, Se Ocorrer. SIM SE OCRRER.

GRVE FREQ 22-50.000 CICLS.

Elliot respondeu: entendido. ENTENDID.

Houve uma pausa e depois a tela imprimiu: COVAI AMY?

Elliot hesitou. BEM.

EQIP VINDA AMOR, foi a resposta. A transmissão foi momentaneamente interrompida.

MNTNHA TRANSMIS.

Houve uma pausa prolongada.

NOT INCRIVEL, transmitiu Seamans. NCONTRMOS SRA SWENSN.

2. Swensn Not

Por um momento, Elliot não reconheceu o nome. Swensn? Quem era Swensn? Um erro de transmissão? Depois, ele se lembrou: a Sra. Swenson! A descobridora de Amy, a mulher que a trouxera da África e a doara ao jardim zoológico de Minneapolis. A mulher que passara as últimas semanas em Bornéu. SE SOUBSSMOS AMY MAE NAO MRTA PR NATIVS.

Elliot esperou impacientemente pela próxima mensagem de Seamans. Fora informado anteriormente que a mãe de Amy fora morta por nativos, numa aldeia chamada Bagimindi. A mãe fora morta por comida e Amy era órfã.

CMO ASSM?

MAE JA MRTA NAO COMDA.

Os nativos não haviam matado a mãe de Amy? Ela já estava morta?

XPLIQ.

SWENSN TEM FOTO PSSO TRANSMIT?

Elliot respondeu apressadamente, os dedos batendo desajeitadamente no teclado.

TRANSMIT.

Houve uma pausa que pareceu interminável e depois a tela de vídeo recebeu a transmissão, expondo-a de alto a baixo. Muito antes da imagem encher inteiramente a tela, Elliot já percebera o que mostrava.

Um instantâneo precário de um cadáver de gorila, com o crânio esmagado. O animal estava caído de costas, numa clareira de terra compacta, presumivelmente numa aldeia nativa.

Naquele momento, Elliot sentiu que o enigma que tanto o preocupara, que lhe causara tanta angústia por muitos meses, estava explicado. Se ao menos eles tivessem conseguido encontrá-la antes...

A imagem eletrônica brilhante desvaneceu-se para o preto.

Elliot foi confrontado por uma sucessão de indagações. Crânios esmagados ocorriam na remota - e supostamente desabitada - região do Congo, Kanyamagufa, o lugar dos ossos. Mas Bagimindi era uma aldeia comercial no Rio Lubula, a mais de 150 quilômetros de distância. Como Amy e a mãe morta haviam chegado a Bagimindi?

Ross indagou:

- Está com um problema?
- Não entendo a seqüência. Preciso perguntar...
- Antes de fazê-lo, revise a transmissão. Está tudo na memória.

Ross apertou um botão marcado REPEAT. A conversa transmitida anteriormente foi repetida na tela. Enquanto Elliot observava as respostas de Seamans, uma frase chamou-lhe a atenção: MAE JA MRTA NAO COMDA.

Por que a mãe não fora comida? A carne de gorila era um alimento aceitável, até mesmo apreciado, naquela parte da Bacia do Congo. Ele transmitiu uma pergunta:

PORO. MAE NAO CMIDA?

MAE / BB NCONTRDA PATRLH MILTR NATIV DO SUDAO TRUXRAM CADVER / BB 5 DIAS PRA ALDIA BAGMINDI VNDA TURISTAS, SWENSN LA.

Cinco dias! Rapidamente, Elliot transmitiu a pergunta da maior importância:

OND NCONTRDA?

A resposta foi imediata: AREA DSCONHCID CONGO.

SPECIFIQ.

SEM DTALHS. Uma breve pausa. HA M FOTS.

TRANSMIT.

A tela ficou vazia e depois tornou a se encher, de alto a baixo.

Elliot pôde ver agora melhor o crânio esmagado da gorila. Ao lado do crânio imenso, havia uma pequena criatura preta no chão, mãos e pés contraídos, a boca aberta num grito paralisado.

Amy.

Ross repetiu a transmissão várias vezes, terminando com a imagem de Amy como um filhote recém-nascido... pequena, preta, gritando.

- Não é de admirar que ela tivesse pesadelos - comentou Ross. - Provavelmente viu a mãe ser morta.

- Pelo menos podemos ter certeza de que não foram gorilas - comentou Elliot. - Eles não se matam uns aos outros.

- Neste momento, não podemos ter certeza de coisa alguma.

A noite de 21 de junho foi tão quieta que, por volta das 10 horas, eles desligaram as luzes noturnas infravermelhas, a fim de poupar energia. Quase que imediatamente, sentiram que havia algum movimento na folhagem além do acampamento. Munro e Kahega viraram suas armas. O farfalhar cessou e eles ouviram um estranho som de suspiro, uma espécie de arquejo.

Elliot ouviu também e sentiu um calafrio. Era o mesmo som que fora gravado durante a primeira expedição do Congo. Ele ligou o gravador e virou o microfone ao redor. Estavam todos tensos, alertas, esperando.

Mas, pela hora seguinte, nada mais aconteceu. A folhagem em torno deles movia-se incessantemente, mas não viram nada. Pouco antes de meia-noite, a cerca eletrificada do perímetro irrompeu em faíscas. Munro virou a arma na direção e disparou. Ross acionou o interruptor das luzes noturnas e o acampamento ficou banhado por uma claridade vermelha.

- Vocês viram? - indagou Munro. - Viram o que era?

Eles sacudiram a cabeça. Ninguém vira coisa alguma. Elliot conferiu a gravação. Tinha apenas o matraquear dos tiros e o som das faíscas. Nenhuma respiração.

O resto da noite transcorreu sem qualquer imprevisto.

DIA 10: ZINJ

22 de junho de 1979

1. Retorno

A manhã de 22 de junho foi enevoadada e cinzenta. Peter Elliot despertou às seis horas da manhã, encontrando o acampamento já de pé e ativo. Munro estava andando pelo perímetro do acampamento, as roupas encharcadas até o peito pela folhagem úmida. Cumprimentou Elliot com uma expressão de triunfo e apontou para o chão.

No solo, havia pegadas recentes. Eram profundas e curtas, de formato um tanto triangular, havia um intervalo grande entre o dedão e os outros quatro dedos... um espaço tão grande quanto entre o polegar e os outros dedos humanos.

- Indubitavelmente, não é humano - comentou Elliot, abaixando-se para olhar mais de perto.

Munro não disse nada.

- Alguma espécie de primata.

Munro continuou calado.

- Não pode ser um gorila - arrematou Elliot, empertigando-se.

A comunicação de vídeo na noite anterior reforçara a sua convicção de que os gorilas não estavam envolvidos. Os gorilas não matavam outros gorilas, como a mãe de Amy fora morta.

- Não pode ser um gorila - repetiu ele.

- Mas é de fato um gorila. Dê uma olhada nisto. - Munro apontou para outro trecho de terra macia. Havia quatro depressões consecutivas. - São as articulações dos dedos quando eles andam com as mãos.

- Mas gorilas são animais tímidos, que dormem à noite e evitam contato com os homens.

- Diga isso ao que deixou esta marca.

- É pequena para um gorila. - Elliot examinou a cerca próxima, onde ocorrera o curto-circuito na noite anterior. Fragmentos de pêlo cinzento estavam presos na cerca. - E gorilas não têm pêlo cinzento.

- Os machos têm - disse Munro. - Os dorsos prateados.

- Só que o pêlo deles é mais branco do que isso. Temos aqui um pêlo nitidamente cinzento. - Elliot hesitou. - Talvez seja um *kakundakari*.

Munro parecia irritado.

O *kakundakari* era um controvertido primata do Congo. Como o *yeti* do Himalaia e o pé-grande da América do Norte, já fora avistado, mas nunca capturado. Havia histórias nativas intermináveis sobre um macaco peludo de 1,80m de altura, que caminhava sobre as pernas traseiras e afora isso comportava-se de uma forma humana.

Muitos cientistas respeitados acreditavam que o *kakundakari* existia, talvez se lembrassem das autoridades que haviam outrora negado a existência do gorila.

Em 1774, Lorde Monboddo escreveu a respeito do gorila que "esta maravilhosa e assustadora produção da natureza caminha empertigada, como um homem, tem de dois metros a dois metros e meio de altura... e é espantosamente forte, coberto por pêlos compridos, muito pretos sobre o corpo, mais compridos na cabeça, o rosto é mais parecido com o humano do que o chimpanzé, mas é escuro e não tem cauda".

Quarenta anos depois, Bowditch descreveu um grande macaco africano tendo "geralmente um metro e meio de altura e um metro e 20 de largura nos ombros; dizem que a pata é ainda mais proporcional do que a largura e que um golpe é fatal". Mas foi só em 1847 que Thomas Savage, um missionário africano, e Jeffries Wyman, um anatomista de Boston, publicaram um estudo descrevendo "uma segunda espécie na África... não reconhecida pelos naturalistas", a que propuseram chamar de *Troglodytes gorilla*.

O comunicado deles teve a maior repercussão no mundo científico e uma corrida, em Londres, Paris e Boston, para procurar esqueletos. Em 1855, não havia mais qualquer dúvida: existia na África um segundo macaco, muito grande.

Mesmo no século XX, novas espécies animais eram descobertas na floresta tropical: o porco azul, em 1944, e o galo silvestre de peito vermelho, em 1961. Era perfeitamente possível que um primata raro e esquivo pudesse existir nas profundezas da selva. Mas ainda não havia qualquer prova concreta do *kakundakari*.

- Esta marca é de um gorila - insistiu Munro. - Ou melhor, de um bando de gorilas. Estão em torno de todo o perímetro. Eles estiveram vigiando nosso acampamento.

- Vigiando nosso acampamento? - repetiu Elliot, sacudindo a cabeça.

- Isso mesmo - disse Munro. - Basta observar todas as malditas pegadas.

Elliot sentiu que sua paciência estava se esgotando. Fez um comentário sobre histórias de beira de fogueira de caçador branco, ao que Munro respondeu com um comentário pouco lisonjeiro a respeito de pessoas que só conheciam as coisas pelos livros.

Neste momento, os *colobus* nas árvores por cima deles começaram a guinchar e sacudir os galhos.

Encontraram o corpo de Malawi um pouco além do perímetro do acampamento. O carregador estava a caminho do córrego, a fim de buscar água, quando fora morto. Os baldes dobráveis tinham caído no chão, próximo do corpo. Os ossos do crânio estavam esmagados, o rosto roxo e inchado estava distorcido, a boca aberta.

O grupo sentiu-se repugnado pela maneira como ocorrera a morte, Ross desviou-se, nauseada, os carregadores agruparam-se em torno de Kahega, que tentou tranquilizá-los. Munro abaixou-se para examinar o ferimento.

- Observe estas áreas achatadas de compressão, como se a cabeça fosse espremida entre alguma coisa...

Munro pediu então pelas pás de pedra que Elliot encontrara na cidade, no dia anterior. Ele virou a cabeça para fitar Kahega, que

estava o mais empertigado possível, e lhe disse:

- Vamos para casa agora, chefe.

- Não é possível - disse Munro.

- Vamos para casa. Temos de ir para casa. Um dos nossos irmãos está morto, devemos fazer cerimônia para sua mulher e filhos, chefe.

- Kahega...

- Temos de partir agora, chefe.

- Vamos conversar, Kahega.

Munro ergueu-se, passou o braço pelos ombros de Kahega e levou-o para alguma distância, através da clareira. Conversaram em voz baixa por vários minutos.

- É horrível - murmurou Ross. Ela parecia genuinamente afetada por sentimentos humanos e, instintivamente, Elliot virou-se para confortá-la. Mas Ross continuou: - Toda a expedição está desmoronando. É horrível. Temos de manter-nos firmes de alguma maneira, ou nunca encontraremos os diamantes.

- Só se importa com isso?

- Ora, eles têm seguro...

- Pelo amor de Deus!

- Você está transtornado porque perdeu a sua maldita macaca - disse Ross. - Mas trate de se controlar agora. Eles estão nos observando.

Os *kikuyus* estavam realmente observando Ross e Elliot, tentando apreender a direção dos ânimos. Mas todos sabiam que as verdadeiras negociações eram entre Munro e Kahega, parados à beira da clareira. Kahega voltou vários minutos depois, enxugando os olhos. Falou rapidamente para os seus irmãos remanescentes e eles assentiram. Kahega virou-se novamente para Munro.

- Nós ficamos, chefe.

- Ótimo - disse Munro, retomando imediatamente a sua atitude autoritária anterior. - Traga as pás.

Quando foram trazidas, Munro colocou-as nos lados da cabeça de Malawi. Ajustavam-se perfeitamente às depressões semicirculares na cabeça.

Munro disse alguma coisa a Kahega em *swahili*. Kahega falou a seus irmãos, que assentiram. Somente depois é que Munro fez algo horrível. Abriu os braços e depois bateu com as pedras no crânio já esmagado, com toda força. O som cavo foi terrível, gotas de sangue espirraram na camisa dele. Mas não conseguiu causar qualquer lesão adicional ao crânio.

- Um homem não tem força suficiente para fazer isso - disse Munro, taxativamente, olhando em seguida para Peter Elliot. - Quer tentar?

Elliot sacudiu a cabeça. Munro se levantou,

- A julgar pela maneira como ele caiu, Malawi estava de pé quando aconteceu. - Munro fitou Elliot nos olhos. - Um animal grande, do tamanho de um homem. Um animal grande e forte. Um gorila.

Elliot não tinha o que responder.

Não resta a menor dúvida de que Peter Elliot sentia uma ameaça pessoal em tais acontecimentos, embora não fosse uma ameaça à sua segurança.

- Eu simplesmente não podia aceitar - disse ele mais tarde. - Conhecia a minha seara e não podia, em hipótese alguma, admitir a idéia de comportamento desconhecido e radicalmente violento de gorilas em estado selvagem. De qualquer forma, não fazia sentido. Gorilas fazendo pás de pedra, que usavam para esmagar crânios humanos? Era impossível.

Depois de examinar o corpo, Elliot foi ao córrego para lavar as mãos, sujas de sangue. Ficando sozinho, longe dos outros, descobriu-se olhando para a água corrente cristalina e considerando a possibilidade de que pudesse estar errado. É claro que os pesquisadores de primatas tinham uma longa história de avaliar erroneamente os temas que estudavam.

O próprio Elliot contribuíra para erradicar um dos mais famosos conceitos errôneos: a estupidez abrutalhada do gorila. Em sua primeira descrição, Savage e Wyman haviam escrito: "Este animal exhibe um grau de inteligência inferior ao de um chimpanzé; isso era de se esperar, de seu afastamento maior da organização humana."

Observadores posteriores encararam o gorila como "selvagem, insociável e brutal". Agora, no entanto, havia provas abundantes, de estudos de campo e de laboratório, de que o gorila era mais brilhante do que o chimpanzé, sob muitos aspectos.

Havia também as famosas histórias de chimpanzés seqüestrando e comendo bebês humanos. Por décadas, os pesquisadores de primatas descartaram essas histórias nativas como "fantasia desvairada e supersticiosa". Mas não restava mais qualquer dúvida de que os chimpanzés ocasionalmente seqüestravam... e comiam... bebês humanos; quando Jane Goodall estudou os chimpanzés Gombe, tratou de trancar o seu próprio bebê, para impedir que fosse morto pelos animais.

Os chimpanzés caçavam uma variedade de animais, de acordo com um ritual complicado. E os estudos de campo de Dian Fossey sugeriam que os gorilas também caçavam de vez em quando, matando micos e outros pequenos animais, sempre que...

Elliot ouviu um farfalhar no outro lado do córrego e viu um enorme gorila de dorso prateado erguer-se na folhagem. Ficou atordoado, mas compreendeu que estava seguro, assim que dominou o medo. Gorilas jamais cruzavam água aberta, mesmo um pequeno córrego. Ou será que isso era também uma concepção errada?

O macho fitou-o através da água. Parecia não haver ameaça naquele olhar, apenas uma espécie de curiosidade vigilante. Elliot sentia o cheiro forte do gorila e ouvia a respiração sibilar pelas narinas achatadas. Estava se perguntando o que deveria fazer quando, subitamente, o gorila afastou-se ruidosamente pelas moitas, desaparecendo num instante.

O encontro deixou Elliot perplexo. Ele levantou-se, enxugando o suor do rosto. Levou algum tempo para perceber que ainda havia movimento na folhagem no outro lado do rio. Depois de um momento, outro gorila apareceu, bem menor. Era uma fêmea, pensou Elliot, embora não pudesse ter certeza. O novo gorila fitou-o tão implacavelmente quanto o primeiro. Depois, mexeu a mão.

Peter vem fazer cócegas.

- Amy!

Um momento depois, ele atravessara o córrego e ela pulava em seus braços, abraçando-o vigorosamente e dando beijos babados, grunhindo de felicidade.

O retorno inesperado de Amy ao acampamento quase levou os nervosos carregadores *kikuyus* a atirarem nela. Somente protegendo-a com o seu próprio corpo é que Elliot evitou os disparos. Vinte minutos depois, no entanto, todos haviam se ajustado à sua presença... e Amy prontamente começou a fazer exigências.

Ela mostrou-se infeliz ao saber que eles não haviam arrumado leite nem bolinhos durante sua ausência. Mas quando Munro pegou a garrafa de Dom Pérignon, o champanha quente, ela concordou em aceitá-la no lugar do leite.

Todos sentaram-se em torno dela, tomando champanha em pequenas xícaras. Elliot sentia-se contente porque a presença de Amy contribuía para acalmar os outros. Mas agora que ela estava sentada ali, devolvida a ele sã e salva, tomando calmamente champanha e sinalizando: *Bebida fazer cócegas Amy*, ele descobriu-se invadido por uma raiva intensa contra Amy. Munro sorriu para Elliot, ao servir-lhe champanha.

- Calma, professor, calma. Ela é apenas uma criança.

- Uma ova que ela é!

Elliot conduziu a conversa subsequente inteiramente na linguagem de sinais, sem falar.

Amy - sinalizou ele. - Por que Amy deixar?

Ela enterrou o focinho na xícara, sinalizando: *Bebida fazer cócegas boa bebida.*

Amy - sinalizou ele. - Amy conta Peter por que deixar.

Peter não gosta Amy.

Peter gosta Amy.

Peter machuca Amy Peter voa alfinete Amy não gosta Peter não gosta Amy Amy triste triste.

Num canto desligado de sua mente registrou que "alfinete" fora agora estendido ao dardo de Thoralen. A generalização dela deixou-o satisfeito, mas sinalizou firmemente: *Peter gosta Amy. Amy sabe Peter gosta Amy. Amy dizer Peter por que...*

Peter não fazer cócegas Amy Peter não bom Amy Peter não bom humano Peter gosta mulher não gosta Amy Peter não gosta Amy Amy triste Amy triste.

A sinalização cada vez mais rápida era por si só uma indicação de que estava transtornada.

Onde Amy ir?

Amy ir gorilas bons gorilas. Amy gosta.

A curiosidade sobrepujou a raiva de Elliot. Ela se juntara a um bando de gorilas selvagens por vários dias? Se assim era, tratava-se de um evento da maior importância, um momento crucial na moderna história dos primatas... um primata dotado de linguagem que se juntava a um bando selvagem e voltara. Ele queria saber mais.

Gorilas bons para Amy?

Com uma expressão presunçosa: *Sim.*

Amy contar Peter.

Ela olhou para a distância, sem responder.

Para atrair a atenção dela, Elliot estalou os dedos. Ela virou-se para ele lentamente, uma expressão entediada.

Amy contar Peter, Amy ficar gorilas?

Sim.

Na indiferença dela estava o reconhecimento evidente de que Elliot estava desesperado em descobrir o que ela sabia. Amy era sempre astuta em reconhecer quando estava por cima... e era justamente o que acontecia agora.

Amy contar Peter - sinalizou ele, tão calmamente quanto podia.

Bons gorilas gostar Amy Amy boa gorila.

Isso nada revelava a Elliot. Ela estava reproduzindo frases de cor, o que constituía outro meio de ignorá-lo.

Amy.

Ela fitou-o.

Amy contar Peter. Amy ir ver gorilas?

Sim.

Gorilas fazer o quê?

Gorilas cheirar Amy.

Todos gorilas?

Gorila grandes costas brancas gorilas cheirar Amy bebê cheirar todos gorilas cheirar Amy gorilas gostar Amy.

Então, os gorilas prateados haviam-na cheirado, depois os filhotes, todos os membros do bando. Isso era evidente... extraordinariamente evidente, pensou Elliot, fazendo uma anotação mental da sintaxe ampliada. Mas o que acontecera depois com ela no bando? Elliot sinalizou:

Que acontecer Amy então?

Gorilas dar comida.

Que comida?

Nenhum nome Amy comida dar comida.

Aparentemente, os gorilas haviam-lhe mostrado comida. Ou será que a tinham alimentado? Tal coisa jamais fora registrada em gorilas no estado selvagem. Mas também ninguém jamais testemunhara o ingresso de um novo membro no bando. Ela era uma fêmea e quase em idade de reproduzir...

Que gorilas dar comida?

Todos dar comida Amy aceitar comida Amy gostar.

Aparentemente não eram os machos, ou não exclusivamente os machos. Mas o que causara a aceitação dela? Admitindo-se que os bandos de gorilas não eram tão fechados aos estranhos quanto os bandos de micos... o que realmente acontecera?

Amy ficar com gorilas?

Gorilas gostar Amy.

Sim. O que Amy fazer?

Amy dormir Amy comer Amy viver gorilas bons gorilas gorilas gostar Amy.

Então, ela se integrara na vida do bando, acompanhando sua existência cotidiana. Fora totalmente aceita?

Amy gostar gorilas?

Gorilas estúpidos.

Por que estúpidos?

Gorilas não falar.

Não falar linguagem sinais?

Gorilas não falar.

Evidentemente, ela experimentara frustração com os gorilas, porque eles não conheciam a sua linguagem dos sinais. (Os primatas dotados de linguagem geralmente sentiam-se frustrados e contrafeitos quando se viam entre animais que não compreendiam os sinais.)

Gorilas bons para Amy?

Gorilas gostar Amy Amy gostar gorilas gostar Amy gostar gorilas.

Por que Amy voltar?

Quer leite bolinhos.

- Amy, sabe que não temos mais qualquer leite nem bolinhos - disse Elliot.

A súbita verbalização surpreendeu os outros. Todos olharam inquisitivamente para Amy. Ela demorou um longo tempo para responder.

Amy gosta Peter. Amy triste quer Peter.

Ele sentiu vontade de chorar.

Peter bom humano.

Piscando os olhos, ele sinalizou: *Peter fazer cócegas Amy.*

Ela pulou para os braços dele.

Mais tarde, Elliot interrogou-a detalhadamente. Mas era um processo terrivelmente lento, especialmente pela dificuldade de Amy em manipular conceitos de tempo.

Amy distinguia o passado, presente e futuro, recordando-se de eventos anteriores, antecipando promessas futuras. Mas a equipe do Projeto Amy jamais conseguira ensinar-lhe as diferenciações exatas. Por exemplo, ela não distinguia ontem de anteontem. Estava em aberto se isso refletia alguma falha nos métodos de ensino ou uma característica inata do mundo conceitual de Amy. (Havia provas de diferenciação conceitual. Amy mostrava-se particularmente perplexa por metáforas espaciais para o tempo, como "o que está por trás de nós" ou "o que está para vir". Os treinadores dela concebiam o passado como por trás deles e o futuro pela frente. Mas o comportamento de Amy parecia indicar que ela concebia o passado como se estivesse à sua frente, porque podia vê-lo,

enquanto o futuro estava por trás, porque ainda era invisível. Sempre que estava impaciente pela chegada prometida de um amigo, ela olhava repetidamente para trás, mesmo que estivesse de frente para a porta.)

De qualquer forma, o problema de tempo era uma dificuldade para conversar com ela agora e Elliot formulava as perguntas cuidadosamente. Ele perguntou:

- Amy, o que acontece à noite? Com os gorilas?

Ela lançou-lhe o olhar que sempre exibia quando julgava que uma pergunta era óbvia.

Amy dormir noite.

- E os outros gorilas?

Gorilas dormir noite.

- Todos os gorilas?

Ela não se dignou responder.

- Amy, gorilas apareceram em nosso acampamento à noite.

Vir este lugar?

- Isso mesmo. Gorilas vieram à noite.

Ela pensou por um momento.

Não.

Munro indagou:

- O que ela disse?

- Ela disse que não - respondeu-lhe Elliot. - Amy, eles vieram.

Ela ficou quieta por um momento e depois sinalizou:

Coisas vir.

Munro indagou novamente o que ela dissera.

- Ela disse "Coisas vir".

Elliot traduziu o resto das respostas, Ross perguntou:

- Que coisas, Amy?

Coisas más.

- Eram gorilas, Amy? - perguntou Munro.

Não gorilas. Coisas más. Muitas coisas más vir floresta vir. Falar sopra. Vir noite vir.

- Onde eles estão agora, Amy? - perguntou Munro.

Amy correu os olhos pela selva.

Aqui. Este lugar mau velho coisas vir.

- Que coisas, Amy? - perguntou Ross. - São animais?

Elliot explicou-lhes que Amy não podia definir a categoria "animais".

- Ela pensa que as pessoas são animais - disse ele. - As coisas más são pessoas, Amy? São pessoas humanas?

Não.

- Macacos? - indagou Munro.

Não. Coisas más não dormir noite.

- Podemos confiar nela? - disse Munro. - Que significa?

- Podemos - respondeu Elliot. - Inteiramente.

- Ela sabe o que são gorilas?

Amy boa gorila.

- Você é sim - disse Elliot. - Ela está dizendo que é uma boa gorila.

Munro franziu o rosto.

- Então ela sabe o que são gorilas. Mas diz que as coisas não são gorilas?

- Exatamente.

Elliot fez com que Ross instalasse a câmara de vídeo nos arredores da cidade, de frente para o acampamento. Com o videoteipe correndo, ele levou Amy para a beira do acampamento, a fim de olhar para os prédios em ruínas. Elliot queria confrontar Amy com a cidade perdida, a realidade por trás dos sonhos dela... e queria um registro das reações dela àquele momento. O que aconteceu foi totalmente inesperado.

Amy não teve qualquer reação.

O rosto dela permaneceu impassível, o corpo relaxado. Não sinalizou. Se alguma coisa, deu a impressão de tédio, de suportar outros dos arroubos de Elliot que não partilhava. Elliot observava-a cuidadosamente. Ela não estava exibindo, não estava reprimindo, não estava fazendo nada. Olhava para a cidade com a maior tranqüilidade.

- Amy conhece este lugar?

Sim.

- Amy conta Peter que lugar.

Lugar mau lugar velho.

- Imagens dormir?

Este lugar mau.

- Por que mau, Amy?

Lugar mau lugar velho.

- Mas por que, Amy?

Amy medo.

Ela não apresentava qualquer indicação somática de medo. Agachada no chão, ao lado de Elliot, olhava fixamente para a frente, perfeitamente calma.

- Por que Amy medo?

Amy quer comer.

- Por que Amy medo?

Ela não respondeu, como costumava fazer sempre que se sentia totalmente entediada. Elliot não foi capaz de levá-la a conversar mais sobre os seus sonhos. Amy continuava tão fechada em relação ao assunto quanto se mostrara em São Francisco. Quando ele pediu que os acompanhasse às ruínas, Amy calmamente recusou. Por outro lado, ela não parecia estar aflita pelo fato de Elliot entrar na cidade, acenando-lhe em despedida jovialmente, antes de ir pedir mais comida a Kahega.

Somente depois que a expedição estava concluída e Elliot voltara a Berkeley é que ele foi descobrir a explicação para aquele evento desconcertante... na *Interpretação dos Sonhos*, de Freud, um livro editado pela primeira vez em 1887.

Meses mais tarde, Elliot chegaria à conclusão de que a reação branda de Amy somente indicava a profundidade de seu sentimento e que a análise de Freud era correta: protegia-a de uma situação que tinha de ser mudada, mas que Amy sentia-se impotente para alterar, especialmente levando-se em consideração as recordações infantis que persistiam da morte traumática da mãe. Contudo, na ocasião, Elliot sentiu desapontamento com a neutralidade de Amy. Entre todas as reações possíveis que ele imaginara quando partiram para o Congo, o tédio era o menos esperado.

Ele não conseguiu absolutamente perceber o seu significado: que a cidade de Zinj estava tão impregnada de perigo, que Amy sentia-se forçada, em sua própria mente, a ignorá-la.

Pode acontecer, em raras ocasiões, que um paciente seja confrontado com a realidade por trás dos seus sonhos. Quer seja uma construção física, uma pessoa ou uma situação que possua o teor de profunda familiaridade, a reação subjetiva do sonhador é uniformemente a mesma. O conteúdo emotivo do sonho, quer seja assustador, agradável ou misterioso, esgota-se com a contemplação da realidade... Podemos estar certos de que o tédio aparente da pessoa não prova que o conteúdo do sonho seja falso. O tédio pode ser mais intensamente sentido quando o conteúdo do sonho é real. A pessoa reconhece em algum nível profundo a sua incapacidade de alterar as condições que sente, descobrindo-se assim dominada pela fadiga, tédio e indiferença, a fim de ocultar seu desamparo fundamental diante de um problema genuíno que deve ser retificado.

Elliot, Munro e Ross passaram uma manhã sufocante e difícil, abrindo caminho entre bambuzais densos e as trepadeiras da vegetação secundária para alcançar novos prédios, no coração da cidade. Por volta de meio-dia, seus esforços foram recompensados, ao entrarem em estruturas diferentes de tudo o que haviam visto anteriormente. Eram prédios impressionantes, contendo vastos espaços, descendo por três e quatro andares abaixo da superfície.

Ross ficou deliciada com o encontro das construções subterrâneas, pois provava que os habitantes de Zinj haviam desenvolvido a tecnologia de escavar a terra, como era necessário para minas de diamantes. Munro expressou uma opinião similar.

- Eles eram capazes de fazer qualquer coisa no trabalho da terra.

Apesar do entusiasmo deles, nada encontraram de interesse nas profundezas da cidade. Mais tarde, subiram aos níveis superiores, chegando a um prédio com tantos baixos-relevos que lhe deram o nome de a "galeria". Com a câmara de vídeo ligada ao satélite, examinaram as imagens na galeria.

Apresentavam aspectos da vida cotidiana da cidade. Havia cenas domésticas de mulheres cozinhando em torno de fogueiras, crianças empenhadas num jogo de bola com paus, escribas acocorados no chão, mantendo registros em placas de argila. Havia toda uma parede com cenas de caçadas, os homens em tangas sumárias, armados com lanças. E, finalmente, cenas de mineração, homens carregando cestos com pedras de túneis na terra.

Neste panorama rico, eles notaram que havia alguns elementos perdidos. Os habitantes de Zinj tinham cães e usavam-nos para caçar. Tinham também uma espécie de gato-de-algália, mantido como animal de estimação. Contudo, aparentemente, nunca lhes ocorrera usar animais como bestas de carga. Todo o trabalho manual era realizado por escravos humanos. E parecia que nunca chegaram a descobrir a roda, pois não havia quaisquer carros. Tudo era carregado a mão, em cestos.

Munro ficou olhando para as imagens por um longo tempo e finalmente comentou:

- Alguma coisa está faltando.

Naquele momento, olhavam para uma cena de mina de diamantes, os poços escuros na terra, dos quais os homens emergiam, carregando cestos cheios de pedras.

- Mas é claro! - exclamou Munro, estalando os dedos. - Não tem polícia!

Elliot reprimiu um sorriso. Considerava perfeitamente previsível que alguém como Munro se preocupasse com a polícia numa sociedade há muito desaparecida. Mas Munro insistiu em sua observação, considerando-a importante.

- Esta cidade existia por causa de suas minas de diamantes. Não havia outro motivo para estar aqui, no meio da selva. Zinj era uma civilização mineira... sua riqueza, comércio, a vida cotidiana, tudo dependia da mineração. Era uma clássica economia de um só produto... e, apesar disso, eles não o guardavam, não regulamentavam, não controlavam?

- Há outras coisas que não vimos - comentou Elliot. - Como imagens de pessoas comendo, por exemplo. Talvez fosse tabu mostrar os guardas.

- Talvez - repetiu Munro, sem estar convencido. - Mas em todos os outros complexos mineiros do mundo, os guardas são ostensivamente apresentados, como demonstração de controle. É o que acontece nas minas de diamantes sul-africanas. Ou nas minas de esmeraldas bolivianas. A primeira coisa que se percebe é a segurança. Mas aqui... - ele apontou para os baixos-relevos - ...não há guardas.

Karen Ross sugeriu que talvez eles não precisassem de guardas, talvez a sociedade de Zinj fosse ordenada e pacífica.

- Afinal, foi há muito tempo.

- A natureza humana não muda - insistiu Munro.

Ao deixarem a galeria, chegaram a um pátio aberto, invadido por trepadeiras emaranhadas. O pátio tinha uma característica formal, acentuada pelas colunas de um prédio ao lado, parecido com um templo. Espalhadas pelo chão, havia dezenas de pás de pedra, do tipo que Elliot encontrara anteriormente.

- Essa não! - exclamou Elliot.

Foram avançando por aquele campo de pás e entraram no prédio que passaram a chamar de "o templo".

Consistia em um único cômodo quadrado, bastante grande. O teto quebrara em diversos pontos e facho de luz do sol iluminavam o interior. Diretamente à frente deles havia uma enorme concentração de trepadeiras, com cerca de três metros de altura, uma pirâmide de vegetação. Logo perceberam que se tratava de uma estátua.

Elliot subiu na estátua e começou a remover a folhagem. Era um trabalho árduo, pois as trepadeiras aderiam obstinadamente à pedra. Ele olhou para Munro e indagou:

- Já dá para ver?

- Venha dar uma olhada - respondeu Munro, com uma estranha expressão.

Elliot desceu e recuou para olhar. Embora a estátua estivesse esfarelada e descolorida, ele pôde ver nitidamente que era um enorme gorila, de pé, uma cara furiosa, os braços abertos. Em cada mão, o gorila segurava pás de pedra, como címbalos, pronto para batê-los.

- Santo Deus! - murmurou Peter Elliot.
- Gorila - disse Munro, com visível satisfação.
- Está tudo claro agora - comentou Ross. - Esta gente adorava gorilas. Era a religião deles.
- Mas por que Amy disse que não eram gorilas?
- Pergunte a ela - disse Munro, olhando para o relógio. - Temos de nos aprontar para a noite.

3. Ataque

Escavaram um fosso além da cerca do perímetro, com pás dobráveis. O trabalho prolongou-se por muito tempo depois do pôr-do-sol. Foram obrigados a acender as luzes vermelhas noturnas, enquanto enchiam o fosso com água desviada do córrego próximo. Ross considerava o fosso como um obstáculo trivial, pois tinha apenas uns poucos centímetros de profundidade e menos de meio metro de largura. Um homem podia transpô-lo facilmente, com uma passada. Em resposta, Munro foi postar-se além do fosso e disse:

- Amy, venha até aqui. Vou fazer cócegas em você.

Com um grunhido deliciado, Amy avançou na direção dele. Mas parou abruptamente, no outro lado da água.

- Venha, vou fazer cócegas em você - insistiu Munro, estendendo os braços. - Venha, menina.

Mesmo assim, ela não quis transpor o fosso. Sinalizou na maior irritação. Munro atravessou o fosso e pegou-a no colo, explicando a Ross:

- Gorilas detestam água. Já os vi se recusarem a atravessar um córrego menor do que este fosso.

Amy fez cócegas por baixo dos braços dele e depois apontou para si mesma. O significado era evidente.

- Ah, as mulheres... - suspirou Munro, pondo-se a coçá-la vigorosamente.

Amy rolou pelo chão, grunhindo, fungando, sorrindo. Quando Munro parou, ela continuou deitada no chão, expectante, querendo mais.

- Já acabou - disse Munro.

Ela sinalizou.

- Desculpe, mas não compreendo. - Munro riu. - Sinalizar mais devagar não vai adiantar.

E depois ele compreendeu o que Amy estava querendo. Tornou a carregá-la através do fosso, de volta ao acampamento. Amy deu-lhe um beijo babado no rosto.

- É melhor vigiar sua macaca - disse Munro a Elliot, ao sentarem para jantar.

Ele continuou a falar jovialmente, consciente da necessidade de relaxar a todos. Estavam agachados, muito nervosos, em torno da fogueira. Quando o jantar acabou e Kahega afastou-se para distribuir a munição e verificar as armas, Munro levou Elliot para um lado e disse:

- Prenda-a na sua barraca. Se começarmos a atirar esta noite, eu não gostaria que alguém a confundisse na escuridão. Alguns dos homens podem não tomar a precaução de distinguir um gorila de outro. Explique a ela que pode haver muito barulho das armas, mas não deve ficar assustada.

- Vai haver muito barulho? - indagou Elliot.

- É o que imagino.

Elliot levou Amy para a sua barraca e prendeu-lhe uma coleira de metal, que ela freqüentemente usava na Califórnia. Prendeu a outra ponta da corrente em sua cama de campanha. Mas era um gesto simbólico. Amy podia mover-se facilmente, se quisesse. Elliot fê-la prometer que ficaria na barraca.

Ela prometeu. Elliot encaminhou-se para a entrada da barraca e ela sinalizou: *Amy gosta Peter.*

- Peter gosta Amy - disse ele sorrindo. - Tudo vai dar certo.

Elliot emergiu em outro mundo.

As luzes vermelhas noturnas estavam apagadas, mas ao clarão da fogueira ele viu as sentinelas com os óculos noturnos em posição, em torno do acampamento. Com o zumbido baixo da cerca eletrificada, a cena era quase fantástica. Peter Elliot sentiu subitamente a precariedade da posição deles... um punhado de pessoas assustadas no meio da selva tropical do Congo, a mais de 300 quilômetros da habitação humana mais próxima.

Esperando.

Ele tropeçou num cabo preto no chão. Viu então uma rede de cabos, espalhando-se pelo acampamento, correndo para as armas de cada sentinela. Percebeu que as armas tinham um formato desconhecido, pareciam finas demais, muito frágeis. Os cabos pretos corriam das armas para mecanismos achaparrados, de canos cortados, montados em tripés baixos, a intervalos, por todo o acampamento. Ele viu Ross perto da fogueira, acionando o gravador, e sussurrou, apontando para os cabos:

- O que é isso?

- É um LATRAP, para os lasers guiados automaticamente - sussurrou ela, em resposta. - O sistema LATRAP consiste em múltiplos MVGLs, ligados a MSFRs.

Ross explicou que as sentinelas usavam armas que eram, na verdade, mecanismos visores guiados por laser, ligados a mecanismos sensores de fogo rápido.

- Eles localizam o alvo e efetuam os disparos. É um sistema de guerra na selva. Os MSFRs dispõem de silenciadores, a fim de que o inimigo não saiba de onde partem os disparos. Basta apenas tomar cuidado em não se postar na frente, porque automaticamente fazem contato com o calor do corpo.

Ross entregou-lhe o gravador e foi verificar as células de combustível que abasteciam a cerca do perímetro. Elliot olhou para as sentinelas. Munro acenou-lhe jovialmente. Elliot compreendeu que as sentinelas com seus óculos de gafanhotos e suas estranhas armas podiam vê-lo muito melhor do que os via. Pareciam seres de outro universo, largados na selva intemporal.

Esperando.

As horas foram passando. O perímetro da selva estava silencioso, a não ser pelo murmúrio da água no fosso. Ocasionalmente, os homens chamavam-se baixinho, dizendo algum gracejo em *swahili*. Mas não fumavam, por causa dos mecanismos sensores de calor. Deu 11 horas, depois meia-noite, uma hora da madrugada.

Elliot podia ouvir Amy roncando na barraca, o barulho audível acima do zumbido da cerca eletrificada. Ele olhou para Ross,

dormindo no chão, o dedo no interruptor das luzes noturnas. Olhou para o seu relógio e bocejou. Nada aconteceria naquela noite. Munro estava enganado.

E foi nesse momento que ele ouviu o som de respiração.

As sentinelas também ouviram, virando suas armas na escuridão. Elliot apontou o microfone do gravador na direção do som, mas era difícil determinar a localização exata. Os suspiros sibilantes pareciam partir de todas as partes da selva ao mesmo tempo, espalhando-se com o nevoeiro noturno, suave e difuso.

Elliot observou as agulhas se movimentarem rapidamente nos mostradores do gravador. A seguir, as agulhas entraram na área vermelha, no instante em que Elliot ouviu um baque seco e o borbulhar de água. Todos ouviram também e as sentinelas puxaram as travas de segurança das armas.

Elliot avançou com o gravador para a cerca do perímetro e olhou para o fosso. A folhagem se mexia além da cerca. O suspiro tornou-se mais alto. Ele ouviu o borbulhar de água e divisou um tronco morto estendido sobre o fosso.

Fora esse o baque seco: uma ponte sendo estendida sobre o fosso. Nesse instante, Elliot compreendeu que haviam subestimado consideravelmente o que enfrentavam, o que quer que fosse. Ele sinalizou para Munro vir dar uma olhada. Mas Munro estava acenando-lhe para que se afastasse da cerca, apontando enfaticamente para o tripé perto de seus pés. Antes que Elliot pudesse mover-se, os *colobus* começaram a gritar nas árvores por cima... e o primeiro gorila atacou, silenciosamente.

Vislumbrou um animal enorme, de cor nitidamente cinzenta, avançando em sua direção, enquanto ele se abaixava. Um momento depois, o gorila alcançou a cerca eletrificada, com uma chuva de faíscas e o cheiro de carne queimada.

Foi o começo de uma batalha fantástica e silenciosa.

Raios lasers cor de esmeralda espalhavam-se pelo ar. As metralhadoras montadas nos tripés emitiam um barulho suave, enquanto disparavam rajadas. Os mecanismos de alvo zuniam, enquanto os canos giravam e disparavam, giravam e disparavam. A

cada dez balas, uma fazia um traçado fosforescente. Por cima da cabeça de Elliot, o ar estava impregnado de riscos brancos e verdes.

Os gorilas atacavam de todas as direções. Seis deles atingiram a cerca simultaneamente e foram repelidos numa explosão de faíscas. Outros investiram, arremessando-se contra a frágil grade do perímetro. Mas o chiar das faíscas e os gritos estridentes dos *colobus* eram os sons mais altos que ouviam. E depois Elliot viu gorilas nas árvores, pairando sobre o acampamento. Munro e Kahega começaram a disparar para cima, os raios lasers silenciosos penetrando pela folhagem. Elliot tornou a ouvir o som de suspiro. Virou-se e avistou mais gorilas destruindo a cerca, que estava morta... não havia mais faíscas.

E Elliot compreendeu que aquele equipamento sofisticado não estava contendo os gorilas. Eles precisavam do barulho. Munro pensou a mesma coisa, porque gritou em *swahili* para que os homens suspendessem o fogo, berrando em seguida para Elliot:

- Arranque os silenciadores! Os silenciadores!

Elliot pegou o cano preto do primeiro mecanismo no tripé e puxou-o, praguejando... estava muito quente. Um instante depois que ele se afastou do tripé, um som intermitente encheu o ar, ao mesmo tempo em que dois gorilas caíam das árvores, um deles ainda vivo. O gorila atacou-o quando ele puxou o silenciador do segundo tripé. O cabo grosso virou-se e os disparos atingiram o gorila à queima-roupa. Um líquido quente espirrou no rosto de Elliot. Ele arrancou o silenciador do terceiro tripé e jogou-se ao chão.

O fogo ensurdecido de metralhadora e nuvens acres de *cordite* produziram um efeito imediato sobre os gorilas, que recuaram em desordem. Houve um período de silêncio, embora as sentinelas fizessem disparos de laser, que faziam as máquinas do tripé girarem vertiginosamente, de um lado para outro, procurando por um alvo.

E, depois, as máquinas pararam de procurar. A selva ao redor estava quieta.

Os gorilas haviam ido embora.

DIA 11: ZINJ

23 de junho de 1979

1. Gorilla Elliotensis

Os cadáveres de gorilas estavam espalhados pelo chão, já ficando rígidos ao calor da manhã. Elliot passou duas horas examinando os animais, ambos machos adultos, no vigor da vida.

A característica mais impressionante era a cor cinzenta uniforme. As duas raças conhecidas de gorila, o gorila da montanha em Virunga e o gorila das terras baixas, perto da costa, possuíam pêlos pretos. Os filhotes eram freqüentemente pardos, com um tufo de pêlos brancos no traseiro, mas os pêlos escureciam nos primeiros cinco anos de vida. Com a idade de 12 anos, os machos desenvolviam a mancha prateada nas costas e no traseiro, os sinais de maturidade sexual.

Com a idade, os gorilas ficavam grisalhos, da mesma forma que as pessoas. Os machos apresentavam pêlos cinzentos inicialmente por cima das orelhas; à medida que os anos passavam, mais pêlos do corpo embranqueciam. Os animais velhos, ao final dos 20 anos e na casa dos 30 anos, ficavam às vezes inteiramente cinzentos, com exceção dos braços, que permaneciam pretos.

Mas, pelos dentes, Elliot calculou que aqueles machos não tinham mais que dez anos de idade. Toda a pigmentação deles parecia mais clara, os olhos e a cor da pele, além dos pêlos. A pele de gorila era preta e os olhos eram castanho-escuros. Mas aqueles tinham uma pigmentação nitidamente cinzenta e os olhos eram claros de um castanho-amarelado.

Mais do que qualquer outra coisa, foram os olhos que deixaram Elliot pensando.

Ele mediu os corpos em seguida. O comprimento era de 139,2 e 141,7 centímetros. Os gorilas machos da montanha tinham de 147 a 205 centímetros com uma altura média de 175 centímetros. Mas aqueles animais eram obviamente pequenos para gorilas. Ele pesou-os: 115 e 157 quilos. A maioria dos gorilas de montanha possuíam entre 130 e 200 quilos.

Elliot anotou mais 30 medidas de esqueleto, para posterior análise de computador, quando voltasse a São Francisco. Porque estava convencido agora de que descobrira alguma coisa. Com uma faca, ele dissecou a cabeça do primeiro animal, removendo a pele cinzenta para revelar os músculos e ossos por baixo. Seu interesse era a saliência sagital, o osso que se estendia pelo centro do crânio, da testa à nuca. A saliência sagital era uma característica distinta do crânio do gorila, não sendo encontrada em outros macacos nem no homem. Era o que proporcionava aos gorilas uma impressão de cabeça pontuda.

Elliot constatou que a saliência sagital não era muito desenvolvida naqueles machos. De um modo geral, a musculatura craniana era mais parecida com a do chimpanzé do que do gorila. Elliot fez medições adicionais dos cúspides molares, mandíbulas e caixa craniana.

Por volta de meio-dia, sua conclusão era inequívoca: estava diante de pelo menos uma nova raça de gorila, igual ao gorila da montanha e ao gorila das terras baixas... e era possível até que fosse inteiramente uma nova espécie de animal.

"Alguma coisa acontece ao homem que descobre uma nova espécie de animal", escreveu Lady Elisabeth Fortsmann, em 1879. "No mesmo instante, ele esquece a família e os amigos, todos aqueles que lhe estavam próximos e eram queridos, esquece colegas que apoiaram seus esforços profissionais, o que é mais cruel, esquece pais e filhos, em suma, ele abandona todos que o conheciam antes de sua insensata ânsia de fama nas mãos do demônio chamado Ciência".

Lady Fortsmann compreendia o problema, porque o marido acabara de deixá-la, depois de descobrir o galo silvestre de peito azul norueguês, em 1878. E ela comentou: "Pergunta-se em vão que

importância tem que outro pássaro ou animal seja acrescentado à rica panóplia das criações de Deus, que já atinge milhões, pelos cálculos de Lineu. Não há qualquer resposta a tal pergunta, pois o descobridor ingressou nas fileiras dos imortais, pelo menos ao que imagina, e está além do poder de meros mortais de dissuadi-los de seu curso."

Peter Elliot certamente teria negado que o seu próprio comportamento se assemelhasse de alguma forma ao do dissoluto nobre escocês ^{4}. Não obstante, descobriu-se entediado com a perspectiva de exploração adicional de Zinj. Não estava interessado em diamantes nem nos sonhos de Amy. Queria apenas voltar para casa, com um esqueleto do novo primata que espantaria os colegas do mundo inteiro. Lembrou-se de repente que não tinha um *smoking* e descobriu-se preocupado com questões de nomenclatura, imaginou no futuro três espécies de grandes macacos africanos:

Pan troglodytes, o chimpanzé.

Gorilla gorilla, o gorila.

Gorilla elliotensis, uma nova espécie de gorila cinzento.

Mesmo que a categoria de espécie e o nome fossem rejeitados, ao final, ele teria realizado muito mais do que a maioria dos cientistas que estudavam primatas podia sonhar em conseguir.

Elliot estava deslumbrado com as suas próprias perspectivas.

Em retrospecto, ninguém estava pensando lucidamente naquela manhã. Quando Elliot disse que queria transmitir para Houston os sons de respiração gravados, Ross respondeu que era um detalhe trivial que podia esperar. Elliot não insistiu. Mais tarde ambos se arrependeram de suas decisões.

E quando ouviram explosões violentas, como distante fogo de artilharia, naquela manhã, não deram qualquer atenção. Ross presumiu que eram os homens do General Muguru, lutando contra os kiganis. Munro disse-lhe que a luta estava sendo travada a pelo menos 80 quilômetros de distância, longe demais para que o som chegasse até eles. Mas não ofereceu explicação alternativa para o barulho.

E como Ross cancelou a transmissão matutina para Houston, não foi informada das alterações geológicas que poderiam proporcionar um novo significado às detonações explosivas.

Estavam seduzidos pela tecnologia utilizada na noite anterior, seguros na sensação de poder imbatível. Somente Munro permaneceu imune. Verificou os suprimentos de munição, com resultados desanimadores.

- Aquele sistema de laser é maravilhoso, mas consome balas como se o amanhã não existisse - comentou Munro. - A noite passada consumiu a metade da nossa munição total.

- O que podemos fazer? - indagou Elliot.

- Eu estava esperando que você me oferecesse uma resposta - disse Munro. - Afinal, examinou os corpos.

Elliot anunciou sua convicção de que estavam enfrentando uma nova espécie de primatas. Resumiu as descobertas anatômicas que sustentavam suas convicções.

- Tudo isso é ótimo, mas estou interessado na maneira como eles agem e não como parecem - disse Munro. - Foi você mesmo quem disse: os gorilas são animais diurnos de um modo geral, enquanto estes são noturnos. Os gorilas são geralmente tímidos e evitam os homens, enquanto estes são agressivos e atacam os homens sem medo. Por quê?

Elliot teve de admitir que não sabia.

- Considerando nossos suprimentos de munição, acho melhor descobrirmos - disse Munro.

2. O Templo

O lugar lógico para começar era o templo, com sua estátua de gorila, enorme e ameaçadora. Voltaram naquela tarde e descobriram por trás da estátua uma sucessão de pequenos cubículos. Ross achou que ali viviam os sacerdotes do culto do gorila. Ela ofereceu uma explicação elaborada:

- Os gorilas na selva ao redor aterrorizavam os habitantes de Zinj, que ofereciam sacrifícios para apaziguá-los. Os sacerdotes constituíam uma classe separada, isolada da sociedade. Olhem para

aquele pequeno cômodo à entrada dos cubículos. Um guarda ficava postado aqui, para impedir que o povo alcançasse os sacerdotes. Era todo um sistema de crença.

Elliot não estava convencido, bem como Munro.

- Até mesmo a religião é prática - comentou Munro. - E supostamente para beneficiá-lo.

- As pessoas idolatram o que temem, esperando assim controlá-lo - disse Ross.

- Mas como eles poderiam controlar os gorilas? - perguntou Munro. - O que poderiam fazer?

Quando a resposta finalmente surgiu, foi surpreendente, pois estavam pensando ao inverso.

Passaram pelos cubículos e chegaram a uma série de corredores compridos, decorados com baixos-relevos. Usando o sistema infravermelho de computador, puderam ver os baixos-relevos, que eram cenas dispostas numa ordem cuidadosa, como um manual ilustrado.

A primeira cena mostrava diversos gorilas enjaulados. Um homem preto estava parado perto das jaulas, segurando uma vara.

A segunda cena mostrava um africano com dois gorilas, presos por cordas nos pescoços.

A terceira mostrava um africano treinando os gorilas num pátio. Os gorilas estavam presos a estacas verticais cada uma com uma argola no alto.

A imagem final mostrava os gorilas atacando uma fileira de bonecos de palha, pendurados de um suporte de pedra. Sabiam agora o significado das coisas encontradas no pátio do ginásio e a cadeia.

- Santo Deus! - exclamou Elliot. - Eles os treinaram!

Munro assentiu.

- Treinaram-nos como guardas, a fim de vigiarem as minas. Uma elite animal implacável, impossível de ser corrompida. Pensando bem, não é uma idéia das piores.

Ross tornou a correr os olhos pelo prédio, compreendendo que não era um templo, mas sim uma escola. Uma objeção ocorreu-lhe: aquelas imagens tinham centenas de anos, os treinadores há

muito que haviam desaparecido. Contudo, os gorilas ainda estavam ali.

- Quem os ensina agora?

- Eles próprios - respondeu Elliot. - Ensinam uns aos outros.

- Isso é possível?

- Perfeitamente possível. Os ensinamentos mútuos ocorrem entre os primatas.

Tratava-se de uma indagação antiga entre os pesquisadores. Mas Washoe, o primeiro primata da história a aprender a linguagem dos sinais, ensinou-a à sua prole. Os primatas dotados de linguagem ensinavam livremente a outros animais no cativeiro. Ensinavam até às pessoas, sinalizando devagar, repetidamente, até que o humano estúpido e ignorante compreendesse.

Assim, era possível que uma tradição de linguagem e comportamento de primatas fosse transmitida pelas gerações. Ross disse:

- Quer dizer que os habitantes desta cidade foram embora há séculos, mas os gorilas que treinaram ainda estão aqui?

- É o que parece - respondeu Elliot.

- E eles usam instrumentos de pedra? - perguntou ela. - Pás de pedra?

- Isso mesmo.

A idéia de usar instrumentos não era tão absurda quanto podia parecer a princípio. Os chimpanzés eram capazes do uso elaborado de instrumentos, sendo que o exemplo mais impressionante era o da "pescaria de cupins". Os chimpanzés pegavam um galho pequeno, entortando-o cuidadosamente, de acordo com suas especificações, passando depois horas a fio num monte de cupins, pescando com a vara para pegar suculentos petiscos.

Observadores humanos rotulavam essa atividade como "uso primitivo de ferramenta", até que experimentaram pessoalmente. Descobriram que fazer uma vara satisfatória e pegar cupins não era absolutamente algo primitivo, pelo menos estava além da capacidade de pessoas que tentaram imitá-lo. Os pescadores

humanos desistiram, com um novo respeito pelos chimpanzés e com uma nova observação: passaram a notar que os chimpanzés mais novos passavam dias observando os mais velhos fazerem as varas e meterem nos montes de cupins. Os jovens chimpanzés literalmente aprendiam como fazê-lo. O processo de aprendizado estendia-se por um período de anos.

Isso começou a parecer com cultura, o aprendizado do jovem Ben Franklin, tipógrafo, não era tão diferente assim do jovem chimpanzé, pescador de cupins. Ambos aprenderam ao longo de um período de anos, observando os mais velhos; ambos cometiam erros, a caminho do sucesso final.

Contudo, instrumentos de pedra fabricados implicavam num salto quantitativo, além das varas e cupins. A posição privilegiada dos instrumentos de pedra como a serra especial da humanidade poderia ter permanecido sacrossanta, se não fosse por um pesquisador iconoclasta. Em 1971, o cientista britânico R.V.S. Wright decidiu ensinar um macaco a fazer instrumentos de pedra. Seu discípulo era um orangotango de cinco anos, chamado Abang, do jardim zoológico de Bristol. Wright presenteou Abang com uma caixa contendo comida, presa por uma corda. Mostrou a Abang como cortar a corda, com uma lasca de pedra, para pegar a comida. Abang entendeu o processo em uma hora.

Wright mostrou em seguida a Abang como fazer uma lasca afiada, batendo um pedaço de pedra contra uma pederneira. Esta lição foi mais difícil. Ao longo de um período de semanas, Abang precisou de um total de três horas para aprender a prender a pederneira entre os dedos do pé, bater com a pedra para fazer a lasca afiada, cortar a corda e pegar a comida.

O objetivo da experiência não era provar que os macacos usavam instrumentos de pedra, mas que a capacidade de fabricar instrumentos de pedra estava literalmente ao alcance deles. A experiência de Wright foi mais uma razão para se pensar que os seres humanos não eram tão singulares como anteriormente se imaginavam.

- Mas por que Amy diria que não eram gorilas?

- Porque não são - respondeu Elliot. - Esses animais não parecem com gorilas e não se comportam como gorilas. Em termos físicos e de comportamento, são diferentes.

Elliot expressou a sua suspeita de que aqueles animais não apenas haviam sido treinados, mas também criados... talvez cruzados com chimpanzés ou mais estranhamente ainda, com homens.

Pensaram que ele estava brincando, mas os fatos eram perturbadores. Em 1960, os primeiros estudos de proteína do sangue quantificaram o parentesco entre homem e macaco. Bioquimicamente, o parente mais próximo do homem era o chimpanzé, muito mais que o gorila. Em 1964, rins de chimpanzé foram transplantados com sucesso para homens; transfusões de sangue também eram possíveis.

Mas o grau de similaridade não se tornou plenamente conhecido até 1975, quando bioquímicos compararam o DNA de chimpanzés e homens. Descobriu-se que os chimpanzés diferiam dos homens apenas por um cento de elementos de DNA. Quase ninguém quis admitir uma consequência: com as modernas técnicas de hibridização de DNA e implantação embriônica, os cruzamentos macaco-macaco eram certos e os cruzamentos macaco-homem eram possíveis.

É claro que os antigos habitantes de Zinj não tinham meios de unir elementos de DNA. Mas Elliot ressaltou que eles haviam sistematicamente subestimado os talentos dos habitantes de Zinj, que conseguiram pelo menos, há 500 anos, promover um sofisticado treinamento de animais, só reproduzido pelos cientistas ocidentais nos últimos dez anos.

E, na opinião de Elliot, os animais treinados pelos zinjianos apresentavam um problema terrível.

- Temos de enfrentar as realidades - disse ele. - Quando Amy realizou um teste de QI humano, alcançou um resultado de 92. Para todos os propósitos práticos, Amy é tão inteligente quanto um ser humano, mais ainda sob muitos aspectos... mais perceptiva e sensível. Ela pode nos manipular pelo menos tão habilmente quanto a manipulamos.

"Os gorilas cinzentos possuem essa mesma inteligência, mas foram criados para serem os equivalentes entre os primatas dos *dobermanns*... animais de guarda, animais de ataque, treinados para serem implacáveis e astutos. Mas são muito mais inteligentes e mais engenhosos que os cachorros. E prosseguirão em seus ataques, até conseguirem matar a todos nós, da mesma forma como mataram todos os que apareceram aqui antes de nós."

3. Olhando Através das Grades

Em 1975, o matemático S. L. Berensky fez uma revisão da literatura sobre linguagem dos primatas e chegou a uma conclusão espantosa, anunciando: "Não resta a menor dúvida de que os primatas são muito superiores ao homem em inteligência."

Berensky destacou: "A questão relevante, que todo visitante humano de um jardim zoológico intuitivamente formula, é a seguinte: quem está por trás das grades? Quem está enjaulado e quem está livre?... Nos dois lados das grades, pode-se observar primatas fazendo caretas uns para os outros. É muito fácil dizer que o homem é superior porque fez o jardim zoológico. Impomos nosso horror especial ao cativo, uma espécie de punição entre nossa espécie, presumindo que outros primatas sentem a mesma coisa."

Berensky assemelhava os primatas a embaixadores estrangeiros. "Há séculos que os macacos conseguem conviver com os seres humanos, como embaixadores de suas espécies. Nos últimos anos, aprenderam a comunicar-se com os seres humanos, usando a linguagem dos sinais. Mas trata-se de um intercâmbio diplomático unilateral; nenhum ser humano jamais tentou viver numa sociedade de macacos, aprender sua linguagem e costumes, comer os alimentos deles, viver da mesma forma. Os macacos aprenderam a falar conosco, mas nunca aprendemos a falar com eles. Portanto, a quem se deve julgar como dotado de maior intelecto?"

Berensky acrescentou uma predição: "Ainda chegará o momento em que as circunstâncias podem forçar alguns seres humanos a se comunicarem com uma sociedade de primatas, nos

termos dela". Somente então os seres humanos ficarão conscientes de seu egocentrismo complacente em relação aos outros animais. A expedição da ERTS, isolada nas profundezas da floresta tropical do Congo, enfrentava agora um problema assim. Confrontada por uma nova espécie de animal parecido com gorila, precisava de alguma forma lidar com ela em seus próprios termos.

Durante a noite, Elliot transmitiu para Houston os sons de respiração gravados. A gravação foi retransmitida para São Francisco. O diálogo que se seguiu à transmissão foi breve.

Seamans escreveu: TRANSMIS RCBIDA. DV AJDAR.

IMPORTNT - PRCISO TRADCAO BRV, transmitiu Elliot. QNDO TREI?

ANALIS COMPUTR DIFICL - PROBLMAS EXCDM MGNITUD TRADCAO

LCS / LIS.

- O que isso significa? - perguntou Ross.

- Ele está dizendo que os problemas de tradução excedem o problema de traduzir a linguagem de sinais chinesa ou japonesa.

Ela não sabia que havia uma linguagem de sinais japonesa ou chinesa. Mas Elliot explicou que havia linguagem de sinais para quase todas as línguas principais, cada uma adotando as suas próprias regras. A LBS, linguagem britânica de sinais, por exemplo, era totalmente diferente da LAS, linguagem americana de sinais, muito embora a língua inglesa falada e escrita fosse virtualmente idêntica nos dois países.

Linguagens de sinais diferentes possuíam sintaxe e gramática diferentes, até mesmo obedecendo a traduções de sinais diferentes.

A linguagem chinesa de sinais usava o dedo médio estendido para fora para vários sinais, tais como DAQUI A DUAS SEMANAS e IRMÃS, embora essa configuração fosse insultuosa e inaceitável na linguagem americana de sinais.

- Mas esta é uma linguagem falada - disse Ross.

- De qualquer forma, é um problema complicado - disse Elliot. - Provavelmente não conseguiremos traduzi-la rapidamente.

Ao cair da noite, eles tinham duas informações adicionais. Ross efetuou uma simulação de computador através de Houston, encontrando um curso de probabilidade de três dias, com uma variação padrão de dois dias, para encontrar as minas de diamantes. Isso significava que deveriam se preparar para mais cinco dias no local. Comida não era problema, mas munição era. Munro propôs usar gás lacrimogêneo.

Ficaram esperando que os gorilas cinzentos tentassem uma tática diferente e foi o que eles fizeram, atacando imediatamente depois do anoitecer. A batalha da noite de 23 de junho foi pontuada pelas explosões dos tubos e o silvo do gás. A estratégia foi eficaz, os gorilas foram repelidos e não voltaram naquela noite.

Munro ficou satisfeito. Anunciou que dispunham de gás lacrimogêneo suficiente para conter os gorilas por uma semana, talvez mais. No momento, os problemas deles pareciam resolvidos.

DIA 12: ZINJ

24 de junho de 1979

1. A Ofensiva

Pouco depois do amanhecer, eles encontraram os corpos de Mulewe e Akari, perto da barraca que ocupavam. Aparentemente, o ataque da noite anterior fora uma manobra diversionária, permitindo que um gorila penetrasse no acampamento, matasse os carregadores e tornasse a sair. Ainda mais perturbador foi o fato de não conseguirem descobrir qualquer pista da maneira como o gorila passara pela cerca eletrificada e saíra novamente.

Uma busca cuidadosa revelou que um trecho da cerca fora rasgado quase na base. Uma vara comprida estava caída no chão ali perto. Os gorilas haviam usado a vara para levantar o fundo da cerca, permitindo que um deles rastejasse por baixo. Antes de partirem, os gorilas haviam cuidadosamente restaurado a cerca a seu estado original. A inteligência implícita em tal comportamento era difícil de aceitar. Elliot comentou, mais tarde:

- Estávamos nos confrontando constantemente com nossos preconceitos em relação aos animais. Esperávamos que os gorilas se comportassem de urna maneira estúpida, estereotipada, mas isso não acontecia. Não os tratávamos como adversários flexíveis e capazes de se ajustarem a novas situações. Em consequência, eles já haviam reduzido os nossos números em um quarto.

Munro tinha dificuldade em aceitar a hostilidade deliberada dos gorilas. Sua experiência ensinara que os animais na natureza eram indiferentes ao homem. Mas acabou chegando a uma conclusão: aqueles animais haviam sido treinados por homens e tinha de pensar neles como homens. A questão tornou-se a seguinte: o que eu faria, se fossem homens?

Para Munro, a resposta era evidente: deviam assumir a ofensiva.

Amy concordou em levá-los à área da selva em que dizia que os gorilas viviam. Por volta das 10 horas daquela manhã, eles estavam avançando pelas encostas das colinas ao norte da cidade, armados com metralhadoras. Não demoraram muito a encontrar sinais da presença de gorilas: muitas fezes e também ninhos, no chão e nas árvores. Munro ficou apreensivo com o que viu. Algumas árvores exibiam 20 ou 30 ninhos, indicando uma grande população de animais.

Dez minutos depois, encontraram um grupo de dez gorilas cinzentos, alimentando-se em suculentas trepadeiras: quatro machos e três fêmeas, uma adolescente e dois filhotes pequenos. Os adultos estavam indolentes, esquentando-se ao sol, comendo de vez em quando. Vários outros animais dormiam, deitados de costas, roncando alto. Todos pareciam incrivelmente desprotegidos.

Munro fez um sinal com a mão. As travas de segurança das armas foram puxadas. Ele já se preparava para disparar contra o grupo quando Amy puxou-lhe a perna da calça. Munro levantou os olhos. Mais tarde, contou assim o que aconteceu:

- Tive o maior choque da minha vida. Havia outro grupo no alto da colina, talvez com uns dez a doze animais. E depois vi outro bando, mais outro e mais outro... Devia haver uns 300 animais ou mais. A encosta da colina estava fervilhando de gorilas cinzentos.

O maior grupo de gorilas em estado selvagem já avistado fora de 31 animais, em Kabala, em 1971. Mas tal fato foi contestado. A maioria dos pesquisadores achou que se tratava na verdade de dois grupos, avistados juntos por um momento, já que as proporções do grupo habitual era de dez a 15 animais. Elliot descobriu que 300 gorilas reunidos constituíam uma "visão assustadora". Mas ficou ainda mais impressionado com o comportamento dos animais. Enquanto se alimentavam ao sol, comportavam-se quase como gorilas comuns em estado selvagem. Mas havia diferenças importantes. Mais tarde, ele fez o seguinte relato:

- Desde o primeiro momento, não tive a menor dúvida de que eles eram dotados de linguagem. As vocalizações sibilantes impressionavam e constituíam obviamente uma forma de linguagem. Além disso, usavam a linguagem de sinais, embora fosse diferente de tudo o que conhecíamos. Os gestos das mãos eram realizados com os braços estendidos, de um jeito gracioso, lembrando dançarinas tailandesas. Esses movimentos das mãos pareciam complementar ou ampliar as vocalizações sibilantes. Evidentemente, os gorilas haviam sido ensinados ou desenvolvido por conta própria um sistema de linguagem muito mais sofisticado do que a pura linguagem de sinais dos macacos de laboratório, no século XX.

Algum canto abstrato da mente de Elliot considerou essa descoberta tremendamente excitante, ao mesmo tempo em que ele partilhava o temor dos outros. Agachados por trás da folhagem densa, prenderam a respiração e ficaram observando os gorilas se alimentarem no lado oposto. Embora os gorilas parecessem pacíficos, os humanos na observação sentiam uma tensão próxima do pânico, por estarem tão perto de uma quantidade tão grande. Finalmente, a um sinal de Munro, eles afastaram-se silenciosamente pela trilha, voltando ao acampamento.

Os carregadores estavam cavando sepulturas para Akari e Mulewe, no acampamento. Era uma recordação lúgubre do risco, enquanto discutiam as alternativas. Munro disse a Elliot:

- Eles não parecem agressivos durante o dia.

- Tem razão. O comportamento deles parece perfeitamente típico... e se alguma diferença existe, é de parecerem mais indolentes do que os gorilas comuns, durante o dia. Provavelmente, a maioria dos machos dorme de dia.

- Quantos animais naquela encosta são machos? - perguntou Munro.

Eles já haviam chegado à conclusão de que apenas os machos participavam dos ataques. Munro estava pedindo um cálculo de probabilidades. Elliot respondeu:

- A maioria dos estudos constatou que os machos adultos representam 15 por cento dos agrupamentos de gorilas. E a maioria dos estudos indica que observações isoladas subestimam as

dimensões dos bandos em 25 por cento. Há mais gorilas do que se pode ver em qualquer momento determinado.

A aritmética era desalentadora. Havia contado 300 gorilas, o que significava que havia provavelmente 400, dos quais 15 por cento eram machos. Portanto, havia 60 animais atacando, e apenas nove pessoas no grupo se defendendo.

- A situação é muito difícil - murmurou Munro, sacudindo a cabeça.

Amy tinha uma solução. Ela sinalizou: *Ir agora*.

Ross indagou o que ela dissera e Elliot respondeu:

- Amy quer ir embora. Acho que ela está certa.

- Não seja absurdo - disse Ross. - Ainda não encontramos os diamantes. Não podemos partir agora.

Ir agora - sinalizou Amy novamente.

Eles olharam para Munro. De alguma forma, o grupo resolvera que Munro tomaria a decisão sobre o que deveriam fazer em seguida.

- Quero os diamantes tanto quanto qualquer outro - disse ele. - Mas os diamantes não adiantarão muita coisa se estivermos mortos. Não temos opção. Precisamos partir, se pudermos.

Ross praguejou, no exuberante estilo texano. Elliot indagou a Munro:

- Se pudermos... como assim?

- Talvez eles não nos deixem ir embora.

2. Partida

Seguindo as instruções de Munro, eles levaram apenas suprimentos mínimos de alimentos e munições. Deixaram todo o resto, as barracas, as defesas do acampamento, os equipamentos de comunicações, na clareira, ao sol do meio-dia.

Munro olhou para trás, ao se afastar, esperando estar tomando a decisão correta. Na década de 1960, os mercenários do Congo tinham uma regra irônica: "Não saia de casa." A frase tinha diversos significados, inclusive o óbvio, de que nenhum deles jamais deveria ter ido para o Congo, em primeiro lugar. Significava também

que, depois que se estava num acampamento fortificado ou numa cidade colonial, era uma insensatez sair para a selva ao redor, qualquer que fosse a provocação. Vários amigos de Munro haviam morrido na selva, porque tinham tolamente saído de casa. A notícia circulava rapidamente:

- Digger foi liquidado na semana passada fora de Stanleyville.

- Fora? Por que ele saiu de casa?

Munro estava agora comandando a expedição fora e a casa era um pequeno acampamento prateado, com um perímetro bem definido. No acampamento, eles eram como patos sentados nas barraquinhas de tiro ao alvo para os ataques dos gorilas. Mas os mercenários também tinham um dito a esse respeito: "Melhor ser um pato sentado do que um pato morto."

Enquanto marchavam pela floresta tropical, Munro estava angustiosamente consciente da fila indiana por trás dele, a menos defensável das formações. Ele observava a folhagem da selva se mexer, enquanto a trilha se estreitava. Não se lembrava da trilha ser tão estreita quando haviam chegado à cidade. Agora, pareciam comprimidos pelas samambaias e folhas de palmeiras. Os gorilas podiam estar apenas alguns passos atrás, escondidos na folhagem densa, mas eles só saberiam quando fosse tarde demais.

E foram seguindo em frente.

Munro achava que estariam a salvo se conseguissem alcançar as encostas orientais do Mukenko. Os gorilas cinzentos estavam localizados perto da cidade e não os seguiriam tão longe. Uma ou duas horas de caminhada e estariam fora de perigo.

Ele olhou para o relógio. Já haviam partido há 10 minutos.

E foi nesse instante que ouviu o som de suspiro. Parecia vir de todas as direções. Viu a folhagem se mexendo à sua frente, como se agitada pelo vento. Só que não havia qualquer vento. E o som de suspiro tornou-se mais alto. A coluna parou à beira de uma ravina, que seguia por um leito de córrego, passando por paredões da selva inclinados nos dois lados. Era o local perfeito para uma emboscada. Ao longo da fila indiana, ele pôde ouvir os estalidos das travas de segurança das metralhadoras. Kahega aproximou-se.

- O que vamos fazer agora, capitão?

Munro observou a folhagem mexer-se, ouviu os sons de suspiro. Podia apenas adivinhar o número de gorilas cinzentos escondidos nas moitas. Vinte? Trinta? De qualquer forma, eram muitos.

Kahega apontou para uma trilha que subia pela ravina.

- Vamos subir por ali?

Munro demorou bastante tempo para responder, mas finalmente disse:

- Não, não vamos subir por ali.

- Então, para onde vamos, capitão?

- Vamos voltar. Temos de voltar.

Quando eles se afastaram da ravina, os sons se desvaneceram, a folhagem parou de se mexer. Munro olhou para trás. A ravina parecia uma passagem comum da selva, sem qualquer ameaça. Mas ele sabia a verdade. Não podiam ir embora.

3. Retorno

A idéia de Elliot surgiu num relance de percepção e mais tarde ele contou:

- No meio do acampamento, eu estava olhando para Amy, que sinalizava para Kahega, Amy estava pedindo água, mas Kahega não conhecia a linguagem americana de sinais e se limitava a dar de ombros, atarantado. Ocorreu-me que a capacidade lingüística dos gorilas cinzentos era ao mesmo tempo a grande vantagem que possuíam e também seu calcanhar-de-aquiles.

Elliot propôs que capturassem um único gorila cinzento, aprendessem sua linguagem e depois a usassem para estabelecer contato com os outros animais. Em circunstâncias normais, levaria vários meses para se aprender uma nova linguagem de macaco. Mas Elliot estava convencido de que poderia consegui-lo em poucas horas.

Seamans já estava trabalhando nas vocalizações dos gorilas cinzentos, precisava apenas de mais informações. Mas Elliot chegara à conclusão de que os gorilas cinzentos empregavam uma

combinação de sons e linguagem de sinais. E a linguagem de sinais poderia ser facilmente deslindada.

Em Berkeley, Seamans desenvolvera um programa de computador chamado PAE (Padrão de Explicação Animal). PAE era capaz de observar Amy e atribuir significados a seus sinais. Como o programa PAE utilizava sub-rotinas militares para decifração de códigos, era capaz de identificar novos sinais e também traduzi-los. Embora o PAE fosse projetado para trabalhar com Amy em LAS, não havia motivo para que não pudesse trabalhar com uma linguagem inteiramente nova.

Se pudesse estabelecer a ligação via satélite entre o Congo, Houston e Berkeley, poderiam fornecer dados de vídeo de um animal cativo diretamente para o programa PAE. E o PAE garantia uma velocidade de tradução muito além da capacidade de qualquer observador humano. (As sub-rotinas militares eram projetadas para decifrar códigos inimigos em poucos minutos.)

Elliot e Ross estavam convencidos de que daria certo, Munro achava que não. Ele fez alguns comentários depreciativos sobre o interrogatório de prisioneiros de guerra.

- O que pretendem fazer? Torturar o animal?

- Vamos utilizar a pressão circunstancial para obter o uso da linguagem - disse Elliot, espalhando pelo chão o material de teste: uma banana, uma tigela com água, um pedaço de chocolate, uma vara, uma videira suculenta, pás de pedra. - Ela terá de ficar apavorada, se for necessário.

- Ela?

- Claro - disse Elliot, carregando o dardo de Thoralen. - Será mesmo ela.

Ele queria uma fêmea sem filhote. Um filhote acarretaria dificuldades.

Avançando pelo mato baixo, Elliot descobriu-se à beira de uma crista escarpada, avistando nove animais agrupados lá embaixo: dois machos, cinco fêmeas e dois adolescentes. Estavam se alimentando na selva, sete metros abaixo. Ele observou o grupo por tempo sufi4. Captura ciente para certificar-se de que todas as

fêmeas usavam a linguagem e não havia filhotes escondidos nas moitas próximas. E depois ficou aguardando uma oportunidade.

Os gorilas alimentavam-se distraidamente entre as samambaias arrancando rebentos tenros, que mastigavam preguiçosamente. Depois de vários minutos, uma fêmea afastou-se do grupo, a fim de procurar comida mais perto da elevação em que Elliot estava agachado. Ela estava separada do resto do grupo por mais de dez metros.

Elliot levantou a pistola de dardos com as duas mãos e mirou a fêmea. Ela estava numa posição perfeita. Elliot observou, apertando o gatilho lentamente... e perdeu o equilíbrio. Caiu ruidosamente pela encosta, bem no meio dos gorilas. Elliot estava inconsciente, caído de costas, seis metros abaixo, mas o peito se mexia e o braço se contraía. Munro tinha certeza de que ele estava bem. Sua única preocupação eram os gorilas.

Os gorilas cinzentos viram Elliot cair e se aproximaram do corpo. Oito ou nove animais se agruparam em torno dele, olhando impassivelmente, sinalizando.

Munro puxou a trava de segurança de sua arma.

Elliot gemeu, levou a mão à cabeça, abriu os olhos. Munro viu Elliot ficar rígido, ao ver os gorilas. Mas não se mexeu. Três machos adultos estavam agachados bem perto dele e Elliot compreendeu prontamente a precariedade de sua situação. Ficou imóvel por quase um minuto. Os gorilas sussurravam e sinalizavam, mas não chegaram mais perto.

Elliot finalmente se sentou, soerguendo-se num cotovelo, o que causou uma explosão de sinais, mas nenhum comportamento agressivo direto.

Na encosta por cima, Amy puxou a manga de Munro, sinalizando enfaticamente. Munro sacudiu a cabeça. Não estava entendendo. Tornou a levantar a metralhadora e Amy mordeu-lhe o joelho. A dor foi terrível. Munro teve de fazer um grande esforço para não gritar.

Deitado no chão lá embaixo, Elliot tentava controlar sua respiração. Os gorilas estavam bem perto... perto o bastante para que pudesse tocá-los, perto o bastante para que pudesse sentir o

cheiro rançoso de seus corpos. Os gorilas estavam agitados e os machos começaram a grunhir ritmadamente, um ô-ô-ô-ô-ô-ô.

Elliot decidiu que era melhor se levantar, devagar, metodicamente. Pensou que, se pudesse colocar alguma distância entre ele e os gorilas, o senso da ameaça deles seria reduzido. Mas assim que começou a se mexer, os grunhidos tornaram-se mais altos. Um dos machos começou um movimento para o lado, como um caranguejo, batendo no chão com as palmas.

No mesmo instante, Elliot tornou a se deitar de costas. Os gorilas relaxaram e ele concluiu que fizera a coisa certa. Os animais estavam confusos por aquele ser humano caindo ruidosamente no meio deles, aparentemente, não esperavam contato com homens nos locais em que se alimentavam.

Elliot decidiu esperar, se necessário permanecendo de costas por várias horas, até que os gorilas perdessem o interesse e se afastassem. Respirava lentamente, regularmente, consciente de que suava muito. Provavelmente recendia a medo... mas os gorilas, como os homens, não possuíam um senso de olfato desenvolvido. Não reagiam ao odor de medo. Ele ficou esperando. Os gorilas estavam suspirando e sinalizando rapidamente, tentando decidir o que fazer.

E foi então que um macho abruptamente recomeçou seus movimentos laterais, batendo no chão e olhando para Elliot. Ele não se mexeu. Em sua mente, revisava as etapas do comportamento de ataque: grunhidos, movimentos laterais, bater no chão, arrancar relva, bater no peito...

Atacar.

O gorila começou a arrancar a relva. Elliot sentiu o coração disparar. O gorila era um animal imenso, devia pesar no mínimo 150 quilos. Ele se ergueu nas pernas traseiras e bateu no peito com as palmas, produzindo um som cavo. Elliot se perguntou o que Munro estava fazendo lá em cima. E foi então que ouviu um barulho súbito. Levantou os olhos para deparar com Amy descendo pela encosta, amortecendo a queda ao segurar-se em galhos e samambaias.

Ela foi cair aos pés de Elliot.

Os gorilas não poderiam ficar mais surpresos. O macho cessou de bater no peito, abandonou sua posição ereta, olhando para Amy com uma expressão furiosa.

Amy grunhiu.

O macho aproximou-se ameaçadoramente de Peter, mas não desviou os olhos de Amy. Amy observava-o sem demonstrar qualquer reação. Era um evidente teste de domínio. O macho estava chegando cada vez mais perto, sem qualquer hesitação...

Amy urrou, um som ensurdecedor. Elliot teve um sobressalto de espanto. Só a ouvira fazer isso apenas uma ou duas vezes antes, em momentos de raiva extrema. Era fora do comum as fêmeas rugirem e os outros gorilas ficaram alarmados. Os antebraços de Amy enrijeceram, ela se empertigou, o rosto ficou tenso. Ela olhou agressivamente para o macho e tornou a rugir.

O macho parou, inclinou a cabeça para o lado. Parecia estar pensando no problema. Um macho adolescente, de quatro ou cinco anos, impulsivamente correu para frente, exibindo os dentes. Amy bateu no rosto dele e o adolescente soltou um gemido e voltou para a segurança do grupo.

Amy olhou furiosa para os outros gorilas. E começou a sinalizar. *Ir embora deixar Amy embora.*

Os gorilas não reagiram. *Peter bom humano.*

Mas ela parecia estar consciente de que os gorilas não entendiam, pois fez nesse momento algo extraordinário: ela suspirou, emitindo o mesmo som sibilante que os gorilas cinzentos faziam.

Os gorilas ficaram aturdidos e se entreolharam.

Mas se Amy estava falando a língua deles, era sem qualquer efeito. Os gorilas permaneceram onde estavam. E quanto mais ela suspirava, mais a reação deles diminuía, até que finalmente os gorilas fitavam-na, indiferentes.

Ela não estava conseguindo atingi-los.

Amy foi postar-se ao lado da cabeça de Peter, começou a puxar-lhe os cabelos e a barba. Os gorilas cinzentos sinalizaram rapidamente. Depois, o macho recomeçou o seu ô-ô-ô-ô-ô ritmado. Ao ver isso, Amy virou-se para Peter e sinalizou: *Amy abraçar Peter.*

Ele ficou surpreso, pois Amy jamais se oferecia voluntariamente para abraçá-lo. Geralmente, ela queria apenas que Peter a abraçasse e coçasse.

Elliot sentou-se e Amy imediatamente puxou-o para o peito, comprimindo seu rosto contra os pêlos. No mesmo instante, o macho cessou de grunhir. Os gorilas cinzentos começaram a se afastar, como se tivessem cometido algum erro. Naquele momento, Elliot compreendeu: Amy estava tratando-o como seu filhote.

Aquele era o comportamento clássico dos primatas em situações agressivas. Os primatas possuíam fortes inibições contra fazer mal a filhotes. Essa inibição era invocada pelos animais adultos em muitas situações. Os babuínos machos muitas vezes interrompiam suas lutas quando um deles pegava um filhote e o apertava contra o peito, a visão do pequeno animal inibia qualquer ataque adicional. Os chimpanzés demonstravam variações mais sutis do mesmo comportamento. Se uma brincadeira de adolescentes tornava-se brutal demais, um macho adulto agarrava um deles e apertava-o maternoamente. Neste caso, tanto o pai como o filho eram simbólicos.

Mas a postura era suficiente para despertar a inibição contra mais violência. Agora, Amy não apenas estava detendo o ataque do macho, mas também protegendo Elliot, ao tratá-lo como um filhote... se os gorilas aceitassem um filhote barbado, de mais de 1,80m de altura.

Eles aceitaram.

E desapareceram pela folhagem. Amy largou Elliot, fitou-o e sinalizou: *Coisas estúpidas.*

- Obrigado, Amy - disse ele, beijando-a.

Peter faz cócegas Amy Amy boa gorila.

- Quanto a isso, não tenho a menor dúvida – murmurou Elliot.

Ele passou os minutos seguintes a fazer-lhe cócegas, enquanto ela rolava pelo chão, grunhindo de felicidade.

Eram duas horas da tarde quando eles voltaram ao acampamento.

Ross perguntou:

- Capturou uma gorila?
- Não - respondeu Elliot.

- Pois não faz a menor diferença, já que não consigo entrar em contato com Houston.

Elliot ficou aturdido.

- Mais bloqueio eletrônico?
- Pior do que isso.

Ross passara uma hora tentando estabelecer um contato via satélite com Houston e fracassara. A cada vez, a ligação era rompida em poucos segundos. Finalmente, depois de verificar que não havia qualquer defeito em seu equipamento, ela conferiu a data.

- Dia 24 de junho. Tivemos problemas de comunicações com a última expedição do Congo a 28 de maio. Ou seja, há 27 dias.

Como Elliot não entendesse. Munro explicou:

- Ela está dizendo que a interferência é solar.

- Exatamente - confirmou Ross. - É um distúrbio ionosférico de origem solar.

A maioria das perturbações na ionosfera da Terra, a fina camada de moléculas ionizadas entre 80 e 380 quilômetros de altura, era causada por fenômenos como as manchas solares, na superfície do sol. Como o sol tinha uma rotação em 27 dias, esses distúrbios freqüentemente tornavam a ocorrer um mês depois.

- Está certo, o problema é solar - disse Elliot - Quanto tempo vai durar?

Ross sacudiu a cabeça.

- Normalmente, eu diria que umas poucas horas, um dia no máximo. Mas este distúrbio parece bastante intenso e aconteceu muito abruptamente. Há cinco horas, tínhamos comunicações perfeitas... e agora não temos absolutamente qualquer contato. Alguma coisa de excepcional está acontecendo. Pode durar uma semana.

- Não teremos comunicações por uma semana? Não haverá contatos com o computador, absolutamente nada?

- Isso mesmo - confirmou Ross, calmamente. - A partir deste momento, estamos completamente isolados do mundo exterior.

5. Isolamento

A maior explosão solar de 1979 foi registrada a 24 de junho, pelo Observatório do Pico Kitt, perto de Tucson, Arizona, que prontamente transmitiu a informação para o Centro de Serviços de Controle Espacial, em Boulder, Colorado. A princípio o CSCE não acreditou nos dados que chegavam. Até mesmo pelos padrões gigantescos de astronomia solar, aquela explosão, designada 78/06/414aa, era monstruosa.

As causas das explosões são desconhecidas, mas estão geralmente associadas com as manchas solares. Neste caso, a explosão apareceu como um ponto extremamente brilhante, com 15 mil quilômetros de diâmetro, afetando não apenas as linhas espectrais de hidrogênio alfa e cálcio ionizado, mas também a linha branca espectral do sol. Uma explosão de "espectro contínuo" era bastante rara.

O CSCE também não pôde acreditar nas conseqüências computadas. As explosões solares liberavam uma enorme quantidade de energia, mesmo uma explosão modesta pode dobrar a quantidade de radiação ultravioleta emitida por toda a superfície solar. Exatamente 8,3 minutos depois do seu aparecimento, o tempo que a luz leva para alcançar a terra, partindo do sol, esta onda de radiação ultravioleta começou a perturbar a ionosfera do planeta.

A conseqüência da explosão foi a de que as comunicações de rádio, num planeta a 148 milhões de quilômetros de distância, foram consideravelmente afetadas. Isso acontecia particularmente com as transmissões de rádio que utilizavam forças de sinal baixo. As emissoras de rádio comerciais, gerando quilowatts de energia, praticamente não foram afetadas. Mas a Expedição de Campo do Congo, transmitindo sinais na ordem de 20 mil watts, ficou incapaz de estabelecer contatos com o satélite. E como a explosão solar também emitia raios X e partículas atômicas, que não alcançariam a Terra pelo menos por um dia inteiro, a interrupção de rádio duraria um prazo igual, talvez mais tempo. Na ERTS, em Houston, os técnicos

comunicaram a Travis que o CSCE previa um prazo de interrupção iônica de quatro a oito dias.

- Está querendo dizer que ficaremos sem contato com eles por quatro a oito dias? - disse Travis.

- É o que parece - respondeu o técnico. - Ross provavelmente vai compreender o que está acontecendo, quando não conseguir manter contato hoje.

- Mas eles precisam da ligação com o computador!

A equipe da ERTS efetuara cinco simulações de computador e o resultado fora sempre o mesmo: a não ser transportando um pequeno exército de avião, a expedição de Ross estava em sérias dificuldades. As projeções de sobrevivência estavam em "ponto dois quatro quatro", o que significava que havia apenas uma chance em quatro de que a expedição do Congo escapasse com vida, presumindo a ligação do computador, que estava agora rompida. Travis se perguntava se Ross e os outros sabiam como sua situação era grave.

E ele perguntou:

- Alguma novidade da Faixa Cinco sobre Mukenko?

A Faixa 5 dos satélites Landsat registrava os dados infravermelhos. Na sua passagem anterior pelo Congo, o Landsat adquirira novas informações de extrema importância sobre o Mukenko. O vulcão se tornara muito mais quente em nove dias, desde a passagem anterior do Landsat, o aumento da temperatura era da ordem de oito graus.

- Não há qualquer novidade - respondeu o técnico. - E o computador não projeta uma erupção. Quatro graus de mudança orbital estão dentro dos limites do erro dos sensores do sistema e os quatro graus adicionais não possuem valor de predição.

- Já é alguma coisa - murmurou Travis. - Mas o que eles vão fazer com os gorilas, agora que estão isolados do computador?

Essa era a questão que os membros da Expedição de Campo do Congo vinham se formulando há quase uma hora. Com as comunicações interrompidas, os únicos computadores disponíveis eram os computadores de suas próprias cabeças. E esses

computadores não eram suficientemente poderosos. Elliot achou estranho pensar que seu próprio cérebro era inadequado. Ele comentou, mais tarde:

- Todos estávamos acostumados à disponibilidade dos computadores. Em qualquer laboratório decente, pode-se ter toda a memória e toda a velocidade de computação que se desejar, dia ou noite. Estávamos tão acostumados que passáramos a encarar isso como um fato consumado.

É claro que eles acabariam decifrando a linguagem dos gorilas cinzentos, mas estavam contra um fator de tempo. Não dispunham de meses para esclarecer tudo, apenas de umas poucas horas. Isolados do programa PAE, a situação deles era precária. Munro declarou que não poderiam sobreviver a outra noite de ataque frontal e tinham todos os motivos para esperar um novo ataque naquela noite.

A salvação de Elliot por Amy é que sugeriu o plano deles. Amy demonstrara alguma capacidade de se comunicar com os gorilas, talvez ela pudesse também traduzi-los.

- Vale a pena tentar - insistiu Elliot.

Infelizmente, a própria Amy negou que isso fosse possível. Em resposta à pergunta "Amy falar coisa falar?", ela sinalizou *Não falar*.

- Não falar nada? - disse Elliot, recordando a maneira como ela suspirara. - Peter ver Amy falar coisa falar.

Não falar. Fazer barulho.

Elliot concluiu que ela era capaz de imitar as verbalizações dos gorilas, mas não tinha qualquer conhecimento de seu significado. Passava um pouco das duas horas da tarde; tinham apenas mais quatro ou cinco horas, antes do anoitecer. Munro disse:

- Vamos desistir. É evidente que não pode nos ajudar.

Munro preferia levantar acampamento e abrir caminho à força, à luz do dia. Estava convencido de que não poderia sobreviver a outra noite entre os gorilas.

Mas alguma coisa perturbava Elliot.

Depois de anos de trabalho com Amy, Elliot sabia que ela possuía uma mentalidade literal irritante, como uma criança. Com

Amy, especialmente quando ela não estava com vontade de colaborar, era necessário ser exato para extrair as respostas apropriadas. Ele olhou atentamente para Amy e indagou:

- Amy falar coisa falar?

Não falar.

- Amy compreender coisa falar?

Amy não respondeu. Estava mastigando algumas folhas, absorta.

- Amy, escutar Peter.

Ela fitou-o.

- Amy compreender coisa falar?

Amy compreender coisa falar, - sinalizou ela em resposta.

Ela o fez tão distraidamente, que Elliot ficou inicialmente em dúvida se compreendera a pergunta.

- Amy observar coisa falar, Amy compreender coisa falar?

Amy compreender.

- Amy certa?

Amy certa.

- Essa não! - exclamou Elliot.

Munro estava sacudindo a cabeça.

- Só nos restam umas poucas horas de luz do dia. Mesmo que você aprendesse a linguagem deles, como iria falar-lhes?

6. Amy Falar Coisa Falar

Às três horas da tarde, Elliot e Amy estavam completamente ocultos na folhagem na encosta. O único sinal da presença deles era o cone fino do microfone, projetando-se acima da folhagem. O microfone estava ligado ao gravador de videotape aos pés de Elliot, que o usava para registrar os sons dos gorilas cinzentos lá embaixo.

A única dificuldade era tentar determinar que gorila o microfone direcional localizara... e que gorila Amy focalizara e se era o mesmo gorila. Ele nunca podia ter certeza se Amy traduzia as verbalizações do mesmo animal que estava gravando. Havia oito gorilas no grupo mais próximo e Amy estava ficando distraída. Uma fêmea tinha um filhote de seis meses. Em determinado momento,

quando o filho foi mordido por uma abelha, Amy sinalizou *Bebê furioso*. Mas Elliot estava gravando um macho naquele momento.

Amy - sinalizou ele - preste atenção.

Amy prestar atenção. Amy boa gorila.

Sim - sinalizou Elliot - Amy boa gorila. Amy prestar atenção coisa homem.

Amy não gostar.

Ele praguejou silenciosamente e apagou meia hora de traduções de Amy. Obviamente, ela estivera prestando atenção ao gorila errado. Quando recomeçou a gravar, ele decidiu que desta vez gravaria qualquer animal que Amy estivesse observando. Ele sinalizou:

Que coisa Amy observar?

Amy observar bebê.

Isso não funcionaria, porque o filhote não falava. Elliot sinalizou: *Amy observar coisa mulher.*

Amy gostar observar bebê.

A dependência de Amy era como um pesadelo. Elliot estava nas mãos de um animal cujo pensamento e comportamento mal compreendia, estava isolado da sociedade mais ampla de seres humanos e máquinas humanas, aumentando assim a sua dependência do animal; mesmo assim, tinha de confiar em Amy.

Depois de outra hora, com a luz do sol se desvanecendo, ele levou Amy de volta ao acampamento.

Munro planejara tudo da melhor forma possível.

Primeiro, abriu diversos buracos, como armadilha de elefantes, além do acampamento, poços profundos com estacas afiadas no fundo, cobertos com galhos e arbustos. Alargou o fosso em diversos pontos, removendo as árvores mortas e os galhos que podiam ser usados como pontes.

Cortou os galhos baixos que se projetavam pelo acampamento, a fim de que os gorilas que subissem pelas árvores ficassem a pelo menos três metros de altura, alto demais para pularem.

Entregou aos três carregadores restantes, Muzezi, Amburi e Harawi, espingardas e um suprimento de cartucho de gás

lacrimogêneo.

Juntamente com Ross, aumentou a energia na cerca do perímetro para quase 200 amps. Era o máximo que a cerca fina podia suportar sem derreter, foram obrigados a reduzir as pulsações de quatro para duas por segundo. Mas a corrente adicional transformava a cerca de um repressivo em uma barreira letal. Os primeiros animais a atingirem a cerca morreriam imediatamente, embora a possibilidade de curtos-circuitos e uma cerca inútil aumentasse consideravelmente.

Ao pôr-do-sol, Munro tomou a decisão mais difícil. Carregou as armas nos tripés com a metade restante da munição. Quando acabasse, as máquinas simplesmente cessariam de disparar. Desse momento em diante, Munro contava com Elliot e Amy e a capacidade de comunicação deles.

E Elliot não parecia muito feliz quando voltou ao acampamento.

7. Defesa Final

- Quanto tempo vai demorar para ficar pronto? - perguntou-lhe Munro.

- Cerca de duas horas, talvez mais.

Elliot pediu a Ross para ajudá-lo, enquanto Amy ia buscar comida com Kahega. Ela parecia muito orgulhosa de si mesma e comportava-se como uma pessoa importante no grupo.

- Deu certo? - perguntou Ross.

- Saberemos dentro de um momento.

O plano inicial de Elliot era efetuar apenas a única conferência sobre Amy possível, verificando as repetições de sons. Se ela traduzira sistematicamente os sons da mesma forma, eles teriam motivos para confiança.

Mas era um trabalho difícil. Contavam apenas com o gravador de videoteipe e o pequeno gravador de bolso. Não havia cabos de ligação. Pediram que os outros no acampamento fizessem silêncio e procuraram fazer as verificações, gravando, regravando, escutando os sons sussurrantes.

Descobriram imediatamente que seus ouvidos não eram capazes de discriminar os sons. Tudo parecia soar da mesma forma. Foi então que Ross teve uma idéia.

- Os sons estão gravados como sinais elétricos - disse ela.

- Isso mesmo.

- O transmissor de contato tem uma memória 256K.

- Mas não podemos fazer o contato com o computador em Houston.

- Não é nisso que estou pensando.

Ross explicou que a ligação via satélite era efetuada com o computador 256K no local emitindo um sinal, como um padrão de teste de vídeo, que combinava com um sinal transmitido de Houston. Era assim que faziam contato. A máquina estava preparada dessa maneira, mas podiam usar o programa para outros propósitos.

- Está querendo dizer que podemos usá-lo para comparar os sons? - indagou Elliot.

Podiam mesmo, mas era um processo incrivelmente lento. Tinham de transmitir os sons gravados para a memória do computador, depois regravá-los no videoteipe, em outra parte de faixa. Depois, deviam fornecer esse sinal à memória do computador, efetuava a segunda comparação com o videoteipe. Elliot descobriu-se como espectador, observando Ross manipular os cartuchos de gravação. A cada meia hora, Munro se aproximava para perguntar como estavam os trabalhos. Ross se tornava cada vez mais irritada e nervosa, respondendo.

- Estamos trabalhando o mais depressa que podemos.

Eram agora oito horas da noite.

Mas os primeiros resultados foram animadores.

.9213 .112

COMIDA .8844 .334

COMER .9978 .004

ÁGUA .7743 .334

BEBER .6654 .441

(AFIRMAÇÃO) SIM .8883 .220

(NEGAÇÃO) NÃO .5459 .440

VIR .5378 .404

IR .5444 .343

SOM COMPLEXO: LONGE? .6344 .344

SOM COMPLEXO: AQUI? .4232 .477

SOM COMPLEXO: RAIVA? MAU?

Ross afastou-se do computador, dizendo para Elliot:

- É todo seu.

Munro andava de um lado para outro do acampamento. Aquele era o pior momento. Todos estavam esperando, com os nervos à flor da pele. Ele deveria estar gracejando com Kahega e os outros *kikuyus*, mas Ross e Elliot precisavam do silêncio para trabalharem. Ele olhou para Kahega.

Kahega apontou para o céu e escorregou os dedos.

Munro assentiu. Ele também já sentira a umidade intensa no ar, a sensação palpável de carga elétrica. A chuva estava chegando. Isso era tudo o que precisavam, pensou ele. Durante a tarde, houvera explosões retumbantes e distantes, que ele julgara serem trovoadas longínquas.

Mas o som não era correto, parecendo mais com um ribombo sônico. Munro já ouvira aqueles estrondos antes e tinha uma idéia do que significavam. Ele olhou para o cone escuro do Mukenko e o brilho débil do Olho do Diabo. Olhou para os fachos verdes de laser, cruzados por cima deles. Notou que um dos fachos estava se mexendo, ao atingir as copas das árvores.

A princípio pensou que fosse uma ilusão, que era a folhagem que se mexia e não o raio laser. Depois de um momento, no entanto, teve certeza: era o próprio raio que estava se mexendo, deslocando-se para cima e para baixo no ar noturno.

Munro sabia que isso representava uma perspectiva sinistra, mas era um problema que teria de esperar para mais tarde. No momento, havia preocupações mais prementes. Ele olhou para Elliot e Ross, no outro lado do acampamento, debruçados sobre os equipamentos, falando baixo e comportando-se como se tivessem todo o tempo do mundo.

Na verdade, Elliot estava trabalhando o mais depressa que podia.

Tinha 11 palavras de vocabulário registradas na gravação. O problema agora era compor uma mensagem inequívoca. O que não era tão fácil quanto podia parecer à primeira vista.

Por um lado, a linguagem dos gorilas não era exclusivamente verbal. Os gorilas usavam combinações de sinais e sons para transmitir informações. Isso levantava um problema clássico na estrutura de linguagem: como a informação era realmente transmitida? (L. S. Verinski comentou certa vez que se visitantes extraterrenos observassem os italianos falando, haveriam de concluir que o italiano era basicamente uma linguagem de sinais, com os sons acrescentados apenas por ênfase.) Elliot precisava de uma mensagem simples, que não dependesse de sinais das mãos a acompanhá-la.

Mas ele não tinha a menor idéia da sintaxe dos gorilas, o que poderia alterar criticamente o sentido, na maioria das circunstâncias... a diferença entre "eu bater" e "bater eu". Até mesmo uma mensagem curta podia ser ambígua em outra língua.

Diante de tais incertezas, Elliot pensou em transmitir uma única palavra. Mas nenhuma das palavras em sua lista era apropriada. Sua segunda opção era transmitir diversas mensagens curtas, no caso de uma delas ser inadvertidamente ambígua. Ele acabou se decidindo por três mensagens: IR LONGE, NAO VIR e MAU AQUI.

Essas combinações possuíam a virtude essencial de independerem da ordem das palavras.

Por volta das nove horas, eles já haviam isolado os componentes de som específicos. Mas ainda tinham uma tarefa complicada pela frente. O que Elliot precisava era de um carretel que repetisse os sons interminavelmente. O mais próximo que podiam dispor era do gravador de videoteipe que rodava automaticamente na direção inversa, para repetir a mensagem. Ele pôde fixar os seis sons na memória 256K e transmiti-los, mas o ritmo era crítico. Pela hora seguinte, Elliot ficara apertando botões freneticamente, tentando aproximar as combinações de palavras o mais perto possível do som correto, pelo menos a seus ouvidos.

A esta altura, já passava das 10 horas. Munro aproximou-se com sua arma de laser.

- Acham que isso vai funcionar?

Elliot sacudiu a cabeça.

- Não há possibilidade de saber.

Uma dúzia de objeções já lhe ocorrera. Haviam gravado a voz de uma fêmea, mas será que os gorilas reagiriam a uma fêmea? Aceitariam os sons sem o acompanhamento dos sinais com as mãos? A mensagem estaria clara? O espaçamento dos sons seria aceitável?

Os gorilas haveriam de prestar alguma atenção?

Não havia possibilidade de saber. Simplesmente teriam de tentar.

Igualmente precário era o problema da transmissão. Ross fizera uma adaptação, retirando o pequeno alto-falante do gravador de bolso e instalando-o num tripé, com urna espécie de megafone ajustado. Esse alto-falante improvisado produzia um volume surpreendentemente alto, mas a reprodução era abafada, não muito convincente.

Pouco depois, eles ouviam os primeiros sons de suspiros.

Munro virou a arma de laser para a escuridão além do acampamento, a luz vermelha de ativação brilhando na extremidade do cano.

Ele esquadrinhou a folhagem, através dos óculos noturnos. Mais uma vez, os suspiros partiram de todas as direções. Embora ouvisse a folhagem se mexendo, Munro não via qualquer movimento perto do acampamento. Os *colobus* nas árvores lá em cima estavam silenciosos. Havia apenas um som sibilante por toda parte. Escutando agora, Munro ficou convencido de que os sons representavam uma linguagem de alguma espécie e...

Um único gorila apareceu e Kahega disparou, o raio laser riscando a noite. Uma metralhadora disparou e as balas agitaram a folhagem. O gorila refugiou-se silenciosamente por trás de densa moita de samambaias.

Munro e os outros tomaram posição rapidamente ao longo do perímetro, abaixando-se tensamente, as luzes infravermelhas

noturnas projetando sombras sobre a cerca e a selva além.

Os sons continuaram por vários minutos e depois se desvaneceram lentamente, até que voltou a reinar um silêncio total.

- O que está acontecendo? - indagou Ross.

Munro franziu o rosto.

- Eles estão esperando.

- Esperando o quê?

Munro sacudiu a cabeça. Ele circulou pelo acampamento, olhando para os outros guardas, tentando imaginar o que estava acontecendo. Muitas vezes calculara o comportamento de animais... um leopardo ferido nas moitas, um búfalo acuado. Mas aquilo era diferente. Era obrigado a reconhecer que não tinha a menor idéia do que devia esperar. Será que o gorila solitário fora um batedor para examinar as defesas deles? Ou será que um ataque realmente começara, apenas para ser detido por algum motivo? Seria uma manobra para abalar os nervos dos defensores? Munro já observara incursões de caça dos chimpanzés, aproximando-se ameaçadoramente de babuínos, a fim de aumentar o nervosismo de todo o bando, antes do ataque de fato, quando isolavam algum animal jovem para liquidá-lo.

Foi nesse momento que ele ouviu o rumor de trovoadas. Kahega apontou para o céu, sacudindo a cabeça. Aquela era a resposta.

- Mas que diabo! - exclamou Munro.

Às 10:30 da noite desabou uma chuva torrencial. O frágil alto-falante ficou imediatamente encharcado. A chuva provocou um curto-circuito nos cabos elétricos e a cerca ficou desligada. As luzes noturnas piscaram, duas lâmpadas explodiram. O terreno transformou-se num lamaçal, a visibilidade foi reduzida a cinco metros. O pior de tudo era que o barulho da chuva caindo na folhagem era tão intenso que tinham de gritar uns para os outros. As gravações não estavam prontas, o alto-falante provavelmente não funcionaria e certamente não conseguiria se sobrepôr ao barulho da chuva. A chuva iria também interferir com os lasers e impedir a dispersão do gás lacrimogêneo. As expressões no acampamento eram sombrias.

Cinco minutos depois, os gorilas atacaram.

A chuva encobriu a aproximação e os gorilas pareceram surgir do nada, investindo contra a cerca de três direções, simultaneamente.

Desde o primeiro momento, Elliot compreendeu que o ataque seria diferente dos outros. Os gorilas haviam aprendido com as investidas anteriores e agora estavam decididos a concluir o trabalho.

Primates atacando, treinados para exibir astúcia e implacabilidade: muito embora a avaliação fosse sua, Elliot ficou espantado ao deparar com a confirmação. Os gorilas atacavam em ondas, como tropas de choque disciplinadas. Contudo, ele achava mais assustador do que um ataque de tropas humanas. Para eles, não passamos de animais, pensou Elliot. Uma espécie diferente, para a qual eles não têm o menor sentimento. Somos apenas coisas incômodas, que devem ser eliminadas.

Aqueles gorilas não estavam interessados em saber por que os seres humanos estavam ali, quais os motivos que os levaram ao Congo. Não estavam matando por comida, defesa ou proteção da prole. Estavam matando porque eram treinados para matar.

O ataque foi desfechado com uma rapidez desconcertante. Em poucos segundos, os gorilas alcançaram o perímetro e derrubaram a cerca na lama. Correram pelo acampamento, grunhindo e rugindo. A chuva grudava os pêlos nos corpos, deixando-os com uma aparência ainda mais ameaçadora ao clarão das luzes noturnas vermelhas. Elliot viu 10 ou 15 animais dentro do acampamento, derrubando as barracas e atacando as pessoas. Azizi foi morto imediatamente, o crânio esmagado entre as pás de pedra.

Munro, Kahega e Ross disparavam jatos de laser, mas a eficácia era mínima, em meio à confusão e com a visibilidade precária.

Os raios lasers se fragmentavam na chuva, as balas zunindo. Uma das metralhadoras automáticas se descontrolou, o cano girando e despejando balas em todas as direções, enquanto todos mergulhavam para a lama. Diversos gorilas foram mortos

pelas rajadas, comprimindo os peitos com as mãos, numa bizarra imitação da morte humana.

Elliot virou-se para o equipamento de gravação. Amy lançou-se contra ele, em pânico, grunhindo de medo. Ele empurrou-a para longe e ligou o gravador.

A esta altura, os gorilas já haviam subjugado a todos no acampamento. Munro estava caído de costas, com um gorila em cima dele. Ross não era vista em parte alguma. Kahega tinha um gorila agarrado em seu peito, enquanto rolava pela lama. Elliot mal ouvia os sons estridentes que agora saíam do alto-falante. Os gorilas não prestavam a menor atenção.

Outro carregador, Muzezi, soltou um grito lancinante ao passar na frente de uma metralhadora que disparava. O corpo foi sacudido pelo impacto das balas e ele caiu de costas, o corpo fumegando. Pelo menos uma dúzia de gorilas estavam mortos ou feridos na lama, gemendo. A metralhadora descontrolada ficou sem munição, o cano virando de um lado para outro, a câmara vazia matraqueando em seco. Um gorila derrubou a arma, que ficou se mexendo na lama, como uma coisa viva, o cano não parando de girar.

Elliot avistou um gorila agachado, destruindo metodicamente uma barraca, rasgando em tiras o Mylan prateado. No outro lado do acampamento, um gorila batia com as painéis de alumínio, como se fossem pás de metal. Mais gorilas entraram no acampamento, ignorando os sons estridentes da transmissão. Elliot viu um gorila passar por baixo do alto-falante, bem perto, sem lhe prestar a menor atenção. Desesperado, ele compreendeu que o plano falhara.

Estavam perdidos. Agora, era apenas uma questão de tempo.

Um gorila atacou-o, urrando de raiva, abrindo as pás de pedra. Apavorada, Amy pôs as mãos nos olhos de Elliott.

- Amy! - gritou ele, empurrando os dedos dela, esperando sentir a qualquer momento o impacto das pedras e o instante da dor intensa.

Viu o gorila quase em cima dele. Os músculos se contraíram.

A dois metros de distância, o gorila atacante parou tão abruptamente, que deslizou na lama e caiu para trás. Ficou sentado ali, surpreso, inclinando a cabeça, escutando.

Foi nesse momento que Elliot percebeu que a chuva quase cessara, que havia agora apenas um chuvisco caindo sobre o acampamento. Correndo os olhos pelo acampamento, Elliot viu outro gorila parar para escutar, depois outro e mais outro e mais outro. O acampamento inteiro parecia um quadro estático, os gorilas imóveis, em silêncio.

Estavam escutando os sons da transmissão.

Ele prendeu a respiração, não se atrevendo a acalantar qualquer esperança. Os gorilas pareciam indecisos, confundidos pelos sons que ouviam. Mas Elliot sentia que a qualquer momento eles poderiam chegar a alguma decisão coletiva e recomeçar o ataque, com a mesma intensidade anterior.

Isso não aconteceu. Os gorilas afastaram-se das pessoas, escutando. Munro levantou, pegando a arma na lama. Mas não atirou.

O gorila à sua frente parecia em transe, dava a impressão de ter esquecido inteiramente o ataque.

À chuva fraca, com as luzes noturnas piscando, os gorilas se afastaram, um a um. Pareciam completamente aturdidos. Os sons continuavam a sair pelo alto-falante.

Os gorilas partiram, atravessando a cerca destruída do perímetro, desaparecendo na selva mais uma vez. Os membros da expedição ficaram sozinhos, olhando uns para os outros, tremendo sob a chuva. Os gorilas haviam desaparecido.

Vinte minutos depois, quando eles tentavam reconstruir o acampamento destruído, a chuva voltou a cair com fúria intensa.

DIA 13: ZINJ

25 de junho de 1979

1. Diamantes

Pela manhã, uma fina camada de cinza preta cobria o acampamento. Ao longe, o Mukenko expelia grandes quantidades de fumaça preta. Amy puxou a manga de Elliot.

Deixar agora - sinalizou ela, insistentemente.

- Não, Amy - disse ele.

Ninguém na expedição estava com disposição de partir, inclusive Elliot. Ao se levantar, ele descobriu-se pensando nos dados adicionais que precisava, antes de deixar Zinj. Elliot não se satisfazia mais com o esqueleto de um dos gorilas, como acontecia com os homens, a singularidade dos gorilas cinzentos ia além dos detalhes da estrutura física, Elliot queria videoteipe dos gorilas cinzentos e mais gravações de verbalizações. E Ross estava mais determinada do que nunca a encontrar os diamantes, com Munro não menos interessado.

Deixar agora.

- Por que deixar agora, Amy?

Terra má. Deixar agora.

Elliot não tinha qualquer experiência com atividades vulcânicas, mas não estava impressionado com o que via. O Mukenko estava mais ativo do que nos dias anteriores, mas vinha expelindo fumaça e gás desde que haviam chegado a Virunga. Ele perguntou a Munro:

- Há algum perigo?

Munro deu de ombros.

- Kahega acha que sim, mas provavelmente quer apenas um pretexto para voltar.

Amy aproximou-se correndo de Munro, levantando os braços, batendo com as mãos na terra, diante dele. Munro identificou a atitude como um desejo de brincar. Riu e começou a fazer cócegas em Amy. Ela sinalizou para ele.

- O que ela está dizendo? - indagou Munro. - O que você está dizendo, sua diabinha?

Amy grunhiu de prazer, continuando a sinalizar.

- Ela diz para ir embora agora - traduziu Elliot.

Munro parou de coçar Amy, indagando bruscamente:

- O que exatamente ela está dizendo?

Elliot ficou surpreso com a seriedade de Munro, embora Amy aceitasse o interesse dele em sua comunicação como perfeitamente apropriado. Ela sinalizou outra vez, mais lentamente, em benefício de Munro, os olhos fixados no rosto dele.

- Ela diz que a terra é má.

- Hum... Interessante.

Munro olhou para Amy e depois para o relógio. Amy sinalizou: *Homem narizcabelo escutar Amy ir para casa agora.*

- Ela diz que você deve escutá-la e ir para casa agora - traduziu Elliot.

Munro deu de ombros.

- Diga a ela que compreendo.

Elliot traduziu. Amy mostrou-se infeliz e não voltou a fazer sinais.

- Onde está Ross? - perguntou Munro.

- Aqui - respondeu ela.

- Vamos logo de uma vez.

Eles seguiram para a cidade perdida. E tiveram outra surpresa.

Amy sinalizou que os acompanharia e correu para alcançá-los.

Foi o último dia na cidade perdida e todos os membros da expedição descreveram uma reação similar: a cidade, que fora tão misteriosa antes, parecia de alguma forma despojada de seu mistério.

Naquela manhã, viram a cidade pelo que era: um amontoado de construções antigas em ruínas, no meio de uma selva sufocante e fétida.

Todos acharam a incursão tediosa, com exceção de Munro. Este se mostrava preocupado.

Elliot estava entediado, falando de verbalizações e do motivo por que queria mais gravações, especulando sobre a possibilidade de preservar o cérebro de um dos gorilas cinzentos, a fim de levá-lo de volta. Parecia que estava ocorrendo algum debate acadêmico sobre a origem da linguagem. Algumas pessoas pensavam que a linguagem era um desenvolvimento de gritos animais, uma teoria antiga. Agora, no entanto, sabia-se que os rugidos e gritos animais eram controlados pelo sistema límbico do cérebro, enquanto que a linguagem real provinha de outra parte do cérebro, chamada de área de Broca... Munro não prestava a menor atenção. Estava escutando o rumor distante do Mukenko.

Munro tinha experiência pessoal com vulcões. Estava no Congo em 1968, quando houvera uma erupção do Mbuti, outro dos vulcões de Virunga. Ao ouvir as explosões no dia anterior, reconhecera-as como os inexplicáveis acompanhamentos de terremotos iminentes. Munro presumira que o Mukenko entraria em erupção em breve. Ao observar o movimento do raio laser na noite anterior, soubera que estava ocorrendo uma nova atividade sísmica nas encostas superiores do vulcão.

Munro sabia que os vulcões eram imprevisíveis, como se podia comprovar pelo fato daquela cidade em ruínas, na base de um vulcão ativo, permanecer intacta por mais de 500 anos. Havia campos de lava recentes nas encostas da montanha, assim como alguns quilômetros ao sul. Mas a cidade fora poupada. O que não tinha nada de extraordinário, por si só. Afinal, pela própria configuração do Mukenko, a maioria das erupções ocorria nas encostas mais suaves ao sul. Mas isso não significava que era menor o perigo que agora corriam. A imprevisibilidade das erupções vulcânicas significava que poderiam se transformar numa ameaça em questão de minutos. O perigo não era a lava, que raramente fluía mais depressa do que um homem podia correr. Levaria horas

para que a lava descesse do cume do Mukenko. O verdadeiro perigo das erupções vulcânicas era representado pelo gás e cinzas.

Assim como a maioria das vítimas em incêndios morria pela aspiração da fumaça, a maior parte das mortes decorrentes de erupções vulcânicas era causada por asfixia da poeira e monóxido de carbono. Os gases vulcânicos eram mais pesados do que o ar. A Cidade Perdida de Zinj, localizada num vale, podia, em minutos, encher-se de uma atmosfera pesada e mortal, caso o Mukenko expelisse uma grande quantidade de gás.

O problema todo era a rapidez com que o Mukenko estava se aproximando de uma grande erupção. Era por isso que Munro estava interessado nas reações de Amy. Era fato conhecido que os primatas podiam prever eventos geológicos, como terremotos e erupções. Munro estava surpreso porque Elliot, discorrendo sobre as técnicas para congelar um cérebro de gorila, não sabia disso. E ficou ainda mais surpreso por constatar que Ross, com seus amplos conhecimentos geológicos, não encarava a queda de cinzas naquela manhã como o prenúncio de uma grande erupção vulcânica.

Ross sabia que uma grande erupção era iminente. Naquela manhã, tentara rotineiramente entrar em contato com Houston. Para sua surpresa, houvera um contato imediato. Depois que as preliminares técnicas foram concluídas, ela começou a transmitir os últimos dados da expedição. Mas a tela não registrou sua mensagem, limitando-se a piscar:

ESTAÇÃO HUSTN PRIOR DAD TRANSMIT.

Era um aviso de emergência. Ross nunca o vira antes em qualquer expedição. Ela limpou os bancos de memória e apertou o botão para a transmissão. Houve uma pequena demora e depois a tela imprimiu:

COMPUTR INDCAND GRND ERUPÇ MUKENKO MLHOR
DEXAR

LOCL AGORA EXPDIÇ PRIGO RPIT TODOS DEXAR LOCAL.

Ross corra os olhos pelo acampamento. Kahega estava fazendo comida, Amy agachara-se ao lado da fogueira e comia uma banana assada (convencera Kahega a providenciar-lhe petiscos especiais), Munro e Elliot tomavam café. Exceto pela precipitação de

cinza preta, era uma manhã perfeitamente normal no acampamento. Ela tornara a olhar para a tela.

GRND ERUPÇ MUKENKO MLHOR DEXAR LOCAL AGORA.

Ross contemplara o cone fumegante do Mukenko. Ora, que se danasse, pensou ela. Queria os diamantes e agora já fora longe demais para consegui-los.

A tela piscou: PORFVOR RSPONDA.

Ross desligara o transmissor.

À medida que a manhã avançava eles sentiam diversos tremores de terra, que levantavam nuvens de poeira dos prédios em ruínas. Os rumores do Mukenko foram se tornando mais freqüentes. Ross não deu a menor importância, comentando:

- Significa apenas que esta é uma terra de elefantes.

Era um velho adágio geológico: "Se está procurando por elefantes, vá à terra dos elefantes." Terra dos elefantes era o local provável de se encontrar os minerais que se procurava. E Ross acrescentou, dando de ombros:

- E quando se quer diamantes, o jeito é ir à terra dos vulcões.

A associação de diamantes com vulcões fora reconhecida há mais de um século, mas ainda não era bem compreendida. A maioria das teorias postulava que os diamantes, cristais de carbono puro, formavam-se sob o calor e pressão intensos a 1.500 quilômetros abaixo da superfície da terra. Os diamantes permaneciam inacessíveis a essa profundidade, exceto nas áreas vulcânicas, onde rios de magma derretido os levavam à superfície.

Mas isso não significava que se podia ir para a área de um vulcão em erupção a fim de recolher os diamantes que seriam expelidos. A maioria das minas de diamantes ficava no local de vulcões extintos, em cones fossilizados conhecidos como tubos de *kimberlite*, por causa das formações geológicas em Kimberley, África do Sul.

Virunga, perto do Vale da Grande Fenda, geologicamente instável, apresentava indícios de atividade vulcânica contínua há mais de 50 milhões de anos. Eles estavam agora procurando pelos

mesmos vulcões fósseis que os antigos habitantes de Zinj haviam encontrado.

Encontraram pouco antes de meio-dia, no meio das encostas a leste da cidade... uma sucessão de túneis escavados na encosta do Mukenko.

Elliot ficou desapontado e, mais tarde, comentou:

- Não sei direito o que eu estava esperando, mas não era simplesmente um túnel escuro na terra, com fragmentos ocasionais de rocha de um marrom opaco aparecendo nas paredes. Não pude entender por que Ross estava tão excitada.

Aqueles fragmentos de rocha eram diamantes; quando limpos, possuíam a transparência de vidro sujo.

- Eles pensaram que eu estava louca, porque não pude me conter e comecei a pular - contou Karen Ross. - É que eles não tinham a menor idéia do que estavam vendo.

Num tubo de *kimberlite* comum, os diamantes estavam distribuídos escassamente pela matriz rochosa. A mina média recuperava apenas 32 quilates para cada cem toneladas de rocha removida.

Mas as minas de Zinj apresentavam uma profusão de pedras se projetando. Usando o facão, Munro tirou 600 quilates da parede. E Ross viu mais sete ou oito pedras projetando-se, todas tão grandes quanto a que Munro extraía.

- Só de olhar - disse ela mais tarde - pude calcular facilmente quatro ou cinco mil quilates. Sem qualquer necessidade de escavação adicional, sem separação, sem a menor dificuldade. Apenas ali, esperando. Era uma mina mais rica que a de *Premier*, na África do Sul. Era simplesmente inacreditável.

Elliot formulou a pergunta que já surgira na mente de Ross:

- Se a mina é tão rica assim, por que foi abandonada?

- Os gorilas escaparam ao controle - respondeu Munro. - E desfecharam um golpe.

Ele estava rindo, arrancando diamantes das paredes. Ross já analisara aquela explicação, assim como a sugestão anterior de Elliot de que os habitantes haviam sido dizimados por alguma praga. Achava que era mais provável uma explicação menos exótica.

- Acho que, para eles, as minas simplesmente se esgotaram.

É que, como pedras preciosas, aqueles cristais eram muito pobres, azulados, repletos de impurezas.

Os habitantes de Zinj não podiam imaginar que, 500 anos depois, aquelas mesmas pedras sem valor seriam mais escassas e mais desejáveis do que quaisquer outros recursos minerais do planeta.

- O que torna estes diamantes azuis tão valiosos?

- Eles vão transformar o mundo - respondeu Ross. - Vão acabar com a era nuclear.

Em janeiro de 1979, prestando depoimento no Subcomitê das Forças Armadas do Senado, o General Franklin F. Martin, da Agência de Projetos de Pesquisas Avançadas do Pentágono, declarou:

- Em 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, o país mais importante do mundo para o esforço militar americano era o Congo Belga.

Martin explicou que, em decorrência de uma espécie de "acidente da geografia", o Congo, agora Zaire, há 40 anos era vital para os interesses americanos. (Martin disse bruscamente que "nosso país irá à guerra pelo Zaire antes de entrar em guerra por qualquer estado petrolífero árabe".)

Durante a Segunda Guerra Mundial, em três embarques altamente secretos, o Congo forneceu aos Estados Unidos o urânio usado para fabricar as bombas atômicas que foram lançadas no Japão.

Em 1960, os Estados Unidos não precisavam mais de urânio, mas o cobre e o cobalto eram estrategicamente importantes. Na década de 1970, a ênfase se deslocou para as reservas do Zaire de tântalo, tungstênio e germânio, substâncias vitais na subcondução eletrônica. E na década de 1980, "os chamados diamantes azuis Tipo IIb constituirão o recurso militar mais importante do mundo"... e a pressuposição era de que o Zaire dispunha de tais diamantes. Na opinião do General Martin, os diamantes azuis eram essenciais porque "estamos ingressando numa

era em que a força bruta destrutiva de uma arma será menos importante que a velocidade de informação".

Durante 30 anos, os pensadores militares ficaram impressionados pelos mísseis balísticos intercontinentais. Mas Martin declarou:

- Tais mísseis são armas primitivas. Nem começam sequer a se aproximar dos limites teóricos impostos pelas leis físicas. Segundo a física einsteiniana, nada pode acontecer mais depressa do que a velocidade da luz, 298 mil quilômetros por segundo. Estamos desenvolvendo agora lasers de alta energia e sistema de armas de feixes de luz, que operam à velocidade da luz. Diante de tais armas, os mísseis balísticos, viajando a apenas 29 mil quilômetros por hora, são como lentos dinossauros de uma era anterior, tão inadequados como a cavalaria na Primeira Guerra Mundial, tão facilmente eliminados.

Armas com a velocidade da luz eram mais apropriadas ao espaço e apareceriam primeiro em satélites. Martin ressaltou que os russos haviam "abatido" um satélite-espião americano VV/02 já em 1973. Em 1975, a Hughes Aircraft desenvolveu um sistema rápido de mira e disparo, que fixava alvos múltiplos, disparando oito pulsações de alta energia em menos de um segundo. Em 1978, a equipe da Hughes reduziu o tempo de reação para 50 nanossegundos, 50 bilionésimos de um segundo, aumentando a acurácia dos feixes para a derrubada de 500 mísseis em menos de um minuto. Tais desenvolvimentos prenunciavam o fim do míssil balístico intercontinental como uma arma.

- Sem os mísseis gigantesco - acrescentou Martin - os computadores em miniatura, de alta velocidade, serão muito mais importantes em futuros conflitos do que as bombas nucleares. A velocidade de computação será o fator isolado mais importante para determinar o resultado da Terceira Guerra Mundial. A velocidade de computador está agora no centro da corrida armamentista, como a potência de *megatons* era o fundamental há 20 anos. Vamos passar dos computadores de circuito eletrônico para os computadores de circuito de luz, simplesmente por causa da velocidade.

O Interferômetro Fabry-Perot, o equivalente ótico de um transistor, pode reagir em um picossegundo (10⁻¹² segundos), pelo menos mil vezes mais depressa que as mais rápidas junções Josephson.

A nova geração de computadores óticos, explicou Martin, seria dependente da disponibilidade de diamantes com boro do Tipo IIb.

Elliot podia reconhecer imediatamente a mais grave conseqüência das armas com a velocidade da luz: eram rápidas demais para a compreensão humana. Os homens estavam acostumados à guerra mecanizada. Mas uma guerra futura seria uma guerra de máquinas, num sentido espantosamente novo: as máquinas governariam todo o curso de um conflito, que duraria apenas uns poucos minutos, do começo ao fim.

Em 1956, nos últimos anos do bombardeio estratégico, os pensadores militares calculavam que um conflito nuclear total duraria 12 horas. Em 1963, os mísseis intercontinentais reduziram o período para três horas. Em 1974, os teóricos militares estavam prevendo uma guerra que duraria apenas 30 minutos. Contudo, essa "guerra de meia hora" era muito mais complexa do que qualquer outra guerra anterior da história humana.

Na década de 1950, se os americanos e russos desfechassem um ataque com todos os seus bombardeiros e foguetes ao mesmo tempo, não haveria mais do que 10 mil armas no ar, atacando e contra-atacando. Os eventos totais de interação de armas alcançariam um pique de 15 mil na segunda hora. Isso representava a impressionante cifra de quatro interações de armas a cada segundo, ao redor do mundo.

Mas tendo em vista a guerra tática diversificada, o número de armas e "elementos de sistemas" aumentou astronomicamente. As estimativas modernas são de 400 milhões de computadores no campo, com um total de interações de armas de mais de 15 bilhões na primeira meia hora de guerra. Isso significava que haveria oito milhões de interações de armas a cada segundo, num espantoso conflito ultra-rápido de aviões, mísseis, tanques e tropas terrestres.

Uma guerra assim só poderia ser controlada por máquinas. As reações humanas eram lentas demais. A Terceira Guerra Mundial não seria uma guerra de apertar botões porque, como disse o General Martin, "leva tempo demais para um homem apertar o botão... pelo menos 1,8 segundo, o que é uma eternidade na guerra moderna".

Esse fato criava o que Martin chamou de "problema da rocha".

As reações humanas eram geologicamente lentas, em comparação com um computador de alta velocidade.

Um computador moderno efetua dois mil cálculos no tempo que um homem leva para piscar. Portanto, do ponto de vista dos computadores travando a próxima guerra, os seres humanos serão essencialmente elementos fixos e inalteráveis, como rochas. As guerras humanas nunca duraram tempo suficiente para levar em consideração o ritmo de mudança geológica. No futuro, as guerras de computador não durarão por tempo suficiente para levar em consideração o ritmo de mudança humana.

Como os seres humanos reagiam por demais lentamente, era necessário que entregassem o controle das decisões da guerra à inteligência mais rápida dos computadores.

- Na próxima guerra, devemos renunciar a qualquer esperança de regular o curso do conflito. Se decidirmos "dirigir" a guerra na velocidade humana, quase que certamente perderemos. Nossa única esperança é entregar o controle às máquinas. Isso torna o julgamento humano, os valores humanos e o pensamento humano totalmente supérfluos. A Terceira Guerra Mundial será uma guerra por procuração: uma pura guerra de máquinas, sobre a qual não nos atreveremos a exercer qualquer influência, com medo de assim reduzirmos a velocidade do mecanismo de decisão, o que seria a causa de nossa derrota.

E a transição final e crucial, a transição de computadores operando em nanossegundos para computadores operando em picossegundos, dependia de diamantes Tipo lib.

Elliot sentia-se apavorado com a perspectiva de se entregar o controle às criações dos homens. Ross deu de ombros,

comentando:

- É inevitável. Na Garganta de Ouduvai, na Tanzânia, há vestígios de uma casa com dois milhões de anos. A criatura hominídea não estava satisfeita com cavernas e outros abrigos naturais, criando as suas próprias acomodações. Os homens sempre alteraram o mundo natural para atender a seus propósitos.

- Mas não se pode renunciar ao controle - insistiu Elliot.

- É o que estamos fazendo há séculos - disse Ross. - O que é um animal domesticado, ou uma calculadora de bolso, senão uma tentativa de renunciar ao controle? Não queremos arar os campos nem calcular uma raiz quadrada. Assim, entregamos o trabalho a alguma outra inteligência, que treinamos, criamos ou produzimos.

- Mas não se pode permitir que as criações assumam o controle!

- É o que estamos fazendo há séculos - repetiu Ross. - Mesmo que nos recusássemos a desenvolver computadores mais rápidos, os russos o fariam. Eles estariam no Zaire neste momento, procurando por diamantes, se os chineses não os mantivessem a distância. Não se pode deter os avanços tecnológicos. Assim que sabemos que alguma coisa é possível, temos de realizá-la.

- Não pode ser assim - declarou Elliot. - Podemos tomar nossas próprias decisões. E não vou participar de nada em contrário.

- Pois então pode ir embora. De qualquer forma, o Congo não é lugar para acadêmicos.

Ross abriu a mochila, tirando diversos cones brancos de cerâmica e caixas pequenas, com antenas. Prendeu uma caixa a cada cone de cerâmica e depois entrou pelo primeiro túnel, ajeitando os cones nas paredes e embrenhando-se cada vez mais pela escuridão.

Peter não feliz Peter.

- Não, não feliz - disse Elliot.

Por que não feliz?

- É difícil explicar, Amy.

Peter contar Amy boa gorila.

- Sei disso, Amy.

Karen Ross saiu do túnel e desapareceu pelo segundo. Elliot podia ver o clarão de sua lanterna, enquanto ela instalava os cones. Ross logo desapareceu. Munro saiu de um túnel, os bolsos estufados com diamantes.

- Onde está Ross?
- Nos túneis.
- Fazendo o quê?
- Ao que parece, alguma espécie de teste explosivo.

Elliot apontou para os três cones restantes, no chão, perto da mochila dela. Munro pegou um cone e examinou-o, indagando em seguida:

- Sabe o que é isto?

Elliot sacudiu a cabeça.

- É um RC e ela está louca ao colocá-los aqui. Pode explodir tudo.

Ressonantes convencionais, ou RCs, eram explosivos de tempo, uma potente combinação de microeletrônica e tecnologia de explosivos.

- Usamos RCs há dois anos, em pontes em Angola - explicou Munro. - Na seqüência apropriada, menos de dois quilos de explosivo podem derrubar 50 toneladas de aço temperado para estrutura. É preciso um desses sensores... - ele apontou para uma caixa de controle, perto da mochila - ...que controla as ondas de choque das cargas anteriores e detona as cargas posteriores nas seqüências apropriadas para acionar as ondas ressonantes, o que literalmente abala a estrutura e a deixa em pedaços. É muito impressionante ver acontecer.

Munro levantou os olhos para o Mukenko, fumegando acima deles. Naquele momento, Ross emergiu do túnel, sorrindo.

- Em breve teremos nossas respostas - disse ela.

- Respostas?

- Sobre a extensão dos depósitos de *kimberlite*. Já instalei 12 cargas sísmicas, o que é suficiente para nos proporcionar registros definitivos.

- Instalou 12 cargas ressonantes? - disse Munro.

- Só trouxe isso. Teremos que nos contentar.

- Elas serão suficientes - asseverou Munro. - Talvez até demais. Aquele vulcão está em fase de erupção.

- Instalei um total de 800 gramas de explosivo. Não pode fazer a menor diferença.

- Não devemos descobrir se faz ou não.

Elliot ficou escutando a discussão entre os dois com sentimentos mistos. Aparentemente, as objeções de Munro pareciam absurdas. Um poucas cargas explosivas triviais, mesmo que coordenadas, não poderiam desencadear uma erupção vulcânica. Era ridículo. Elliot se perguntou por que Munro estava se mostrando tão intransigente sobre os perigos. Era quase como se Munro soubesse alguma coisa que Elliot e Ross ignoravam... e não podiam sequer imaginar.

3. Projeto Vulcão

Em 1978, Munro comandara uma expedição a Zâmbia, que incluía Robert Perry, um jovem geólogo da Universidade do Havaí. Perry trabalhara no PROJETO VULCÃO, o programa mais avançado financiado pela Divisão de Projetos de Pesquisa Avançada, do Departamento de Defesa.

VULCÃO era um projeto tão controvertido que, durante as audiências de 1975 do Subcomitê das Forças Armadas da Câmara dos Deputados, o projeto específico VULCÃO 7.021 foi cuidadosamente enterrado entre uma "miscelânea de financiamentos a longo prazo de importância para a segurança nacional". Mas, no ano seguinte, o Deputado David Inaga (democrata do Havaí) contestou o PROJETO VULCÃO, querendo saber "seu propósito militar exato e por que deve ser baseado inteiramente no Estado do Havaí".

Porta-vozes do Pentágono explicaram afavelmente que VULCÃO era um "sistema de alerta contra erupções", de extrema importância para os habitantes das ilhas havaianas, assim como para as instalações militares ali existentes. Especialistas do Pentágono lembraram a Inaga que em 1948 uma *tsunami* (onda excepcionalmente grande, provocada por um terremoto ou erupção

vulcânica submarina) varrerá o Oceano Pacífico, devastando primeiro Kauai, mas se deslocando tão depressa pelo arquipélago das ilhas havaianas que, ao atingir Oahu e Pearl Harbor, 20 minutos depois, não houvera qualquer alerta eficaz.

- Essa *tsunami* foi causada por uma avalanche vulcânica submarina ao largo da costa do Japão - disseram eles. - Mas o Havaí conta com os seus próprios vulcões ativos e Honolulu é agora uma cidade de meio milhão de habitantes, com uma presença naval avaliada em mais de 35 bilhões de dólares. A capacidade de prever atividade de *tsunami*, em decorrência de erupções de vulcões havaianos, assume assim uma importância extrema, a longo prazo.

Na verdade, o PROJETO VULCÃO não era absolutamente a longo prazo. O objetivo era realizá-lo na próxima erupção do Mauna Loa, o maior vulcão ativo do mundo, na grande ilha de Havaí.

O objetivo expresso de VULCÃO era controlar as erupções vulcânicas, à medida que progrediam. O Mauna Loa fora escolhido porque suas erupções eram relativamente brandas.

Embora se elevasse apenas a uma altura de pouco mais de quatro mil metros, o Mauna Loa era a maior montanha do mundo. Medido desde a sua origem, nas profundezas do leito oceânico, o Mauna Loa tinha mais de duas vezes o volume cúbico do Monte Everest.

Era uma formação geológica singular e extraordinária. E o Mauna Loa há muito que se tornara o vulcão mais cuidadosamente estudado da história, tendo um posto permanente de observação científica em sua cratera desde 1928. Era também o vulcão que mais sofrera interferências em toda a história, já que a lava que escorria por suas encostas, a intervalos de três anos, fora desviada por tudo, desde bombardeios aéreos a mutirões locais, com pás e sacos de areia.

VULCÃO tencionava alterar o curso de uma erupção do Mauna Loa, "ventilando" o gigantesco vulcão, liberando as enormes quantidades de magma derretido, através de uma série de explosões calculadas, não-nucleares, detonadas em linhas de falha no escuro.

Em outubro de 1978, o PROJETO VULCÃO foi realizado em segredo, usando-se equipes navais transportadas em helicópteros,

detonando cargas cônicas de altos explosivos ressonantes. A operação durou dois dias. No terceiro dia, o Laboratório Vulcânico do Mauna Loa, uma entidade civil, anunciou publicamente que "a erupção de outubro do Mauna Loa foi mais branda do que se esperava e não se espera mais atividades".

O PROJETO VULCÃO era secreto, mas Munro tomara conhecimento dele numa noite de bebedeira, em torno da fogueira do acampamento, perto de Bangazi. Lembrou-se disso agora, ao saber que Ross estava planejando uma seqüência explosiva ressonante na região de um vulcão em fase de erupção. O postulado básico de VULCÃO era o de que as enormes forças geológicas acumuladas, quer fossem as forças de um terremoto, um vulcão ou um terremoto do Pacífico, podiam descer devastadoramente desencadeadas por um gatilho de energia relativamente pequeno.

Ross preparou-se para disparar os explosivos cônicos.

- Acho que deveria tentar novamente entrar em contato com Houston - disse Munro.

- Não é possível - declarou Ross, extremamente confiante. - Estou autorizada a decidir por conta própria... e agora decidi avaliar a extensão dos depósitos de diamantes na encosta.

Amy afastou-se, enquanto a discussão prosseguia. Ela pegou o mecanismo de detonação, ao lado da mochila de Ross. Era um mecanismo pequeno, com seis teclas luminosas, mais do que suficiente para fascinar Amy. Ela levantou os dedos para apertar os botões. Karen Ross viu o que estava para acontecer e exclamou:

- Oh, Deus!

Munro virou-se e disse, suavemente:

- Amy, não, Amy. Não. Não bom, Amy.

Amy boa gorila Amy boa.

Amy continuava a segurar o mecanismo de detonação. Estava fascinada pelo mostrador luminoso que piscava. Olhou para os humanos.

- Não, Amy - insistiu Munro, virando-se para Elliot. - Não pode detê-la?

- Ora, com todos os diabos! - exclamou Ross. - Pode apertar, Amy.

Uma sucessão de explosões retumbantes projetou poeira de diamante dos túneis da mina e depois houve silêncio.

- Espero que esteja satisfeito - disse Ross para Munro, finalmente. - É perfeitamente evidente que uma carga explosiva mínima, como esta, não afeta o vulcão. No futuro, pode deixar comigo as questões científicas e...

E foi nesse momento que todo o Mukenko rugiu e a terra tremeu tanto que todos foram derrubados.

À uma hora da madrugada, horário de Houston, R. B. Travis franziu o rosto para o monitor de computador em sua sala. Acabara de receber a última imagem de fotosfera do Observatório do Pico Kitt, através da telemetria do CVSG. Travis ficara esperando pela imagem durante o dia inteiro, o que era um dos motivos pelos quais estava de mau humor.

A imagem fotosférica era negativa. A esfera do sol aparecia preta na tela, com uma brilhante sucessão de manchas solares. Havia pelo menos 15 grandes manchas solares através da esfera, uma das quais originara a maciça explosão solar que estava tornando a vida de Travis um verdadeiro inferno.

Há dois dias que Travis vinha dormindo na ERTS. Todas as operações estavam em crise. A ERTS tinha uma equipe no norte do Paquistão, não muito longe da conturbada fronteira afegã, outra na região central da Malásia, em que estava ocorrendo uma insurreição comunista e a equipe do Congo, que enfrentava nativos rebelados e alguma espécie desconhecida de criaturas que pareciam gorilas.

4. ERTS, Houston

As comunicações com todas as equipes ao redor do mundo estavam interrompidas pela explosão solar, há mais de 24 horas. Travis estivera efetuando simulações de computador para todas as equipes, com atualizações de seis horas. Os resultados não o agradavam. A equipe do Paquistão provavelmente estava bem, mas ficaria seis dias atrasada e isso lhes custaria 200 mil dólares adicionais.

A equipe da Malásia corria sério perigo e a equipe do Congo estava com a classificação de NAPO, o jargão do computador para "não se pode avaliar". Travis tivera duas equipes NAPO no passado, no Amazonas em 1976 e em Sri Lanka em 1978. Perdera elementos dos dois grupos.

As coisas estavam indo mal. Contudo, aquela última informação do CVSG era melhor do que a anterior. Ao que parecia, eles haviam conseguido manter um breve contato de transmissão com o Congo, várias horas antes, embora não houvesse qualquer resposta de confirmação de Ross. Travis não podia saber se a expedição recebera ou não o alerta. Ele olhou para a esfera preta com a maior frustração.

Richards, um dos principais programadores, enfiou a cabeça pela porta.

- Tenho algo relevante para a ECC.
- Pode falar - disse Travis

Qualquer notícia relevante para a Expedição de Campo do Congo era de interesse.

- A estação sismológica sul-africana, na Universidade de Johannesburgo, anuncia tremores iniciando-se às 12:04, horário local.

As coordenadas estimadas do epicentro apontam o Monte Mukenko, na cordilheira de Virunga. Os tremores são múltiplos. estendendo-se de cinco a oito, na escala Richter.

- Alguma confirmação? - indagou Travis.

- Nairobi é a estação mais próxima e estão computando um Richter de seis a nove, ou um Morelli Nove, com precipitação intensa de ejetos do cone. Eles estão prevendo também que o CAL, condições atmosféricas locais, é propício a fortes descargas elétricas.

Travis olhou para o relógio.

- Meio-dia e quatro minutos, horário local, foi há quase uma hora. Por que não fui informado antes?

- A informação não chegou antes das estações africanas respondeu Richards. - Acho que eles imaginam que não é nada importante, apenas mais um vulcão em atividade.

Travis suspirou. Era esse o problema: a atividade vulcânica era agora reconhecida como um fenômeno comum na superfície terrestre. Desde 1965, o primeiro ano em que se fizeram registros globais, houvera 22 grandes erupções a cada ano, praticamente uma erupção a cada duas semanas. As estações sismológicas não demonstravam muita pressa em comunicar tais circunstâncias "corriqueiras".

Afinal, retardar qualquer coisa era prova do tédio em moda.

- Mas eles estão com problemas - disse Richards. - Com os satélites afetados pelas manchas solares, todos têm de transmitir pelos cabos de superfície. E acho que, para eles, o nordeste do Congo é desabitado.

- Qual é a gravidade de um Morelli Nove? - perguntou Travis.

Richards pensou por um momento, antes de responder:

- É bem grande, Sr. Travis.

5. "Tudo Estava se Mexendo"

No Congo, o movimento da terra era de 8 na escala Richter, um IX na escala Morelli. Com esta intensidade, a terra treme tanto que um homem tem dificuldade em manter-se de pé. Há movimentos laterais na terra e fendas se abrem. Árvores e até mesmo construções com estrutura de aço desabam.

Para Elliot, Ross e Munro, os cinco minutos seguintes ao início da erupção foram um terrível pesadelo. Elliot recordou mais tarde:

- Tudo estava se mexendo. Fomos todos derrubados, ficamos literalmente de quatro. Tínhamos de engatinhar, como bebês. Mesmo depois que nos afastamos dos túneis da mina, a cidade balançava como um brinquedo frágil. Não demorou muito, talvez meio minuto, para que os prédios comesçassem a desmoronar. E depois tudo começou a cair ao mesmo tempo, as paredes sumiam, os tetos desabavam, grandes blocos de pedra caíam fragorosamente na selva. As árvores também estavam balançando e logo começaram a cair.

O barulho era incrível, o fragor do desmoronamento aumentando ainda mais o rugido que partia do Muckenko. O vulcão não estava mais rumorejando, mas eles ouviam explosões sucessivas, da lava projetando-se do cone. Essas explosões produziam ondas de choque; mesmo quando a terra estava firme sob os pés deles, eram derrubados sem qualquer aviso pelas lufadas de ar quente.

- Era como estar bem no meio de uma guerra - lembrou Elliot mais tarde.

Amy estava em pânico. Grunhindo de terror, ela pulou nos braços de Elliot, prontamente urinando nas roupas dele, quando começaram a descer de volta ao acampamento.

Um tremor intenso derrubou Ross. Ela se levantou, continuou a cambalear para frente, intensamente consciente da umidade e da cinza e poeira expelidas pelo vulcão. Em poucos minutos, o céu estava tão escuro como se fosse noite. Os primeiros clarões de relâmpagos apareceram entre as nuvens turbilhonantes. Chovera durante a noite anterior. A selva em torno deles estava molhada, o ar extremamente saturado de umidade. Ross estava dividida entre o desejo despropositado de observar aquele fenômeno teórico singular e o desejo de correr para salvar a vida.

Com explosões de uma luz branca-azulada ofuscante, a tempestade elétrica se desencadeou. Descargas de eletricidade caíam em torno deles, como chuva. Ross calculou mais tarde que houve 200 descargas no primeiro minuto, quase três por segundo. O barulho familiar de raio não era intermitente, mas um som contínuo, um rugido como uma catarata. O trovejar permanente causava uma dor intensa nos ouvidos e as ondas subseqüentes de choque literalmente jogavam-nos para trás.

Tudo acontecia tão depressa que tinham pouca possibilidade de absorver as sensações. As expectativas normais foram completamente invertidas. Um dos carregadores, Amburi, aproximara-se da cidade a fim de encontrá-los. Avistaram-no parado numa clareira, acenando-lhes, quando um relâmpago subiu para o céu, através de uma árvore próxima. Ross sabia que o relâmpago ocorria depois do fluxo invisível de elétrons para baixo e que, na

verdade, subia do solo para as nuvens lá em cima. Mas ver o fenômeno daquele jeito era muito diferente. O relâmpago levantou Amburi e jogou-o pelo ar na direção deles. Ele se levantou, cambaleando e gritando histericamente em *swahili*.

Em torno deles, as árvores estavam rachando, dividindo-se ao meio, nuvens de umidade sibilando, enquanto os raios disparavam para cima. Ross contou mais tarde:

- Havia relâmpagos por toda parte, os clarões ofuscantes eram contínuos, com um chiado terrível. Aquele homem (Amburi) estava gritando e, no instante seguinte, um relâmpago passou por ele. Eu estava perto o bastante para tocá-lo, mas havia pouco calor, apenas luz branca. Ele ficou rígido e houve um cheiro horrível, todo o seu corpo irrompendo em chamas. Ele caiu. Munro rolou em sua direção, a fim de abafar o fogo. Mas ele já estava morto. Saímos correndo. Não havia tempo para reagir. Caíamos a todo instante, com os tremores de terra. Não demorou muito para que estivéssemos todos ofuscados pelos clarões. Lembro que ouvi alguém gritar, mas não sabia quem era. Tinha certeza de que todos morreríamos.

Perto do acampamento, uma árvore gigantesca desabou diante deles, um obstáculo tão largo e tão alto quanto um prédio de três andares. Enquanto a transpunham, os relâmpagos chiavam através dos galhos úmidos, arrancando a casca do tronco, brilhando e queimando. Amy guinchou quando uma descarga branca passou por sua mão, no instante em que segurava um galho úmido. No mesmo instante, ela mergulhou para o chão, enterrando a cabeça na folhagem baixa, recusando-se a fazer qualquer movimento. Elliot teve de arrastá-la pela distância restante até o acampamento.

Munro foi o primeiro a alcançar o acampamento. Encontrou Kahega tentando arrumar as barracas para a partida, mas era impossível com os tremores de terra e os relâmpagos riscando o céu escuro. Uma barraca de Mylar pegou fogo. Eles sentiram o cheiro penetrante de plástico queimado. A antena de disco, pousada no chão, foi atingida e se partiu ao meio, fragmentos de metal voando em todas as direções.

- Vamos embora! - gritou Munro. - Vamos embora!

- Ndio mzee! - gritou Kahega, pegando sua mochila apressadamente.

Ele olhou para trás, a fim de observar onde estavam os outros.

Nesse momento, Elliot emergiu da escuridão, com Amy agarrada em seu peito. Machucara o tornozelo e estava claudicando ligeiramente. Amy prontamente caiu no chão.

- Vamos embora! - gritou Munro novamente.

Enquanto Elliot seguiu adiante, Ross também emergiu da escuridão da atmosfera impregnada de cinza, tossindo, o corpo meio encurvado. O lado esquerdo de seu corpo estava chamuscado e enegrecido, a pele da mão esquerda queimara. Fora atingida por um relâmpago, embora não tivesse qualquer lembrança posteriormente. Apontou para o nariz e a garganta, tossindo.

- Queimaduras... doem...

- É o gás! - gritou Munro, passando o braço por ela e amparando-a, quase a carregando. - Temos de subir a colina!

Uma hora depois, em terreno mais alto, tiveram uma visão final da cidade engolfada pela fumaça e cinza. Mais acima, nas encostas do vulcão, avistaram uma linha de árvores em chamas, enquanto uma onda escura invisível de lava descia pela montanha.

Ouviram urros agoniados de dor dos gorilas cinzentos, enquanto a lava quente chovia sobre eles. Enquanto observavam, a folhagem foi desabando cada vez mais perto da cidade, até que finalmente Zinj desmoronou sob uma nuvem escura e desapareceu por completo.

A Cidade Perdida de Zinj estava enterrada para sempre.

Foi somente então que Ross compreendeu que seus diamantes também estavam enterrados para sempre.

6. Pesadelo

Eles não tinham comida, não tinham água, restava bem pouca munição. Arrastavam-se pela selva, as roupas queimadas e rasgadas, os rostos conturbados, exaustos. Não falavam um para o

outro, continuando em frente silenciosamente. Elliot disse depois que estavam "vivendo um terrível pesadelo".

O mundo que atravessavam era sombrio, sem qualquer cor. Cataratas brancas faiscantes e córregos cristalinos estavam agora pretos de fuligem, desabando em espumas cinzentas. O céu estava cinzento-escuro, com clarões vermelhos ocasionais do vulcão. O próprio ar estava cinzento. Eles tossiam e cambaleavam, através de um mundo negro de fuligem e cinza.

Estavam inteiramente cobertos de cinza, as mochilas roçavam dolorosamente nas costas, os rostos eram sombrios quando os limpavam, os cabelos estavam muito mais escuros. Narizes e olhos ardiavam intensamente. Não havia nada que pudessem fazer, a não ser seguir em frente.

Enquanto avançava pelo ar escuro, Ross estava consciente do final irônico de sua busca pessoal. Há muito ela adquirira a habilidade de extrair tudo o que quisesse do banco de dados da ERTS, inclusive a sua própria avaliação. Ela sabia de cor as características que lhe eram atribuídas:

JUVENIL-ARROGANTE (provavelmente) / RELACIONAMENTO HUMANO TÊNUE (ela se ressentia particularmente disso) / DOMINADORA (talvez) / INTELECTUALMENTE ARROGANTE (o que era natural) / INSENSIVEL (o que quer que isso significasse) / COMPULSÃO DE TER SUCESSO A QUALQUER CUSTO (sena tão mau assim?)

Ela conhecia as conclusões de seu estágio final. Havia toda aquela bobagem sobre figuras paternas e assim por diante. E a última linha do relatório:

DEVE SER CONTROLADA NO ESTAGIO FINAL DO OBJETIVO
COM
PROCEDIMENTOS DE ORIENTAÇÃO.

Mas nada disso era relevante.. Ela partira em busca dos diamantes para acabar sendo derrotada pela pior erupção vulcânica

na África em uma década. Quem poderia culpá-la pelo que acontecera? Não tivera culpa. Ela provaria isso em sua própria expedição...

Munro sentia a frustração de um jogador que fez todas as apostas corretamente, mas mesmo assim sai perdendo. Acertara em evitar o consórcio euro-japonês, acertara ao acompanhar a expedição da ERTS e, no entanto, estava voltando de mãos vazias. Isto é, lembrou a si mesmo, sentindo os diamantes nos bolsos, não totalmente de mãos vazias...

Elliot estava voltando sem fotografias, sem videoteipes, sem gravações de sons, sem o esqueleto de um gorila cinzento. Perdera até mesmo suas medições. Sem essas provas, não se atrevia a reivindicar a descoberta de uma nova espécie, na verdade, seria uma insensatez sequer aventar essa possibilidade. Uma oportunidade espetacular lhe escapulira entre os dedos e agora, avançando pela paisagem escura, ele tinha apenas a sensação de que o mundo natural enlouquecera: pássaros caíam guinchando do céu, asfixiados pelo gás no ar; morcegos esvoaçavam de um lado para outro em pleno meio-dia; animais distantes guinchavam e uivavam. Um leopardo, o pêlo nos flancos posteriores queimando, passou por eles. Em algum lugar, ao longe, elefantes soltavam barridos alarmados.

Eram como almas penadas num mundo fuliginoso, que parecia uma descrição do inferno, fogo eterno e escuridão, onde almas atormentadas gritavam de agonia. Por trás deles, o Mukenko cuspiu cinzas e chuva incandescente. Em determinado momento, eles foram engolfados por uma chuva de brasas, que chiavam ao atingirem as copas molhadas por cima, deixando em seguida o solo fumegante, abrindo buracos ardentes nas roupas, chamuscando a pele, incendiando os cabelos. Finalmente foram procurar abrigo sob árvores altas, encolhendo-se juntos, aguardando o final da terrível tempestade.

Munro planejava desde o início da erupção seguir diretamente para o avião transporte C-130 destruído, que lhes proporcionaria abrigo e suprimentos. Calculava que alcançariam o avião em duas horas. Na verdade, seis horas se passaram antes que

a gigantesca fuselagem coberta de cinzas emergisse na escuridão turva da tarde.

Um motivo para demorarem tanto a se afastar do Mukenko foi o de precisarem evitar o General Muguru e suas tropas. Sempre que deparavam com marcas de pneus de jipes, Munro levava-os ainda mais para oeste, pelas profundezas da selva.

- Ele não é um sujeito que alguém deseje conhecer - disse Munro. - Nem os seus soldados. Não hesitariam em lhes arrancar o fígado e comê-lo cru.

Cinzas pretas nas asas e fuselagem davam a impressão de que o gigantesco avião caíra na neve preta. Sobre uma das asas entortadas, uma espécie de catarata de cinzas escorria para o chão, sibilando sobre o metal. Podiam ouvir ao longe o ressoar suave dos tambores kiganis e as explosões dos morteiros das tropas de Muguru. Afora isso, a selva estava sinistramente silenciosa.

Munro ficou esperando na floresta, observando o avião. Ross aproveitou a oportunidade para tentar transmitir pelo computador, continuando a remover as cinzas da tela de vídeo. Mas não conseguiu entrar em contato com Houston.

Munro finalmente fez sinal e todos começaram a se adiantar.

Amy, em pânico, puxou a manga de Munro.

Não ir - sinalizou ela. - *Pessoas lá.*

Munro franziu o rosto para ela, olhou para Elliot. Elliot apontou para o avião. Momentos depois, houve um barulho seco e dois guerreiros kiganis pintados de branco emergiam do interior do aparelho, avançando pela asa alta. Carregavam caixas de uísque e discutiam sobre a maneira de descê-las. Não demorou muito para que mais cinco kiganis aparecessem por baixo da asa. As caixas de uísque lhes foram entregues. Os dois homens na asa pularam para o chão e o grupo se afastou.

Munro olhou para Amy e sorriu.

Amy boa gorila - sinalizou ela.

Esperaram mais 20 minutos. Como nenhum outro kigani aparecesse, Munro levou o grupo para o avião. Estavam perto das

portas de carga quando uma chuva de flechas brancas começou a zunir pelo ar.

- Entrem! - gritou Munro.

Ele empurrou-os pelo trem de aterrissagem avariado, pela superfície superior da asa e para o interior do aparelho. Munro bateu a porta de emergência, enquanto flechas batiam na superfície de metal lá fora.

Estava escuro no interior do avião. O chão estava inclinado, num ângulo absurdo. Caixas de suprimentos haviam deslizado pelos corredores, virando, se espatifando. Cacos de vidro rangiam sob os pés deles. Elliot levou Amy para um assento e descobriu então que os kiganis haviam defecado nos assentos.

Lá fora, soavam tambores, as flechas continuavam a bater contra o metal e janelas. Olhando pela cinza escura, viram dezenas de homens pintados de branco, correndo através das árvores, metendo-se por baixo da asa.

- O que vamos fazer? - perguntou Ross.

- Atirar neles - respondeu Munro bruscamente, abrindo as mochilas e retirando os pentes de balas das metralhadoras. - Não nos falta munição agora.

- Mas deve haver uma centena de homens lá fora!

- Mas somente um homem é importante. Matem o kigani com listras vermelhas pintadas por baixo dos olhos. Isso terminará o ataque imediatamente.

- Por quê? - indagou Elliot.

- Porque é o feiticeiro *angawa* - explicou Munro, encaminhando-se para a cabine de comando. - Matem-no e estaremos salvos.

Flechas com veneno nas pontas batiam contra as janelas de plástico, ressoavam contra o metal. Os kiganis também arremessavam fezes, que batiam secamente contra a fuselagem. Os tambores ressoavam constantemente.

Amy estava apavorada e encolheu-se num assento, sinalizando:

Amy deixar agora pássaro voar.

Elliot encontrou dois kiganis escondidos no compartimento de passageiros, na traseira do avião. Para seu próprio espanto, matou os dois sem a menor hesitação, disparando a metralhadora, que sacudia-se em suas mãos. Os kiganis foram arremessados contra os assentos, as balas espatifaram as janelas.

- Muito bom, doutor.

Kahega estava sorrindo, embora a esta altura Elliot tremesse incontrolavelmente. Ele arriou num assento, ao lado de Amy.

Pessoas atacar pássaro pássaro voar agora pássaro voar Amy quer ir.

- Daqui a pouco, Amy - murmurou Elliot, esperando que isso fosse verdade.

A esta altura, os kiganis haviam abandonado o ataque frontal e investiam pela traseira, onde não havia janelas. Todos podiam ouvir o barulho de pés descalços deslocando-se sobre a seção traseira, subindo para a fuselagem, por cima deles. Dois guerreiros conseguiram subir pela porta de carga posterior. Munro, que estava na cabine de comando, gritou:

- Se eles pegarem vocês, vão devorá-los!

Ross disparou para a porta traseira, o sangue espirrando em suas roupas, enquanto os kiganis invasores eram arremessados para trás.

Amy não gostar - sinalizou ela. Amy quer ir casa.

Ela prendeu o cinto de segurança.

- Lá está o filho da puta! - gritou Munro, acionando a metralhadora.

Um rapaz em torno dos 20 anos, com os olhos manchados de vermelho, caiu de costas, estremeando sob o fogo da metralhadora.

- Acertei-o! - gritou Munro. - Liquidei o *angawa!*

Ele recostou-se no assento e permitiu que os guerreiros removessem o corpo. Foi nesse momento que o ataque cessou, os guerreiros retirando-se pela selva silenciosa.

- O que acontece agora? - indagou Elliot. - Ganhamos?

Munro sacudiu a cabeça.

- Eles vão esperar pelo anoitecer. E depois voltarão para matar a todos nós.

- O que vamos fazer então? - insistiu Elliot.

Munro estava pensando no problema. Não via qualquer possibilidade de deixarem o avião, pelo menos durante as próximas 24 horas. Precisavam defender-se à noite e precisavam de uma clareira mais ampla em torno do avião, durante o dia. A solução óbvia era incendiar as moitas até a altura da cintura, nas vizinhanças imediatas do avião... se pudessem fazer isso sem explodir o combustível residual nos tanques.

- Procure os lança-chamas - disse ele a Kahega. - Ou os recipientes de gás.

Munro começou a procurar pelos documentos que indicariam a posição dos tanques do C-130. Ross aproximou-se.

- Estamos numa situação precária, não é mesmo?

- É, sim - respondeu Munro, sem fazer qualquer referência ao vulcão.

- Acho que cometi um erro.

- Pois pode repará-lo, encontrando algum meio para escaparmos desta.

- Verei o que posso fazer - disse ela, muito séria, seguindo para a traseira do avião.

Quinze minutos depois, Ross soltou um grito. Munro correu para o compartimento de passageiros, a metralhadora levantada, pronta para disparar. Mas descobriu que Ross arriara num assento, rindo histericamente. Os outros fitavam-na fixamente, sem saberem o que fazer. Munro segurou-a pelos ombros e sacudiu-a.

- Trate de se controlar - disse ele.

Mas Ross continuou a rir. Kahega estava parado ao lado de um cilindro de gás marcado PROPANO.

- Ela viu isto e perguntou quantos mais. Disse mais seis e ela começou a rir.

Munro franziu o rosto. O cilindro era bem grande.

- Kahega, para que eles trouxeram este gás?

Kahega deu de ombros.

- Grande demais para cozinhar. Só precisam de um pequeno para cozinhar.

- E há mais seis iguais? - acrescentou Munro.

- Isso mesmo, chefe. Seis.

- É muito gás - murmurou Munro.

Só então ele compreendeu que Ross, como seu instinto para planejamento, percebera imediatamente o significado de todo aquele propano. Munro também sabia o que significava e começou a rir.

Irritado, Elliot pediu:

- Alguém pode fazer o favor de explicar o que está acontecendo?

- Simplesmente que as coisas estão melhorando - disse Munro, em meio ao riso.

Elevada por 50 mil libras de ar aquecido do gás propano, a esfera de plástico brilhante do balão do consórcio elevou-se do chão da selva, subindo rapidamente pelo ar noturno.

Os kiganis vieram correndo da floresta, brandindo lanças e flechas. As flechas brancas foram disparadas, à tênue claridade do anoitecer, mas não chegaram a alcançar o balão, tornando a mergulhar para a floresta. O balão continuou a subir.

A uma altitude de 700 metros, a esfera pegou um vento de leste que levou-os para longe da floresta do Congo, passando sobre a cratera vermelha fumegante do Monte Mukenko, através da depressão do Vale da Grande Fenda, os paredões verticais rebrilhando ao luar.

O balão passou pela fronteira do Zaire, seguindo para sudeste, na direção do Quênia... e da civilização.

Epílogo

O Lugar de Fogo

A 18 de setembro de 1979, o satélite Landsat 3, a uma altitude nominal de 918 quilômetros, registrou uma extensão de 185 quilômetros de largura na Faixa 6 (7-8 milimícrons no espectro infravermelho), sobre a região central da África. Penetrando pela capa de nuvens sobre a floresta tropical, a imagem adquirida mostrava claramente que a erupção do Monte Mukenko ainda persistiu, depois de três meses. Uma projeção de computador dos ejetos calculou de seis a oito quilômetros cúbicos de detritos dispersos na atmosfera e outros dois a três quilômetros cúbicos de lava que escorreram pelos flancos ocidentais da montanha. Os nativos chamaram de Kanyalifeke, "o lugar de fogo".

A 12 de outubro de 1979, R. 13. Travis formalmente cancelou o Contrato Azul, declarando que não se podia esperar encontrar qualquer fonte de diamantes do Tipo IIb em futuro previsível. A firma eletrônica japonesa de Hakamichi retomou o interesse pelo processo Nagaura de fabricação artificial de boro. Firms americanas também começaram a trabalhar no problema. Previa-se que o processo estaria aperfeiçoado até 1984.

A 23 de outubro, Karen Ross demitiu-se da ERTS e foi trabalhar no Escritório de Pesquisa Geológica dos Estados Unidos em Sioux Falls, Dakota do Sul, onde não se realizava qualquer trabalho militar, em que não era possível qualquer expedição de campo. Posteriormente, ela se casou com John Bellingham, um cientista que lá conheceu.

Peter Elliot tirou uma licença por prazo indeterminado do Departamento de Zoologia de Berkeley, a 30 de outubro. Um comunicado à imprensa citou "o tamanho crescente e maturidade de

Amy, tornando difícil a pesquisa de laboratório adicional..." O Projeto Amy foi formalmente encerrado, embora a maioria da equipe acompanhasse Elliot e Amy ao Instituto de Estudos Tecnológicos, em Bukama, Zaire. Ali, a integração de Amy com gorilas em estado selvagem continua a ser estudada, no campo. Em novembro de 1979, julgou-se que ela emprenhara, a esta altura, Amy passava a maior parte de seu tempo com um bando de gorilas local e por isso era difícil confirmar. Ela desapareceu em maio de 1980^{5}.

O Instituto realizou um censo de gorilas de montanha de março a agosto de 1980. A estimativa foi de um total de cinco mil animais, aproximadamente a metade da estimativa de George Schaller, um biólogo de campo, que fizera seu levantamento 20 anos antes.

Esses dados confirmam que o gorila da montanha está desaparecendo rapidamente. Os índices de reprodução em jardim zoológico têm aumentado e é improvável que os gorilas se tornem tecnicamente extintos. Mas seus *habitats* estão diminuindo sob a pressão da humanidade e os pesquisadores desconfiam que o gorila desaparecerá como um animal livre, em estado selvagem, nos próximos anos.

Kahega voltou a Nairobi em 1979, trabalhando num restaurante chinês, que faliu em 1980. Ele participou em seguida da expedição da Sociedade Geográfica Nacional dos Estados Unidos a Botswana, a fim de estudar os hipopótamos.

Aki Ubara, o filho mais velho do carregador Marawani é um radioastrônomo em Cambridge, Inglaterra, ganhou o prêmio Kerskovitz em 1980, por suas pesquisas sobre emissões de raios X da fonte galáctica M322.

Com um excelente lucro, Charles Munro vendeu 13 quilos de diamantes azuis do Tipo IIb, na *bourse* de Amsterdã, ao final de 1979. Os diamantes foram comprados pela Intel Inc., uma empresa americana de micrônica. Posteriormente, ele foi apunhalado por um agente russo em Antuérpia, em janeiro de 1980. O corpo do agente foi mais tarde encontrado em Bruxelas. Munro foi preso por uma patrulha armada de fronteira em Zâmbia, em março de 1980, mas as

acusações foram retiradas. Informou-se a sua presença na Somália em maio, mas não houve confirmação. Ele ainda reside em Tanger.

Uma imagem do Landsat 3, adquirida a 8 de janeiro de 1980, revelou que a erupção do Monte Mukenko cessara. A débil assinatura do cruzamento de raios lasers, registrada em algumas passagens anteriores do satélite, não mais era visível. O ponto de cruzamento projetado assinalava agora um campo preto de lava, com uma profundidade média de 800 metros, sobre a Cidade Perdida de Zinj.

*^{1} A principal referência de Johnson foi a obra definitiva de A. J. Parkinson, *The Congo Delta in Myth and History (O Delta do Congo no Mito e História)* (Londres: Peters, 1904)*

*^{2} A fabulosa cidade de Zinj constituiu a base para a popular novela de H. Hider Haggard, *As Minas do Rei Salomão*, editada pela primeira vez em 1885. Haggard, um competente lingüista, serviu na equipe do Governador de Natal, em 1875. Presumivelmente, ouviu falar de Zinj por intermédio dos zulus, que viviam nas proximidades.*

^{3} Embora mais de 19 mil pessoas morressem nos levantes Mau Mau apenas 37 brancos foram mortos durante os sete anos de terrorismo. Cada branco morto foi considerado apropriadamente mais como vítima das circunstâncias do que da emergente política negra.

^{4} Sir Antony Forstmann morreu de dívidas de jogo e sífilis, em 1880.

^{5} Em maio de 1980, Amy desapareceu por quatro meses, voltando em setembro, com um filhote macho agarrado em seu peito. Elliot sinalizou para ela e teve a satisfação de ver o filhote sinalizar em resposta Amy gosta Peter gosta Peter. A sinalização era firme e correta, foi registrada em videoteipe. Amy não quis se aproximar com o filhote. E quando este encaminhou-se para Elliot, Amy agarrou-o, desaparecendo na mata. Foi mais tarde avistada num bando de 12 gorilas, nas encostas do Monte Kyambara, no nordeste do Zaire.